

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marcos de Moura Albertim

**Leitura na perspectiva formador-formando: uma experiência com o
Programa Ensino Médio em Rede.**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

**SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Marcos de Moura Albertim

**Leitura na perspectiva formador-formando: uma experiência com o
Programa Ensino Média em Rede.**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada, à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, do Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Maria Celina Teixeira Vieira.

**SÃO PAULO
2009**

BANCA EXAMINADORA:

Data: ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que contribuíram para a constituição de minha identidade docente e a minha formação como pessoa. A minha família, aos companheiros de trabalho, aos professores inesquecíveis e a todos que direta ou indiretamente participaram da construção desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e compreensão.

À Professora Doutora Maria Celina por orientar este trabalho, pelo carinho e dedicação comigo e por fazer-me compreender o real sentido de aprender.

À Banca de Qualificação: Professoras Doutoras Laurinda Ramalho de Almeida e Eliane Bambini Gorgueira Bruno, pelas valiosas sugestões na construção desta pesquisa.

Aos Professores do Programa de Educação: Psicologia da Educação: Cláudia Davis, Melania Moroz, Sérgio Luna, Antonio Carlos Ronca, Marli André, Mitsuko Aparecida Antunes e Laurinda Ramalho de Almeida, por contribuírem efetivamente em minha formação geral.

Aos colegas de Turma: Elza, Lucilene, Makeliny, Viviane, Vivian, Bruna, Edna, Débora, Martha, Ana Paula, Carla, Jéssica, Flávia, Tatiana, Ana Cristina e Ana Pimentel.

Especialmente, a minha querida irmã Kall Albertim, por todo apoio, dedicação e prestatividade o que me incentivou na produção desta pesquisa.

Aos colegas de trabalho, professores, coordenadores e Direção;

À Suzi pela incondicional presença em minha vida.

À Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, por proporcionar-me a oportunidade de realizar este curso.

À Deus por dar-me forças em todos os momentos de minha vida.

ALBERTIM, Marcos de Moura. **Leitura na perspectiva formador-formando: uma experiência com o Programa Ensino Médio em Rede**. 2009. 150p. Dissertação (**Mestrado**). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO: Este estudo está inserido na linha de pesquisa: Desenvolvimento, ensino e aprendizagem, do Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: Psicologia da Educação, que tem por finalidade compreender o desenvolvimento humano e sua relação com os processos ensino e aprendizagem no contexto escolar, familiar e comunitário. Nossa pesquisa situa-se no contexto escolar e visa conhecer e estudar o significado atribuído por professores de Ensino Médio a um Programa de Formação Continuada em que um dos focos foi a Compreensão Leitora. Este programa foi desenvolvido pelo Professor Coordenador de uma escola pública, de referência, localizada em São José dos Campos, tendo como subsídio materiais e ferramentas do Programa Ensino Médio em Rede, promovido pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Mais especificamente caracterizamos o Programa Ensino Médio em Rede como, também o Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador. Identificamos, analisamos e discutimos, a partir do depoimento dos professores, o significado atribuído ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora no que se refere ao desenvolvimento de aspectos do processo de ensino e aprendizagem junto aos seus alunos. A metodologia utilizada foi de traço qualitativo, estudo de caso, dado que centramos nossa pesquisa em uma escola de referência, aprofundando o conhecimento sobre o seu desenvolvimento ao longo de um período. Os resultados, do ponto de vista da leitura e do processo ensino aprendizagem foram analisados na perspectiva da abordagem sócio-cognitiva-interacional, e revelam a importância da continuidade do processo de formação continuada e também a necessidade do trabalho com leitura para melhoria da aprendizagem dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Compreensão Leitora, Ensino Médio, Formação Continuada de Professores, Coordenador Pedagógico.

ALBERTIM, Marcos de Moura. **Read the teacher-learner perspective: an experience with the Programa Ensino Médio em Rede**. 2009. 150p. Dissertation (**Master's**). Catholic University of São Paulo.

ABSTRACT: This study is inserted in the line of research: Development, teaching and learning, the Program of Post Graduate Studies in Education: Psychology of Education, which aims to understand human development and its relationship with the teaching and learning processes in the school context, family and Community. Our research is situated in the school and seeks to know and study the meaning assigned by teachers of high school to a program of continuing education in which one of the focuses was the Understanding Reader. This program was developed by teacher Coordinator of a public school, reference, located in Sao José dos Campos, with the benefit of the program materials and tools Ensino Médio em Rede, sponsored by the State Department of Education of the State of São Paulo. More specifically characterized the program as a Ensino Médio em Rede, including the Program of Continuing Education in Understanding Reader, developed under the guidance of teacher Coordinator. Identify, analyze and discuss, from the testimony of teachers, the meaning assigned to the Training Program in Continuing Reader Understanding regarding the development of aspects of the process of teaching and learning with their students. The methodology used was qualitative trait, case study, since our research focus in a school reference, deepening the knowledge about its development over a period. The results, in terms of reading and the teaching learning process were analyzed in terms of socio-cognitive approach, interactional, and show the importance of continuing the process of continuing education and the need to work with reading to improve learning of students.

KEYWORDS: Understanding Reader, High School, Teacher Continuing Education, Educational Coordinator.

ALBERTIM, Marcos de Moura. **Lectura en la perspectiva formador formando: una experiencia con el Programa Ensino Médio em Rede.** 2009. 150p. Disertación (**Maestría**). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMEN: Este estudio se inserta en la línea de investigación: Desarrollo, la enseñanza y el aprendizaje, del Programa de Estudios de Postgrado en Educación: Psicología de la Educación, que tiene como objetivo entender el desarrollo humano y su relación con los procesos de enseñanza y aprendizaje en la escuela, la familia y la comunidad. Nuestra investigación se encuentra en la escuela y trata de conocer y estudiar el significado asignado por los profesores de la escuela secundaria a un Programa de Educación Continua en la que uno de los temas centrales fue la Comprensión Lectora. Este programa fue desarrollado por el profesor coordinador de una escuela pública, de referencia, ubicada en Sao José dos Campos, con el subsidio materiales y herramientas del Programa Ensino Médio em Rede, patrocinado por el Departamento de Estado de Educación del Estado de São Paulo. Más específicamente caracterizamos el Programa Ensino Médio em Rede incluyendo también el Programa de Educación Continua en Comprensión Lectora, desarrollado bajo la dirección del Profesor Coordinador. Identificamos, analizamos y discutimos, a partir de declaraciones de los profesores, el significado asignado al Programa de Formación Continua en Comprensión Lectora, sobre el desarrollo de los aspectos del proceso de enseñanza y aprendizaje con sus alumnos. La metodología utilizada fue el rasgo cualitativo, estudio de caso, ya que nuestra investigación se centra en una escuela de referencia, la profundización del conocimiento sobre su desarrollo a lo largo de un período. Los resultados, en términos de la lectura y el proceso de enseñanza aprendizaje se analizaron en términos de enfoque socio cognitivo, interaccional, y muestran la importancia de continuar el proceso de educación continua y la necesidad de trabajar con la lectura para mejorar el aprendizaje de los estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Comprensión Lectora, Enseñanza Secundaria, Formación Continua de Profesores, Coordinador Pedagógico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - UMA CONCEPÇÃO DE LEITURA E DE ENSINO E APRENDIZAGEM	26
1.1 Estratégias de compreensão em leitura	31
CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A LEITURA EM QUESTÃO	35
CAPÍTULO 3 - A ESCOLA MÉDIA	41
3.1 Raízes históricas	41
3.2 As raízes do Ensino Médio	41
3.3 O Ensino Médio na Reforma Educacional do Governo Militar	47
3.4 O novo Ensino Médio	50
3.5 O Ensino Médio na Educação Básica	51
3.6 Parâmetros curriculares e currículos	52
3.7 Organização Curricular	53
3.8 A Base Nacional Comum	54
3.9 O Ensino e Aprendizagem em três áreas de Conhecimento	55
3.10 O Ensino Médio e suas Tecnologias	56
3.11 Representação e Comunicação; Investigação e Compreensão; Contextualização Sociocultural	57
3.12 Códigos, Linguagens e suas Tecnologias	57
3.13 Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias	59
3.14 Ciências Humanas e suas Tecnologias	60
CAPÍTULO 4 - FORMAR-SE FORMADOR: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROGRAMA ENSINO MÉDIO EM REDE (EMR)	64
4.1 O Ensino Médio em Rede	64
4.2 - Objetivos	65
4.3 - Recursos	65
4.4 - Participantes	66
4.5 Desenvolvimento do Programa Ensino Médio em Rede: Primeira Fase	66
4.6 Desenvolvimento do Programa Ensino Médio em Rede: Segunda Fase	67
4.7 Material	67
4.8 O Professor Coordenador Pedagógico em Formação. Descrição das atividades e conteúdos do material de formação: Apresentação	68
4.9 Material do Professor Coordenador	69

4.10 Vivência formativa - tema 01 - A formação do Professor Coordenador no Programa de Ensino Médio em Rede.....	70
4.11 Vivência formativa - tema 2 - Professores e alunos: Um encontro possível e necessário	72
4.12 - Vivência Educadora - Tema 2 - A transformação de problemas e soluções em um projeto de trabalho	73
4.13 - Vivência Educadora - tema 2 - Práticas de Leitura: é preciso mudar?	74
4.14 Vivência Formativa - tema 3 - O currículo da escola média.....	77
4.15 Vivência Educadora - tema 3 - Leitura e escrita: Trabalhando com seqüências didáticas	78
4.16 Vivência Formativa - tema 4 - O Projeto político-pedagógico da escola	80
4.17 O Professor em Formação. Material do Professor - Vivência Formativa, Tema 1	81
4.18 Vivência Formativa - tema 2 - Professores e Alunos: Um encontro possível e necessário	85
4.19 Vivência Educadora - tema 01 - A transformação de problemas e soluções em projeto de trabalho.....	86
4.20 Vivência Educadora - tema 2 - Práticas de Leitura: É Preciso Mudar?	87
4.21 Vivência Formativa - tema 3 - O Currículo a Escola Media.....	88
4.22 Vivência Educadora - tema 3 - Leitura e Escrita: Trabalhando com as seqüências didáticas	90
<i>CAPÍTULO 5 - O COORDENADOR PEDAGÓGICO: A LEITURA EM FOCO</i>	92
<i>CAPÍTULO 6 - METODOLOGIA.....</i>	99
6.1 Sujeitos.....	100
6.2 Técnicas	101
6.3 Procedimentos.....	103
6.4 Tratamento dos dados.....	103
6.5 Análise	103
<i>CAPÍTULO 7: ANÁLISE E DICUSSÃO DOS RESULTADOS.....</i>	105
7.1–O projeto político-pedagógico da escola pesquisada: construção.....	105
7.2–Caracterização da unidade escolar.....	106
7.3 Proposta de trabalho da escola pesquisada	107
7.4 Caracterização da Clientela	108
7.5 Formador e Formandos: Uma experiência com o Programa Ensino Médio em Rede (EMR).....	109
7.6 Eixo : Caracterização dos sujeitos da pesquisa	110
7.7 Eixo II - Prática pedagógica	117
7.8 Eixo III- O Professor e a leitura.....	125

7.9 Eixo IV- Ensino Médio em Rede	136
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	145
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	148

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Apresentação do Pesquisador

ANEXO 2 - Entrevista: Professores

ANEXO 3 - Entrevista I – Professor Adriano

ANEXO 4 - Entrevista II – Professor Eduardo

ANEXO 5 - Entrevista III – Professora Silvia

ANEXO 6 - Entrevista IV Professor Cláudio

ANEXO 7 - Entrevista V – Professor Milton

QUADROS

Quadro Comparativo – Caracterização – Perguntas de 1 a 6

Quadro Comparativo – Caracterização – Perguntas 7 a 10

Quadro Comparativo – Prática Pedagógica – Perguntas de 11 a 18

Quadro Comparativo – Professor e a Leitura – Perguntas de 19 a 26

Quadro Comparativo – Ensino Médio em Rede – Perguntas de 27 a 40

INTRODUÇÃO

Nasci em São José dos Campos, interior de São Paulo, cidade em que cursei os oito anos do Ensino Fundamental, na EE “Flávio Berling Macedo”. As imagens guardadas em minha memória revelam as cores da capa dos cadernos, da primeira cartilha encapada com papel de seda azul e o conjunto de materiais adquiridos com o esforço e dedicação de meus pais. Guardados em minha lembrança também, os nomes e a personalidade de cada professor, os ambientes em que convivi, as salas de aula, o pátio, os amigos, os boletins, as reuniões e o tratamento carinhoso de cada professor quando me chamavam pelo nome, solicitando minha participação.

A primeira professora, Dona Silvia, sempre dedicada à arte de ensinar, figura fundamental. Lembro-me da primeira palavra que escrevi sozinho, juntando as sílabas que acabara de aprender: “numero” sem acento. O primeiro livro que li, aos onze anos, “Éramos Seis”, indicado pela Professora de Língua Portuguesa Dona Isolina, grande incentivadora da leitura, valorizava a biblioteca como ambiente de pesquisa, estudo e entretenimento.

Assim, apaixonei-me pelo contexto da escola, rodeado de pessoas em um ambiente em que os sentimentos de acolhimento e fraternidade eram premissas para minha compreensão da escola como ambiente formador. São estas recordações singulares que me motivaram a descobrir a importância da leitura e do aprender em todos os aspectos de minha vida, compreendendo que:

Pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões. (LEITE E TASSONI, 2002:136)

Meus pais sempre estiveram presentes em todo meu percurso, orientando-me sobre a importância da escolarização para meu desenvolvimento pessoal e profissional. Lia os livros indicados pelas professoras, em voz alta, para que

minha avó partilhasse comigo das histórias e sensações que vivenciava mediados pela aquisição de valores e o rigor que a escola me oferecia.

Ao resgatar as emoções e os sentimentos que fizeram parte de minha vida escolar, constituinte do meu processo de desenvolvimento, recorri a Mahoney (2000:17) ao descrever o método de análise de Wallon que destaca a pessoa continuamente em processo: *“O que define a pessoa é essa individualidade, conseqüência das relações internas, próprias de cada sujeito, com as situações objetivas que ele encontra ao longo de seu desenvolvimento”*.

É relevante ressaltar que em meu processo de formação, tive a presença de grandes mestres, comprometidos com sua função, empenhados na sua tarefa de educar. Esses momentos e pessoas tornam-se latentes na elaboração desta pesquisa. Assim, concordo com Ronca (2007:23), que o *“Mestre é igualmente alguém que desperta respeito, reverência e admiração dos educandos nos diversos espaços que trabalha”*.

Muitas das coisas que aprendi tinham apenas objetivo de reproduzir conteúdos, que existiam para que eu tomasse conhecimento deles, sem a pretensão de aplicá-los. Atualmente estas questões passaram a fazer sentido em minha vida como professor, pois entendo a necessidade e a importância da autonomia para construção de saberes.

Paulo Freire (1996:59), ao referir-se à autonomia do ser do educando diz que *“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não favor que podemos ou não conceder uns aos outros”*.

A construção deste trabalho de pesquisa contribuiu para a análise de questões relativas à minha identidade profissional docente, minhas escolhas e meu percurso, que são descritos por Ronca (2007:124)

A identidade decorre de um processo contínuo de escolhas, iniciativas, riscos e elaborações do que se vive o que permite a concretização de desejos e projetos assumidos pessoalmente, assim como a transformação destes ao longo do tempo e no fazer-se num mundo em processo de transformação também contínuo.

Meu percurso acadêmico iniciou-se através de escolhas e decisões que me levaram a tornar-me profissional da educação, optando no Ensino Médio, pelo curso de Magistério.

Graduei-me em Letras Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas Literaturas pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) e também em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Na Universidade de Taubaté (UNITAU) cursei Pós-Graduação *Latu Sensu* no curso de Especialização em Coordenação Pedagógica: Fundamentos e Prática em que desenvolvi monografia sobre “A avaliação do Ensino e Aprendizagem”.

Como professor da Rede Estadual de Ensino, atuo desde 1997, ministrando aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio e Espanhol no Centro de Estudos de Línguas (CEL), localizado na cidade de São José dos Campos, onde atuei durante o período de 06 anos.

Após credenciamento pela Diretoria de Ensino em 2003, apresentei proposta de trabalho para o exercício da função de Professor Coordenador Pedagógico, em que atuei até dezembro de 2007, atendendo o período noturno.

Em minha atuação como Professor Coordenador Pedagógico, desenvolvi diversos projetos junto à equipe gestora da escola, privilegiando a melhoria da qualidade de ensino e trabalhando diretamente na Formação Continuada dos professores; no acompanhamento e avaliação do trabalho pedagógico; na revisão da Proposta Pedagógica; do Regimento Escolar e a elaboração do Plano de Gestão.

Particpei como Professor Coordenador formador no Programa “Ensino Médio em Rede”, do programa de formação de gestores “Progestão” e também do curso “Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade”, este, promovido pela Secretaria de Estado da Educação (SEE) em parceria com a Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

Em 2007, realizei novo credenciamento para recondução como Professor Coordenador Pedagógico, sendo aprovado no mesmo ano nos Concursos para Professor Educação Básica I (PEB I) e Diretor de Escola. Em 2008, participei de um novo credenciamento para função de Professor Coordenador Pedagógico promovido pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógica (CENP) e fui convidado a assumir a Vice-Direção de uma Escola Pública Estadual de São José dos Campos. Trabalhei e trabalho com vários professores que participaram de minha formação no Ensino Fundamental e Médio e sinto-me privilegiado de

compartilhar com eles lembranças dos tempos em que tínhamos relação de formador e formando, e hoje também sou responsável pela continuidade de sua formação construindo outra relação de troca entre formador e formando.

Nos diferentes cenários que atuei, pude perceber que:

Quando a pessoa vivencia concomitantemente vários papéis, pode compará-los entre si ou experienciá-los verificando suas semelhanças e diferenças. Estas diferentes percepções permitem ao indivíduo assumir os papéis com maior autonomia em relação aos modelos oferecidos, assim como também estabelecer representações genéricas dos papéis de si próprio. Este processo de individualização que leva à constituição da chamada identidade autônoma. (BAPTISTA E AGUIAR, 2003:85)

Destaco que em meu percurso profissional o trabalho como professor e como Coordenador Pedagógico motivou-me a buscar respostas para os problemas e dificuldades enfrentadas em sala de aula.

Iniciei o curso de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, que me auxiliou na ampliação de novos olhares para a necessidade do ensino. As disciplinas cursadas neste Programa contribuíram efetivamente com conhecimentos necessários à pesquisa e a tomada de decisões.

No decorrer do mestrado apresentei comunicação na UNICAMP no 16º COLE, Congresso de Leitura, com trabalho intitulado “Ler para aprender”, em que me aprofundei no estudo dos autores presentes no marco teórico desta pesquisa.

Em julho de 2008, na cidade de Huncayo no Peru, apresentei comunicação no 1º Congresso Latinoamericano de Comprensión Lectora, com artigo intitulado “Leer para aprender: una concepción sociointeractiva”, em que o foco foi a explicitação de minha experiência profissional como educador no ensino e aprendizagem de leitura, a partir da fundamentação teórica presente neste trabalho. Como Professor Coordenador Pedagógico, atuando diretamente na formação continuada em serviço de professores, ficou evidente a importância da dimensão formativa da função que exercia, estando também em constante processo de formação.

Destaco em minha formação continuada o contato com o Programa Ensino Médio em Rede (EMR) da Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, que trouxe a possibilidade de entender o ensino de leitura como responsabilidade

compartilhada em todas as disciplinas curriculares do Ensino Médio, concebidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em três áreas do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Ciências da Natureza Matemática e suas Tecnologias.

O ensino e aprendizagem de leitura é uma temática que instiga à pesquisa científica, trazendo questionamentos como: O que realmente sabemos sobre leitura? Quais as concepções que professores têm ao ensinar leitura a seus alunos? Por que muitos alunos não conseguem compreender o que lêem?

Estas questões são grandes desafios para a educação brasileira. Temos acesso aos livros, porém esse fator não garante que nossos alunos sejam capazes de ler e compreender.

A leitura é um assunto para ser discutido na educação, uma questão que deve ser tratada e debatida em todas as áreas do conhecimento. A Psicologia da Educação neste contexto oferece considerações para analisarmos este processo, ao preocupar-se com a formação do professor, para compreendermos melhor os processos de ensino e aprendizagem, de forma geral, e a leitura em particular, analisando as práticas escolares.

Sempre que pensamos em aprendizagem e desenvolvimento, pensamos em psicologia. Neste século a psicologia foi a área de conhecimento que mais influenciou a prática pedagógica, a avaliação e o desenvolvimento de currículo, bem como norteou a definição dos perfis de aluno e de professor. Desta forma conceitos de psicologia fazem parte hoje da própria cultura da escola. (LIMA, 1997:6).

No processo de ensino e aprendizagem, a leitura é entendida como uma ferramenta para conhecer, descobrir, compreender, interpretar, encontrar sentido e fazer o mundo ser visto de diferentes modos e em diversas acepções, tornando o acesso ao conhecimento, fascinante, o que facilita a execução de mudanças necessárias no meio em que vivemos, na família, na escola, no trabalho. Estudar esta temática no contexto escolar, com o objetivo de construir uma sociedade justa e igualitária no domínio dos saberes é de extrema relevância social.

Na escola o professor é o mediador deste processo de transformação social por meio da educação. Educação permeada por conhecimentos, informações, valores, sentimentos e interação. Para isto o professor deve formar-

se. No processo de formação dos docentes, na escola, destacamos o papel do Professor Coordenador como responsável pela formação continuada dos professores e pela articulação do processo de ensino e aprendizagem.

Enfatizamos a função do Coordenador Pedagógico na formação continuada dos professores em leitura, buscando investigar por meio da literatura disponível questões referentes a: como se dão os processos de aprendizagem de leitura, o que os facilita ou dificulta a compreensão leitora? Como a leitura é trabalhada na escola? As questões de aprendizagem de leitura estão inseridas na prática cotidiana de todos os envolvidos com a educação: professores, gestores, e família? Como o Coordenador Pedagógico articula o movimento entre a questão do ler e do compreender? Há coerência entre o que se aprende e o que a sociedade exige? Como o Coordenador Pedagógico pode contribuir para a construção de aprendizagens significativas? Pensando nestas questões concordamos com a concepção a seguir sobre a função do Coordenador Pedagógica na escola:

É nessa esteira que concebemos as possibilidades de contribuição do coordenador pedagógico como profissional que na unidade escolar responde fundamentalmente pelo processo de formação continuada dos educadores e pelo projeto de construção da relação coletiva do projeto político pedagógico da escola e que, em comunhão com os professores, elabora a qualidade das práticas educativas, favorecendo também nesse processo, o crescimento intelectual, afetivo e ético de educadores e alunos. (BRUNO E ABREU, 2006:105)

Na formação de professores estão envolvidos aspectos mais abrangentes além de metodologias, estratégias ou técnicas de ensino, por isso o papel do coordenador é fundamental. Não podemos deixar de ressaltar questões como as políticas públicas e o compromisso com a educação. Vivemos em uma sociedade globalizada, intensamente marcada por transformações em todos os segmentos: tecnológico, político, econômico e social.

Para interagir neste mundo sem fronteiras, o acesso às informações e às formas de comunicação são essenciais. Somos constantemente remetidos ao

mundo das informações visuais. Neste contexto, e nesta nova configuração de mundo, ler com compreensão é fundamental.

Nesta perspectiva Nóvoa (2006) levanta questões sobre o transbordamento da escola ocasionado pelo excesso de missões atribuídas à instituição e confronta a pedagogia tradicional e pedagogia moderna, concluindo que a ruptura entre o tradicional e o moderno foi colocar o aluno no centro do sistema. Nóvoa afirma ainda que não se deve centrar-se em conhecimentos e na transmissão deles e nem nos alunos, mas sim na aprendizagem destes como objetivo e prioridade.

Creemos que estes esclarecimentos facilitam o planejamento do formador docente, neste caso ressaltamos o Coordenador Pedagógico, e do docente para atuar, possibilitando ações para solucionar os problemas encontrados, sendo possível apontar sugestões para a melhoria desta formação e sua aplicabilidade.

O Coordenador Pedagógico é co-responsável pela formação em serviço da equipe escolar e juntamente com o professor na articulação do planejamento das atividades didático-pedagógicas.

Acreditamos ser de extrema relevância social pesquisar a leitura na escola, suas práticas e como se dá à formação por meio dela, permeando todas as áreas do conhecimento. É importante também investigar como acontece a formação dos professores em leitura, no espaço escolar, tendo em vista a atuação da Coordenação Pedagógica na formação continuada em serviço, destacamos assim o papel do Coordenador Pedagógico em parceria com o professor.

O professor como também o coordenador, consciente de sua prática das teorias que as embasam e das teorias que cria e desenvolve ao resolver problemas diários, é um profissional inserido no processo de formação continua, em busca de mudanças e fundamentações criteriosas para sua prática. (ANDRÉ E VIEIRA, 2006:22).

Pesquisas atuais revelam as dificuldades que nosso país tem encontrado em relação à compreensão leitora, evidenciando a importância de pesquisas sobre o tema proposto, revelados por indicadores de avaliação.

Os indicadores de avaliação nacionais e internacionais de ensino de leitura e escrita como Programa Internacional de Avaliação de Estudantes PISA e o

Exame Nacional do Ensino Médio ENEM, apontaram índices preocupantes no domínio de competências leitoras.

De acordo com dados divulgados pelo INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), os participantes do ENEM 2006 obtiveram médias de desempenho iguais a 36,90 na parte objetiva da prova e 52,08 na redação, numa escala que vai de 0 a 100. Em 2007, os resultados parciais do ENEM apontam que cerca de 2,7 milhões compareceram ao exame obtendo médias de desempenho iguais a 51,52 na parte objetiva da prova e 55,99 na redação, sendo considerada a mesma escala.

Os resultados do PISA 2000 que tinha como objetivo procurar verificar a operacionalização de esquemas cognitivos de leitura, pré-requisito básico para que os aprendizes possam continuar seus estudos de forma autônoma, revelou que somente 5% dos alunos brasileiros conseguem chegar ao Nível 4, que avaliou em síntese as habilidades de localizar informações em um texto, levando em conta o texto como um todo, utilizar conhecimento para formular hipóteses ou para avaliar um texto. Apenas 1% chega ao Nível 5 que avaliou habilidades de organizar informações contidas, inferindo a informação relevante para o texto, avaliar criticamente um texto, demonstrar uma compreensão global e detalhada de um texto com conteúdo ou forma não familiar. Foram avaliados os níveis de proficiência em escala de 1 a 5.

O desempenho de leitura em 2006 segundo avaliação do PISA, apontou que no Brasil apenas 1,1% dos estudantes atingiram o nível mais alto de proficiência em leitura, e 44,5% alcançaram pelo menos o Nível 2 em leitura que objetivou verificar informações em um texto, reconhecer a idéia principal de um texto, compreender relações, construir sentido e conexão entre o texto e outros conhecimentos da experiência pessoal, revelando a realidade do contexto educacional de nosso país em que grande parte dos alunos apresenta rendimento insatisfatório no domínio de competências leitoras, e o declínio dos resultados entre 2000 e 2006. O mesmo relatório revela que no Brasil, as diferenças de gêneros são significativas: as meninas marcaram 32 pontos acima dos meninos na média geral de leitura.

Destacamos as dificuldades de leitura em nível mundial, como no Brasil, a maioria dos estudantes do Quirguistão, Catar, Azerbaijão, Tunísia, Indonésia,

Argentina, Montenegro, Colômbia, Romênia Servia e Bulgária tem a maioria dos seus estudantes no Nível 1.

O analfabetismo, a repetência e a evasão têm colocado o Brasil entre os países que apresentam os mais altos índices da triste realidade do fracasso escolar.

Investigar, desvelar esse fenômeno em sua complexidade implica explicitar o que assumimos como sucesso escolar e implica compreender as formas pelas quais o fracasso é produzido e legitimado dentro do espaço escolar. É nessa perspectiva que inserimos o coordenador pedagógico como profissional responsável pela formação continuada dos professores que, atuando junto à equipe e contando com o apoio da direção da escola, pode contribuir para melhor compreensão e superação deste quadro. (BRUNO E ABREU, 2006:93)

Pesquisa divulgada pelo Instituto Paulo Montenegro¹, com dados levantados pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF)², entre 2001 e 2005, mostra que a escolaridade do brasileiro aumentou nos últimos anos, mas o aprendizado não acompanhou esse crescimento. De acordo com os números do INAF, 9,8 milhões de pessoas com idade entre 15 e 64 anos, podem ser consideradas analfabetas e 37,1 milhões têm alfabetização rudimentar - são capazes de entender apenas textos pequenos e simples como os anúncios.

A pesquisa revela também que o conceito de analfabetismo mudou muito nos últimos anos. Em 1958 a UNESCO definia como analfabeto um indivíduo que não consegue ler ou escrever algo simples. Vinte anos depois, adotou o conceito de analfabeto funcional: uma pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever frases simples, não possui habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia-a-dia e se desenvolver pessoal e profissionalmente.

¹ O Instituto Paulo Montenegro é uma organização sem fins lucrativos para desenvolver e disseminar práticas educacionais inovadoras que contribuam para a melhoria da qualidade do sistema de ensino no país.

² INAF é um indicador que mede os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira adulta. O objetivo do INAF é oferecer à sociedade informações sobre as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática dos brasileiros entre 15 e 64 anos de idade, de modo a fomentar o debate público, estimular iniciativas da sociedade civil subsidiar a formação de políticas nas áreas de educação e cultura.

Os resultados das avaliações e pesquisas apresentadas podem ser atribuídos a concepções de leitura praticadas somente como decodificação, contemplando apenas conhecimentos lingüísticos no cotidiano escolar e conseqüentemente, não levando em conta a leitura como instrumento de aquisição de cultura e ferramenta para aprofundar conhecimentos.

A concepção de leitura na escola muitas vezes está vinculada à crença de que apenas a leitura detalhada e a releitura possibilitam apreensão de significados; o hábito do uso do dicionário, como primeiro e único meio de depreender o significado da palavra; a visão de que existe apenas uma leitura possível para cada texto; a percepção do texto como uma unidade fragmentada; a valorização da palavra e da frase como unidades significativas e a concepção do leitor como indivíduo passivo, incapaz de interagir com o emissor do texto e/ou com o próprio texto.

São alarmantes no cotidiano da escola depoimentos que afirmam que nossos estudantes não lêem não se identificam com a literatura, deixando de compartilhar heranças culturais, históricas, ou mesmo por entretenimento e prazer.

Ao analisar os resultados das avaliações apresentadas e no exercício de minha experiência profissional, pude constatar também que muitos alunos chegam ao Ensino Médio sem saber ler e escrever efetivamente.

Entendemos que também o conhecimento de minha trajetória traz elementos fundamentais para entender minha formação e o interesse em estudar a leitura. A orientação de ótimos profissionais, os mestres-modelos, o acolhimento e ambiente da escola, agora presentes em outra ótica: formador de docentes. Uma dessas experiências como formador instigou-me a esta pesquisa, dando origem a este estudo.

Neste estudo procuramos conhecer, estudar o significado atribuído por professores de Ensino Médio ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador.

O estudo foi realizado em uma escola pública, de referência, localizada em São José dos Campos, tendo como subsídio materiais e ferramentas do Programa Ensino Médio em Rede, promovido pela Secretaria Estadual de Educação do estado de São Paulo. Estabelecemos como objetivos específicos:

caracterizar o Programa Ensino Médio em Rede; caracterizar Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador; identificar, analisar e discutir, a partir do depoimento dos professores, o significado atribuído ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora no que se refere ao desenvolvimento de aspectos do processo de ensino e aprendizagem junto aos seus alunos.

Estamos fundamentados nos referenciais em leitura - abordagem sócio-cognitiva-interacional - Smith (1999), Kleiman (1993), Solé (1998), Koch e Elias (2006), Ferreira e Dias (2002), (2004) e (2005); no processo de ensino e aprendizagem - abordagem sócio-interacionista - apoiada nas idéias postuladas por Vygotsky, e nos postulados organizados por Almeida e Mahoney (2000) sobre Wallon e Rego (1994) sobre Vygotsky e Freire (1996). Na formação do Coordenador Pedagógico fundamentamo-nos nas pesquisas organizadas por Almeida e Placco (1998), (2000), (2001) e (2006) e Nóvoa (2006).

Esta pesquisa está estruturada em sete capítulos:

No capítulo 1: Uma concepção de leitura e de ensino e aprendizagem, que tem por finalidade caracterizar uma abordagem sócio-cognitiva-interacional da leitura e do processo ensino e aprendizagem de forma a fundamentar nosso trabalho. Acreditamos que partindo da concepção em que o professor atua como mediador da aprendizagem e conhecedor de aspectos sobre a leitura e seus processos, poderá atuar em melhores condições didáticas e sucesso favorecendo aos aprendizes condições no desenvolvimento de sua autonomia, como leitores na busca contínua de conhecimentos e cultura tornando a leitura um instrumento para aprender a aprender.

No capítulo 2: Formação de professores: a leitura em questão - temos por objetivo discutir o papel da escola como instituição formadora em leitura e a formação continuada de professores no preparo para cidadania.

No Capítulo 3: A Escola Média - apresentamos a construção histórica desta modalidade de ensino, até sua reformulação contemporânea. Sendo também

nosso objeto de estudo o ensino médio será descrito a partir de suas finalidades e objetivos de acordo com a LDB 9394/96:

No Capítulo 4 Formar-se formador: uma experiência com o Programa Ensino Médio em Rede. Destacamos o papel do formador que é o Coordenador Pedagógico e dos formandos, que são os Professores participantes. Apresentamos a estrutura de desenvolvimento deste programa, seus objetivos, participantes e as atividades de formação registradas durante o processo formativo do Programa.

No capítulo 5: O Professor Coordenador: a leitura em foco - destacamos, a função de Coordenador Pedagógico como difusor das políticas educacionais relativas ao ensino e aprendizagem da leitura e a formação do professor.

No capítulo 6: Metodologia - apresentamos a fundamentação metodológica utilizada para esta pesquisa, de cunho qualitativo, modalidade estudo de caso, tendo como técnica análise e depoimento dos participantes a partir de entrevistas semi-estruturadas. Estabelecemos como objetivos: identificar, analisar e discutir, a partir do depoimento dos professores, o significado atribuído ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora no que se refere ao desenvolvimento de aspectos do processo de ensino e aprendizagem junto aos seus alunos.

No capítulo 7: Análise e discussão dos resultados - apresentamos os resultados obtidos a partir do contexto estudado no decorrer desta pesquisa e observamos a importância da leitura na formação continuada dos professores apresentamos análise e discussão dos depoimentos colhidos em entrevista baseados no referencial teórico que permeia esta pesquisa.

Conclusão e Considerações Finais: A leitura é de extrema importância para a concretização dos objetivos traçados pela LDB 9394/96 em que são destacados a formação do indivíduo o exercício da cidadania. Destacamos a formação de

professores e o conhecimento sobre estratégias de leitura como princípios para uma aprendizagem proficiente neste campo do conhecimento.

CAPÍTULO 1 - UMA CONCEPÇÃO DE LEITURA E DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A leitura tema de importância indubitável, pode ser discutida a partir de diversas abordagens, tendo em vista o referencial teórico e a metodologia que fundamenta os estudos e pesquisas. Acreditamos que estas diferentes abordagens trazem também contribuições relevantes para discutir o tema leitura.

Nosso objetivo é apresentar a concepção de leitura sócio-cognitivo-interacional que permeia esta pesquisa e a fundamenta teoricamente.

A leitura em uma concepção sócio-interativa é entendida em seu sentido amplo, como prática social e não reduzida simplesmente à decodificação de signos lingüísticos.

Em todo olhar realizamos múltiplas leituras, lemos figuras, imagens, gestos cores entre outros diversos aspectos presentes no entorno em que estamos. Atribuímos determinado sentido de acordo com a experiência de mundo que já vivenciamos. A partir destas vivências e o contato com novas experimentações somamos conhecimentos às estruturas cognitivas já construídas, adquirimos cultura, apuramos a sensibilidade e aguçamos a razão.

O texto, como objeto cultural, tem uma existência física que pode ser apontada e delimitada por nós: um filme, um romance, um anúncio, uma música. Entretanto estes objetos não estão ainda prontos, pois se destinam ao olhar, à consciência e à recriação dos leitores. (PAULINO, WALT E CURY, 2005:15)

Segundo Smith (1999), Kleiman (1993), Solé (1998), Koch & Elias (2006), a leitura é um processo de construção de significados que ocorre na interação leitor, texto e autor.

Para que o ato de ler seja dialógico, a interlocução acontecerá a partir da participação ativa do leitor, que a partir de seus conhecimentos prévios atribuirá sentidos ao objeto de leitura, e fará do texto seu instrumento de mediação, sendo possível relacionar fatos novos a sua teoria de mundo, estabelecer comparações com seu contexto de vivência e adquirir cultura e novos conhecimentos que vão se incorporando a sua realidade. Nesta relação o leitor constrói sentidos pela atribuição de significados e também é modificado pelo texto.

Koch e Elias (2006) explicitam a concepção de leitura tendo em vista o foco no autor, em que a leitura é considerada uma atividade de captação de idéias em que neste contexto o sentido está centrado somente na intenção de compreender o sentido do comunicador do texto.

Outra concepção descrita pelas autoras está com foco no texto, em que o sentido é reconhecido pelas palavras e estrutura do texto, é uma atividade de reconhecimento e reprodução.

Na concepção em que o foco está na interação, entre autor-texto-leitor, Koch e Elias (2006) descrevem como dialógica, em que os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto a partir de questões como: O que é ler? Para que ler? Como ler?

As respostas a estas questões é que nos levam a perceber que há três concepções de leitura: a com foco no texto, a com foco no autor e a com foco na interação texto-autor-leitor.

Em consonância Solé (1998) ressalta também que a leitura é um processo de interação entre leitor e o texto: neste processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente) para os objetivos que guiam sua leitura.

Kleiman (1993) destaca ainda que a aprendizagem que se dará nessa interação consiste na leitura com compreensão. Isto implica que é na interação, isto é, na prática comunicativa em pequenos grupos, com o professor ou com seus pares, que é criado o contexto.

Sobre aprendizagem da leitura a partir da compreensão Solé (1998: 40) afirma que:

Quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos etc. A leitura nos aproxima da cultura e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não-intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer.

No processo de ensinar a ler e aprender a ler, Smith (1999) alerta que a preocupação do ensino está centrada no que os professores devem fazer para ensinar leitura, porém essa inquietação deve ser substituída pelo que os educadores devem saber sobre leitura: os processos de compreensão do texto escrito, sobre o que é ler e por que ler, para a tomada de decisões nas mais diversas situações. Dessa forma o professor pode verificar as necessidades dos educandos de forma mais efetiva para a escolha da metodologia mais adequada.

Nos estudos de Smith (1999) podemos observar diversos fatores pertinentes sobre o que deveríamos conhecer para facilitar o aprendizado de leitura. Smith (1999:88) ao descrever o processo de aprendizagem por meio da leitura diz que:

... Enquanto lemos, aprendemos não somente a reconhecer novas palavras, mas aprendemos também tudo o que mais se relaciona com a leitura. Aprendemos a fazer uso das correspondências ortografia-som não memorizando as muitas regras e as exceções do ensino formal de fonologia da nossa língua, mas desenvolvendo procedimentos implícitos para distinguir uma palavra de outra quando o número de alternativas está limitado àquelas poucas mais prováveis. Aprendemos a não nos basear demais na informação visual para evitar a cegueira funcional ou a visão túnel, e para evitar uma sobrecarga da memória. Aprendemos a aguçar e refinar nossa habilidade de prever e construir hipóteses; aprendemos até mesmo a melhorar nossa própria habilidade de aprender.

Smith (1999) afirma também que aprender a ler não exige habilidades lingüísticas diferentes dos processos de compreensão da fala. Muitas vezes os problemas de compreensão estão relacionados às comandas e instruções do processo de ensino e de fatores como leitura detalhista e vagarosa e preocupação com a memorização e limitações da visão.

No processo de investigação para este estudo, percebemos também a necessidade desta formação ser específica e divulgada. Informações relevantes sobre como a leitura é processada pelo cérebro, pelos olhos, informações sobre o processo de compreensão e sobre o próprio ensino, podem ser inseridas na formação pelo coordenador pedagógico.

Em seus estudos, Smith (1999) também considera alguns aspectos presentes no processo de leitura. Quando lemos diversas conexões cerebrais são

ativadas, porém não há uma especificidade local. O ato de ler deve considerar mais que a capacidade dos olhos, levando em conta a memória, a atenção, a ansiedade e relações interpessoais. Para que haja a aprendizagem da leitura é necessário contato com material significativo e a orientação de um leitor experiente como guia e mediador do processo. Outras considerações merecem atenção especial como a função dos olhos e a memória.

Os olhos desempenham um papel essencial durante a leitura, entretanto, eles são responsáveis por captar imagens. A leitura dessas imagens é realizada pelo cérebro. A leitura depende mais do que está por trás dos nossos olhos, da informação não-visual. O excesso de informações visuais pode sobrecarregar nosso cérebro e causar a visão túnel, que diz respeito à quantidade de informação visual que o cérebro pode processar, causados por maus hábitos de leitura, leitura vagarosa, falta de conhecimento sobre o assunto e a falta de sentido.

O papel da memória é relevante na aprendizagem da leitura, pois fatores como ansiedade, preocupação, fazem que esqueçamos o que lemos, além de algumas limitações que a memória pode apresentar. Podemos caracterizar o processo de compreensão durante a leitura definindo como é realizado o armazenamento das informações obtidas pela memória.

A memória de curto prazo é o mecanismo temporário, instantâneo e funcional, com duração limitada que pode ser facilmente sobrecarregada e perdida pela preocupação. Pode armazenar em média de 6 a 7 dígitos. Para superar as dificuldades da memória de curto prazo é necessário evitar a superlotação e encontrar significado.

A memória de longo prazo é a fonte de toda informação não-visual e permanente e responsável pelas lembranças, seus conteúdos não acessíveis de imediato e somente pode ser recuperada pela organização. A diferença entre as memórias de longo e curto prazo é a organização.

A leitura entendida por esta concepção abre um leque de considerações que a escola e os educadores precisam apropriar-se para que o contato com essa rica experiência de aprendizagem possa tornar-se ferramenta contínua contribuindo efetivamente na formação de cidadãos reflexivos e autônomos.

A autonomia para gerenciar a própria aprendizagem (aprender a aprender) e o resultado dela em intervenções solidárias (aprender a fazer e conviver) deve ser à base da educação das crianças, dos jovens e dos adultos, que têm em suas mãos a continuidade da produção cultural e das práticas sociais. (PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2008:11)

Estudos recentes sobre o tema apontam a necessidade de conhecimentos sobre estas questões. Nesta perspectiva Ferreira e Dias (2002) discutem a leitura como um dos múltiplos desafios da escola e um dos mais valorizados pela sociedade destacando a necessidade de propor aos alunos atividades de leitura em que os mesmos possam evidenciar a idéia de que o significado a ser construído depende tanto dos objetivos e das perguntas do leitor como da natureza do texto. As autoras mencionam também a importância do ensino de estratégias de leitura como fator indispensável para a formação de um leitor proficiente.

Do ponto de vista histórico e político do ensino, Ferreira e Dias (2005), ressaltam que a leitura entendida como atividade social e reflexiva que pode propiciar uma relação crítica, criativa e libertadora da escrita, sendo nesta concepção uma atividade que permite a construção de sentidos, de pontos de vista, de uma visão de mundo, mostrando-se como desafio para qualquer processo de democratização.

Na perspectiva da produção de sentidos e o processo inferencial Ferreira e Dias (2004) abordam a leitura em diversos aspectos, como atividade: cognitiva, social, construtiva, dialógica e interativa que implica na elaboração de representações mentais, permeada por competências que são mobilizadas em benefício dos processos cognitivos de reelaboração de conhecimento.

A importância da leitura no contexto escolar como meio eficaz para o aprofundamento de estudos e aquisição de cultura geral é complementada por Kriegl (2002) que apresenta uma concepção de leitura convergente na perspectiva da interação que reiterando que processo de construção de significados acontece individualmente de acordo com as experiências vivenciadas. Ao ler um texto são mobilizados mecanismos de seleção, antecipação, inferências, auto-regulação, e autocorreção, conceitos tratados também por Solé (1998).

Na perspectiva de leitura como compreensão e construção de sentidos que pressupõe uma atividade de seleção, reorganização e reconstrução, Ferreira e Dias (2004) consolidam as abordagens Smith (1999) e Solé (1998), defendendo que é necessário que se ensine a ler oferecendo práticas de leitura que privilegiem a reflexão e que promovam o desenvolvimento de estratégias de leitura semelhantes às utilizadas pelo leitor proficiente a partir do contato com os mais diversos tipos de textos sociais em contextos significativos.

1.1 Estratégias de compreensão em leitura

As estratégias podem ser consideradas como uma habilidade, uma destreza, uma técnica, um procedimento. O ensino de estratégias de leitura pode contribuir para que o leitor possa usar de instrumentos para que sua leitura atenda suas finalidades ou objetivos.

Para Solé (1998), as estratégias de leitura são capacidades cognitivas de ordem mais elevada e intimamente ligadas à metacognição. Elas permitem uma atuação inteligente e planejada da atividade de leitura, já que, enquanto ações metacognitivas, permitem conhecer sobre o próprio conhecimento.

As estratégias de leitura podem ser classificadas como estratégias cognitivas e estratégias metacognitivas, descritas por Kleiman (1993:50) como:

As estratégias metacognitivas seriam aquelas operações (não-regras), realizadas com algum objetivo em mente sob as quais temos controle consciente no sentido de sermos capazes de dizer e explicar nossa ação (...).

As estratégias cognitivas da leitura seriam aquelas operações inconscientes dos leitores, no sentido de não ter chegado ainda ao nível consciente, que ele realiza para atingir algum objetivo.

Solé (1998) ressalta que esta afirmação traz duas implicações: A primeira é que as estratégias leitoras precisam ser ensinadas. As crianças não nascem sabendo utilizá-las: “ensinam-se - ou não se ensinam - e se aprendem - ou não se aprendem”; Outra consideração sobre o ensino de estratégias leitoras deve privilegiar o desenvolvimento de estratégias que possam ser generalizadas a outras situações e não se atenham a técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas.

Deve-se ensinar com ênfase na capacidade de metacognição: avaliação, controle e flexibilidade de ações que podem ser mudadas em decorrência das situações de leitura. Isto implica dizer que conhecer um vasto repertório de estratégias é menos importante do que saber utilizá-las. Conhecê-las não é o suficiente. É necessário aprender, a saber, mobilizá-las e utilizá-las em face da variedade de situações de leitura.

De acordo com Solé (1998) devemos ensinar estratégias de compreensão em leitura porque queremos formar leitores autônomos, capazes de enfrentar de forma inteligente textos de índole muito diversa o que significa também formar leitores capazes de aprender a partir de textos. O ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender.

Para Solé (1998) a finalidade de ler para aprender consiste de forma explícita em ampliar os conhecimentos de que dispomos a partir de estabelecermos finalidades para a leitura de texto determinado o que leva o leitor a se auto-interrogar sobre o que lê, a estabelecer relações com o que já sabe, a rever novos termos, a efetuar recapitulações, a sublinhar e anotar entre outras estratégias que possam contribuir para a construção de significados que caracterizam a aprendizagem.

Ao abordar o ensino de leitura por meio de estratégias Kleiman (1993: 49): também salienta a importância da compreensão

... operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz de suas paráfrases, como também da maneira com que ele manipula o objeto: sublinha-se, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade de começar, se relê.

Toda leitura é guiada por objetivos, por uma finalidade, então quando lemos buscamos mecanismos descritos por Solé (1998) como significatividade lógica e psicológica, que nos permitirão atribuir sentido ao texto de acordo com conhecimentos do conteúdo que será aprendido e de nosso conhecimento de mundo.

O ensino de leitura a partir de estratégias e atividades que utilizem processos de seleção, antecipação, inferência e verificação, que permitam a interação autor-texto-leitor, também são propostas por Koch e Elias (2006).

Ensinar por meio de estratégias pode ser uma experiência significativa se pautada em práticas que levem os alunos ao desenvolvimento de competências que os permitam ir além de decodificar. O ensino dessas estratégias de leitura é uma necessidade atual da escola que deve proporcionar condições para que o aluno tenha contato com diversos tipos de textos e desta forma atribuir sentido a cada um deles.

Solé (1998) sinaliza vários caminhos para a compreensão e o ensino de leitura, ressaltando a importância de conhecer para que vou ler? Quais são meus objetivos. Nesta perspectiva podemos analisar a presença constante da leitura em nosso convívio social e sua utilidade quando conhecemos para que lemos e por que lemos, e assim nos situamos, nos colocamos em relação ao texto, tornando cada leitura singular e reveladora de nossas habilidades para colocar em prática as estratégias que aprendemos. Desta forma, essas modalidades de leitura constituem nossa autonomia na escolha e seleção de informações ou até mesmo em situações previamente estabelecidas.

Solé (1998) elenca uma série de modalidades esclarecendo os objetivos da leitura exemplificando algumas estratégias para: ler para obter uma informação precisa, ler para seguir instruções, ler para obter uma informação de caráter geral, ler para aprender, ler para revisar um escrito próprio, ler por prazer, ler para comunicar um texto a um auditório, ler para praticar a leitura em voz alta, ler para verificar o que se compreendeu.

De acordo Villanes (2003:11).

El leer tiene que ver con actividades variadas como: cuando el niño se enfrenta a un cuento ameno e interesante, el cocinero sigue las normas de un libro de cocina, el estudiante se esfuerza por comprender los significados de un poema. Podemos notar que en los tres casos, la lectura es la protagonista principal; sin embargo las circunstancias descritas precisan tratamientos diferentes. Por ejemplo, en el primer caso prima el aspecto lúdico, en el segundo se da prioridad al aspecto denotativo del lenguaje, sigue reglas y pasos secuenciales, y el último caso, dada la naturaleza del texto, prima el significado implícito.

Villanes (2003:13) afirma sobre as estratégias de leitura *“Una eficaz alternativa para facilitar el desarrollo de la comprensión lectora es la utilización de estrategias”*.

Acreditamos que partindo da concepção em que o professor atua como mediador da aprendizagem e conhecedor de aspectos sobre a leitura e seus processos, poderá atuar em melhores condições didáticas e sucesso favorecendo aos aprendizes condições no desenvolvimento de sua autonomia como leitores, na busca contínua de conhecimentos e cultura tornando a leitura um instrumento para aprender a aprender.

Na continuidade deste estudo destacamos o referencial teórico abordado em relação às pesquisas sobre a formação de professores e suas conseqüências na aprendizagem dos alunos.

Destacamos a questão da leitura, apresentando alguns dados de pesquisas sobre o contexto formativo nas universidades, destacando a precariedade nesta formação e principalmente propondo uma reflexão sobre a dificuldade de formadores no ato de ler com compreensão, fator que ressaltamos como grande dificuldade para um ensino eficaz e aprendizagem significativa.

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A LEITURA EM QUESTÃO

O professor tem recebido formação para o ensino de leitura? Como ela acontece na escola? O professor é um leitor proficiente? O que revelam as pesquisas?

Na seqüência deste estudo, abordaremos algumas pesquisas, apoiados no aporte teórico de Nóvoa (2006), Roldão (2005), Marin e Giovanni (2007) com o objetivo de discutir o papel da escola como instituição formadora em leitura e a formação continuada de professores no preparo para cidadania.

As pesquisas realizadas focaram a formação de professores que refletem os possíveis resultados obtidos nas avaliações internacionais e nacionais de leitura, em que nossos estudantes, em sua grande maioria, apresentaram resultados insatisfatórios. Estes dados trazem à discussão a qualidade da formação recebida pelos professores na universidade para o ensino de leitura.

Uma das possíveis respostas às perguntas levantadas é a discussão sobre a profissionalização docente, que é uma questão abrangente que envolve não somente o processo de formação inicial acadêmico universitário, mas como a estrutura da escola aproxima a formação dos professores à realidade social que vivenciam nela, suas condições de trabalho aliados aos saberes adquiridos na construção de sua profissionalidade, ou seja, de seus conhecimentos.

Em teoria, alguns conceitos ajudam-nos a compreender o papel da escola na construção dos saberes dos alunos e professores, tanto na universidade como fora dela, levando a reflexão sobre a necessidade de haver no âmbito escolar a continuação desta formação, geralmente em serviço, a qual ressaltamos o trabalho coletivo e o papel do Coordenador Pedagógico na articulação desta formação.

Para esta análise destacaremos pesquisas de teóricos que abordam questões da profissionalidade, ou seja, quais os atributos necessários para ser o profissional professor? Como nossos professores estão sendo formados, e quais condições apresentam para ensinar a ler e a escrever?

A questão da profissionalidade é abordada também por Nóvoa (2006), em palestra proferida no SINPRO, Sindicato dos Professores em São Paulo, sobre o

tema: *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo*, em que realiza uma reflexão sobre a crise de identidade da escola e os efeitos desta crise na concepção e na prática da atividade docente, destaca que “Nada substitui o bom professor” frase que intitula sua palestra. “*Podem inventar tecnologias, serviços, programas, máquinas diversas, umas à distância, outras menos, mas nada substitui o bom professor*”.

A necessidade de repensar o conceito de ensinar é apontada por Roldão (2005) a partir dos saberes necessários ao ato de ensinar analisando historicamente a evolução deste conceito e sinalizando que coexistem na representação da função de ensinar duas leituras: ensinar como professar um saber e ensinar fazendo com que o outro seja conduzido a aprender / aprender o saber que alguém disponibiliza.

Ao analisar esta questão Nóvoa propõe a reinvenção da pedagogia partir da apropriação de conhecimento pelos educadores, por exemplo, das Neurociências e questões como afetividade, sentimentos, memória e consciência na aprendizagem tendo como objetivo principal a aprendizagem do aluno.

Sob a ótica da história recente da educação Roldão (2005) contrapõe o escasso poder dos professores sobre o currículo que é entendido pelo que se ensina porque socialmente se considera necessário que se aprenda em determinada época e contexto e sua liberdade de ação.

Nóvoa (2006) identifica que existem paradoxos na profissão docente entre o excesso de missões da escola e os pedidos da sociedade associados à fragilidade do estatuto docente, abordando a questão da retórica do professor reflexivo e a inexistência de condições de trabalho. Alerta também sobre o modelo de organização da profissão e sobre a burocracia instalada no trabalho do professor. Questiona ainda sobre como cuidamos dos jovens professores que segundo sua análise são “lançados às feras”. Neste contexto propõe a formação centrada na prática e na análise das práticas, ou seja, saber como fazer por meio da experiência e reflexão.

Ao tratar da questão da credibilidade da profissão Nóvoa destaca a falta de liderança profissional como fator preponderante para as dificuldades encontradas e a prestação de contas do trabalho profissional, sinalizando que não há mecanismos de intervenção e que é necessário tê-los.

Em sua fala Nóvoa (2006) justifica o título de seu livro “Evidentemente.” a partir da construção sintática apresentada com o ponto final e da desconstrução semântica das palavras *evidente* e *mente*, trazendo a afirmação: Tudo que é evidente, mente. Nesta perspectiva anuncia que há evidências no debate educativo, criticando como se discute banalmente a educação nos meios de comunicação por pessoas prestigiadas, porém que não exercem a profissão. Aborda três dilemas para a escola, sendo dilemas entendidos como dúvidas ou hesitações que podem gerar diferentes olhares interpretativos: Escola centrada no aluno ou na aprendizagem? Escola como comunidade ou como sociedade? Escola como serviço ou instituição?. Partindo destes questionamentos defende a escola centrada na aprendizagem e a escola mais como sociedade do que como comunidade e a escola como instituição. Aponta a necessidade de participação das famílias, comunidades locais, grupos culturais das empresas, das diversas igrejas e entidades científicas na responsabilidade da tarefa educativa.

Em síntese Roldão (2005) também questiona o estatuto do professor e a necessidade de melhorar os níveis de qualidade de ensino em confronto com a diversidade de públicos escolares, a necessidade de qualificação para o ato de ensinar, por meio de interrogativas como: o que é um professor? Como se reconhece socialmente sua atividade?

Roldão (2005) e Nóvoa (2006) dialogam sobre elementos constitutivos da profissionalidade docente discutida à luz da aprendizagem do aluno e dos saberes necessários para que o trabalho de ensinar facilite o trabalho de aprender, pautados em uma concepção de ensino em que a mediação supera a ideologia retrógrada que supõe que “quem sabe ensina,” pautada na transmissão de conhecimentos, pois o saber está hoje disponível de muitas outras maneiras que não somente na fala do professor.

Marin e Giovanni (2007) em pesquisa intitulada “*A precariedade da formação de professores para os anos iniciais da escolarização: 35 anos depois do início da formalização de novos modelos*” relatam parte das análises das condições nas quais o alunado sai dos novos cursos de formação de professores para atuar nos anos iniciais da escolaridade. O estudo foi realizado em sua dimensão cultural, recuperando problemas e modelos formativos propostos e implantados ao longo do século, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema

desde a década de 70, apresentando sinteticamente o debate e as ações políticas para a formação de professores em nível superior, exigência da LDB 9394/96.

Estudos realizados na década de 70 revelaram os problemas dos modelos formativos nas últimas décadas e apontavam os efeitos da formação sobre a prática de novos professores. As pesquisas revelaram principalmente a ambigüidade da legislação, as deficiências dos cursos e a formação precária e inadequada dos futuros professores e o despreparo dos próprios formadores. Na década de 80 os estudos estavam centrados nas “pesquisas do cotidiano escolar” em que são evidenciadas: a expansão quantitativa da escola pública, o aligeiramento da formação de professores e o despreparo destes para o trabalho com classes populares. Pesquisas publicadas nos últimos quinze anos reiteram os dados obtidos nas décadas de 70 e 80 avançando em pesquisas colaborativas e discussões centradas na formação continuada e a formação em nível superior.

A pesquisa aponta dados extremamente preocupantes quanto ao domínio de alguns saberes à prática educativa, domínio de compreensão leitora e conhecimentos sobre organização da escola, aliados a conhecimentos pedagógicos.

Os testes aplicados demonstram as condições que os candidatos à profissão de professor do Curso Normal Superior exibem para o exercício da docência.

A precariedade da formação de professores para os anos iniciais da escolarização é evidenciada nesta pesquisa em que podemos observar questões relativas a profissionalidade no que diz respeito à caracterização da identidade docente e a formação inicial dos professores. Um dos fatores mais importantes no ensino, a leitura com compreensão, é apontada como a grande dificuldade dos professores em formação entre outros conhecimentos essenciais.

As discussões apresentadas remetem à necessidade de uma formação que permita que o futuro profissional adquira conhecimentos básicos para ensinar, o que deveria ser preocupação política e também social e não somente acadêmica. O profissional em formação não tem contemplado em seu percurso acadêmico a discussão de sua profissionalidade à luz de políticas que possibilitem o domínio de conteúdos que permitam atender às demandas da

escola, como o cumprimento da elaboração e produção de conhecimentos além de seu papel social.

Acreditamos que o ensino para a formação de professores necessita assumir caráter contextualizado e interdisciplinar, o que pode facilitar a compreensão e a reflexão sobre os conhecimentos que atualmente fazem parte da realidade escolar e que a formação inicial deveria contemplar.

Novas tecnologias, a globalização, e os diferentes gêneros e formas de comunicação trazem a necessidade de adequar conhecimentos escolares à prática cotidiana, são conceitos que não podem ser obscurecidos e camuflados a uma formação de nível superior somente para obtenção de títulos. O ensino precisa ser articulado e mediado com o objetivo de preparar para que seja possível selecionar situações concretas mais próximas da realidade vivenciada pelo aprendiz. A organização de um currículo que promova estas condições requer muita reflexão de todos envolvidos, para quebra de paradigmas fossilizados em nossa cultura acadêmica, que muitas vezes, somente reproduzem conteúdos estanques para a memorização, privilegiando determinados tipos de aprendizagens, geralmente utilizadas para a realização de testes e avaliações classificatórias.

Em continuação a esta pesquisa são analisados também: *Expressão escrita de concluintes de curso universitário para formar professores.*

O texto trata de questões norteadoras na discussão sobre a profissionalidade docente ao trazer interrogativas como: *Que professor se pretende formar?, Para formar que tipo de leitor e de produtor de textos?*, apontando a partir destes questionamentos, mecanismos de exclusão social no tocante ao acesso e aprendizagem da leitura e escrita. A metodologia de análise explorou dados relativos às redações feitas pelos alunos no que tange à expressão escrita e aos tipos de argumentos utilizados nas respostas apresentadas, identificando também aspectos e condições do ensino de leitura e escrita.

Concordamos com as autoras ao afirmar que a escrita com correção compõe alguns dos saberes essenciais à prática docente, e é indispensável para a construção de um ensino de qualidade, juntamente ao domínio da leitura com

compreensão. Partindo deste referencial refletiremos sobre concepções que traduzem práticas de sucesso ou exclusão.

As formas e condições para aprender também mudaram muito nas últimas décadas. A tecnologia e a televisão, o computador, não podem ser desprezadas como dispositivos responsáveis pela formação, facilitando ou dificultando a aprendizagem.

Em nosso estudo delimitamos a formação em leitura para formadores, sendo este o Coordenador Pedagógico, tendo como formandos os Professores de uma escola de referencia na cidade de São José dos Campos São Paulo.

Apresentaremos a seguir o Ensino Médio, objeto de nossa pesquisa, abordando suas raízes históricas e seu contexto atual, com o objetivo de caracterizar esta modalidade de ensino e suas finalidades.

CAPÍTULO 3 - A ESCOLA MÉDIA

O Ensino Médio etapa final da educação básica, atualmente busca a adaptação às mudanças ocorridas na sociedade, à globalização à tecnologia aos meios de comunicação e à interação entre as pessoas.

Neste capítulo visamos apresentar a construção histórica desta modalidade de ensino, até sua reformulação contemporânea. Sendo também nosso objeto de estudo o ensino médio será descrito a partir de suas finalidades e objetivos de acordo com a LDB 9394/96:

3.1 Raízes históricas

Historicamente, o Ensino Médio no Brasil se caracteriza pela dualidade estrutural, que estabelece políticas educacionais diferenciadas para as camadas sociais distintas, definidas pela divisão social do trabalho. As reformas educacionais para o Ensino Médio (propedêutico e profissional), realizadas na última década, não conseguiram avançar no sentido de eliminar essa dualidade através da escola unitária que propicie formação geral e uma habilitação profissional.

É necessário buscar na História da Educação analisar os elementos determinantes no estabelecimento das políticas educacionais para este nível de ensino, ao longo do século XX. Dessa forma, pode-se observar que a dualidade estrutural, que mantém duas redes diferenciadas de ensino ao longo da história da educação brasileira tem suas raízes na forma como a sociedade se organiza, que expressa às relações contraditórias entre capital e trabalho nas políticas educacionais para o Ensino Médio.

A tentativa de superação da divisão social no ensino médio, através de uma nova concepção de organização escolar, revela-se uma reorganização apenas superficial, que não oferece condições para um real caráter de unidade do ensino e superação das desigualdades socioeconômicas e educacionais.

3.2 As raízes do Ensino Médio

A sociedade colonial e imperial brasileira por quase quatro séculos foi formada por duas camadas distintas: de um lado por escravos e por outro por uma minoria de indivíduos com direitos de pessoa e propriedade.

O trabalho e a educação neste período eram considerados como atividades de menor importância e tinham por finalidade uma formação elitista voltada para o exercício das atividades político-burocráticas e das profissões liberais, para esta pequena parcela da sociedade brasileira predominava o ensino humanístico e elitista. O trabalho manual era considerado uma atividade desprezível, desprovida de qualquer valorização social e era atribuído aos escravos e aos membros das camadas mais baixas da sociedade colonial. No mesmo sentido, a educação considerada uma atividade secundária interessava aos poucos integrantes da elite. A educação para o trabalho praticamente inexistente sofria da mesma discriminação atribuída às atividades manuais.

Em 1889, a mudança do regime político do país para o regime republicano, iniciou uma fase de quatro décadas caracterizada pelos conflitos econômicos e políticos entre os grupos dominantes, ligados a agro-exportação e os grupos vinculados às atividades urbano-industriais.

Os choques entre esses grupos continuaram existindo, porém predominava a tendência do setor dirigido ao mercado interno, gerando a ideologia política do nacional-desenvolvimentismo e o modelo econômico de substituição de importações. As forças econômico-sociais vinculadas às atividades urbano-industriais que lutaram por mudanças internas em direção a um modelo capitalista-industrial, mesmo que ainda dependente, tornaram-se vencedores em 1930, dando início ao período de consolidação da ordem econômico-social capitalista brasileira através do processo de industrialização do país e pondo fim à fase agro-exportadora.

A partir da década de 1930 a consolidação do regime capitalista intensificou-se dando nova forma às instituições político-econômicas do Brasil.

Na história do país ocorreram diversas formas de dominação capitalista, que tiveram seu crescimento vinculado aos interesses da burguesia internacional, o que não ocorreu de forma voluntária, pois a formação social brasileira se manteve aristocrática extremamente concentradora de riqueza, do prestígio social

e do poder. A institucionalização do poder no país realizou-se, conseqüentemente, com a exclusão permanente da grande maioria da população.

A modernização da sociedade brasileira realizada com o aceleração do processo de industrialização e urbanização do país provocou o crescimento da demanda por formação escolar para todas as classes sociais. Com o crescimento urbano, surgiu a necessidade de dar padrões mínimos de comportamento social à população e com a expansão da indústria, a procura por mão-de-obra qualificada. Essas necessidades mobilizaram as elites intelectuais e dirigentes políticos a reivindicar por reforma e a expansão do sistema educacional brasileiro.

O processo de evolução das aspirações educacionais e de expansão do sistema educacional se deu em três momentos, a saber:

- O primeiro momento, nas duas primeiras décadas do século XX, ainda na fase da economia agro-exportadora em crise, que registra a expansão da demanda social por educação e as iniciativas reformistas de educadores progressistas;
- No segundo momento, de 1930 a 1946, acontece a reformulação efetiva do sistema educacional pelo Estado, através da Reforma Francisco Campos (1931-1932) e das Leis Orgânicas do Ensino (1942-1946);
- O terceiro momento, a partir da redemocratização do país iniciado em 1946, reacende os debates em torno das funções da escola, organizados em dois grupos, de um lado os progressistas e de outro os conservadores, liderados pelos educadores católicos na defesa da escola privada.

O primeiro momento caracteriza-se, por um lado, pelos conflitos de interesses entre a elite rural (hegemônica no poder) e a burguesia industrial emergente, e por outro, o ambiente de contestação de idéias e práticas estabelecidas. Diversos movimentos operários, culturais, na educação, etc., manifestavam a insatisfação da sociedade com a situação de atraso do país, em particular, na educação, expressado no alto índice de analfabetismo.

Na educação, as idéias renovadoras assimiladas por educadores brasileiros influenciados pelo pensamento de John Dewey, se manifestam através de reformas educacionais em vários Estados. Este grupo de educadores

progressistas se congregou no movimento renovador da educação, que passou a influenciar os rumos da educação brasileira.

Esse período tem seu início com a “Revolução de 30”, caracterizado como o “despertar da sociedade brasileira”, foi marcado pelas lutas ideológicas sobre as formas de condução do governo. No setor educacional, essas lutas foram travadas entre os grupos dos renovadores da educação, os “pioneiros”, na defesa da escola pública, laica, gratuita e obrigatória e os “conservadores” representados pelos educadores católicos, que defendiam a educação subordinada à doutrina religiosa (católica), diferenciada para cada sexo, o ensino particular, a responsabilidade da família quanto à educação, etc.

Os educadores renovadores em 1932 através do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, escrito por Fernando de Azevedo e assinado por numerosos educadores, tornaram públicas suas aspirações e preocupações uma política nacional de educação.

Para este grupo de educadores, conhecidos como “escolanovistas”, a escola pública, gratuita e leiga era vista como a condição ideal para o atendimento das aspirações individuais e sociais, em oposição a qualquer imposição orientadora, quer seja de ordem religiosa ou política.

Após a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1930, sob a responsabilidade de Francisco Campos, foram instituídos vários decretos com a finalidade de reformar o ensino superior (Decretos nº. 19.851 e 19.852 de 11/04/1931), o ensino secundário (Decreto nº. 19.890 de 18/4/1931) e o ensino comercial (Decreto nº. 20.158, de 30/06/1931).

A Reforma Francisco Campos que é como o conjunto desses decretos ficou conhecido organizou o ensino secundário em 2 etapas:

- Fundamental (5 anos) que dava formação básica geral;
- Complementar (2anos) que oferecia cursos propedêuticos articulados ao curso superior (pré-jurídico, pré-medico, pré-politécnico).

Esta reforma deu organização ao ensino secundário, estabelecendo um currículo seriado e freqüência obrigatória tanto para o ciclo fundamental quanto

para o ciclo complementar e a obrigatoriedade de cursá-los para o ingresso no ensino superior.

A Reforma de Francisco Campos, apesar do aspecto positivo de ter organizado o ensino secundário ficou aquém das expectativas do período pós 30 que registrou um crescimento acelerado da população nas cidades e da indústria. O caráter enciclopédico de seus programas e os níveis de exigências para a aprovação tornava o ensino secundário uma educação para a elite.

A Constituição de 1934, promulgada pela Assembléia Nacional Constituinte, na parte que trata da educação representa uma vitória do movimento renovador com significativa influência do manifesto dos “Pioneiros da Educação Nova” em muitos dos artigos, como a fixação do Plano Nacional de Educação – ao estabelecer a obrigatoriedade e a total gratuidade do ensino primário e, na determinação ao Estado da incumbência de fiscalizar e regulamentar as instituições de ensino públicas e particulares, e na fixação de índices mínimos do orçamento anual para a aplicação na educação.

A Carta outorgada de 1937, redigida pelo governo totalitário de Vargas que em termos educacionais suprimiu os avanços conquistados pelos educadores progressistas, invertendo a tendência democratizante da Carta Constitucional de 1934 para atender aos anseios de setores conservadores, ficando assim o Estado desobrigado de manter e expandir o ensino público, assumindo um papel subsidiário.

A Carta de 1937 consolida o dualismo entre o ensino propedêutico e o profissional na qual fica clara a finalidade do ensino profissional para atender os menos favorecidos. Os currículos também mantêm essa dualidade, pois a vertente propedêutica continua privilegiando os conteúdos exigidos no acesso à educação superior e nos cursos profissionalizantes os conteúdos são vinculados às necessidades imediatas dos setores produtivos.

Em virtude do alto grau de seletividade do sistema de avaliação da educação brasileira imposto pelo sistema como forma de controle, muitos alunos não conseguiam prosseguir seus estudos, criando assim dois caminhos escolares após o primário: um destinado ao “povo”, por meio das escolas profissionais, e o outro à “elite” através das escolas secundárias.

Em 1942, ainda no Governo totalitário de Vargas, o Ministro da Educação, Gustavo Capanema, iniciou a reforma de alguns ramos do ensino com o nome de Leis Orgânicas do Ensino, que estruturaram o ensino propedêutico em: primário e secundário e o ensino técnico-profissional: industrial, comercial, normal e agrícola.

A Lei Orgânica do Ensino Secundário extinguiu os cursos complementares, substituindo-os por cursos médios de 2º ciclo, os quais passaram a ser conhecidos como cursos colegiais, nos tipos clássico e científico, com três anos de duração e com o objetivo de preparar e direcionar os estudantes para o nível superior. Os cursos de formação profissional (normal, agro-técnico, comercial técnico e industrial) não davam acesso ao nível superior.

Em 1942 com a criação do SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, e do SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – em 1946, foi o marco da transferência da responsabilidade pela formação e qualificação da mão-de-obra necessária para o crescimento da indústria para o setor privado tendo em vista, que o Estado não tinha recursos para equipar adequadamente as suas escolas profissionais. Desta forma, através das Leis Orgânicas, o Governo transferiu para os empregadores a responsabilidade pela formação profissional dos trabalhadores.

A quarta Constituição da República Brasileira, promulgada em 1946 após a derrocada da ditadura de Vargas, atribuía à União “fixar as diretrizes e bases da educação nacional”. A proposta de LDB encaminhada pelo Governo ao Congresso foi longamente debatida e alterada, até ser aprovada em 1961. Durante este período foram retomadas as discussões entre os educadores conservadores (Igreja Católica), manifestando suas preocupações com a questão da laicidade do ensino e os progressistas que mantinham a defesa da escola pública, laica, gratuita e obrigatória, com o objetivo de ampliar as oportunidades de estudo para toda a sociedade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4024, aprovada em 20 de dezembro de 1961) estruturou o Ensino Médio em: ginasial, de 4 anos e o colegial, de 3 anos. Ambos abrangiam o ensino secundário e o ensino técnico profissional (industrial, agrícola, comercial e de normal).

Apesar do ensino profissional pela primeira vez estar integrado ao sistema regular de ensino, estabelecendo equivalência entre os cursos, isto não superou a

dualidade estrutural, pois continuaram a existir dois ramos distintos de ensino para distintas clientelas, mantendo as diferenças existentes desde os primórdios da educação brasileira.

3.3 O Ensino Médio na Reforma Educacional do Governo Militar

O governo militar instalado em 1964 se caracterizou pelo autoritarismo com que comandou o Estado Brasileiro, pela ênfase no crescimento econômico e pelas reformas institucionais, incluindo a educação. A política educacional do governo militar para o Ensino Médio tem uma visão utilitarista, sob inspiração da “teoria do capital humano”, ao pretender estabelecer uma relação direta entre sistema educacional e sistema operacional, subordinando a educação à produção. Desta forma, a educação passava a ter a função principal de habilitar ou qualificar para o mercado de trabalho.

A educação brasileira a partir de 1964 foi organizada para atender às demandas das transformações na estrutura econômica do país, adequando o sistema educacional às necessidades da expansão capitalista. A reforma para o ensino médio foi realizada através da Lei Nº. 5692/71, que criou o ensino de 1º e 2º graus que passou a ser obrigatoriamente profissionalizante. Desta forma, um grande número de alunos saíria do sistema escolar e entraria no diretamente no mercado de trabalho, diminuindo assim a pressão por vagas no ensino superior, no entanto mesmo com a generalização da profissionalização para todos, a reforma do 2º grau devido a falta de recursos humanos e materiais não alcançou os resultados esperados pelo Governo.

O Governo Militar reformou o ensino de 1º e 2º graus através da Lei 5692/71, que teve como principais mudanças a obrigatoriedade escolar para oito anos, com a fusão dos antigos cursos primários e ginásio, e com a extinção do exame de admissão.

A Lei de Diretrizes e Bases de Ensino do 1º e 2º graus, apresentada em 1971 (Lei 5692/71), ao pretender dar uma habilitação profissional aos concluintes do Ensino Médio teve uma nova função social: a de conter o aumento da demanda de vagas aos cursos superiores.

A lei pretendia que o Ensino Médio tivesse a terminalidade como característica básica, através do ensino profissionalizante, contrapondo-se à frustração da falta de uma habilitação profissional. Pretendia-se também, adotar o ensino técnico industrial como modelo implícito do Ensino Médio. No entanto, mantinha-se como objetivo do Ensino Médio a função propedêutica de preparar os candidatos para o ensino superior.

Vários problemas foram apontados referentes à implantação da lei 5682/71 que desconsiderava a falta de recursos humanos e materiais das escolas, paralelo a isto neste período houve um aumento significativo no número de alunos matriculados no Ensino Médio. Outros problemas como a necessidade de novos currículos, de se estabelecer associação entre as escolas e as empresas, de identificar as necessidades do mercado de trabalho, da construção e/ou adaptação de escolas, além da formação de professores e outros profissionais para os novos cursos.

Em 1975, com o Parecer 76, tenta-se eliminar o equívoco no entendimento da Lei 5692/71 de que toda escola de Ensino Médio (2º grau) deveria tornar-se uma escola técnica, quando na verdade não havia recursos materiais, financeiros e humanos para tanto. Para o relator, o ensino, e não a escola deveria ser profissionalizante. A concepção empregada no Parecer 76/75, é de que a habilitação deixa de ser entendida como preparo para o exercício de uma ocupação, passando a ser considerada como o preparo básico para a iniciação a uma área específica de atividade. Desta forma, a legislação acomoda-se à realidade, retomando a dualidade existente antes de 1971.

O fato da dualidade estrutural não ter sido eliminada, apesar da tentativa da Lei nº. 5692/71, não causa estranheza, porque ela apenas expressa a divisão que está posta na sociedade brasileira, quando separa trabalhadores intelectuais e trabalhadores manuais e exige que se lhes dê distintas formas de educação.

A “Constituição cidadã”, de 1988, deu condições institucionais para as mudanças na educação que vinham sendo discutidas pelos educadores desde meados da década de 1970. O encaminhamento de vários projetos de LDB ao Congresso foi seguido de longos debates e pressões de alguns segmentos da sociedade. Por fim, em 1996, a nova LDB foi aprovada pelos poderes legislativo e executivo, com base no projeto do Senador Darcy Ribeiro, que articulava os

interesses do Governo. A nova LDB não atendeu às aspirações dos educadores, alimentadas por quase duas décadas de discussões. Ela caracteriza-se por ser minimalista e por sua flexibilidade produzida para adequar-se aos padrões atuais de desregulamentação e privatização. Ela não obriga o Estado a assumir suas responsabilidades com a escola, mas não impede que este aplique seu próprio projeto político-educativo.

O sistema educacional brasileiro sofreu grandes transformações por causa das reformas promovidas sob fortes influências dos organismos multilaterais, como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que organizou a Conferência Mundial de Educação para Todos, em 1990, em Jomtien (Tailândia) e produziu de 1993 a 96 o *“Relatório Delors”* (coordenado por Jacques Delors), que fez um diagnóstico do contexto planetário e analisou os desafios para a educação no século XXI. A CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe) com os programas *“Transformación Productiva com Equidad”* (1990) e *“Educación y Conocimiento: Eje de la Transformación productiva con equidade”* (1992). Por fim, o Banco Mundial (organismo multilateral de financiamento) passou a definir as prioridades e estratégias para a educação, a partir das conclusões da Conferência Internacional de Educação para Todos.

O Banco Mundial investe na educação baseado no pressuposto de que ao investir na educação o nível sócio-econômico das camadas mais pobres da população, que tem acesso à educação e melhores oportunidades de trabalho, alcançam uma progressão no nível sócio-econômico, o que promoveria a superação das diferenças. No entanto isso não tem acontecido em nosso país, mesmo aumentando a escolaridade do brasileiro o nível de letramento para o exercício da cidadania não é contemplado.

A nova LDB (Lei nº. 9394/96) inserida no processo de reformas educacionais estabelece a obrigatoriedade e gratuidade do Ensino Médio. No entanto, na prática, o Governo Federal tem priorizado os seus investimentos para o ensino fundamental, deixando para os Estados arcarem com a expansão do Ensino Médio.

O crescimento do número de matrículas no Ensino Médio, no período 1994-99, da ordem de 57,3%, deve-se em grande parte, pela quase

universalização do Ensino Fundamental, na faixa de 7 a 14 anos; da maior exigência de escolarização no recrutamento para os postos de trabalho e de um progressivo aumento de jovens entre 15 e 17 anos, a chamada “onda de adolescentes”. O aumento expressivo das matrículas tem ocorrido na rede pública estadual e em cursos noturnos, indicando que muitos jovens que abandonavam os estudos antes do Ensino Médio têm permanecido na escola devido à escassez de empregos, e à requisição de mais escolaridade imposta pelas empresas para a contratação de novos trabalhadores.

Os cursos técnicos profissionais foram desvinculados do nível médio para serem oferecidos concomitante ou seqüencialmente. Na concepção do MEC, o ensino médio é a etapa final da educação básica, que passa a ter a característica de terminalidade, o que muda a identidade estabelecida para o Ensino Médio contida na lei anterior (nº. 5692/71) que se caracterizava por sua dupla função: preparar para o prosseguimento de estudos e habilitar para o exercício de uma profissão técnica.

Na verdade não é suficiente apenas reformar a legislação para transformar a realidade educacional numa sociedade onde as relações entre trabalho e capital estão divididas. Ao se pretender superar a divisão social na escola, através de uma nova concepção de organização escolar, revela-se uma reorganização apenas superficial, de forma ideológica que não oferece condições para a real unitariedade do ensino e superação das desigualdades socioeconômicas e educacionais.

Podemos verificar que, historicamente, a linha central das políticas para o Ensino Médio tem sido organizadas em torno da relação capital e trabalho, atendendo em geral os interesses do capital. Por este motivo, a legislação recente mantém a lógica da escola estruturalmente dualista.

3.4 O novo Ensino Médio

Buscamos nesta parte da pesquisa apresentar o Ensino Médio no contexto atual na educação básica. Desta forma dimensionamos a caracterização presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), associada aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Os textos que seguem

trazem informações e esclarecimentos pertinentes, presentes nestes documentos, norteando os caminhos trilhados para o ensino nesta etapa de formação.

O Ensino Médio *“tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”* (art. 22, lei N. 9.394/96).

Nessa concepção a lei 9.394/96 muda no cerne a identidade estabelecida para o Ensino Médio contida na lei 5.692/71, que caracterizava o 2º grau por uma dupla função: preparar para o prosseguimento de estudos e habilitar para o exercício de uma profissão técnica.

Na perspectiva da nova lei, o ensino médio, como parte da educação escolar, *“deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social”* (art. 1º, § 2º da lei 9.394/96).

A lei estabelece uma perspectiva para esse nível de ensino que integra, numa mesma modalidade, finalidades até então dissociadas, para oferecer, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os educandos:

- A formação da pessoa, de maneira a desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa;
- O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- A preparação e orientação básica para sua integração ao mundo do trabalho, com as competências que garantam seu aprimoramento profissional e permitam acompanhar as mudanças que caracterizam a produção no nosso tempo;
- O desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos.

3.5 O Ensino Médio na Educação Básica

Passou a ser dever do Estado a oferta desse nível de ensino a todos os brasileiros. Antes de acontecer isso, era responsabilidade e dever do Estado promover o acesso dos brasileiros somente ao Ensino Fundamental, pois o antigo 2º Grau não fazia parte da Educação Básica.

Era finalidade do 2º Grau preparar os alunos que a ele chegavam para o prosseguimento dos estudos e habilitá-los para o exercício de uma profissão técnica. O Ensino Médio, como parte da Educação Básica, "*deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social*" (Art. 1º, § 2º da LDB 9394/96). Passa a ser intenção e finalidade do ensino médio o desenvolvimento de valores, competências e habilidades voltadas à formação de pessoas e cidadãos autônomos, críticos e competentes para:

- Continuar aprendendo;
- Compreender o mundo em permanente transformação e nele intervir de modo responsável e ético;
- Integrar-se ao mundo do trabalho com condições de aprimoramento profissional, acompanhando as mudanças que caracterizam o nosso tempo.

Atendendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) foram elaborados os documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino médio. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) sistematizam discussões, reflexões e práticas de educadores de diferentes regiões do país.

3.6 Parâmetros curriculares e currículos

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam princípios que norteiam o novo ensino médio (pressupostos), a fim de que esse nível de escolaridade se desenvolva de acordo com as intenções e finalidades da LDB 9394/96. Este documento orienta a seleção e organização de conteúdos, nas práticas didáticas,

no significado da avaliação, constituindo-se em referências para que estados, municípios e escolas elaborem seus currículos.

Orientações Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's):

- Estados e municípios estabelecem os conteúdos adequados às suas necessidades socioculturais e à melhor forma de distribuí-los ao longo da escolaridade;
- Escolas e professores definem um projeto pedagógico, com objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, e planejam suas aulas de acordo com as necessidades de seu grupo de alunos.

3.7 Organização Curricular

Na organização curricular a perspectiva é de uma aprendizagem permanente, de uma formação continuada, considerando, elemento central dessa formação a construção da cidadania em função dos processos sociais que se modificam.

Foram alterados, portanto, em relação à lei anterior n° 5.692/71 os objetivos de formação no nível do Ensino Médio. Prioriza-se a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

A partir desses pressupostos, não há o que justifique memorizar conhecimentos que o acesso é facilitado pela moderna tecnologia. A finalidade é que os estudantes desenvolvam competências básicas que lhes permitam desenvolver a capacidade de continuar aprendendo.

Neste caso, é importante destacar as considerações da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Este documento foi uma publicação do relatório para UNESCO, escrito em diversas línguas, e que contribuiu para o debate sobre concepções de uma nova escola para o próximo milênio. Ofereceu recomendações importantes para o delineamento de uma nova concepção pedagógica para o século XXI. Estas concepções foram incorporadas nas determinações da lei n°. 9.394/96:

- a. A educação deve cumprir um triplo papel: econômico, científico e cultural;
- b. A educação deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver e aprender a ser.

3.8 A Base Nacional Comum

A Base Nacional Comum contém em si a dimensão de preparação para o prosseguimento dos estudos e, como tal, deve caminhar no sentido de que a construção de competências e habilidades básicas e não o acúmulo de esquemas resolutivos preestabelecidos seja o objeto do processo de aprendizagem.

A Base Nacional Comum destina-se a formação geral do educando e deve assegurar que as finalidades propostas em lei, bem como o perfil de saída do educando, sejam alcançadas de forma que garantam que a educação básica se transforme em uma efetiva conquista para cada brasileiro.

O art. 26 da LDB determina, a partir da Base Nacional Comum, a obrigatoriedade de “estudos de Língua Portuguesa, Matemática, conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos, e a Educação Física, integrada à Proposta Pedagógica da escola”.

Art. 36 § 1º. “os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizadas de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania ”

O perfil de saída do aluno do Ensino Médio está diretamente relacionado às finalidades desse ensino, conforme determina o art. 35 da lei n. 9.394/96.

“O Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidade”:

I - a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e do desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

III – “a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina”.

3.9 O Ensino e Aprendizagem em três áreas de Conhecimento

A reforma curricular do Ensino Médio estabelece a divisão do conhecimento escolar em áreas, uma vez que entende os conhecimentos cada vez mais imbricados seja no campo técnico-científico, seja no âmbito do cotidiano da vida social. A organização em três áreas:

- Linguagens, códigos e suas tecnologias;
- Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias;
- Ciências humanas e suas tecnologias;

Tendo como base a reunião dos conhecimentos que compartilham objetos de estudo e, portanto, mais facilmente se comunicam, criando condições para que a prática escolar se desenvolva com base em uma perspectiva de interdisciplinaridade.

Cada uma dessas áreas comporta um conjunto de conhecimentos sistematizados, que constitui o Núcleo Comum, além de conhecimentos de importância regional, que compõem o Núcleo Diversificado. Na elaboração de

seus currículos, ao lado de conteúdos básicos, comuns a todas as regiões do país, apontados pelas diretrizes curriculares, às escolas podem e devem incorporar conteúdos de importância local, considerando as especificidades de cada região.

3.10 O Ensino Médio e suas Tecnologias

No texto de Carl Sagan para o relatório da Reunião Educação para o Século XXI, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio, (1999:34) são apontados argumentos para incluir tecnologia nos currículos escolares.

"Nós criamos uma civilização global em que os elementos mais cruciais — o transporte, as comunicações e todas as outras indústrias, a agricultura, a medicina, a educação, o entretenimento, a proteção ao meio ambiente e até a importante instituição democrática do voto — dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Também criamos uma ordem em que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. É uma receita para o desastre. Podemos escapar ilesos por algum tempo, porém mais cedo ou mais tarde essa mistura inflamável de ignorância e poder vai explodir na nossa cara."

O próprio cotidiano mostra que é inegável o crescente desenvolvimento tecnológico e sua incorporação no nosso dia-a-dia, nas duas últimas décadas do século XX.

Ao se propor que cada área de ensino se estruture considerando as tecnologias a ela associadas, pretende-se promover competências e habilidades que sirvam para o exercício de intervenções. E aqui se incluem desde o entendimento de equipamentos e de procedimentos do cotidiano social e profissional até a avaliação de riscos e benefícios em processos tecnológicos, à avaliação de aspectos éticos envolvidos na produção e aplicação do conhecimento tecnológico e a capacidade de ponderar sobre os usos dessa produção humana.

3.11 Representação e Comunicação; Investigação e Compreensão; Contextualização Sociocultural

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) como as três áreas de ensino apresentam interfaces, é possível identificar campos comuns a todas elas em que se agrupam competências e habilidades de cada uma. Assim, para todas as áreas e para cada uma delas, há um conjunto de competências e habilidades de caráter mais específico, que compõem o bloco Investigação e compreensão; outro conjunto, relacionado à representação e comunicação de fatos, idéias, dúvidas, compõe o bloco com o mesmo nome; finalmente, no bloco contextualização sociocultural, estão dispostas competências relacionadas à relação de cada área com a sociedade e a cultura. Apresentamos segundo os PCN'S algumas considerações e objetivos de cada área.

3.12 Códigos, Linguagens e suas Tecnologias

Disciplinas: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte, Informática e Tecnologias associadas.

"A produção contemporânea é essencialmente simbólica; o convívio social requer o domínio das linguagens como instrumentos de comunicação e negociação de sentidos." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, VOLUME ÚNICO, 1999: 33)

Por diversas que sejam as linguagens (verbal, corporal, artística, entre outras), todas elas são dinâmicas e têm uma história no espaço e no tempo.

A fala, a escrita, os movimentos corporais, a arte, a informática, embora tenham suas formas de expressão específicas, são expressões da cultura, aspecto de que compartilham.

Saber fazer uso das linguagens e seus códigos exige prática e a escola propicia o desenvolvimento dessa competência, desde que ao aluno sejam

apresentadas situações que envolvam mais do que a memorização e a reprodução da norma culta ou de valores.

O domínio da Língua Portuguesa está em saber fazer uso da língua em diferentes situações, considerando contextos e interlocutores. O uso depende de conhecimentos sobre a leitura e a escrita, de conhecimento e domínio de tipos textuais (falar/escrever de uma ou de outra forma, de acordo com um ou outro gênero), de identificar o implícito nos textos, sejam eles verbais ou escritos.

O acesso a outras pessoas e a outras culturas e informações é ampliado com a aprendizagem das línguas estrangeiras, o que é fundamental para o desenvolvimento pleno do indivíduo na sociedade atual; é preciso considerar a realidade local e os interesses dos alunos na escolha das línguas estrangeiras a serem oferecidas pela escola.

A linguagem corporal expressa valores culturais, histórias de vida das pessoas, emoções, idéias. A formação de cidadãos autônomos passa pelo conhecimento do funcionamento de seu corpo, de seus limites e potencialidades, do fato de que cada corpo é único e deve ser respeitado como tal, e pela capacidade de julgamento crítico de padrões estéticos culturalmente impostos. Ainda, nas aulas de Educação Física, a compreensão de regras sociais, o exercício de negociação de alteração das regras estabelecidas (jogos e competições), e a presença de elementos da cultura brasileira por meio do trabalho com ritmos e danças contribuem para a formação de indivíduos cultural e socialmente ativos. A música, as artes plásticas e audiovisuais, o teatro e a dança, como formas de manifestação de diferentes culturas, favorecem, por um lado, a formação da identidade e, por outro, a compreensão do caráter pluricultural da nossa sociedade. Na escola, as atividades em Arte devem se desenvolver no sentido de capacitar o aluno a produzir, individual e/ou coletivamente, bem como a analisar diferentes linguagens de manifestações artísticas, originárias de diferentes culturas, compreendendo-as como produções humanas que têm uma história no espaço e no tempo.

A informática, como linguagem, se constitui em ferramenta de aprendizagem que auxilia na construção do conhecimento das demais áreas de ensino. O aluno deve se apropriar dessa linguagem, conhecer os principais equipamentos de informática e seus princípios de funcionamento. Ainda importa

que ele conheça e saiba operar com as redes globais (Internet) e locais (corporativas). Cabe lembrar que esta linguagem é fundamental para a inserção dos alunos no mundo contemporâneo.

3.13 Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias

Disciplinas: Biologia, Física, Química, Matemática e Tecnologias associadas.

"Enfim, a aprendizagem na área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias indica a compreensão e a utilização dos conhecimentos científicos, para explicar o funcionamento do mundo, bem como planejar, executar e avaliar as ações de intervenção na realidade." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, VOLUME ÚNICO, P. 34)

As ciências, assim como as tecnologias, são construções humanas, tendo, portanto, uma história no espaço e no tempo. São sistemas de interpretação da realidade, ainda que tenham como critério de legitimação a própria realidade.

Cada ciência particular possui um código intrínseco, uma lógica interna, métodos próprios de investigação, que se expressam nas teorias, nos modelos construídos para interpretar os fenômenos que se propõe a explicar. Apropriar-se desses códigos, dos conceitos e métodos relacionados a cada uma das ciências particulares e compreender a relação entre Ciência, Tecnologia e Sociedade representa ampliação das possibilidades de compreensão do mundo e de participação efetiva nesse mundo. A Matemática ocupa um lugar especial na área, uma vez que, como linguagem, oferece instrumentos essenciais à construção de modelos científicos e, como ciência, permite ir além da descrição da realidade e da elaboração de modelos, através das formas de pensar que lhe são características.

Na abordagem das tecnologias associadas às diferentes disciplinas da área, é importante que se tenha a compreensão dos princípios científicos nelas envolvidos, aplicando-os na avaliação das diferentes tecnologias desenvolvidas para resolução de problemas reais ou simulados.

Por fim, "*um Ensino Médio concebido para a universalização da Educação Básica precisa desenvolver o saber matemático, científico e tecnológico como condição de cidadania e não como prerrogativa de especialistas*". (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, VOLUME ÚNICO, P. 208).

3.14 Ciências Humanas e suas Tecnologias

Disciplina: História, Geografia, Sociologia, Antropologia e Política, Filosofia e Tecnologias associadas.

"O trabalho e a produção, a organização e o convívio sociais, a construção do 'eu' e do 'outro' são temas clássicos das Ciências Humanas e da Filosofia. Constituem objetos de conhecimentos de caráter histórico, geográfico, econômico, político, jurídico, sociológico, antropológico, psicológico e, sobretudo, filosófico." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, VOLUME ÚNICO, P. 286).

Os conhecimentos humanistas, aqui adquiridos, devem levar o aluno a ter consciência crítica e ser capaz de dar respostas adequadas aos problemas que sejam apresentados. Nesse caso, a inclusão de Filosofia nesta área de conhecimento contribui positivamente para o processo, uma vez que as leituras, as reflexões e os debates realizados na sala de aula constituem um exercício da prática democrática e também auxiliam o aluno na busca de sua autonomia.

A área de Ciências Humanas deve proporcionar uma formação básica que possibilite ao aluno construir-se como um ser pensante, autônomo, capaz de colocar-se como cidadão que vive numa sociedade que, por sua vez, integra-se a outras sociedades e culturas, constituindo o mundo contemporâneo, globalizado.

A aprendizagem nesta área deve desenvolver competências e habilidades que permitam ao aluno, entre outras coisas:

- Compreender que a sociedade tem história e que se transforma, continuamente, ao longo dos anos;

- Compreender que a ocupação de espaços físicos modifica o ambiente e as relações da vida humana aí existentes;
- Construir-se como pessoa que participa, avalia o que está acontecendo na sociedade e intervém como agente social;
- Reconhecer e aceitar que existem diferenças entre os indivíduos de uma sociedade, e que, portanto, o respeito é a base de tudo; por outro lado, qualquer forma de preconceito, discriminação e exclusão deve ser rejeitada.

É importante ter claro que uma educação humanista, como a que se pretende no Ensino Médio, não pode deixar de lado o papel das tecnologias nos processos históricos e sociais. Mas deve-se ter em mente que elas devem estar sempre voltadas para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio deixam claro que os conhecimentos das Ciências Humanas referentes à Antropologia, Política, Direito, Economia e Psicologia são fundamentais para o Ensino Médio. Entretanto, isso não quer dizer que a escola tenha que denominá-los como disciplinas, tampouco estabelecer carga horária.

O que os Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio destacam é a importância que esses conteúdos têm para a formação básica do cidadão.

Sugerem que eles:

apareçam em atividades, projetos, programas de estudo ou no corpo de disciplinas já existentes. Tanto a História quanto a Sociologia, por exemplo, englobam conhecimentos de Antropologia, Política, Direito e Economia. O mesmo acontece com a Geografia em relação à Economia e ainda com a Filosofia, que pode conter elementos de Psicologia, Política e Direito. E não se deve esquecer também que a contextualização na Matemática poderá envolver conhecimentos de Economia, como o cálculo de juros aplicados a transações financeiras. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ENSINO MÉDIO, VOL. ÚNICO, PP. 277, 279).

Tendo esta modalidade de ensino, essencial importância na formação e constituição global do cidadão autônomo, tanto para o mundo acadêmico quanto

para o mercado de trabalho, em que o mesmo tenha condições de ler para aprender, visionamos estudar formadores desta etapa de aprendizagem focando especificamente um programa de formação continuada em que um dos focos foi a compreensão leitora.

Enfatizamos neste estudo a ação do Coordenador Pedagógico na formação continuada dos professores em leitura, buscando investigar por meio da literatura disponível questões referentes a: como se dão os processos de aprendizagem de leitura, o que os facilita ou dificulta a compreensão leitora? Como a leitura é trabalhada na escola? As questões de aprendizagem de leitura estão inseridas na prática cotidiana de todos os envolvidos com a educação: professores, gestores, e família? Como o Coordenador Pedagógico articula o movimento entre a questão do ler e do aprender? Há coerência entre o que se aprende e o que a sociedade exige? Como o Coordenador Pedagógico pode contribuir para a construção de aprendizagens significativas?

Neste estudo procuramos conhecer, estudar o significado atribuído por professores de Ensino Médio ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador.

O estudo foi realizado em uma escola pública, de referência, localizada em São José dos Campos, tendo como subsídio materiais e ferramentas do Programa Ensino Médio em Rede, promovido pela Secretaria Estadual de Educação do estado de São Paulo.

Estabelecemos como objetivos específicos: caracterizar o Programa Ensino Médio em Rede; caracterizar Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador; identificar, analisar e discutir, a partir do depoimento dos professores, o significado atribuído ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora no que se refere ao desenvolvimento de aspectos do processo de ensino e aprendizagem junto aos seus alunos.

Descrevemos a seguir uma experiência formativa entre Coordenador Pedagógico e Professores em que apresentamos um programa de formação continuada e suas atividades em compreensão leitora na Escola Média, o Ensino Médio em Rede (EMR), tendo como foco a leitura na formação de professores.

Escolhemos esta modalidade de ensino para pesquisa acreditando ser fundamental esta etapa para formação integral e continuação dos estudos.

CAPÍTULO 4 - FORMAR-SE FORMADOR: UMA EXPERIÊNCIA COM O PROGRAMA ENSINO MÉDIO EM REDE (EMR)

Para melhor compreensão do objeto de pesquisa – conhecer e estudar o significado atribuído por professores de Ensino Médio ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador -, faz-se necessária à caracterização do Programa Ensino Médio em Rede, bem como o Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador.

Neste capítulo apresentamos a estrutura de desenvolvimento do Programa Ensino Médio em Rede (EMR), seus objetivos, participantes e as atividades de formação desenvolvidas pelo formador e pelos formandos com o foco no ensino e aprendizagem de leitura. No capítulo subsequente, destacaremos o papel do formador o Coordenador Pedagógico, na execução das atividades, de acordo com a legislação vigente, com o objetivo de apresentar sua importância destacada na lei e na prática eficaz de sua função.

4.1 O Ensino Médio em Rede

O Ensino Médio em Rede foi um programa de formação continuada, concebido e coordenado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, por meio da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP). Destinou-se aos Assistentes Técnico-Pedagógicos (ATPs), Supervisores de ensino, Professores Coordenadores (PCs) e Professores de Educação Básica nível II, que atuam no Ensino Médio regular. A proposta de formação deste programa aconteceu no espaço da escola, em horário de trabalho com a participação da equipe escolar.

4.2 - Objetivos

O Ensino Médio em Rede teve como objetivos:

- Aprofundar a discussão sobre as especificidades curriculares do Ensino Médio e propiciar subsídios para o diagnóstico da realidade local, avaliação do projeto político pedagógico das escolas envolvidas e os programas curriculares das áreas para conseqüentes reformulações;
- Fortalecer a integração entre os professores das áreas, a partir de projetos temáticos e de uma perspectiva;
- Desenvolver metodologias de ensino das disciplinas das diferentes áreas curriculares, a partir de referências teóricas, visando mudanças nas práticas pedagógicas;
- Fortalecer as equipes escolares de maneira a dar suporte a mudanças na prática pedagógica, promovendo a articulação e integração, no cotidiano, dos aspectos ligados à gestão educacional e ligados à gestão didático-pedagógica.
- Fornecer subsídios teórico-práticos para o trabalho pedagógico dos professores das diferentes disciplinas e áreas do conhecimento;
- Orientar o trabalho pedagógico dos professores representantes das áreas;
- Ampliar o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras dos professores das diferentes disciplinas de forma que possam também desenvolver essas competências com seus alunos;
- Possibilitar aos educadores o aprofundamento e conhecimento da utilização de novas tecnologias de comunicação e informação, por meio do uso de diversas mídias interativas, discutindo seus usos na continuidade da sua própria formação e na sua prática educativa.

4.3 – Recursos

O Programa contou com o financiamento do Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio (PROMED) por meio de convênio firmado entre a Secretaria de Estado da Educação (SEE), o Ministério da Educação (MEC) e o

Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e teve a gestão da Fundação da Vanzolini.

O Ensino Médio em Rede contou com o uso dos ambientes de aprendizagem e os recursos virtuais da REDE DO SABER – teleconferências, videoconferências e ferramentas web, além de materiais de apoio especialmente desenvolvidos para o programa.

4.4 - Participantes

Ao longo das duas fases o Programa o Ensino Médio em Rede capacitou mais de:

- 60.000 professores de Educação Básica Nível II;
- 4.500 professores coordenadores;
- 340 assistentes técnico-pedagógicos;
- 90 supervisores de ensino;

4.5 Desenvolvimento do Programa Ensino Médio em Rede: Primeira Fase

O desenvolvimento do Programa aconteceu em duas fases, a primeira entre 2004 e 2005 tendo como objetivos a formação continuada de professores em serviço, mais especificamente no ensino e aprendizagem de leitura e escrita.

O conteúdo esteve voltado para a contextualização da proposta de formação continuada em serviço, em que foram discutidas questões como: as múltiplas representações sobre ensino e aprendizagem dos envolvidos na prática educativa, alunos, professores e comunidade. Nesta etapa do programa enfatizou-se a formação do professor dentro do espaço escolar, o currículo da escola média e o projeto-pedagógico da escola, nomeadas de “Vivências Formativas”, que tinham como objetivo o aprofundamento de conteúdos para o ensino de leitura e escrita e conceitos pedagógicos a partir de fundamentação teórica, visando o aprofundamento de questões.

Após a fundamentação teórica dos objetivos do Programa iniciou-se a segunda fase.

4.6 Desenvolvimento do Programa Ensino Médio em Rede: Segunda Fase

A segunda fase do Programa, desenvolvida em 2006, enfatizou o desenvolvimento curricular no Ensino Médio. Nesta fase do Programa foram abordados aspectos como: práticas de leitura, estratégias para o ensino de leitura e escrita, seqüências didáticas e avaliação, nomeadas de “Vivências Educadoras” que preconizavam a estruturação de atividades práticas em sala de aula.

As atividades de formação em serviço, neste período aconteceram subsidiadas a partir de materiais do Programa Ensino Médio em Rede, com trabalhos individuais e coletivos dos Professores Coordenadores e Professores em formação, em ambientes virtuais e no Horário de Trabalho Pedagógico (HTPC).

A aplicação desse programa, como um todo, ocorreu começando pela formação de Assistentes Técnicos Pedagógicos, que formavam Professores Coordenadores Pedagógicos e estes, que na escola, formavam professores.

O desenvolvimento do programa aconteceu a partir de um material impresso juntamente com um CD ROM de apoio que continha textos para reflexão e formação no programa.

4.7 Material

O material utilizado para a formação de professores no Programa Ensino Médio em Rede provinha de outros materiais, em que supervisores de Ensino formavam Assistentes Técnicos Pedagógicos.

Assistentes Técnicos Pedagógicos formavam Professores Coordenadores, Professores Coordenadores formavam professores docentes atuantes em sala de aula que por sua vez ministravam aulas aos alunos.

Este processo de formação tornava dinâmica a apresentação dos conteúdos do programa que acontecia em cadeia. Além do material impresso cada Professor Coordenador recebeu um CD ROM de apoio para complementar os estudos de preparar as atividades com os professores.

Os conteúdos eram apresentados em videoconferências, seguindo a cadeira formativa: Assistentes Técnicos Pedagógicos participavam das Videoconferências para a formação de Professores Coordenadores e Professores Coordenadores para formação de Professores. As videoconferências eram coordenadas por dois mediadores de da Secretaria de Estado de Educação, para a socialização dos trabalhos por regiões abrangendo Diretorias de Ensino de diferentes cidades.

Para as produções individuais de todos os participantes do Programa foram utilizadas ferramentas on-line como fóruns debates sínteses, com subsidio de um programa chamado *PROMETEUS*, ferramenta de estudos e avaliação.

O CD ROM continha além de textos de apoio toda a legislação vigente relativa ao Ensino Médio.

4.8 O Professor Coordenador Pedagógico em Formação. Descrição das atividades e conteúdos do material de formação: Apresentação

Visamos apresentar a forma como foi desenvolvida a aplicação dos conteúdos desenvolvidos no programa, a partir do material base, que está estruturado na formação do Professor Coordenador e na formação de Professores.

Recorremos às atividades realizadas e síntese dos objetivos de cada tópico destacado na aplicação deste programa, estruturado em Vivências Formativas, conteúdos teóricos de reflexão da prática pedagógica e Vivências Educadoras, aplicação prática destes conceitos, nos quais abordaremos o ensino e aprendizagem de leitura.

Apresentamos o material do Professor Coordenador, base para a formação dos professores. É importante ressaltar que os conteúdos dos materiais do Professor Coordenador e do Professor são os mesmos, porém apresentam variações por tratarem de atividades de formação e aplicação.

O material impresso apresentado aos Professores e Coordenadores teve como objetivo orientar as discussões realizadas ao longo do Programa e ampliar o processo de formação. Ao mesmo tempo este material propunha uma discussão sobre a capacidade leitora e escritora do aluno do Ensino Médio, e sobre as formas pelas quais é possível desenvolvê-las na prática docente, em todas as áreas curriculares.

4.9 Material do Professor Coordenador

O material do Professor Coordenador elenca como objetivo atividades para reflexão sobre:

- a ação educativa do Professor Coordenador;
- a gestão das ações educativas previstas nessa função;
- os possíveis aprofundamentos das questões abordadas com os professores; divididas e pautadas em quatro temas;
- analisar a própria prática educativa, e a prática dos professores e da escola,
- orientar ações junto a eles em vivências formativas que envolvem sínteses individuais; coletivas e análise das propostas de trabalho desenvolvidas junto aos professores,
- vivências educadoras atividades para a construção direcionada de um projeto.

Para o Professor Coordenador foram propostas modalidades de trabalho para o desenvolvimento do processo formativo, tais como:

- na rede do saber; (ambiente virtual da Diretoria de Ensino)
- trabalho na escola;
- videoconferência e teleconferência;
- trabalho na internet orientado pelo Assistente Técnico Pedagógico discutido e adequado às especificidades de cada escola visando à reorganização do trabalho educativo na escola para a construção de uma prática voltada para formação do aluno cidadão, priorizados dois aspectos fundamentais: a escuta efetiva do outro e o exercício da palavra.

4.10 Vivência formativa - tema 01 - A formação do Professor Coordenador no Programa de Ensino Médio em Rede

Nessa etapa foram abordados aspectos da formação do Professor Coordenador e realizadas produções com participação em videoconferência para o entendimento da natureza do Programa e também seu funcionamento.

Para iniciar abordaram-se características de uma formação eficaz, tendo a escola como espaço privilegiado e trabalho coletivo como condição fundamental para pensar a respeito da ação educativa, se orientado por um movimento permanente e contínuo de ação e reflexão.

Com auxílio do vídeo de Antonio Nóvoa (2001) *“Trabalho docente: a formação do professor face às demandas da atualidade”* levantaram-se as características apresentadas por ele, como desejáveis para uma formação eficaz. Partido da reflexão sistemática na ação e sobre a ação discutiu-se pressupostos subjacentes a ela: o registro sistemático; a escuta do outro e o exercício da palavra.

Tendo como base o texto de apoio *“O relacionamento interpessoal na Coordenação Pedagógica”* de Almeida (2001) O grupo do qual participava sistematizou:

A autora comenta sobre seu percurso profissional e a importância de seu processo de formação na experimentação em diversos campos da área educacional, distinguindo o professor do mestre, baseando-se nas concepções de Perrenoud e Tardif. Para Perrenoud, o ensino é uma profissão relacional. Tardif por meio de uma pesquisa concluiu que os saberes profissionais são temporais, plurais e heterogêneos. Na atuação do coordenador destaca as seguintes posturas facilitadoras na construção do relacionamento interpessoal: Olhar: Pré-requisito para a fala significativa, sendo receptivo ou ativo; Falar: A fala poderá ser organizadora, sistematizadora e bloqueadora, pode destruir ou fortalecer o relacionamento interpessoal. (GRUPO DE PROFESSORES COORDENADORES NOTURNO)

Como formador foi essencial discutir a questão da construção de posturas facilitadoras para o processo de formação, nesta fase como formador, passei a

realizar uma escuta mais ativa e percebi que o relacionamento interpessoal melhorou substancialmente.

Com os professores da Unidade Escolar foram discutidas as especificidades da ação educativa do Professor Coordenador foram analisadas a partir da imagem que se tem sobre esse profissional e feito um levantamento das tarefas do Professor Coordenador. Nesta análise foram elencadas as exigências preconizadas nessa função no cotidiano e as necessidades impostas pela escola média atual: nas dimensões técnica, ética, humano-interacional e política; no trabalho coletivo com ação continuada; com crítica-reflexiva; na avaliação sistemática; na identificação das expectativas e necessidades efetivas da comunidade escolar em relação à formação do aluno, realizando levantamento das condições e dos recursos necessários para esse trabalho.

Refletindo sobre o fragmento do texto: Clementi (2001:62) "*A voz dos outros e a nossa voz. Alguns fatores que intervêm na atuação do coordenador.*" Foi proposto o seguinte questionamento:

".....Muitos coordenadores falam sobre o excesso de atividades que lhes são atribuídas, motivo pelo qual convivem com o stress e a correria constante. A dúvida é se essa correria é real, fruto do meio escolar, que é dinâmico e apresenta desafios constantes, ou se é uma desculpa para não parar e refletir sobre seu próprio fazer."

Assim, na função de Professor Coordenador, sentia-me nesta fase de formação e entendimento da proposta:

Um grande desafio para o Coordenador é organizar e administrar seu tempo não esquecendo que também está em constante formação. A dinâmica do tempo leva-me a crer que estamos em um processo de profundas mudanças e necessitamos refletir sobre o que fazemos. Penso também que não usamos como desculpas todas as demais funções que nos são atribuídas, ou deveríamos desculpar-nos por nossas angústias, nosso comprometimento e dedicação? Vivemos diariamente desafios e nos sentimos muitas vezes frustrados pelas condições que o próprio sistema que critica por meio de contradições nos coloca em conflito, muitas vezes com desprestígio e indiferença, causando descrédito a instituição e a seus profissionais. O comprometimento que queremos não é o que nos é oferecido, e convencer deste modo é uma tarefa extremamente desafiadora. Como agentes de mudanças e interlocutores somos responsáveis também por nossa formação e precisamos ser reconhecidos como formadores. (PROFESSOR COORDENADOR EM FORMAÇÃO)

Percebi nesta fase o quanto era importante esclarecer as funções formativas do Professor Coordenador, em sua real função na escola. Nesta fase questione-me sobre como exercia minhas funções e como era reconhecido na escola

Com as reflexões durante processo formativo, conforme registro, a participação do Professor Coordenador foi articulada às exigências do cotidiano da escola média, em face da ação do Professor Coordenador, trazidas suas necessidades, sobretudo o processo de formação dos professores, e os princípios que devem orientar sua ação. Esta proposta incluiu coerência em relação aos pressupostos teóricos metodológicos da ação de formação que o Coordenador deve desenvolver.

Neste processo de ser formador e formando, registrei minhas impressões sobre o início do processo como Professor Coordenador dos Professores de Ensino Médio noturno:

Nesta etapa a Equipe de Coordenadores do grupo noturno em formação, percebeu por meio de trocas de experiências que pela primeira vez havia um trabalho em comum, norteado por uma proposta única de atuação, linguagem e objetivos. As reuniões norteavam todo o processo de aplicação do curso mediada pelos Assistentes Técnicos Pedagógicos. O trabalho usando a tecnologia de interação on-line fóruns, videoconferências determinavam prazos e avaliação dos resultados. Especificamente, o grupo do qual participei demonstrava comprometimento, interesse e vontade de fazer com que as atividades propostas fossem aplicadas com êxito. Neste processo observei a preocupação no letramento digital dos Professores Coordenadores que tinham que adaptar-se a esta nova forma de interagir. Houve criação de e-mails, treinamento com a ferramenta utilização para interação, além de conceitos básicos de informática e de publicação on-line como blogues, criação de pastas, entre outros. (PROFESSOR COORDENADOR EM FORMAÇÃO)

4.11 Vivência formativa - tema 2 - Professores e alunos: Um encontro possível e necessário

O Professor Coordenador em formação discutiu o que são representações, e as concepções de adolescência. Foram analisadas imagens e textos, comparando excertos, relacionando concepções às praticas educativas e tendo como base: a visão de adolescência como processo natural; as representações negativas sobre adolescência; adolescência na perspectiva sócio- histórico.

Analisando os registros da prática pedagógica coletivamente os professores discutiram as representações no processo de formação e o movimento metodológico geral no trabalho de formação: discussão do problema a ser focalizado.

Para abordar a questão do currículo discutiram-se questões como: quem é o aluno da escola média? o distanciamento entre escola e a vida; os sentidos de aprender; o que é ser um bom professor; a importância do vínculo na relação ensino aprendizagem verificando as transformações na demografia; na morfologia social e na cultura das gerações atendidas hoje pela escola. A partir de excertos de textos, verificaram o enfrentamento entre a cultura jovem e a cultura escolar, a crise da autoridade pedagógica; a construção cotidiana da legitimidade; os princípios orientadores de uma escola que dê sentido à experiência escolar.

O Protagonismo Juvenil como princípio de ações que aproximam o jovem da escola em suas três dimensões: didático-pedagógica, social e cultural, a dimensão cultural e o lugar das práticas letradas; o papel da escola pública na vida dos jovens; práticas culturais e inclusão digital; práticas educativas orientadas pelo princípio do Protagonismo Juvenil.

Registre minhas impressões sobre a retomada dos trabalhos:

A retomada das atividades realizadas ocorreu por meio de um debate em que relembramos algumas idéias e textos lidos. Depois de assistirmos o vídeo "Adolescência" fizemos um paralelo de conceitos e diagnosticamos o jovem que frequenta nossa escola. Este ano o trabalho com os professores tem sido muito gratificante, penso que estamos todos interiorizando a importância de nossa formação continuada e desenvolvimento profissional. (PROFESSOR COORDENADOR EM FORMAÇÃO)

4.12 - Vivência Educadora - Tema 2 - A transformação de problemas e soluções em um projeto de trabalho

O trabalho de formação nesta etapa do Programa abordou por meio de experiências pessoais dos professores sobre a avaliação, a recuperação de memórias pessoais a partir da reflexão: *como tais lembranças sobre a avaliação aparecem na conduta do avaliador, bem como a finalidade da avaliação na escola.*

Para esta reflexão foram consideradas as representações sobre o adolescente e seu universo visando produções dos docentes de reflexões escritas dos pontos críticos deste tema, vivenciado na escola.

Para contextualizar este tema realizou-se análise dos dados socioeconômicos e culturais dos alunos da escola, comparados ao SARESP/2003.

Pela análise dos dados identificamos que um dos problemas da Unidade Escolar era a aprendizagem de leitura. Analisamos então as principais dificuldades dos estudantes, percebendo quais habilidades em leitura necessitariam de um trabalho diferenciado.

Ao estudarmos essas questões optamos por trabalhar com seqüências didáticas, visando desenvolver competências de compreensão leitora em nossos estudantes. Com esse objetivo programamos atividades para o desenvolvimento em etapas, utilizando estratégias de leitura.

Visamos a partir do conteúdo proposto, transformar os problemas de trabalho em nosso plano e ação coletivo. A reflexão sobre novos olhares para como fomos avaliados em nosso processo de aprendizagem contribuiu para a fundamentação deste projeto.

4.13 - Vivência Educadora - tema 2 - Práticas de Leitura: é preciso mudar?

O Coordenador Pedagógico vivenciou atividades para a compreensão das capacidades de leitura a partir de textos de diferentes gêneros, identificando seus elementos constitutivos, condições de produção; tema; forma composicional estilo marcas lingüísticas. O objetivo traçado preconizava formar os professores participantes do Programa para uma prática pedagógica que contemplasse a aprendizagem de leitura pelos estudantes, a partir de um ensino que atendesse as demandas necessárias para o exercício de uma prática leitora proficiente.

Com a descrição de gêneros textuais foram discutidas as práticas de leitura e escrita que circulam na escola, á luz dos aspectos abordados nos textos de apoio presentes no CD-ROM do Programa. Foram produzidas ações junto aos docentes, ações pedagógicas para aplicação das atividades em sala de aula.

Após reflexão e estudos e pautados nos materiais estudados a equipe da escola em que atuei, definiu que de acordo com a proposta do Programa EMR o Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar teria como foco: o desenvolvimento da proficiência em leitura e escrita, na perspectiva do trabalho em conjunto por áreas do conhecimento, para que o objetivo do ensino de leitura e escrita fosse contemplado.

A concepção do programa Ensino Médio em Rede, propõe a definição dos objetivos de leitura que devem ativar os conhecimentos e a bagagem cultural de vivências do educando, que irão determinar a pluralidade de sentidos na leitura, facilitando a alunos e professores e todos envolvidos com educação, uma aprendizagem significativa e autônoma. Na seqüência descrevemos os objetivos traçados pela Equipe escolar com base no Programa EMR:

1. Este programa destaca o uso e aplicação de estratégias de seleção, antecipação inferência e verificação no trabalho com leitura, a partir de diversos gêneros textuais e seqüências didáticas. Estas estratégias consistem em atividades que permitam aos alunos no processo de leitura não apenas localizar informações, porém reconstruí-las, a partir dos objetivos iniciais da leitura, realizando perguntas para ativação de conhecimentos prévios e fornecendo informações necessárias para contribuir com a compreensão do texto, partindo da mediação do professor.

2. O desenvolvimento da proposta concretizou-se a partir da proposição de estudos juntos aos docentes sobre atividades interdisciplinares, contextualizadas de leitura, que possibilitariam práticas pedagógicas que tornem a aprendizagem significativa por meio do ensino de estratégias de leitura. Desta forma estimulamos a formação de professores leitores que em cadeia estimularam alunos leitores.

3. Os professores tiveram contato inicial com a diversidade de gêneros textuais e sentiram a necessidade de adequar conhecimentos curriculares à prática cotidiana, utilizando-se de textos que circulam entre os jovens como: e-mails, anúncios publicitários, propagandas, entre outros, culminando na elaboração de atividades. Esta aproximação da realidade foi um fator fundamental para o desenvolvimento do Programa.

4. O ensino de estratégias de leitura ocorreu em todas as disciplinas que organizaram suas atividades a partir do desenvolvimento de estratégias para antes, durante e depois da leitura, relacionando conceitos e temas comuns entre as disciplinas.

5. Os gêneros textuais utilizados para o ensino de estratégias de leitura foram: tabelas; gráficos; mapas; relatórios; esquemas entre outros, oportunizando aos estudantes maiores experiências e contato com estas modalidades textuais.

6. O trabalho com as estratégias de leitura e variedade textual visou ir além da decodificação, objetivando ler para aprender, de forma que o texto fosse compreendido a partir dos seus gêneros, propondo atividades que contemplassem a intertextualidade e a leitura como prática social no Ensino Médio. Nesta perspectiva acreditamos que:

Do ponto de vista social e afetivo, a centralidade da linguagem nos processos de desenvolvimento possibilita ao adolescente aprender, pouco a pouco, a considerar suas escolhas em uma escala de valores. Viabiliza-lhe aprender a enfrentar as consequências das próprias ações, a respeitar e criticar normas, a formular seu próprio projeto de vida propor e alterar contratos e a tecer seus sonhos de transformação do mundo. (PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2008: 18)

7. Foram planejadas, desenvolvidas e aplicadas várias estratégias de leitura como definição de finalidades e metas da atividade de leitura; ativação de conhecimentos prévios a partir de perguntas iniciais sobre os temas estudados; apresentação da proposta; verificação de hipóteses; sobre o assunto tratado; localização ou cópia de informações no texto; generalização contemplando o objetivo inicial do uso de estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação. Este trabalho culminou em produções escritas como artigos de opinião, análise de anúncios e propagandas, jornal escolar e roteiros de peças teatrais.

8. Para concretização e sucesso desta proposta metodológica foi preciso envolver os estudantes nesta tarefa, incentivando protagonismo, oferecendo espaço para a participação, materiais significativos, propondo caminhos para que os mesmos tornem-se sujeitos de sua própria história, protagonistas de suas

aprendizagens, discutindo seus interesses e compartilhando suas escolhas com os educadores. Almeida (2000: 80) em conclusão, sintetiza:

O professor não pode esquecer sua função no grupo, como coordenador: é aquele que observa os processos grupais e intervém, apoiando e dando ao grupo condições de achar seu caminho. Seu objetivo não é só trazer um conhecimento novo, mas ver como o processo de aprendizagem se desenvolve no grupo: aprendizagem de conceitos, de fatos, de valores e de comportamentos.

O objetivo das atividades foi trabalhar com estratégias de leitura, a partir de gêneros textuais. Segundo Smith (1999:59) *“cada espécie de texto possui seus próprios esquemas de gênero – convenções de apresentação, tipografia e estilo – que o distinguem de outros gêneros ou espécies de texto”*

Neste processo de verificação das práticas e a proposição de objetivos do Programa Ensino Médio em Rede, a equipe escolar percebeu a importância do trabalho objetivando habilidades de compreensão leitora. Assim, após a constatação dos resultados, estes temas foram incluídos na pauta do Projeto Pedagógico da Escola.

4.14 Vivência Formativa - tema 3 - O currículo da escola média

Para a continuidade da formação do Professor Coordenador colocou-se a questão do currículo escolar: *o que permanece na memória dos alunos?*, e também as expectativas dos alunos em relação ao currículo da escola média visando o prosseguimento dos estudos.

Foram discutidas as atuais tendências do mundo do trabalho e papel da escola neste contexto. As tendências comuns aos movimentos de reforma curricular, tendo em vista a perspectiva histórica e os princípios de organização curricular como: interdisciplinaridade; contextualização e desenvolvimento de competências e a visão de currículo integrado a partir da videoconferência “O currículo e suas implicações na prática educacional”

Nesta Vivência foram apresentadas as relações entre o currículo, a cultura e a prática escolar, as diversas concepções e teorias sobre o currículo, o currículo e a aprendizagem no contexto das reformas curriculares na rede estadual de ensino. Os Professores Coordenadores discutiram a organização do trabalho dos professores na escola e sua atuação na organização e discussão do currículo. Como suporte entendeu-se a legislação e realizada uma análise da expansão do Ensino Médio e os desafios para a escola com auxílio de tabelas de matrículas no Brasil e em São Paulo.

A partir da videoconferência “O Professor Coordenador na gestão do currículo na escola” objetivou-se analisar o papel do Professor Coordenador na orientação, no acompanhamento e na avaliação da prática curricular da escola e a troca de experiências na discussão curricular em processos de formação de educadores.

4.15 Vivência Educadora - tema 3 - Leitura e escrita: Trabalhando com seqüências didáticas

Com o texto “Um decálogo para ensinar a escrever” iniciou-se o trabalho com o gênero textual: artigo de opinião, analisando o ato de escrever e as condições de produção; os diferentes gêneros do discurso que circulam na escola; o papel do professor coordenador a promoção do trabalho com as competências escritoras dos alunos em todas as disciplinas.

O grupo de Coordenadores do período noturno em formação registrou a partir da leitura e estudo do texto: *“Decálogo: visão nova” - Proporcionam uma visão nova do processo de ensino e aprendizagem da escrita e podem ser aplicadas imediatamente?* Pasquier e Dolz (1996)

A leitura do texto “Um decálogo para ensinar a escrever” trouxe a possibilidade de confirmar que o trabalho de produção escrita na escola necessita ser repensado e reestruturado para que se efetive com sucesso o progresso do desenvolvimento de competências leitoras e de escrita visionadas para o pleno desenvolvimento do educando em seu processo construtivo do conhecimento. A organização metodológica de atividades para promover a aprendizagem pode ser estruturada a partir da idéia seqüencial e didática que definirá novos caminhos para a transformação e quebra de paradigmas relacionados ao ensino centrado na passividade do pensamento, reprodução

genérica de idéias massificadas. Este processo necessita de formação continuada, de atividades de preparação e compreensão da proposta que é didaticamente muito interessante. Na área de Linguagens e Códigos podem-se observar algumas atividades relacionadas ao processo seqüencial de produção e análise argumentativa, porém estas atividades ainda encontram-se na maioria das vezes para atender necessidades acadêmicas de formação técnica, deixando em segundo plano a construção cognitiva para a finalização da expressão escrita ou de compreensão leitora. A diversidade textual já é reconhecida como grande parceira no processo de aprendizagem, porém o acesso e a contextualização das atividades não direcionam para resultados concretos, creio que neste momento procura-se a experimentação para a prática. Penso que possível a aplicação desta metodologia para que os professores organizem e estruturam de maneira mais eficaz seu trabalho pedagógico com os alunos, criando alcançar e dinamizar os objetivos para uma atuação mais consciente para a transformação e melhoria de seu locus. (GRUPO DE PROFESSORES COORDENADORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Foram também analisadas falas dos professores do ponto de vista da proposição e do desenvolvimento de uma troca de experiências como metodologia de formação, elaborando relatórios de registros com o auxílio da videoconferência “Instrumentos metodológicos de formação e o lugar da troca de experiências”

Os instrumentos metodológicos elencados foram o registro; a tarefa; a discussão coletiva; rotina; contrato didático, para o planejamento de ações orientadas pelo princípio do Protagonismo Juvenil.

Registre minhas conclusões sobre este trabalho tendo como planejamento de ação e estratégia metodológica as *Seqüências Didáticas*:

O trabalho com Seqüências Didáticas foi apresentado aos professores da escola retomando as atividades planejadas e desenvolvidas pela equipe com o objetivo de sistematizar e analisar o trabalho com competências de leitura e escrita. A explicitação com o trabalho teve a colaboração dos Professores Representantes que elencaram sugestões para a integração e o desenvolvimento das atividades. Em nossa unidade escolar está claro que sistematizar e contextualizar é um processo necessário que envolve diversas práticas que necessitam ser executadas para serem incorporadas e apropriadas pelo grupo. O entendimento sobre gêneros textuais e sua aplicação começam a refletir nas ações diárias dos professores que a partir deste momento começam a visualizar em sua prática meios e condições para a aplicação e análise dos aspectos envolvidos na produção de texto. A partir da apresentação da proposta o grupo iniciou um movimento de mobilização para modificar as metodologias que poderão ser aplicadas, agora de uma forma mais sistemática, seqüencial e didática, entendendo a pesquisa como fonte de apoio para que cada disciplina possa contribuir ordenadamente. Para esta fase estão previstas em nosso planejamento o estudo do tema que envolve diversos mecanismos lingüísticos que precisam ser conhecidos, estruturados para depois serem aplicados e avaliados. (PROFESSOR COORDENADOR EM FORMAÇÃO)

4.16 Vivência Formativa - tema 4 - O Projeto político-pedagógico da escola

Na etapa final do programa o trabalho foi organizado tendo em vista como um projeto ocupa a organização da ação humana; as características na ação de planejar; o papel do outro na tomada de decisões; o projeto como instrumento de ação: como lugar da manifestação e construção da identidade: como trajetória.

Com as atividades de formação identificamos um sonho, limites e possibilidades colocados pelas condições objetivas a esse sonho que para que fosse possível realizá-lo pelas condições objetivas que vivenciamos.

Registramos que:

De acordo com o diagnóstico realizado na instituição, juntamente com os alunos, professores e comunidade, concluímos que nossos projetos devem continuar primando pela qualidade, aprimorando os resultados obtidos. Assim desta forma, é um sonho, ou mais que isso, uma realização, ver nossos alunos conseguindo vitórias, conquistando seu espaço no mercado de trabalho, interagindo e cumprindo sua função social de transformar com qualidade. Juntos, pensamos que temos grandes possibilidades de continuar nosso projeto que atualmente está caminhando para a construção de competências leitoras e escritoras com o objetivo de uma aprendizagem mais significativa. Dificuldades, hoje, é o caminho para a tomada de decisão, porém quando o Sistema, ou a máquina não lubrifica as engrenagens, ficamos de mãos atadas, entretanto sempre fazendo o possível. Ninguém abandonou o foi abandonado, queremos que esta frase seja também proferida em tempo futuro e modo verbal indicativo. Nosso sonho hoje é ter mais espaço para construir, desburocratizar e aprender mais, construir mais, plantar mais, estamos com sede, sede de saber, conhecer, ler, mudar, estudar. Nosso sonho é não acordar, entretanto buscar nosso lugar ao sol. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

O projeto educativo escolar: o que é; suas características; a quem o compete como tarefa, questionados a partir de perguntas como: o que é um projeto político-pedagógico? E a definição e revisão de um projeto educativo. Com estes estudos refletimos e repensamos nosso projeto educativo.

Com esta atividade registrei que:

O projeto pedagógico é a identidade de uma instituição escolar. Nele são definidos aspectos metodológicos, didáticos e funcionais. Um projeto pedagógico caracteriza-se pelo diagnóstico de uma comunidade, suas vontades, planos, objetivos. Atualmente projeto pedagógico da Escola Média é elaborado por toda a equipe escolar, comunidade e parceiros. Na prática educativa o projeto pedagógico ocupa papel de norteador das ações desenvolvidas, além de determinar saberes que serão privilegiados ao longo de sua execução. Na escola média necessita-se convergir saberes acadêmicos com a função social da escola, promovendo o acesso à cultura, a formação integral, desenvolvimento de habilidades e competências práticas, de leitura e escrita, preparando assim o jovem para o sucesso profissional e sócio-cultural por meio do protagonismo juvenil. Desta forma a equipe escolar deverá diagnosticar os saberes que à comunidade local e seu entorno necessitam para seu pleno desenvolvimento e atuação. Deve-se ter em mente: Para quem vamos ensinar? O que vamos ensinar? Quando vamos ensinar? Por que iremos ensinar? Para quem? Entre outras perguntas que estarão relacionadas à identidade da escola como formadora e mediadora da aprendizagem. Para a construção de projeto pedagógico sólido é necessário que toda a comunidade escolar participe, definindo desta forma sua intervenção colaborativa para que o projeto seja efetivo. O trabalho docente é realizado constantemente, durante as HTPC, planejamento, e em outros momentos específicos que proporcionam ao professor e a equipe avaliar e refletir sobre as ações planejadas na dinâmica que a escola propõe-se e direciona. Como Professor Coordenador é extremamente importante o acompanhamento das ações e a recondução do processo que deve primar pela flexibilidade e interação, em reuniões periódicas, troca de experiências e avaliação contínua. Conquistar um espaço de formação às vezes requer tempo e ações pontuais. Creio que o caminho é abrir portas para que todos possam compartilhar o conhecimento e enriquecer a prática e sua formação. (PROFESSOR COORDENADOR EM FORMAÇÃO)

4.17 O Professor em Formação. Material do Professor - Vivência Formativa, Tema 1

O trabalho nesta unidade teve como objetivo abordar aspectos de contextualização histórica e características gerais da atual escola média, a partir do levantamento do conhecimento prévio sobre a formação docente. Os professores em formação assistiram teleconferência realizando anotações para discutir a proposta de Antonio Nóvoa sobre a formação docente, vista como um espaço de mobilização pessoal e coletiva; um exercício de escuta da palavra; um processo de desenvolvimento pessoal e de consolidação do coletivo docente; um lugar da reflexão pedagógica; um processo de aprendizagem contínua; a escola como espaço privilegiado de informação profissional.

A proposta do Ensino Médio em Rede baseou-se em pressupostos e eixos organizadores, sendo estes o Ensino Médio como nível que finaliza a educação básica; a escola Média inclusiva e autônoma; a diversidade e unidade da escola

média; ações educativas interdisciplinares que visassem à construção de competências.

O grupo de professores discutiu e produziu a seguinte síntese sobre a fundamentação teórica, tendo como referência as idéias de António Nóvoa:

As colocações de Nóvoa são relevantes se as considerarmos no plano teórico. No plano prático, a realidade do ensino no Brasil é muito diferente do que ocorre nos países europeus, como é o caso de Nóvoa, Portugal. Quando estamos nos referindo a formação do professor a princípio pensamos que essa formação é negligenciada e incompleta. Essa premissa é em parte verdadeira e em parte falsa. Na verdade, ensinar é um processo que se aprende no cotidiano da escola. Esse é um princípio inclusive colocado por Nóvoa. O professor está em constante formação, porque a realidade do mesmo implica que ele veja as suas metodologias, são práticas. Outro fato que é necessário salientar é a excessiva burocratização no processo de formação continuada dos professores. Essa formação se apresenta de cima para baixo. Acreditamos que a formação deve atender os anseios do professorado. Este deve ser protagonista desse processo. Concluindo que:

- *O horário não favorece o desenvolvimento dos projetos já que os professores não possuem blocos de horários;*
- *O ambiente poucas vezes favorece o aprendizado;*
- *Acesso ao acervo e aos recursos tecnológicos é precário e deficiente;*
- *Depende do grau de comprometimento entre os professores. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)*

Outro professor sintetizou para o grupo:

Teoricamente as colocações do autor são relevantes. Em uma cultura européia pode ser que suas considerações façam parte da realidade. Quando nos referimos a formação do professor a princípio pensamos que essa formação é negligenciada e incompleta. Essa premissa é em parte verdadeira. Na verdade, ensinar é um processo que se aprende no cotidiano da escola. Esse é um dos princípios citados por Nóvoa. A formação do professor é contínua já que devemos rever nossas metodologias. A formação continuada dos professores deve atender nossos anseios. O horário não favorece ao cumprimento das atividades já que temos uma carga excessiva de trabalho e uma dificuldade em interagir coletivamente. Não há tempo hábil para a exposição de idéias e atingir um consenso. O grupo não está entrosado, há muitos conflitos a serem resolvidos. (PROFESSOR GRUPO NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Outro grupo de professores contribuiu:

Na visão de Antonio Nóvoa, o sucesso para o desenvolvimento da prática de ensino se deve principalmente no esforço que cada professor e escola devem exercer. A própria escola é a garantia de melhor desempenho profissional “professores” e o trabalho realizado em equipe, com as reflexões de outros profissionais ajudará cada profissional a crescer. Para Nóvoa, a teoria tem pouca utilidade, a não ser que o profissional-professor seja crítico e capaz de avaliar a sua própria vida, enquanto aluno e profissional. Existe muita resistência entre os profissionais para que seja colocada em prática concepção e modelos inovadores. É muito difícil romper paradigmas de que a escola tradicional seja o exemplo de “melhor”. Deve-se evitar a reproduções de prática de Ensino e procurar desenvolver mais a criatividade aliada à intuição e estar aberto às novidades, procurando variar os diversos métodos de trabalho. O trabalho em equipe, interdisciplinar é a única forma de evitar a tentação das modas pedagógicas. O professor precisa estar sempre em busca da melhoria contínua por si próprio e ser capaz de ver a escola além do lugar onde ele ensina, mas que tem muito a apreender. A profissão do “professor” precisa ser mais prestigiada e compete ao governo criar as condições básicas, como infra-estrutura e incentivos à carreira. Para Nóvoa, o perfil ideal do professor do Século XXI, deve se nortear principalmente pela ética, trabalho conjunto entre escola, professores e alunos. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Relações Interpessoais foram descritas:

Existem muito profissionais “professores” em cada escola e uma variedade de horários, o que dificulta uma interação entre todos. (PROFESSOR GRUPO NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Outro professor ressaltou:

A proposta do EMR é uma oportunidade de realização das idéias de A. Nóvoa. Algumas de suas idéias serão de difícil concretização, como é o caso da interdisciplinaridade. Na minha escola muitos professores adotam quase totalmente a pedagogia tradicional de ensino, argumentando que não formam e não são devidamente preparados para novas metodologias de ensino. Eu concordo com a proposta do EMR, pois a escola também é o lugar onde se aprende. Acho que apesar das dificuldades o EMR deve ser implantado nas escolas, sendo necessário que seus objetivos sejam alcançados, uma vez que com a integração dos professores de diferentes áreas curriculares em torno de temas de relevância em cada disciplina, será possível melhorar cada vez mais nossa prática de aula, formando alunos com uma visão mais ampla do conhecimento, mais preparados para o trabalho e o exercício da cidadania. O horário da HTPC e os recursos tecnológicos são insuficientes para realização das atividades do EMR. Não realizei as duas atividades do EMR pela Internet, pois foi reservado apenas um HTPC para sua realização, sendo que na segunda atividade o sistema caiu, como não tenho computador pessoal, fiquei prejudicada. (PROFESSOR GRUPO NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Os professores foram questionados com a pergunta: *A formação de professores: afinal onde se aprende a ensinar?* E responderam:

O professor é responsável por sua formação. A escola deve criar as condições básicas, como infra-estrutura e incentivo à carreira profissional. Responsabilidade profissional, estar sempre se atualizando e fazer cursos de capacitação. Deve ser priorizada dentro de qualquer programa de capacitação profissional, em sala de aula. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Foram abordadas questões como:

- 1- Quem são os jovens da escola média de hoje? Quais são suas necessidades e perspectivas?
- 2- Como a escola média se relaciona com outros dispositivos formadores, em especial com a mídia e a cultura?
- 3- Vestibular, trabalho e cidadania: é pertinente, desejável e possível essa articulação?
- 4- O que é formar para o mundo do trabalho nos dias de hoje?
- 5- Em que medida a escola contribui para ampliar as possibilidades de o jovem exercer a cidadania?
- 6- Que representações, conceitos e preconceitos circulam na escola em torno do jovem, de seu percurso escolar anterior, do professor e da família?
- 7- Quais as condições para a construção da identidade profissional do professor na escola média?
- 8- Qual o papel da escola média pública para os jovens que a freqüentam?

Em síntese foram registradas pelos professores as seguintes respostas:

São filhos de famílias de classes menos privilegiadas, desempregados, adultos que são obrigados a voltar ao mercado de trabalho que exige certificação. Alunos "excluídos" de recursos financeiros e culturais. Suas necessidades são a da certificação, ascensão social, concursos públicos, integração, vestibular. A família está desestruturada, com novos valores, não existe base para educar os filhos, ensinando valores como: cidadania, solidariedades, postura, comportamento. A família quer transferir essas noções para a escola, não cumprindo o seu papel. O jovem da escola

pública está menos preparado para enfrentar os desafios, não tem perspectivas. A escola pública a partir do momento passou a ser quantitativa de deixou de ser qualitativa por falta de recursos de capacitação para os professores, biblioteca e material pedagógico. O professor da escola pública é o mesmo profissional da rede particular e municipal, no entanto, o que falta na rede são recursos pedagógicos e integração aos iniciantes. Os alunos chegam sem base, devido ao processo de progressão continuada que faz uma reclassificação dos alunos pela faixa etária, muitos entram com idade avançada para a 1ª série do ensino básico. Há o problema de evasão que é alta e a retenção. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

4.18 Vivência Formativa - tema 2 - Professores e Alunos: Um encontro possível e necessário

Nesta vivência foram produzidos e analisados depoimentos sobre o distanciamento entre professores e alunos da Escola Média. A reflexão para as produções ocorreu a partir das queixas de professores em relação aos alunos e vice versa. As características atribuídas aos adolescentes foram identificadas a partir da análise de fotos.

Para contextualizar as concepções da adolescência refletiu-se sobre as características da juventude atual; os canais clássicos de manifestação de rebeldia; a questão dos limites; atividades que requerem atenção prolongada; o adolescente, a mídia e a violência; e o papel da escola.

Para analisar a temática foram utilizados dados de pesquisas sobre os jovens (SARESP/2003 e Mapa da Juventude) com os seguintes dados que foram relacionados à realidade da própria escola. A faixa etária e que pertencem; tempo despendido para concluir o ensino fundamental; nível de escolaridade dos pais; situação de trabalho atividades que praticam nível de inclusão digital; participação em grupos além das representações dos jovens e o papel da escola; como os alunos vêem os professores a opinião dos alunos sobre algumas práticas pedagógicas; a nota que dão para a escola e seus representantes; principais problemas da escola o que é ser um bom ou um mau professor e observar as diferenças entre os alunos da escola publica particular.

Foram refletidos projetos de vida: estudo, trabalho e família que também foram analisados coletivamente a partir dos dados da pesquisa relacionando-os a a realidade de cada escola permeando: escolha profissional; os saberes

necessários para viver; distanciamento entre escola e vida; desinteresse pela escola.

O grupo em estudo resumiu as idéias, concluindo a partir do texto “*Cultura Jovem e Cultura Escolar*” de Fanfani (2004)

O autor Emílio Tenti Fanfani inicia o texto Cultura jovem e Cultura Escolar com uma pergunta que nos conduz a refletir seriamente acerca de nossas ações: O que se oferece como educação escolar aos adolescentes e jovens da América Latina? O autor põe em questão toda ação escolar no papel de construir as pessoas da nova geração. A leitura desse texto nos convoca a pensar em nossa prática escolar em nível de continente. Ele aponta como primeiro questionamento o fenômeno da massificação, que conforme dados pesquisados, indicam que a escola para os adolescentes é uma escola em expansão. Além da massificação, que é um problema da escola moderna, o autor aponta outra mudança significativa, que a diferença dos adolescentes e jovens em relação às gerações e décadas passadas. Portanto, eles não são apenas quantitativos, e sim diferentes. A leitura do texto nos leva a um auto questionamento, acerca de nossa direção em relação a prática efetiva de nosso trabalho. Assim, Fanfani argumenta acerca do cenário social moderno, como as grandes mudanças dos modos de produção, as mudanças na estrutura familiar e social e demais aspectos culturais que afetam profundamente o processo de construção das subjetividades. Fanfani afirma também que o poder do sistema educativo para formar pessoas, hoje, é mais relativo e interligado do que nunca anteriormente. O autor nos informa que a juventude e a adolescência são construções sociais. Enfim, consola-nos dizendo que os professores não podem dar por descontada sua autoridade, porém tem de construí-la cotidianamente. (GRUPO DE PROFESSORES COORDENADORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Na leitura do texto “Protagonismo Juvenil” retomou-se o ponto de vista do currículo esse é o componente comum: leitura e escrita. Avaliadas práticas culturais promovidas pela escola; práticas letradas e humanização; e a escola como um espaço eu circulam.

4.19 Vivência Educadora - tema 01 - A transformação de problemas e soluções em projeto de trabalho

Nesta vivência foram abordados aspectos como o perfil leitor dos alunos do Ensino Médio e as políticas públicas de incentivo à leitura, analisando os dados gerais do SARESP/2003, relacionando-os e registrando as observações da escola em questão a reflexão partiu sobre o impacto das políticas públicas na atuação docente.

As práticas de leituras e escrita no cotidiano da escola foram identificadas no projeto político-pedagógico e no plano de ensino, nas propostas de ações referentes ao desenvolvimento de competências leitoras e escritoras.

A competência leitora foi discutida coletivamente e foram sistematizados os conteúdos que deveriam ser abordados por série e disciplina. Também os gêneros que circulam nas diferentes disciplinas e área, sendo verificados os materiais de leitura utilizados na escola. A equipe avaliou as facilidades e dificuldades mais comuns para os alunos nesta etapa. Realizou-se um diagnóstico de uso de acervo escolar de livros, fitas, softwares e outros materiais pedagógicos.

Iniciou-se o planejamento do projeto interdisciplinar com a produção de um artigo de opinião pelo a os alunos, tendo em vista um levantamento bibliográfico de com sugestões e temas discutidos a partir de um roteiro apresentado em sugestão. Foi também apresentado o projeto aos alunos.

O projeto foi levado à sala de aula a partir dos temas discutidos e avaliado o conhecimento prévio dos alunos sobre os temas apresentados. Estas atividades foram socializadas e as informações apresentadas e discutidas com os docentes para socialização dos desafios a serem enfrentados nos trabalhos com os alunos.

4.20 Vivência Educadora - tema 2 - Práticas de Leitura: É Preciso Mudar?

Nesta fase o programa abordou a competência leitora do aluno do ensino médio em avaliações como o Enem, relacionando o desempenho dos alunos com habilidades de leitura.

A leitura foi apresentada como compromisso de todas as áreas e discutidas atividades e capacidades leitoras refletidas no contexto da pratica docente.

Os professores vivenciaram e analisaram o processo de compreensão de texto a partir do vídeo “Leitura para cidadania: que capacidades precisam ser desenvolvidas?”, aprofundando as seguintes capacidades de leitura: ativação de conhecimento prévio; levantamento de checagem de hipóteses; produção de inferências; estabelecimento intertextualidade; estabelecimento de objetivos.

Também foram aprofundadas práticas de leitura: localização de Informação; comparação de informações; generalização; recuperação do contexto de produção do texto; percepção de relações de intertextualidade e interdiscursividade; percepção de outras linguagens; elaboração de apreciações estéticas e afetivas; elaborações de apreciações relativas a valores éticos e políticos.

Neste processo houve uma reflexão sobre os conceitos de alfabetização e letramento e também sobre concepções de leitura, e o conceito de gênero do discurso orientado metodologicamente para o trabalho possível em sala de aula.

4.21 Vivência Formativa - tema 3 - O Currículo a Escola Média

Visão histórica e as perspectivas atuais do Ensino Médio foram discutidas a partir da lei de diretrizes e bases da educação nacional comparando a escola que o professor estudou com a escola em que leciona hoje.

A demanda que é apresentada ao trabalho docente a partir dos movimentos de reforma do Ensino Médio e o impacto da expansão do acesso dos jovens ao ensino médio e as diretrizes curriculares nacionais. As mudanças nas tecnologias de comunicação e informação e os impactos no mundo do trabalho na cultura e na vida social e os efeitos perversos “Da nova ordem mundial” em nosso país: desemprego, aumento da concentração de renda, crescimento do mercado informal e as novas demandas que a escola deve atender apresentadas a partir do vídeo “O contexto sócio histórico da reforma do ensino médio”.

O currículo em áreas começa a ser discutido a partir das finalidades proposta ao Ensino Médio a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais e dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

As relações entre: mundo globalizado e finalidades do Ensino Médio currículo áreas dos conhecimentos contextualização, competências e interdisciplinaridade comparadas ao modo pelo o professor aprendeu as disciplinas de sua área e sua forma de ensiná-las hoje.

O significado e o papel das disciplinas da área na escola do século XIX e o papel da disciplina que leciona a partir de elementos comuns a as disciplina da

área: conceitos e temas; métodos e procedimentos; situações de aprendizagem e linguagens tendo como base o texto “A articulação entre as disciplinas em cada uma das áreas dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A compreensão e a produção de textos foram refletidas a partir da organização curricular da própria área em estudo. Assim o grupo de docentes em formação registrou sínteses sobre as atividades durante o processo de formação.

O grupo acha que as mudanças são necessárias e justas, uma vez que o Ensino Médio atual atende mais as expectativas dos alunos e dos pais; existe uma crise de identidade, pois não se sabe que tipo de aluno quer se formar, se para a cidadania, se para o vestibular, se para o trabalho, acabando não acontecendo nem coisa nem outra. A divisão do currículo em áreas é um passo em direção de possíveis soluções. As áreas de estudos podem possibilitar uma otimização dos conteúdos, o que poderia dar início à quebra da fragmentação do conhecimento. A configuração dos trabalhos do professor representante na oficina pedagógica na forma de vídeo conferência é interessante na medida em que permite certa interação, porém, às vezes os trabalhos são muito extensos e repetitivos, quando as reuniões são conduzidas no âmbito da cidade dos professores, as trocas de experiência são mais enriquecedoras. (GRUPO DE PROFESSORES CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS EM FORMAÇÃO)

O grupo de professores em formação debateu e registrou também seus relatos:

Professores da U.E mostraram-se solícitos quando foi pedido sugestões a respeito do assunto. Apontaram sugestões e caminhos que podem ser seguidos para que as disciplinas caminhem mais próximas. Infelizmente falta tempo para que se aprofundem mais as discussões e se possa avançar mais, tendo um resultado mais concreto. Porém, mesmo com todas as debilidades do nosso sistema educacional é importante ressaltar que os professores, na sua maioria, reconhecem que é preciso que haja mudanças em pontos do currículo para que os alunos percebam mais as relações entre as disciplinas da área. Apontam, no entanto, que o assunto precisa ser melhor debatido na escola. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

O sentido do aprendizado na área.

As propostas de mudanças no ensino médio da rede pública estão voltadas para a qualidade, que tem por objetivo conduzir o educando a ser protagonista de seu próprio aprendizado e a busca da melhoria contínua para formação de sua cidadania. Através da inclusão do aluno, ele terá uma visão atualizada do mundo e a capacidade de absorver os conteúdos inerentes a sua realidade. A sociedade atual exige o conhecimento e o estudante de hoje, tem que ser dinâmico, crítico, ético, relacionar-se interpessoalmente com seus pares. Um conhecimento qualitativo será o veículo que conduzirá o jovem a conviver dentro de uma sociedade competitiva e globalizada. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

Organização do currículo em áreas

Atualmente, sabemos que o Ensino Médio, não deve ser visto mais, como ensino do meio, intermediário entre a fase básica do aprendizado e o nível superior. Sendo assim o ensino médio deverá ser visto como um processo de continuidade do ensino-aprendizagem. Sabemos que esta aprendizagem concreta, provém das artes, ciências, códigos e linguagens, espaço geográfico, a contextualização histórica, etc. Este currículo que se estruturou no ensino, através dos anos, talvez não seja o mais ideal, para fazer a ponte necessária, entre o ensino que contribua a aprender a viver a ser. Fazendo com que ocorra o amadurecimento do jovem e ele possa sentir-se seguro para enfrentar o mercado de trabalho e prosseguir seus estudos, seja no nível técnico ou superior. Hoje, percebe-se a ausência dos conteúdos considerados tradicionais nas escolas, devido à explosão demográfica e ao aumento do acesso ao ensino público. Isto faz com que as pessoas que vivem longe da escola, por exercer atividades rurais ou secundárias, hoje dentro da contextualização do Ensino Médio, vejam a escola como único baluarte para seu desenvolvimento. A aprendizagem concreta só se fará acontecer, através do aluno que souber e for capaz de observar, relatar e interferir no mundo em que vive. A interdisciplinaridade contextualizada na educação pode ser a saída mais possível e satisfatória para nosso aluno do Ensino Médio. (GRUPO DE PROFESSORES NOTURNO EM FORMAÇÃO)

4.22 Vivência Educadora - tema 3 - Leitura e Escrita: Trabalhando com as seqüências didáticas

A unidade contemplou a análise de produção de textos propondo uma reflexão sobre as práticas relativas ao desenvolvimento da competência escritora do aluno. Foram apresentadas as características de um artigo de opinião tendo como texto base esse gênero discutindo o papel da atual escola média, com foco na própria área de atuação. Desta forma o professor em formação escreveu junto à equipe artigos de opinião, identificando suas características e planejou uma atividade de seqüência didática para aplicação em sala de aula, avaliando e replanejando a proposta.

A seguir, destacaremos o papel do formador o Coordenador Pedagógico, na execução das atividades, de acordo com a legislação vigente, com o objetivo de apresentar sua importância destacada na lei e na prática eficaz de sua função.

Em consonância com objetivo geral desta pesquisa buscamos conhecer e estudar o significado atribuído por professores de Ensino Médio ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador.

Apresentamos na seqüência o papel do Professor Coordenador no processo de ensino e aprendizagem, tendo como foco a leitura na formação dos docentes.

CAPÍTULO 5 - O COORDENADOR PEDAGÓGICO: A LEITURA EM FOCO

Nesta parte da pesquisa, destacamos a importância da função do Professor Coordenador, na Rede Estadual de São Paulo. Buscamos demonstrar que a legislação aproxima-se do exposto em nosso estudo e aponta esse profissional como responsável pela implementação de políticas públicas que priorizam a aprendizagem como foco.

Descrevemos as mudanças na função a partir de 2008 e apresentamos a concepção formativa que este profissional exerce, tendo em vista a leitura como foco.

O Governo Estadual de São Paulo anunciou uma agenda para a educação por meio de um programa de metas para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem.

Acreditamos ser necessária a descrição do contexto das políticas públicas em que a pesquisa será realizada para melhor compreensão do problema proposto. Uma destas mudanças diz respeito principalmente à função gratificada de Professor Coordenador para a concretização das seguintes metas para 2010:

1. Todos os alunos de 8 anos plenamente alfabetizados
2. Redução de 50% das taxas de reprovação da 8ª série
3. Redução de 50% das taxas de reprovação do Ensino Médio
4. Implantação de programas de recuperação de aprendizagem nas séries finais de todos os ciclos de aprendizagem (2ª 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio).
5. Aumento de 10% nos índices de desempenho do Ensino Fundamental e Médio nas avaliações nacionais e estaduais.
6. Atendimento de 100% da demanda de jovens e adultos de Ensino Médio com currículo profissionalizante diversificado.
7. Implantação do Ensino Fundamental de nove anos, com prioridade à municipalização das séries iniciais (1ª a 4ª séries)
8. Programas de formação continuada e capacitação da equipe

9. Descentralização e/ou municipalização do programa de alimentação escolar nos 30 municípios ainda centralizados.

10. Programa de obras e melhorias de infra-estrutura das escolas

Foram propostas também as medidas para a implantação das ações:

1. Criação da função professor coordenador e seleção de 12 mil professores.
2. Concurso para 300 novas vagas de supervisor de ensino e revisão de suas atribuições.
3. Fortalecimento do papel do diretor da escola na liderança do processo de implantação do modelo de gestão.
4. Criação de Grupo de Trabalho para implantar o Ensino Fundamental de 9 anos.
5. Criação de comissão organizadora do Plano Estadual de Educação.

É importante ressaltar que os Professores Coordenadores na Rede Estadual de ensino, são designados para exercer a função, sendo afastados de suas aulas na maioria dos casos, para desenvolver um trabalho específico, regulado pela legislação. Este processo ocasiona grande mobilidade e troca de profissionais, pois se trata do exercício de uma função e não de um cargo de trabalho o que impede a continuidade de um trabalho efetivo.

Esta função por muito tempo não recebeu devida atenção, sendo extremamente burocrática e sem objetivos claros, trazendo profissionais que não gostariam de estar atuando em sala de aula, para não enfrentar os desafios diários da vivência do cotidiano da escola: a indisciplina, a falta de apoio para ações educativas e a diversidade do trabalho pedagógico entre outras muitas situações que podem ser exaustivamente enumeradas.

Visando implementar mudanças e adequar o perfil pra as novas propostas cerca de seis mil Professores Coordenadores foram dispensados e passaram por novo processo seletivo visando atender o perfil das propostas de ensino e metodologias no Estado de São Paulo. Houve também a ampliação de vagas,

totalizando doze mil profissionais designados para trabalhar com ciclos determinados, o que consideramos um avanço para a valorização desta função.

Neste contexto de mudança a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo apresenta uma nova Proposta Curricular criada a partir do acervo documental já existente e consultando os professores sobre boas práticas, destacando as habilidades e competências de leitura e escrita.

O documento propõe: *“Os princípios orientadores para uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo”* (PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO 2008:08)

Assim a Secretaria da Educação a partir da Resolução SE – 88 de 19-12-2007 considera que:

A Coordenação Pedagógica se constitui em um dos pilares estruturais da atual política de melhoria da qualidade de ensino e que os Professores Coordenadores atuam como gestores implementadores dessa política com objetivos de:

- ampliar o domínio dos conhecimentos e saberes dos alunos, elevando o nível de desempenho escolar evidenciado pelos instrumentos de avaliação externa e interna;
- intervir na prática docente, incentivando os docentes a diversificarem as oportunidades de aprendizagem, visando à superação das dificuldades detectadas junto aos alunos;
- promover o aperfeiçoamento e do desenvolvimento profissional dos professores designados, com vistas à eficácia e melhoria de seu trabalho resolve:

Art.1º A coordenação pedagógica nas unidades escolares e oficinas pedagógicas, a partir de 2008, será exercida por Professores Coordenadores, na seguinte conformidade:

1. Professor Coordenador para o segmento de 1ª a 4ª série do ensino fundamental;

2. Professor Coordenador para o segmento de 5^a a 8^a série do ensino fundamental;
3. Professor Coordenador para o ensino médio.

A mesma Resolução Art. 2º dispõe sobre as atribuições do Professor Coordenador:

1. Acompanhar e avaliar o ensino e o processo de aprendizagem, bem como os resultados do desempenho dos alunos;
2. Atuar no sentido de tornar as ações de coordenação pedagógica espaço coletivo de construção permanente da prática docente;
3. Assumir o trabalho de formação continuada, a partir do diagnóstico dos saberes dos professores para garantir situações de estudo e reflexão sobre a prática pedagógica, estimulando os professores a investirem no desenvolvimento profissional;
4. Assegurar a participação ativa de todos os professores do segmento / nível objeto da coordenação, garantindo a realização de um trabalho produtivo e integrador;
5. Organizar e selecionar materiais adequados às diferentes situações de ensino e de aprendizagem;
6. Conhecer os recentes referenciais teóricos relativos aos processos de ensino aprendizagem, para orientar os professores;
7. Divulgar práticas inovadoras, incentivando o uso dos recursos tecnológicos disponíveis.

Destacamos nestas nas atribuições para a função de Professor Coordenador, associadas às finalidades e objetivos no ensino médio.

O ensino médio tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (art.22, lei n. 9.394/96).

A compreensão leitora como habilidade indispensável para o exercício da cidadania, a vinculação ao mundo do trabalho e o desenvolvimento de autonomia, características de currículo são estabelecidas pela LDB:

Na perspectiva da nova lei, o ensino médio, como parte da educação escolar, *“deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social”* (art. 1º, § 2º da lei 9.394/96).

A lei estabelece uma perspectiva para esse nível de ensino que integra, numa mesma modalidade, finalidades até então dissociadas, para oferecer, de forma articulada, uma educação equilibrada, com funções equivalentes para todos os educandos:

- A formação da pessoa, de maneira a desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa;
- O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- A preparação e orientação básica para sua integração ao mundo do trabalho, com as competências que garantam seu aprimoramento profissional e permitam acompanhar as mudanças que caracterizam a produção no nosso tempo;
- O desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos.

A necessidade do trabalho com a leitura como conteúdo didático, reafirma a relevância social de pesquisas sobre esta temática. Em 2008, nas escolas estaduais de São Paulo os 45 primeiros dias de aula tiveram ênfase no ensino de Língua Portuguesa e Matemática, sendo estas disciplinas entendidas como suporte para o desenvolvimento das demais presentes no currículo educacional a partir do princípio da interdisciplinaridade.

Na questão do formador de professores destacamos pesquisas e estudos organizados por Almeida e Placco (2006), que discutem o Coordenador Pedagógico e o espaço de mudança e questões da contemporaneidade, tendo

em vista a importância da formação continuada e de pressupostos necessários para busca de caminhos mais promissores para o ensino.

Para a concretização de um ensino de leitura que leve a aprendizagem, acreditamos que o coletivo da escola é a mola propulsora para que as atividades e expectativas sejam efetivadas. O trabalho compartilhado entre as áreas de conhecimento facilita o acesso e a compreensão de conceitos e sua aplicabilidade.

O Projeto Pedagógico da escola traduz esse movimento quando não é somente um mero documento burocrático, quando é conhecido, avaliado, reconstruído juntamente com toda a comunidade escolar.

Nesta perspectiva concordamos com Orsolon (2001:19) que:

O Coordenador é apenas um dos atores que compõe o coletivo da escola. Para coordenar, direcionando suas ações para a transformação, precisa estar consciente de que seu trabalho não se isoladamente, mas nesse sentido da construção de um projeto político-pedagógico transformador. É fundamental o direcionamento de toda a equipe escolar, com a finalidade de explicitar seus compromissos com tal prática político-pedagógica verdadeiramente transformadora.

As ações para o ensino de leitura podem ser articuladas também entre a comunidade e a família abrindo possibilidades de contribuição para a melhoria da qualidade do ensino, facilitando a difusão da leitura na escola por meio da motivação e do incentivo, necessários ao processo de ler.

Verificamos a partir das metas estabelecidas pelo Governo do Estado até 2010, a preocupação com um ensino que atenda às necessidades dos estudantes em relação à redução da reprovação, formação dos professores e infra-estrutura. Nestas metas a função do Professor Coordenador é essencial para a concretização dos objetivos propostos.

A compreensão leitora neste sentido é um dos focos de trabalho do Professor Coordenador, na formação dos Professores, sendo enfatizada na atual legislação.

Acreditamos que a o cumprimento das funções pedagógicas do Professor Coordenador, de acordo com o previsto na legislação vigente, em que a leitura é

um dos focos necessários e primordiais à aprendizagem contribua para um ensino que atenda a realidade dos estudantes.

A seguir descremos o processo metodológico que utilizamos para a coleta, análise e interpretação dos dados na realização desta pesquisa.

CAPÍTULO 6 - METODOLOGIA

Com a finalidade de conhecer e estudar o significado atribuído por professores de Ensino Médio ao Programa de Formação Continuada em Compreensão Leitora, desenvolvido sob a orientação do Professor Coordenador, Ensino Médio em Rede, estudamos uma escola pública, de referência, localizada em São José dos Campos. Tivemos como subsídios materiais e ferramentas do programa Ensino Médio em Rede, promovido pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Estabelecemos como objetivos específicos: identificar, analisar e discutir, a partir do depoimento dos professores, o significado atribuído ao Programa EMR, de Formação Continuada em Compreensão Leitora no que se refere ao desenvolvimento de aspectos do processo de ensino e aprendizagem junto aos seus alunos.

Nosso objetivo ao escolher o Programa Ensino Médio em Rede é realizar um estudo exploratório, dada sua inovação na Rede Estadual de Ensino de São Paulo, visto que sua implementação e desenvolvimento aconteceram entre os anos de 2004 e 2006 e há poucas pesquisas relatando os resultados obtidos por este Programa.

O foco principal ao qual se propôs este trabalho é o estudo da leitura sob a perspectiva do Coordenador Pedagógico e dos Professores.

O referencial teórico privilegiado em nossa pesquisa é o sóciocognitivo-interacional, abordando em relação à aprendizagem aspectos relacionais entre o leitor o texto e autor, e em relação ao ensino a mediação do professor.

Delimitada a problemática a ser investigada e o referencial teórico para a fundamentação desta pesquisa estabelecemos a partir dos objetivos propostos a opção de realizar uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a dimensão da questão levantada. Entendemos assim, segundo Chizzotti (2006:28) que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

Como buscamos respostas a uma determinada situação vivenciada em um período de tempo determinado, elegemos como estratégia de pesquisa, o estudo de caso, para verificar nesta determinada realidade, as concepções e significados atribuídos ao Programa Ensino Médio em Rede, no tocante a compreensão leitora. Chizzotti (2006:135) descreve sobre esta modalidade que:

objetiva reunir dados relevantes sobre o objetivo de estudo, e, desse modo, alcançar um conhecimento mais amplo sobre esse objeto, dissipando as dúvidas, esclarecendo questões pertinentes, e, sobretudo instruindo ações posteriores.

É relevante ressaltar que a escola pesquisada é tida como referência na Rede Pública Estadual na cidade de São José dos Campos, São Paulo, reconhecida pela comunidade como de boa qualidade de ensino, comprovado pelas avaliações externas como SARESP e ENEM, que indicam médias superiores às da Diretoria de Ensino e do Estado.

Entender as causas do sucesso desta Unidade Escolar é de extrema importância para verificar as especificidades e o contexto em que ocorrem os resultados.

Chizzotti (2006:137) descreve este tipo de estratégia de pesquisa como estudo de caso intrínseco:

procura conhecer melhor um caso particular em si, mesmo porque em sua singularidade ordinária e específica torna interessante esse caso mesmo que não seja representativo ou ilustrativo de outros casos. O objetivo da pesquisa não é construir teorias ou elaborar construções abstratas, mas compreender os aspectos intrínsecos de um caso em particular, seja uma criança, um paciente, um currículo ou organização etc.

6.1 Sujeitos

Em um grupo de aproximadamente 20 professores em formação, no período entre 2004 e 2006, convidamos os professores que se prontificaram a participar deste estudo. Nossa perspectiva para análise foi pautada nas áreas do conhecimento, entendidas no Ensino Médio no período descrito em:

- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, abrangendo os componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Arte e Educação Física
- Ciências Humanas e suas Tecnologias, abrangendo os componentes curriculares: História, Geografia e Filosofia.
- Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, abrangendo os componentes curriculares: Matemática, Física, Química e Biologia.

Na busca de informações determinamos que os sujeitos estivessem distribuídos, representando as áreas do conhecimento relativas às disciplinas.

A partir do convite a participar desta pesquisa, conseguimos adesão de 05 professores que participaram do Programa Ensino Médio em Rede e que continuam atuando na escola em que estiveram em formação continuada em serviço. Este critério era previsto e justifica-se para que possamos ter elementos para analisar sua trajetória formativa, antes, durante e depois da realização do programa. Sendo assim, os professores de acordo com a área que atuam são:

- 01 Professor de Língua Estrangeira
- 01 Professor de Matemática
- 02 Professores de História
- 01 Professor de Física

6.2 Técnicas

Com o objetivo de obter dados sobre o significado do Programa Ensino Médio em Rede, na formação continuada de professores em compreensão leitora, construímos o instrumento: entrevista com Professores de uma escola de referência no município de São José dos Campos, para coleta de dados, análise e interpretação de dados. (Anexo 2)

As questões levantadas surgiram, também, do meu cotidiano profissional, em que fui formador, Coordenador Pedagógico o que me proporcionou visionar a necessidade de pesquisar, investigar e aprender mais sobre o tema, objetivando

desta forma descrever, analisar e discutir o significado para os sujeitos participantes do processo formativo em compreensão leitora.

A proposição da entrevista para análise do problema de pesquisa tem como objetivo a escuta ativa dos sujeitos participantes, a partir da reflexão de suas práticas e aprendizagens. Neste sentido buscamos verificar a experiência profissional na constituição do professor em formação, tendo em vista seu conhecimento e a valorização de sua experiência.

Rego (1995:117) corrobora afirmando:

Os professores têm idéias, hipóteses, princípios explicativos e conhecimentos (baseados na sua experiência de vida e na sua trajetória como aluno e profissional) que quando revelados, podem oferecer importantes pistas e subsídios na busca de novos modos de ação junto a eles.

O instrumento criado para obter os dados informativos (Anexo 2) foi concebido com base dos objetivos propostos e foi dividido em categorias para posterior análise. Buscou-se com a construção deste instrumento, identificar os seguintes eixos para posterior análise.

- a) Caracterização: com o objetivo de conhecer a formação inicial, complementar, e o tempo de exercício no magistério, foram elaboradas perguntas para identificar a formação dos professores, cursos complementares, tempo de atuação no magistério, horas de trabalho semanal, e funções na escola;
- b) Prática Pedagógica: em que se buscou o depoimento dos sujeitos da pesquisa sobre a metodologia e a rotina do professor na escola;
- c) O professor e a leitura: buscou-se conhecer, por meio do depoimento dos professores, a concepção de leitura, seu ensino e avaliação, bem como a formação específica sobre leitura que os professores possuem e a atuação do Professor Coordenador na formação continuada;
- d) Ensino Médio em Rede: procurou-se, por meio dos depoimentos e relatos dos professores o significado do Programa Ensino Médio em Rede, observando se os professores sinalizaram mudanças na prática pedagógica em relação ao ensino e aprendizagem de leitura.

6.3 Procedimentos

Contato Inicial do Pesquisador.

Após contato e autorização da Direção da Escola, apresentaram-se os objetivos a diversos participantes do Programa Ensino Médio em Rede, estabelecendo como critério a divisão em áreas do conhecimento. De acordo com a disponibilidade em participar deste estudo, quatro professores representantes das áreas do conhecimento concederam os depoimentos.

A entrevista ocorreu na Escola em questão, no horário de trabalho dos participantes, Horário de Trabalho Pedagógico (HTPC) com prévia leitura dos objetivos do pesquisador e concordância dos sujeitos. (Anexo 1)

6.4 Tratamento dos dados

Após transcrição das entrevistas, leitura inicial foi estabelecido como procedimento inicial, a criação de um quadro comparativo das respostas obtidas nos depoimentos dos sujeitos participantes. (Quadros Comparativos).

Foram criados outros quadros por bloco de perguntas, para análise que sintetizam as respostas, que apontam os pontos comuns e a diversidade da apresentação dos depoimentos.

6.5 Análise

Segundo Moroz e Gianfaldoni (2002:74) é de fundamental importância que o pesquisador, após ter coletado os dados que poderão responder ao problema colocado, torne-os inteligíveis. Tornar os dados inteligíveis significa organizá-los de forma a propor uma explicação adequada àquilo que se quer investigar; um conjunto de informações sem organização é de pouca serventia, daí ser importante o momento da *análise dos dados*, quando se tem uma visão real dos resultados obtidos. É nesta etapa que o conjunto do material (as informações

coletadas) passa por um processo de análise, termo que apresenta vários significados, dentre eles *decompor um todo em suas partes, esquadrihar, examinar criticamente!*

A análise dos dados foi realizada a partir de quatro eixos: Caracterização, Prática Pedagógica, o Professor e a leitura e o Programa Ensino Médio em Rede.

Os eixos criados tiveram como objetivos verificar aspectos presentes em nossa questão de pesquisa, em que focamos conhecer mais especificamente o significado do Programa Ensino Médio em Rede no tocante ao ensino e aprendizagem de leitura.

Recorremos à fundamentação teórica presente nesta pesquisa para buscarmos verificar respostas a nossa questão de estudo e identificar nos depoimentos como este Programa impactou na prática dos docentes.

CAPÍTULO 7: ANÁLISE E DICUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo desta análise é discutir as respostas obtidas pelos sujeitos participantes da pesquisa em que nossos objetivos são descrever, analisar e discutir o significado de um processo formativo em compreensão leitora por professores, participantes do Programa Ensino Médio em Rede.

Inicialmente apresentamos informações sobre a Unidade Escolar pesquisada, para contextualizarmos o lócus onde as informações foram obtidas.

Consultamos o projeto político-pedagógico da escola construído coletivamente, e norteado a partir das diretrizes do Programa Ensino Médio em Rede, a proposta de trabalho documentada e a caracterização da clientela atendida. As informações foram obtidas em consulta aos documentos disponibilizados na Unidade Escolar.

Desta forma objetivamos analisar e discutir o significado do depoimento dos professores no tocante ao processo formativo em compreensão leitora, trazendo informações sobre como este Programa de formação incidiu na práxis pedagógica dos docentes.

7.1–O projeto político-pedagógico da escola pesquisada: construção

No projeto político-pedagógico da instituição, construído na fase final do Programa Ensino Médio em Rede e subsidiado pelos textos e materiais do processo formativo, o professor discutiu coletivamente as características da ação de planejar e o lugar dos projetos na organização da ação humana. Foram discutidas também as relações que se podem estabelecer entre projetos profissionais individuais e projeto educativo escolar.

Para contextualizar a temática da importância da compreensão leitora, o projeto educativo foi estudado em suas especificidades conceituais, permeando a idéia de sua construção e reelaboração, em 2007

Ficou evidente para toda equipe que o trabalho com as competências leitora e escritora deveriam permear o ensino em todas as áreas do conhecimento sendo tratadas no coletivo e de forma interdisciplinar.

7.2–Caracterização da unidade escolar

A unidade escolar pesquisada está localizada na cidade de São José dos Campos, num bairro comercial e residencial, próximo à Rodoviária Nova e a Prefeitura e Câmara Municipal, cercada por três favelas. No mesmo quarteirão há outra escola estadual separada apenas por um muro. A comunidade da escola vizinha escola quando conclui o Ensino Fundamental é direcionada para a escola pesquisada que é exclusiva de Ensino Médio.

A escola está inserida numa área de 120.000 m², seu prédio é conservado e cuidado pela clientela que, desde pequenos sonham em estudar nela. Há um pátio muito aconchegante, com um palco e a rádio ao lado, onde os alunos fazem comunicação, interação, interlocução e entretenimento. Há 19 salas de aula que são amplas e com mobiliário conservado.

A unidade possui três quadras, sendo uma delas coberta e com arquibancada, criando um espaço completo para a prática esportiva e de outras atividades.

Para as aulas ao ar livre, como atividades esportivas, há uma mesa e bancos em alvenaria, de 12 metros, onde os alunos se agrupam para estudar e realizar trabalhos, pois são de comunidades distantes e tem dificuldade em se reunirem.

Em depoimento a Direção da Unidade Escolar relata:

Nossa meta principal é avançar nas experiências, usando a metodologia da ação-reflexão-ação, para que educandos e educadores possam ter seus horizontes ampliados, tanto na área pedagógica como na social, transformando-se num processo irreversível para a formação pessoal. (DIREÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA)

A escola pesquisada no ano de 2008 atendeu a 2200 alunos do Ensino Médio e mais 1100 alunos do Centro de Estudos de Línguas (CEL).

A população do bairro em sua maioria é de antigos moradores e seus filhos e netos que já foram alunos da Escola. Hoje, são filhos e netos de moradores recentes.

É uma escola muito grande. Suas instalações são compostas por laboratório de informática, laboratório de Física, Química, auditório, biblioteca com acervo adequado e seis salas específicas para o (CEL), com multimídia para aulas de Japonês, Alemão, Francês, Italiano e Espanhol.

Direção e corpo docente tentam motivar os jovens e despertar neles a capacidade de indignação diante de atitudes desumanas. Ao mesmo tempo, procuram sensibilizá-los e fortalecê-los para acreditarem que são capazes de ajudar a melhorar, a modificar ou até transformar a realidade.

A Direção da escola relata que:

Para isso basta o grupo unir as idéias, discutir, identificar os caminhos e priorizar determinadas habilidades e competências para a execução de cada projeto. (DIREÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA)

Os resultados apresentados nas avaliações externas revelam à porcentagem de acertos em Leitura e evidenciam que os alunos da Unidade Escolar tiveram desempenho, bem superior, a média dos alunos do Estado de São Paulo e da Diretoria da cidade de São José dos Campos.

7.3 Proposta de trabalho da escola pesquisada

Inicia-se o elo com os pais, no momento da matrícula, quando é explanada como será a trajetória dos estudantes na Escola. Esses contatos têm a duração de uma semana. São 800 alunos que iniciam a cada ano, agrupados por região, com data pré-estabelecida e atendidos em uma sala de aula, pela equipe

gestora, com no máximo 40 pais, e reunião com duração de aproximadamente uma hora.

Os responsáveis recebem informações sobre a proposta pedagógica a ser desenvolvida no 1º ano, opinam e suas sugestões são anotadas.

São divulgadas informações sobre o calendário escolar, datas das reuniões bimestrais e dos eventos. Os presentes são orientados sobre os recursos disponíveis para os filhos e a comunidade, também sobre o Regimento Escolar (direitos e deveres dos alunos), os projetos já existentes Centro de Estudos de Línguas (CEL), e os em andamento e solicitado o envolvimento como novos parceiros.

Há orientações sobre a função da Associação de Pais e Mestres (APM) e do Conselho de Escola, com o convite a fazerem parte desses colegiados. Ainda são motivados a participarem da escola e fazer o uso dos espaços escolares como parceiros. A primeira palestra oferecida aos pais versa sobre o tema: *Como a escola e a família devem seduzir seus filhos para que o mundo das drogas não os seduzam.*

7.4 Caracterização da Clientela

Segundo diagnóstico realizado pela escola os alunos apresentam diferentes níveis de aprendizagem, principalmente os que vieram de escolas com outras realidades, sendo que, em algumas salas, há grandes diferenças na faixa etária, ocasionando um andamento mais lento na aprendizagem. Estes também encontram dificuldades de locomoção, pois precisam tomar dois ônibus para a virem e dois para a voltarem.

Também é evidente a falta de acompanhamento por parte dos pais, no dia-a-dia. Os responsáveis não comparecem à escola para saber de seus filhos, nem mesmo às reuniões marcadas pela direção para apresentação das notas. Os pais alegam que os estudantes são responsáveis e muitos trabalham para ajudar no orçamento familiar ou para o seu próprio sustento, sendo que, atualmente há muitos desempregados. Muitos alunos demonstram grande carência afetiva que é manifestada em seu comportamento.

Muitos moram em habitações simples e alguns em favelas e poucos têm melhores condições econômicas.

Quanto a religião a maioria segue a católica.

Estes alunos, em sua maioria pertencem à classe média baixa e esperam um ensino de boa qualidade que lhes dêem oportunidades de evolução e continuidade nos estudos.

É notório que os alunos da primeira série, vindo de outras escolas, ainda estão num período de adaptação ao novo ambiente escolar e encontram algumas dificuldades em relação ao rendimento escolar.

A freqüência é satisfatória. Normalmente alguns faltam à primeira aula devido à dependência de condução e situação econômica, pois trabalham.

7.5 Formador e Formandos: Uma experiência com o Programa Ensino Médio em Rede (EMR).

Apresentamos os dados referentes às entrevistas realizadas com os professores participantes com a finalidade de descrever, analisar e discutir o significado de um processo formativo em compreensão leitora por professores, participantes do Programa Ensino Médio em Rede (EMR).

Na organização da análise e na elaboração da interpretação enfatizamos quatro eixos, a saber:

- Caracterização dos sujeitos da pesquisa
- Depoimento sobre a Prática Pedagógica
- Professor e a leitura
- Programa Ensino Médio em Rede.

Os professores participantes da pesquisa serão nomeados como: Adriano, Eduardo, Silvia, Carlos e Milton.

7.6 Eixo : Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Com o objetivo de conhecer a formação inicial, complementar, e o tempo de exercício no magistério, foram elaboradas perguntas para caracterizarmos atuação dos sujeitos de pesquisa na Unidade Escolar pesquisada.

Os professores entrevistados são efetivos da mesma escola, e todos cursaram licenciatura. O Professor Adriano em Geografia, Professor Eduardo em Física, Professora Silvia em Inglês, Professor Carlos em Matemática e o Professor Milton em História.

Quanto à formação complementar o Professor Adriano realizou cursos oferecidos pela Diretoria de Ensino e não reconhece em seu depoimento estes cursos de formação continuada ou orientações técnicas como formação complementar.

O Professor Eduardo realizou cursos de extensão e iniciou a Pós-Graduação, cursando uma disciplina.

A Professora Silvia, realizou pós-graduação, porém, não em sua área de atuação e relata todo seu percurso acadêmico ressaltando sua busca por atualização constante. A Professora Silvia afirma em seu depoimento:

...eu mesma por minha conta mesmo, vou a congresso quando é possível; eu tenho feito algumas capacitações para ficar a par das novas mudanças. (PROFESSORA SILVIA)

O Professor Carlos não realizou ou não reconhece cursos complementares.

O Professor Milton realizou Complementação Pedagógica.

Quanto à formação acadêmica verificamos que todos os docentes possuem os requisitos mínimos para a profissão e buscam de alguma maneira complementá-la, somente o Professor Carlos, não realizou cursos complementares.

Referente ao tempo de atuação no magistério, os docentes entrevistados tem média de 17 anos e 8 meses de exercício na profissão e todos exercendo sempre a função em sala de aula.

Em relação à quantidade de horas trabalhadas semanalmente, todos os entrevistados têm uma carga excessiva de trabalho, totalizando média de 49, 4 horas semanais, chegando ao extremo de 63 horas semanais, caso do professor Milton. Na Rede Pública Estadual de São Paulo a carga horária inicial é 20 horas chegando a 40 horas.

O número excessivo de aulas semanais é um fator que merece atenção. Ao tratarmos do Ensino Médio, essa realidade, fica evidenciada. O professor tem que ministrar muitas aulas, provavelmente para suprir suas necessidades econômicas.

O depoimento do Professor Eduardo confirma essa realidade:

Sim, na rede particular em outros colégios importantes daqui de São José. E também tenho outro cargo no Estado, numa outra Escola Estadual (PROFESSOR EDUARDO).

Dois professores têm todas as suas aulas na escola pesquisada, os demais complementam sua renda em outras instituições, rede particular e municipal. É o caso do Professor Adriano que mesmo não atuando em outra instituição de ensino, possui uma carga horária excessiva de 60 horas.

A Professora Sílvia confirma esta realidade.

Hoje, digamos de 8 anos para cá, na educação, eu trabalho 8 horas ao dia e 4 horas no período noturno; trabalho em uma entidade de direito privado, sou professora de português e funcionária pública das 19 às 21. Funcionária pública eu estou desde 1985; eu me formei em 1984 e não parei mais de dar aula (PROFESSORA SÍLVIA)

Este é outro fator que evidencia a dificuldade do professor em desenvolver um trabalho planejado, pois está sobrecarregado com aulas e tem de atuar em outra instituição, com outro planejamento, rotina e cobranças dos sistemas.

O Professor Carlos possui uma carga horária reduzida em relação aos entrevistados.

Quando perguntados sobre os motivos pelos quais escolheram a profissão docente, o Professor Adriano relata sua escolha pelo magistério como vocação, opção e ideal. Observamos a diversidade de motivos elencados para a atuação na profissão, porém não há justificativa.

Na fala do Professor Eduardo, observamos a influência dos mestres-modelo na escolha da profissão. O Professor relata que escolheu sua profissão por vocação lembrando-se de sua infância das brincadeiras que despertaram nele. Cita os mestres-modelo como excelentes e incentivadores nas interações e trabalhos em grupos.

Segundo Ronca (2007:56):

Nós nos construímos com os outros, precisamos do contato com os outros, temos necessidade de ser compreendidos, conhecidos, reconhecidos e valorizados

Relata também que as leituras particulares, ou seja, de gosto pessoal foram essenciais em sua formação.

Podemos confirmar com este depoimento que a leitura é constituinte da aprendizagem, acrescenta elementos à formação, seja ela profissional ou acadêmica.

Neste depoimento podemos identificar que o professor verifica em sua formação uma solidificação do gosto por ensinar, alicerçado por suas experiências pessoais.

A minha vocação para Magistério começou a ser despertada em brincadeira de quintal quando eu.. eu me lembro muito bem.. quando ganhei uma lousa de uma tia minha que era Professora. Com essa lousa eu comecei a brincar de escolinha com meus colegas. Depois eu tive um excelente Ensino Fundamental, onde eu tive excelentes Professores que estimulavam demais a nossa apresentação de Trabalhos em grupo. Nas apresentações em equipe eu comecei a me sobressair a nível de expressão, de comunicação com a turma. Comecei a realizar seminários por conta própria e os Professores estimulavam muito e eu peguei o gosto e me expressar em público, eu peguei o gosto de expressar os conhecimentos que eu adquiria por leituras particulares, estudos particulares para a turma de que eu fazia parte. E isso foi-se desenvolvendo e depois quando eu já estava no início da Graduação comecei informalmente a dar aulas particulares e esse gosto se aprofundou. Então, essa prática das aulas particulares somaram àquele gosto que eu já tinha desde a infância, né, pelo prazer de ensinar, de desenvolver, de explicar alguma coisa pra uma outra pessoa. E nisso aí a minha vocação acabou se solidificando eu parti com tudo pra Licenciatura. Eu estava inicialmente decidido a fazer o Bacharelado, mas a minha prática do dia a dia acabou me conduzindo pra Licenciatura (PROFESSOR EDUARDO)

Neste sentido concordamos com Smith (1988: 32)

Nossa habilidade para extrair sentido do mundo, como nossa habilidade para recordar eventos, para agir apropriadamente e para prever o futuro é determinada pela complexidade do conhecimento que já possuímos.

A Professora Silvia relata que sempre gostou de ensinar e fez opção pela área da Educação. Fala com detalhes sobre seu percurso profissional, ressaltando a questão da criatividade, entusiasmo e motivação.

. Comecei como caráter temporário (ACT) depois fiz o concurso, passei e continuei numa mesma escola. Trabalhei maior parte do meu tempo, até comecei aqui na escola Monteiro em São José e foi lá que tudo começou, assim a me envolver, porque quando você faz faculdade, você tem assim muitos sonhos e nenhuma realidade fato como as coisas vão acontecer e, desde a 1ª aula eu uso recursos, vamos dizer assim, a prática no decorrer de repente você percebe, você tem que, não adianta só você ter um acúmulo de teorias, o que foi dado, muito bonito e tal se você na realidade você às vezes tem que ser criativa e mudar de um momento para outro, você programa a sua aula determinado assunto e dependendo do ambiente daquele momento, você tem que ter rapidez em mudar todo aquele processo para você conseguir que os alunos consigam te ouvir e se empolguem. Uma coisa importante para o professor é sempre ser uma pessoa entusiasmado no que ele faz e eu sempre fui, então de uma maneira ou outra, você tem que vender aquela aula, mas você tem que fazer de uma forma que seja motivador, agradável, amistosa; claro que também, sendo rigorosa nos momentos mais complicados. (PROFESSORA SILVIA)

O Professor Carlos escolheu o magistério, pois, gosta de trabalhar com pessoas.

O Professor Milton, responde à questão dizendo que “a política o influenciou a cursar História”.

Quanto à atuação na escola, os professores responderam de forma diversa à questão.

O Professor Adriano em seu depoimento percebe sua atuação na escola como dinâmica. Percebemos em seu depoimento a preocupação com o aluno, para que o mesmo possa pensar e solucionar fatos tanto na vida acadêmica, como fora dela.

Eu acredito ser dinâmica, né? Dinamizar as aulas, instigar o aluno a sempre estar raciocinando, pensando para que ele possa através desse exercício solucionar diversos fatos que possam vir na vida própria, tanto na acadêmica quanto na não acadêmica. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo vê sua atuação como bem intencionada. Usando esse termo podemos verificar que cita indiretamente os entraves da profissão. Realiza seu trabalho com prazer que pode ser verificado na assimilação pelo aluno. O professor relata ter uma auto-imagem positiva.

A Professora Silvia relata sua atuação como positiva e demonstra postura ética, o Professor Carlos entende a atuação como discreta e o Professor Milton como positiva.

Percebemos nas respostas dos Professores Adriano, Eduardo e Silvia que os mesmo têm grande preocupação com sua atuação, sentem prazer ao ensinar e levar o aluno o a aprender.

Eu acredito ser dinâmica, né? Dinamizar as aulas, instigar o aluno a sempre estar raciocinando, pensando para que ele possa através desse exercício solucionar diversos fatos que possam vir na vida própria, tanto na acadêmica quanto na não acadêmica. (PROFESSOR ADRIANO)

Eu trabalho da maneira mais bem intencionada possível. Eu trabalho com prazer, adoro estar em sala de aula, adoro interagir com aluno. Tenho prazer imenso em estar na lousa, na frente da sala de aula explicando assuntos que eu domino. (PROFESSOR EDUARDO)

Positiva. Procuro desempenhar a minha função da melhor maneira possível e sou consciente das minhas responsabilidades profissionais e éticas. (PROFESSORA SÍLVIA)

Destacamos nestes relatos a concepção de aprendizagem vinculada ao ensino, à ética e a responsabilidade.

Sobre a credibilidade de seu trabalho o Professor Adriano a analisa pelo resultado obtido, o professor Eduardo pelo respeito e seriedade com que é tratado, a Professora Silvia pela satisfação do “cliente”, o aluno, o Professor Carlos, respondeu “não sei”, e o Professor Milton, pelo respeito de pais e alunos.

Pelo resultado dele, né, o resultado não só físico, mas a formação do próprio aluno. Você sente como ele tá saindo de uma série. O vocabulário enriquece muito, os próprios trabalhos em si, a metodologia usada e o aluno vai se adequando, vai melhorando, você também vai melhorando. (PROFESSOR ADRIANO)

Pelo respeito com que os alunos me tratam e a escola me trata também. Pela seriedade com que eu sou tratado, pela maneira que os alunos se dirigem a mim, pelas perguntas que eles me fazem e às vezes até um ou outro elogio assim. (PROFESSOR EDUARDO)

Na escola pública não é comum ouvirmos elogios a respeito da função desempenhada, mas pela satisfação do cliente (aluno) creio estar desempenhando satisfatoriamente a minha função. (PROFESSORA SÍLVIA)

Através do respeito dos alunos e pais. (PROFESSOR MILTON)

Nas respostas o Professor Adriano compreende a credibilidade de seu trabalho a partir da melhora do aluno, o vocabulário que muda, ou seja, pelos resultados obtidos.

Novamente observamos sua preocupação constante com o aluno, sua evolução tanto na aprendizagem como na formação geral. O Professor também cita a metodologia utilizada que deve ser adequada para que o aluno alcance seus objetivos.

Os demais professores citam a questão do respeito como fator principal de reconhecimento.

O Professor Eduardo percebe a credibilidade de seu trabalho a partir do tratamento recebido, pela seriedade e demonstrações espontâneas de alunos no retorno de seu trabalho. Revela nesta resposta o vínculo afetivo que estabelece com seus alunos, colegas de trabalho a partir da verbalização dos mesmos.

Nestes depoimentos podemos observar que a profissão é ainda reconhecida pela figura que se tem do que é ser professor, uma pessoa respeitada, elogiada por pais e alunos. O próprio professor não reconhece sua credibilidade por meio da aprendizagem dos alunos.

Quanto aos desafios e facilidades no exercício da profissão, as respostas estão ligadas à metodologia, motivação, e atualização. Nas respostas há uma fusão entre dificuldades e facilitadores.

Nesta questão, o Professor Adriano cita novamente a metodologia como facilitador e cita como dificuldades as salas super lotadas e a falta de recursos.

Bom, a facilidade reside no domínio da metodologia. As dificuldades estão nos problemas estruturais: salas super lotadas, falta de recurso. Às vezes você disponibiliza de recursos de multimídia, às vezes não. Então, esses entraves que dificultam e muito o profissional em sala de aula. (PROFESSOR ADRIANO)

É importante ressaltar que o professor identifica em sua prática a forma de ensinar como facilitador de seu trabalho e caracteriza suas dificuldades relacionando-as com o uso da tecnologia, presente no cotidiano, sinalizando a grande quantidade de alunos para desenvolver seu trabalho como entraves. Identifica que a escola às vezes disponibiliza recursos para sua atuação.

Já o professor Eduardo, sinaliza que os desafios enfrentados não são somente dele e sim do coletivo, típicos da profissão. O professor demonstra em seu discurso consciência que estes desafios são compartilhados com seus pares. Cita o despertar interesse, atenção, como desafios, visto que muitos são os atrativos como, por exemplo, a tecnologia. A idéia de equipe é ressaltada como conjunto, responsável pela formação.

Com relação aos desafios eu acho que não são só meus, é um problema no país, no mundo todo. Acho que o maior desafio do Professor, hoje, é conseguir despertar interesse do aluno, manter a atenção da sala, convencer o aluno de que a estadia dele ali naquele período durante a formação dele é uma coisa importantíssima fundamental pra vida dele, que isso é um plantio de longo prazo, que isso é uma coisa que vai dar retorno pra vida dele e que todos os assuntos que ele tá estudando na escola, não só da sua matéria, mas de todos os Professores formam um conjunto que está polindo o cérebro dele, que está polindo a personalidade dele e que ele vai precisar muito pra enfrentar o mundo lá fora. Então é, despertar o interesse do aluno pelo seu trabalho e pelo que você tem a fazer por ele. (PROFESSOR EDUARDO)

Neste depoimento retomamos os conceitos descritos por Nóvoa (2006) ao descrever a escola em seu conceito e relacioná-la ao conceito de espaço público.

Nóvoa (2006) afirma que tem que haver mais responsabilidade das famílias, comunidades locais, grupos culturais, das empresas, das diversas igrejas e entidades científicas. O autor lembra ainda que sempre que surge um novo problema, é votada uma lei e esse problema é lançado para dentro da escola.

A Professora Silvia vê a motivação como um desafio em sua profissão e não cita as facilidades.

O maior desafio na profissão é tornar a aula de inglês uma ferramenta motivadora para o aluno querer aprender. (PROFESSORA SÍLVIA)

O professor Carlos entende como facilidades a organização, a flexibilidade e o domínio do conteúdo.

O professor Milton cita como desafio a atualização e como facilidades, o domínio de conteúdo e da turma.

7.7 Eixo II - Prática pedagógica

As respostas estão relacionadas ao depoimento dos sujeitos de pesquisa sobre a metodologia e a rotina do professor na escola.

Verificamos que os professores informam uma diversidade de posturas que evidenciam também a pluralidade de profissionais que estão inseridos em uma mesma instituição.

As aulas são descritas como expositivas, há uma interação para que os alunos estejam motivados, apresentação de uma situação ou tema da atualidade.

Na descrição de um dia típico de rotina, o Professor Adriano explicita como técnica a aula expositiva, demonstra que parte sempre do que não foi compreendido para seqüenciar seu trabalho. Cita novamente a metodologia: mudança de linguagem para compreensão. Percebe também a importância da interação entre os estudantes, formação de grupos.

Bom, uma aula expositiva. A partir da exposição eu tento observar o que não foi compreendido e como fazer com que aquilo se torne compreendido. Então, uma mudança de linguagem, por exemplo, né, falar mais na linguagem do aluno para que ele entenda melhor o que tá sendo passado; vocabulário. Acho muito importante a interação deles com eles mesmos, né, então a formação de grupos, a opinião de cada qual ali no contexto e isso vai ser confrontado ali. (PROFESSOR ADRIANO)

O professor Eduardo relata seu cotidiano na escola e para atrair a atenção dos estudantes, diz iniciar e contextualizar fatos do cotidiano.

Bom, minha rotina é eu chegar na escola, inicialmente na Sala dos Professores, cumprimentar todos os meus amigos, ver quais são os assuntos e as piadas do dia. Bate o sinal, você se dirige à sala de aula. Você chega e os alunos ainda estão espalhados, né, aquele vozerio. Colocar os alunos mais evadidos pra dentro da sala, arrumar meu material na mesa, dar uma chamada de atenção pra dizer “olha, eu estou em sala de aula vamos começar a conversar” e então já começamos com o assunto da aula.. é.. falar alguma piada, alguma notícia pra dar aquele estalo: ó, Professor chegou, a aula tá começando.. então, começar com alguma conversa, alguma brincadeira informal pra acomodar os alunos e aí partir para o tema do dia, dirigir-se à lousa, escrever no quadro, preparar os esquemas, né, que você tem montado pra aula daquele dia e é isso: eu dou a aula, faço o meu trabalho com a maior abertura possível a todo questionamento que me fizerem. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia descreve sua rotina escolar com o trabalho de giz e lousa. Diz contextualizar sua aula promovendo debates sobre o tema.

Tenho uma carga horária de 24 aulas semanais. 20 aulas na escola sede e carga suplementar em outra unidade escolar. O trabalho é contínuo, uso da lousa, procuro apresentar fatos da realidade escritos em inglês para os meus alunos e existe a possibilidade no decorrer da atividade de conversas, debates sobre o tema. (PROFESSORA SÍLVIA)

O Professor Carlos diz utilizar a exposição e o Professor Milton diz utilizar o método tradicional: giz e lousa.

Retomamos Nóvoa (2006) ao falar sobre a atuação dos professores: *“Podem inventar tecnologias, serviços, programas, máquinas diversas, umas à distância outras menos, mas nada substitui o bom professor”*.

Em relação à metodologia, o Professor Adriano, relata que procurou elaborar seu próprio material e identifica melhora na metodologia utilizada, critica as reclamações dos alunos em relação aos materiais utilizados por eles, como peso, lugar para que os materiais sejam guardados.

O Professor também descreve um conteúdo que trabalha exemplificando e fazendo relações com o cotidiano do aluno. Refere-se ao seu trabalho metodológico e cita que estas ações estão ligadas à leitura, destacando como estratégia o artigo de opinião.

Verificamos que o professor em seu depoimento identifica estratégias de leitura como mais uma ferramenta para o ensino e a aprendizagem, Ao citar o

artigo de opinião o professor retoma sua formação continuada e ressalta que não era de seu domínio.

Melhorou! Um fato curioso é que uma das reclamações dos alunos com relação ao material mandado pelo Estado, por exemplo, é o peso dos livros. Espaço físico para que esses livros sejam guardados, então eu sempre procurei fazer uma apostila de autoria minha e baseada em vários e vários livros, pois quanto maior a riqueza, a abordagem de um tema, melhor é. Então sempre procuro de ano a ano compilar uma apostila e que fique menos pesada para que o aluno possa estar com ela o tempo todo. Curiosamente o Governo mandou uma apostila e a coincidência da metodologia usada nessa apostila do Governo com a minha foi algo que me assombrou. O eixo temático é sempre o mesmo, mas no fim, exemplo: ele colocou alguns itens que levavam a pensar que o homem não conviveu com os dinossauros. Então por exemplo, tenho alguns exercícios que levam a pensar isso: desenho dos Flinstones, então o que é realmente verdadeiro naquele desenho e o que é apenas uma fantasia..do entretenimento da televisão..algumas imagens, gravuras da Idade Média, por exemplo, é pede para comparar o tipo de mentalidade que tá ali, que a época passava, e o que permaneceu e o que ficou? Na minha apostila tem um exercício assim: comparando o que permaneceu e o que ficou. Então, as metodologias que uso em sala de aula, a partir da aula expositiva, da leitura, não só da minha apostila, as disponíveis na escola também. Uma coisa que passei a utilizar foi o artigo que até então não era do meu domínio. Uso técnicas de fechamento pra eles. Não pra eles memorizarem, mas tomarem um caminho dentro do texto, para melhorar o diálogo deles. Então muitas coisas que ficam nas entrelinhas eu vou estar expondo de forma melhor pra eles aquilo, né? (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo diz caracterizar sua atuação como tradicionalista, informa que suas aulas também são expositivas e exemplificadas com total abertura a questionamentos, usa de outros recursos como tecnologia eventualmente.

Eu me vejo como um Professor tradicionalista, quer dizer, a minha aula é bastante expositiva, mas é expositiva com abertura total às intervenções do aluno. Então a minha aula é expositiva, usando tradicionalmente a lousa, mas como a minha matéria é Física, eu uso, sempre que possível, experimentos, né, para desenvolver os temas da aula. Então, é..eventualmente recursos áudio – visuais, experimentos em sala de aula, mesmo que sejam coisas simples, mas que desperte a atenção do aluno. Por exemplo, numa aula de eletrostática você pegar uma caneta e grudar a caneta na parede por atrito e explicar pro aluno que isso é o assunto da lousa, e explicar o porquê da caneta ter grudado na parede. Então, usando os recursos disponíveis na escola e outras coisas particulares minhas. Outra forma de metodologia muito utilizada compara o documentário, aquele conteúdo que estamos aprendendo. Mas assim, toda sinceridade, Marcos, eu sou anti-cultura inútil. Acho que o quê eu tenho que ensinar pro meu aluno é aquilo que realmente ele vai utilizar na vida dele. Estamos hoje num processo de crise nos Estados Unidos, como esse meu aluno entende que essa crise vai nos atingir, e como sair dessa crise? O que, como sujeito pensante, pode fazer para manter o padrão de vida dele, pra não cair muito. Então aí tá a viabilidade desse aluno ter uma compreensão um pouco mais profunda dos problemas, entender essa realidade. Então é uma coisa difícil, árdua? É, mas se nós tivéssemos até 30 alunos por sala e pudéssemos

ter um contato maior com esses alunos, é.. mesmo porque muitos vem pra gente totalmente desinteressados. E eles só passam a ter interesse a partir do momento que eles entendem como eles vão fazer e como vão usar. Então é, não que eu queira assim dizer que outras disciplinas não sejam.. tudo tem uma finalidade muito grande, mas eu faço questão de expor pra eles onde que isso vai encaixar no pessoal dele, no dia a dia, no cotidiano de cada aluno, de cada família. Então daí eu acreditar que isso dá um dinamismo na aula muito grande, eu acreditar que o trabalho é reconhecido pelo próprio aluno ou nas reuniões de pais, porque quando eu faço reunião de pais e ela tá lotada e eles querem saber como que tá acontecendo. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia relata que busca contextualizar suas aulas com materiais diversificados e com “novidades” o Professor Carlos, informa que dá aulas expositivas utilizando giz e lousa e o Professor Milton trabalha de maneira expositiva, porém sem materiais.

As respostas revelam a realidade de uma escola de Ensino Médio, a metodologia utilizada é a tradicional. A escola pesquisada é uma escola de referência, tida como uma das melhores da cidade.

Não há citação do uso de novas tecnologias, televisão, computador, rádio, recursos que facilitam a interação e aprendizagem. O Professor Milton relata que trabalha com o que a escola oferece. Eventualmente, na resposta do Professor Eduardo são usados recursos audiovisuais.

Percebemos uma prática centrada em conteúdos, com a abertura à participação dos alunos.

A avaliação do trabalho coletivo que a escola realiza revela no depoimento dos professores que a mesma está diretamente centrada na disciplina alcançada. Ao falar de avaliação do coletivo os docentes citaram uma diversidade de elementos, como o interesse do aluno, o relacionamento e o trabalho diversificado.

Ao avaliar o trabalho que a escola realiza o Professor Adriano retoma que é um trabalho difícil, individual e subjetivo, além da questão política, comparando resultados em anos anteriores. Vê esse aspecto como uma dificuldade no sistema educacional.

A questão da avaliação é uma outra questão que pesa bastante porque às vezes mesmo você usando vários tipos de avaliação, ela ainda não dá a essência de que aquele aluno tem. Então, mensurar o que tá amadurecendo na cabeça dele é muito mais trabalhoso e mais difícil do que ter uma prova escrita ou ter um trabalho de pesquisa. E além disso, nós nos deparamos ainda com a questão da antiga progressão continuada

que moldou um tipo de cultura na cabeça do nosso aluno e que para nós agora transformar-mos isso está sendo difícil. Eu vejo isso na minha escola – anos anteriores -, nos primeiros anos, por exemplo, tinha um desempenho muito melhor que os primeiros anos deste ano. E a gente já projeta que ano que vem vai ser pior um pouquinho, até que essa geração toda da suposta Progressão Continuada seja transformada. Então, daqui pra frente nós já sabemos que o nosso desafio vai ser maior ainda, né? Transformar essa realidade vai ser mais árduo, mais difícil, então é dentro disso que vejo dificuldade dentro da área educacional. (PROFESSOR ADRIANO)

O professor Eduardo avalia o trabalho realizado como positivo, sente-se apoiado. Cita novamente o interesse do aluno como fator desencadeante da assiduidade, o que não depende somente da equipe dos professores.

Bom, no período que estou trabalhando nessa escola aqui eu analiso assim.. é.. ponto bastante positivo para a Direção da escola no sentido de organizar melhor, dentro do espaço físico da escola, a disciplina, imposição de regras que facilitam bastante o nosso trabalho pedagógico, tá? Porque sem regras qualquer trabalho pedagógico vai por água abaixo. Eu senti assim que houve um reordenamento bastante positivo com relação à disciplina na escola e isso tá facilitando bastante o trabalho na sala de aula, eu tô me sentindo bastante respaldado no meu trabalho, Agora, pontos negativos.. falta nós conseguirmos ainda alinhar o interesse do aluno, assiduidade do aluno e isso não é uma coisa que depende só de nós Professores, né? A questão da evasão dos alunos das aulas, né, são coisas que dá pra resolver no curto prazo, né, mas acho que nós estamos a caminho dele, e eu acho que serão sanados. (PROFESSOR EDUARDO)

Os demais professores avaliam de forma positiva.

As Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) são vistas pelos professores como momento importante, e tem participação ativa de todos os professores entrevistados. Os professores descreveram esse momento como um espaço de troca com os Professores Coordenadores, tendo o objetivo informar, planejar, expor pontos de vista.

Um professor sinaliza que atualmente há somente avisos. Este espaço é uma conquista quando seu objetivo é levado a cabo.

O Professor Adriano ao iniciar sua resposta cita a questão da mudança e o relacionamento pessoal e profissional na Coordenação Pedagógica.

Bom, nos HTPC's da escola nós tivemos uma troca de Coordenadores, ultimamente. Então, a gente aprende um pouco com cada Coordenador, vamos dizer assim. Além de ter o relacionamento profissional, tem o relacionamento pessoal. O mundo é assim, né? Você se identifica muito com uma pessoa e um pouco menos com outras, mas então dos Profissionais eu não tenho que reclamar de ninguém. Os HTPC's

servem, na minha opinião, para discutir os problemas da escola, né? E para solucionar os problemas da escola. Eu aprendi em Filosofia que nós temos quatro operações lógicas: afirmação, negação, discussão e solução, ou tese, antítese e síntese, vamos dizer assim. Sabemos que é muito difícil chegarmos ao quarto item.. INTERFERÊNCIA: “Hã? Ah, eu preciso do.. tudo bem” É, chegar até o quarto item é a parte mais difícil, chegar na solução. As soluções a curto prazo, a médio e a longo prazo, e a longínquo prazo, vamos dizer assim. Porém, eu acredito que nos HTPC's além de ser discutida essa questão dos problemas da Unidade Escolar, também se discute algumas Metodologias, essa troca de experiência. É, nós estamos lá na escola com uma coordenadora nova, que é a Sandra que nós conhecemos agora. O HTPC agora que tá começando a deslanchar, só que essa troca de Coordenadores, às vezes você, eu não sei se nós nos acomodamos, ou desenvolvemos uma confiança por aquele coordenador, né? Nada pessoal contra ninguém, mas o Vanderley quando nos coordenava.. a Joanita, vamos começar pela Joanita! Quando eu estava acostumado com a Joanita, aí veio o Marcos. Quando a gente entendeu plenamente o quê o Coordenador falava, quando eu entendia plenamente, o Coordenador saía. Veio o Vanderley e novo período de adaptação e quando eu estava acostumando com aquele tipo de Coordenador, qual era o pensamento dele, como que se trabalhava, troca-se novamente de Coordenador. Teve outros, né? Vão vindo, vão indo e aí nós acabamos achando que isso interrompe o trabalho. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo reconhece a importância da HTPC como fator que alinha o trabalho em equipe.

Sim, participo de todos os HTPC's. Muito – muito eventualmente eu falto em alguma, mas em mais dos 90% dos HTPC's eu tô presente. São realizados em sala de aula, com mesa redonda e todos os professores presentes. São realizados num ambiente bastante aberto e amigável, onde todos têm espaço para expor seus pontos de vista sobre os problemas e reclamações, e também a parte de idéias: fazer e receber sugestões de trabalho. Então eu vejo assim: é um momento bastante importante para nós conseguirmos uma sintonia com a equipe de trabalho. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia identifica nas reuniões aspectos de informação e do pedagógico, não cita a formação continuada.

Participo das reuniões pedagógicas todas as quartas e sextas feiras. Somos informados sobre a agenda da semana, mês e discutidos aspectos pedagógicos. (PROFESSORA SÍLVIA)

O Professor Carlos diz que as HTPCS são realizadas através de pautas e debates, já o professor Milton, diz que por enquanto são somente avisos.

O Professor Adriano identifica como difícil a relação entre Coordenação e Professores pela diversidade de temas que o currículo aborda. Aponta ainda a concordância entre as propostas como um entrave, porém produtivo.

Afirma que o Coordenador é essencial no direcionamento das ações fazendo analogia a um técnico de futebol, ou seja, referência ao trabalho em equipe.

O Professor enfatiza as mudanças na escola, exemplifica a questão com sua prática. Identifica também o excesso de funções na escola não havendo disponibilidade total ao professor e surpreende-se com o apoio da direção, ressalta ainda que esta relação necessite de maior interação.

É.. pela própria experiência que eu tenho é sempre uma relação um pouco difícil entre Coordenadores e Professores. Se eu falar de multidisciplinaridade, eu tentar desenvolver um projeto, eu vou ter apoio de um e não vou ter apoio de outro. Então é, eu penso que o Coordenador está numa posição que às vezes uns não concordam com o que está sendo desenvolvido, com a doutrina dele, e sempre vai haver esse embate. Até acredito que esse embate seja produtivo porque vão ser analisados pontos de vista diferentes e vai se chegar a um denominador comum. Então, essa pra mim é a maior visão que eu tenho do Coordenador ou da Coordenação, enfim. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo identifica a relação com a Coordenação como positiva ao facilitar e respaldar o trabalho desenvolvido e caracteriza o respaldo de sua autoridade frente aos estudantes como contribuição.

Essa não seria sua principal função, porém a realidade vivenciada na escola dá ao profissional presente na Coordenação um fator de liderança que acaba sendo confundido.

O Professor também identifica suas contribuições e trata na questão de exercício de função, a diferença que há do Ensino Médio em relação ao acompanhamento da família que é ausente.

Eu acho que aqui nesta escola a Coordenação tem um vínculo bastante estreito no sentido bem positivo, tá? É uma atuação que tá sempre dando respaldo para o Professor, tá sempre facilitando o nosso trabalho. Então eu vejo de uma maneira bastante positiva a atuação da Coordenação. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia percebe a relação como respeitosa, permeada por empatia e percebe a inserção da Direção da escola nas reuniões pedagógicas ou informativas.

Sou uma profissional que trabalha no período noturno nas duas escolas e percebo muita empatia e respeito no relacionamento com o Coordenador Pedagógico. (PROFESSORA SÍLVIA)

O Professor Carlos descreve sua relação com a Coordenação Pedagógica como formal, vê contribuições do Professor Coordenador na aprendizagem coletiva do grupo e avalia o tempo como fator negativo nesta contribuição.

O Professor Milton percebe a relação atualmente baseada na desconfiança.

Com relação à avaliação do processo de formação continuada, o professor Adriano identifica em sua formação poucas orientações ou formação continuada. Sinaliza novamente a questão metodológica como proveitosa.

O professor relembra o Ensino Médio em Rede como processo de formação continuada. Cita como aprendizagem desta formação a estratégia de trabalho metodológico “artigo de opinião”, como válido e presente em sua prática atual.

Demonstra entusiasmo ao falar sobre interação: “fantástico”. Podemos observar que o professor incorporou em sua formação continuada em compreensão leitora aspectos desenvolvidos pelo Programa Ensino Médio em Rede, referentes à metodologia.

Ã, sendo bastante sincero também.. dê todas as orientações técnicas que eu tive ao longo desses 16 anos.. não foram muitas.. muitas foram muito proveitosas em termos de Metodologia. Tem algumas coisas que eu guardo comigo até hoje, alguns exercícios como comparação de duas charges, por exemplo, um trocadilho. Esse trocadilho, que foi de uma orientação de Geografia onde subtendia ali uma migração do campo para a cidade: as cidades inchando e as enxadas paradas. Foram assim, como se fossem quase uma aula de Faculdade, chegamos a quase esse ponto. Debater um assunto, né? Pegar opiniões de outros Professores e por aí à fora. O Ensino Médio em rede, ele foi um pouco além. Ele foi um pouco além porque começou a trabalhar algumas metodologias que focavam tudo, todas as disciplinas. No meu caso foi específico de Geografia e Matemática. Então vou pegar como exemplo o artigo de opinião: a partir do artigo de opinião, poderia se criar um cordão que abrangesse quase todas as disciplinas, e isso utiliza até hoje. Eu pedi uma pesquisa sobre reforma religiosa e a visão atual: como a Igreja tá tratando, por exemplo, a questão da célula tronco, qual a visão que o meu aluno tinha daquilo? O que ele pensava do contexto? Tudo isso, né? Escrito numa tira de opinião. Então é, mas pra eles saberem da célula tronco têm que saber um pouquinho da Biologia. Então já deu um gancho e esse gancho poderia puxar outro, e outro. Poderíamos chegar na Química, na Física. Poderíamos até usar gráficos pra isso, e isso tudo em cima de uma Metodologia que tá aí. Pra mim foi um artigo de opinião que foi muito válido, eu utilizo até hoje. Não só artigo de opinião como outras Metodologias, tais como: INTERRUPÇÃO EXTERNA: “desculpe, não vi que tinha gente aí, eu sou

atrevida mesmo” .. o diálogo entre o leitor e o texto, isso foi pra mim fantástico! Essa interação mesmo, né? Interagir com o texto e o texto interagir com você. Você ter uma leitura do texto e uma leitura extra-texto, as entrelinhas, enfim. O professor identifica em sua formação poucas orientações ou formação continuada. Sinaliza novamente a questão metodológica como proveitosa. (Professor Adriano)

O Professor Eduardo avalia em seu depoimento o processo de formação continuada de forma positiva, a Professora Silvia vê o processo como importante, porém sinaliza que há pouca oferta de cursos.

O Professor Carlos define como bom, mas difícil de colocar em prática e o professor Milton diz que será sempre válido.

7.8 Eixo III- O Professor e a leitura

Nesta parte da pesquisa buscamos conhecer e identificar pro meio do depoimento dos professores, a concepção de leitura, seu ensino e avaliação, bem como a formação específica sobre leitura que os professores possuem e a atuação do Professor Coordenador na formação continuada.

Ao descrever sua concepção de leitura, o Professor Adriano a identifica em primeiro momento como a decodificação de diversos símbolos. No complemento de sua resposta verificamos seu conhecimento ao completar com “interagir com várias linguagens”.

O professor também identifica em sua concepção a multiplicidade de leituras de acordo com o contexto, fazendo relação com os conteúdos curriculares. Verificamos novamente a concepção de leitura em que a interação constrói o sentido do texto. Identifica sua visão de leitura como abrangente

O Professor também verifica a compreensão como parte do processo, como o objetivo de que aluno compreenda que quanto maior o conhecimento em diversas áreas, maior será sua compreensão. Identifica também na leitura de um texto a diversidade de linguagens.

Bom, para mim ler bem é decodificar vários símbolos. Mais que isso, é interagir com várias linguagens. Então, por exemplo, eu posso te dar um texto histórico e você ler ele com uma visão matemática. Então, é uma visão que esse texto tá te dando. Porém,

você ampliar essa sua visão interagindo com texto. Então essa minha visão de leitura é que.. ela é muito abrangente. Ela abrange uma parte gramatical, ela abrange uma parte de interpretação de texto, porque às vezes o que eu posso tá interpretando na minha vida na visão histórica, não é a mesma interpretação na etimologia da palavra na língua portuguesa. Seria diferenciado. Então, se eu conseguir um elo de ligação entre essas visões do texto eu vou ter uma compreensão muito maior, e eu acho que um dos objetivos é fazer com que o nosso aluno possa perceber isso: que tem diversas linguagens inseridas num texto e que ele pode ter várias visões desse texto, interagindo com esse texto. Essa é a minha maior visão de leitura. (Professor Adriano)

Abordando esta questão Rojas e Lopez (2008:12) dizem que:

La lectura no es simplemente observar los signos lingüísticos, símbolos y gráficos plasmados, en un papel, implica comprender decodificar, analizar, inferir, apreciar criticar e producir. En suma es un proceso mental, mediante el cual el lector obtiene riqueza cultural y a partir de ello generará nuevos conceptos, los cuales serán aportes para la producción de textos a partir de la obra leída.

O Professor Eduardo caracteriza a leitura como um dos maiores prazeres da vida. Observa a leitura como um alicerce ao desenvolvimento intelectual, novamente a concepção da leitura como ferramenta para aprendizagem. Nesta questão o professor sinaliza a leitura para determinados fins, e é de grande importância para a vida. Villanes (2003: 17) diz que “*Esto significa de manera explícita leer para ampliar nuestros conocimientos a partir de la lectura de un texto determinado*”.

Olha leitura pra mim pessoalmente, é um dos meus maiores prazeres da vida. Eu gosto até de brincar de que se um dia eu for preso eu quero levar uma Biblioteca pra cela porque assim eu vô tá no paraíso. Acho que a atividade de leitura é um dos alicerces fundamentais no meu desenvolvimento intelectual, profissional, acadêmico, em todos os sentidos. A leitura desenvolve múltiplas capacidades do seu cérebro, como: concentração, por exemplo. Ela te mantém informado, desenvolve teu raciocínio devido às muitas coisas que você é obrigado a refletir. Dos critérios de ensino a leitura é fundamental e tem um papel gigantesco na minha vida. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia caracteriza sua concepção relacionada ao gosto e importância. Reconhece o conhecimento de mundo do aluno.

Importantíssimo. Primeiro você tem que começar, aliás, com os alunos; não sei se você está perguntando pra mim ou minha concepção do aluno. Primeiro você tem que gostar, se você não gosta, fica complicado. Como professora de português é um

diferencial; como professora de inglês no período noturno em escola pública é que a coisa fica um pouco mais complicado, mas a gente consegue seduzir, não sei se seria esse o verbo adequado, tornar a leitura coletiva e fazer com que um ou outro, porque há uma timidez muito grande também. O aluno de Ensino Médio vem achando que ele nunca sabe nada, mas ele sabia muito e eu sempre tento colocar isso pra ele. Então, no primeiro momento, quando você entra no Ensino Médio, você tem que começar a realçar aquilo que realmente aprendeu que acha que não sabe e convidar; é o convite mesmo. Normalmente você consegue mais no coletivo; no individual eles têm problemas entre eles de timidez, mas nesse ano, agora, de 2008, eu tenho “2º P”, alunos que pedem pra ler, que querem ler, então quando eu faço a leitura do exercício ou do texto que foi dado, ou eles me pedem pra repetir ou eles fazem a leitura juntos, então sempre a gente não consegue 100%; isso não, porque a sala é numerosa, mas nós temos alunos que gostam, que fazem diferença querendo aprender mais. (PROFESSORA SÍLVIA)

Lembramos Freire (1996:23)

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção de conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura de mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura do mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica.

O Professor Carlos identifica a compreensão leitora como fator primordial na aprendizagem para que o estudante possa interpretar.

É importante para que o aluno possa, digo na minha área de matemática, para que ele possa entender minha matéria, ele precisa saber ler pra entender, por exemplo, o problema. Então a importância maior é isso; se a gente sabe o problema, se a idéia é essa, ou mesmo um gráfico, precisa saber ler e interpretar bem o que se está pedindo. Ah! Eu não sei se é dificuldade maior em ler, no caso da matemática. Na verdade é uma discussão muito profunda; eu acho que é mais por falta de hábito, mesmo, incluindo aí o que a gente já falou que é uma questão cultural e o ensino da matemática, ele ainda é de forma tradicional com discussão em sala de aula e a proposta é outra, só que realmente a gente não está conseguindo aplicar essa proposta de trabalho em grupo com os alunos, fazer, discutir os problemas por uma série de razões, uma delas é a própria formação do professor que ainda é nas próprias faculdades, que forma o professor para

ele ensinar, forma-se assim, mas a questão é muito mais complexa; não se pode apontar só um aspecto, tem muita coisa. (PROFESSOR CARLOS)

O Professor Milton considera a leitura como a porta de entrada, é por onde o aluno vai entrar no conhecimento, por onde ele toma ciência das coisas, importantíssimo para tudo.

Qual concepção? A leitura é a porta de entrada, é por onde o aluno vai entrar no conhecimento, por onde ele toma ciência das coisas, importantíssimo para tudo. (PROFESSOR MILTON)

Rojas e Lopez (2008:12) afirmam que:

La lectura es un encuentro interactivo del lector, con el texto y el contexto, lo cual permite contrastar la realidad ubicándose en el tiempo y el espacio. El lector activo interroga activamente un texto para construir su significado, se basa en sus experiencias previas, esquemas cognitivos y propósitos propios.

Na questão do ensino da leitura, o Professor Adriano explicita em seu planejamento para leitura de um texto a graduação “do mais simples para o mais complexo”, o que demonstra mais uma vez sua preocupação metodológica em relação ao ensino de leitura.

O Professor acredita que esta estratégia facilita à compreensão. O Professor também relata que seria ideal, suando a palavra “fantástico se conseguisse realizar este processo de forma individualizada”. Descreve também que se preocupa com o significado das palavras para uma leitura compreensiva, neste caso usa como estratégia o dicionário para auxílio metodológico e ampliação do vocabulário.

Ao planejar suas atividades relata a preparação nas questões do desenvolvimento do conhecimento enciclopédico do aluno, além de atentar “ao que se passa na cabeça do estudante”, ou seja, seu conhecimento de mundo, suas vivências e o repertório por ele adquirido até aquele momento. O professor vê esse processo como “ampliação da compreensão” e a partir disto prossegue sua atividade.

Bom, é.. a princípio nós partimos do simples para o complicado. Primeiro passo é fazer uma leitura de um texto não muito grande pra não ficar cansativo pro aluno, né, também porque às vezes o aluno não tem o hábito de ler, então se eu der um texto muito grande pra ele ler aquilo se torna enfadonho, cansativo, pesado pra ele. Então eu seleciono um texto um pouco mais leve, aí eu vou detectar de uma forma geral, pois se desse pra fazer um por um seria fantástico, mas não dá.. eu vou detectar de uma forma geral aquelas palavrinhas que eles não sabem o significado. Vou pedir pra ele procurar aquilo no dicionário. É um esforço? É, mas é um exercício de testar, ter a compreensão daquela palavra que vai juntar a frase e que vai dar uma composição do texto. Quanto os termos técnicos: se for um termo técnico de Economia, ou eu passo na lousa esse termo, ou trago dicionário de Economia, ou de Filosofia, ou de Sociologia para que eles tenham uma compreensão daquilo. Por exemplo, se eu falar pra você: sistema sócio – econômico com base no capital.. é, maravilhosa a frase, porém, qual o significado literal? Ah bom, eu posso ampliar dizendo que Capital é tudo aquilo que se usa na produção. Na cabeça do meu aluno, o que é produção? Produção de tudo, tudo que você imaginar: roupas, alimentos, calçados, automóveis, aviões, navios, tudo isso é produção. Eu creio que agora ele já ampliou a compreensão dele. Bom, aí eu pergunto a eles: o que é Sistema? Ele pode me dizer: professor, sistema é o conjunto de componentes eletrônicos que transformam a diferença de potencial em uma corrente elétrica que vai gerar um trabalho que vai acionar, por exemplo, o meu computador. Ele tá errado o meu aluno? Ele tá correto! Mas eu posso entender que sistema é algo que acontece num espaço de tempo, que é uma visão mais física e não eletrônica. Ou que sistema é algo que vai além dessa repetição, vai se transformar em si própria. Então o sistema sócio econômico que envolve a Sociedade produzindo para o seu uso ou pra venda. Então eu já interpretei um pouco mais essa frase, eu tô usando sistema na visão Econômica, né, o Sistema Econômico, o sistema produtivo. Tudo isso, né, para definir uma única palavra, um único tema, o Capitalismo. E dentro dessa questão, o aluno ele pode tá amplificando isso muito mais ainda. Então, primeiro eu tenho que identificar na leitura desse meu aluno o ângulo que ele tem da realidade dele para logo a seguir ele estar interpretando o fato que vai ser tratado, e esse fato você pode ler nas entrelinhas. Então, por exemplo: eu vou falar do Império Árabe, como ele se formou, o que em nossa linguagem .. risos, desculpe, você é Professor de Português me corrija se eu tiver errado.. por exemplo o radical “AL” ele tá inserido na nossa língua como se fosse uma mescla do árabe com o latim ou com a própria língua de Portugal ou da Espanha, né, e que isso tudo tá nosso cotidiano. Eu posso ir lá na Matemática e falar que o árabe é o inventor do “zero”, esse zero que nós conhecemos hoje. Posso ir na Química e dizer que o árabe inventou o álcool. Então eu vou abrir um leque, só que eu tenho que saber até aonde, pela leitura do texto aplicado, até onde eu posso abrir esse leque e depois fechá-lo. Então esse é um processo contínuo, a leitura começa simples e vai ficando, partindo para a parte mais complexa até uma hora que a gente vai tá discutindo um com uma propriedade um pouco maior. Claro que nunca acaba porque a verdade absoluta ela não existe. Então é dentro disso que eu vejo a leitura. (Professor Adriano)

Estas idéias relatadas ressaltam o que dizem Paulino, Walty e Cury (2005:55)

Toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associações desse texto do momento com outros já

lidos. Essa associação é livre e independe do comando de consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor. Os textos, por isso, são independentes da intenção do autor. Os textos, por isso, são lidos de diversas maneiras, num processo de produção de sentido que depende do repertório textual de cada leitor, em seu momento da leitura.

O Professor Eduardo relaciona o ensino de leitura ao ensino da escrita. Caracteriza a compreensão como fator primordial, referindo-se a interpretação de conceitos.

A leitura na Física é ensina interpretando-se os.. é.. os conceitos que são interpretados por escrito. A interpretação dos enunciados dos problemas e no desenvolver do entendimento das questões conceituais que requerem uma dissertação, né, nesse momento a leitura também é fundamental para o aluno saber o que ele tá escrevendo e que isso seja coerente do ponto de vista lógico. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia caracteriza o ensino de leitura em sua disciplina a partir da seleção de textos contextualizados e de uma revista que trata de assuntos cotidianos. A Professora relata que trabalha com os conhecimentos prévios dos estudantes, fazendo perguntas, realizando sínteses e acrescentando gradualmente o novo vocabulário. A Professora identifica que um dos mecanismos é a repetição que segundo ela é uma forma eficaz.

Eu procuro trabalhar textos voltados, às vezes, para a realidade deles, nem sempre os livros didáticos, onde às vezes as histórias são antigas, um pouco desagradáveis, então eu sempre pego umas revistas “Maganews” de São José e essa revista, uma das coisas que eu gosto é que fala de São José, do que está acontecendo no mundo, ela fala sobre saúde, então ela tem assim, vários temas, tem artistas, músicas e tal; então eu gosto de trabalhar. Por exemplo, qual adolescente não gosta de praia? Então de repente eu trouxe à aula um texto que fala sobre Ubatuba, porque Ubatuba, então eu começo a fazer a introdução da cidade de Ubatuba, vocês conhecem Ubatuba, qual a população, aí quando a conversa começa a ficar bem agradável, interessante, aí eu começo a colocar no círculo falar em inglês, aí depois eles têm, no final, para fazer uma síntese com ilustração, parecendo um artigo de uma revista. Ele vai ter o material em inglês, aquele que ele falou na sala, que ele produz junto comigo, eu também vou fazer a revista junto com ele, porque ele esquece, esquece que ele sabe, ele sabe e sabe muita coisa e palavras novas, eu vou colocando no decorrer das aulas e depois eles entregam duas semanas depois, no máximo, o resumo de tudo aquilo que foi falado e tem saído trabalhos maravilhosos e com conclusão, o que ele achou, valeu a pena e o que ele aprendeu. Eu fico surpresa com o resultado. Ele tem a opção de fazer em português ou trazer para eu ajudar a escrever em inglês, nem que seja uma linha. Bom, eu uso, vamos dizer assim, você tem que ser rápida para dar sua aula e você tem que

ser pratica também, então inglês você aprende muito a ler; pelo menos foi o que eu aprendi nos cursos; é a repetição mesmo. Você tem que ter vocabulário, repetição e a partir daí, agora você também pode através de livros, nós temos, esqueci o nome da Editora, livros sobre histórias, historinhas bem simples que dá pra gente contemplar os alunos. (PROFESSORA SÍLVIA)

O Professor Carlos vê no livro didático uma ferramenta para o ensino de leitura.

Bem, acho que o próprio livro didático contribui porque ele tem que ser interessante assim, relativo à própria historia de matemática. Tem também e usa bastante a linguagem matemática e assim contribui bastante, na questão do Enem acho que contribui, enfim ao próprio cálculo mesmo. (PROFESSOR CARLOS)

O Professor Milton valoriza a leitura através dos textos, pode ser um texto sobre história, atual, contextualizado, mas tem que ser em forma de texto.

Então, quando a gente valoriza os textos, assim de qualquer pode ser um texto sobre história, atual, contextualizado, mas tem que ser em forma de texto. É a maneira que se introduz. (PROFESSOR MILTON)

Quando é questionado se o professor já realizou alguma formação sobre o tema leitura, o professor Adriano identifica o Programa Ensino Médio em Rede, como formação em leitura, citando suas ferramentas, porém enfatiza a interação com o profissional, ministrando o curso como mediadores.

Bom, o mais.. eu não diria o mais, mas eu diria assim: onde eu tive maior ênfase foi no Ensino Médio em Rede. Uma porque não foi um curso online, vamos dizer assim.. até gosto de cursos online, mas eu acho frio. É muito frio, você não tem assim uma relação direta com quem tá dando o curso ou com o teu aluno ali, o teu colega que também é aluno do curso. Então é dentro disso (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo, volta a afirmar que a leitura é seu grande prazer e refere-se á formação continuada por conta própria. Não reconhece os cursos que realizou como formação em leitura.

Especificamente, não. Mas eu digo que realizo uma formação continuada em leitura diariamente no meu próprio lar, pois a leitura é uma das minhas principais atividades fora da escola. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia reconhece em um curso a formação em leitura, não identifica sua formação continuada na escola pública.

Olha somente nos cursos mesmo que eu fiz. Eu comecei inglês no CCAA e depois finalizei no YAZIGI e a leitura que eu vi foi lá. Eu realmente tenho vontade, sabe, mas ainda não tive a chance, até por uma questão de tempo, de organização mesmo, de planejamento, não fiz. (PROFESSORA SÍLVIA)

O Professor Carlos identifica no Programa Ensino Médio em Rede um recorte específico de leitura:

Formação?

Entrevistador: Isso. Formação continuada ou Universidade.

Aquele curso que a gente participou do Ensino Médio em Rede, teve alguns finais disso aí, mas não foi exatamente da leitura, que era parte de matemática, então trabalhar mais com questões sobre resolução, mais sobre resolução de problema, mas chegou a ter um encontro sobre um texto; a gente chegou a ter isso, mas é muito pouco, né? (PROFESSOR CARLOS)

O Professor Milton não reconhece nenhuma formação sobre o tema leitura.

Não, não. (PROFESSOR MILTON)

Na análise do Coordenador Pedagógico na formação continuada, o Professor Adriano relata a atuação de seu formador como “muito boa”, descrevendo o processo que o mesmo utilizava para os momentos formativos, leitura do material, discussão sobre a temática utilizada. Ressalta também a adequação do material para a realidade da escola.

Sobre leitura? A formação do Coordenador.. Na época que eu fiz o Ensino Médio em Rede o nosso Coordenador era o Marcos, né, e era muito bom porque primeiro havia uma leitura do material e depois havia uma discussão sobre a temática usada daquele material. E o melhor ainda é que nós somente avaliávamos o que realmente dava para ser utilizado e o que estava realmente fora da realidade daquela escola. (PROFESSOR ADRIANO)

Já o Professor Eduardo, delimita a função do Coordenador, restringindo à orientação. Não cita a formação continuada.

Eu acho que aqui nesta escola a Coordenação tem um vínculo bastante estreito no sentido bem positivo, tá? É uma atuação que tá sempre dando respaldo para o

Professor, tá sempre facilitando o nosso trabalho. Então eu vejo de uma maneira bastante positiva a atuação da Coordenação. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia caracteriza o coordenador como mediador e facilitador dos processos de informações e mudanças na escola.

Fantástico, né! Acho que a função do coordenador, além de ser grande mediador, uma pessoa de nossa total confiança, um facilitador do que tem de novo pra nós, na forma de estar colocando os procedimentos, não dá mais pra viver sem o coordenador. Considero importantíssimo e vem somar, está somando muito nesse processo, nessas mudanças todas. (PROFESSORA SÍLVIA)

O Professor Carlos, caracteriza de forma positiva.

O Professor Milton considera o coordenador um profissional que dá suporte, é o cara que está incentivando, o cara que está apresentando, sugerindo outras estratégias; é um cara que está no apoio, dando suporte.

Então, no caso de ensino na rede?

Isto!

Ah! O coordenador. Ele é primordial; é um cara que tem, é profissional que dá suporte, é o cara que está incentivando, o cara que está apresentando, sugerindo outras estratégias; é um cara que está no apoio, dando suporte. (PROFESSOR MILTON)

O Professor Adriano identifica a avaliação do ensino de leitura pela atuação e direcionamento do Coordenador e a avaliação para a aplicação das atividades.

Então é dentro disso eu achei que o trabalho do Coordenador foi super importante de tá direcionando. Preciso também falar uma coisinha: tive reuniões pedagógicas já onde se tinha que trabalhar mais a temática, era pesado, e outras mais leves. As mais leves depois tinha toda uma avaliação pra depois aplicar aquilo. Então é, a princípio era bem pesado, depois foi ficando mais light, mais viável. (PROFESSOR ADRIANO)

Com relação ao desenvolvimento de projetos, relata que o trabalho interdisciplinar está engavetado. O professor enfatiza que trabalhou sozinho.

Bom, é.. até o ano passado eu trabalhei no projeto e a tentativa era de abranger várias e várias áreas. Até hoje o trabalho tá engavetado e tá num CD-ROM tudo que os

alunos produziram. Só que não houve assim uma interação com outras disciplinas, ou porque interferia no programa do Professor, ou porque não tinha disponibilidade de tempo pra aquilo, ou porque outros problemas desviavam, em suma, é.. acabei trabalhando sozinho e tentando. Sempre atrás de um ou de outro Professor, uma dicazinha dentro do projeto para aquele aluno de nome Roberto. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo identifica o tema em sua formação continuada, percebendo o aumento de oferta destes cursos

Como eu já tinha dito, essencialmente através da interpretação dos conceitos da Física, através de textos que eu passo pros alunos e esses textos têm que extrair o máximo possível dos sentidos das leis físicas que estão inseridas naquele contexto. E depois fazer uma avaliação dessas interpretações dos problemas dos enunciados. (Professor Eduardo)

Caracteriza o trabalho com leitura a partir da interpretação e avalia de forma positiva o trabalho da equipe.

Eu acho que no geral todos os professores atuam bem na parte de leitura, porque eu percebo pelos materiais dos alunos, né, as matérias que são passadas na lousa. Eu vejo ali que leitura é mais de 70% do trabalho em sala de aula, principalmente nas matérias humanas. (PROFESSOR EDUARDO)

Nestas questões, a professora Silvia reconhece o processo de formação em leitura nas HTPCS. Acredita que a leitura é uma questão de exemplo, deve começar na família.

Caracteriza as novas tecnologias, a internet como fonte de aprendizagem, porém, nas quais o objetivo principal não é a leitura e promove a aprendizagem. No caso de inglês a professora cita a necessidade de um trabalho inicial, desde o início do ensino.

A Professora vê o trabalho interdisciplinar e em equipe como importante e é uma questão de hábito. A Professora reconhece a compreensão leitora como necessária a todos os campos do conhecimento. Diz que foram sugeridas algumas pesquisas dentro da disciplina, mas as mudanças e o acúmulo de atividades dificultaram o trabalho.

Olha, ele pode começar a ler, eu sempre vou lembrar da questão cultural da própria família, que ele vai ser um leitor desde cedo, ele aprender vendo através do exemplo dos pais, eu acredito nisso. Agora, a própria juventude de hoje, ela não lê muito, ela tem até acesso à internet, lan house, mas o objetivo não é a leitura, o objetivo é o bate-papo que também não deixa de aprender, mas com algumas coisas que não são lá tão, digamos, qualificadoras, não sei se é a palavra, mas ele não tem um certo ganho na língua portuguesa, porque ele usa muita abreviatura errada e o adolescente já tem a mania de usar o hábito da gíria, que também é uma dificuldade e acho que é por aí. Agora, na questão do inglês, muito pouco porque, se desde o começo tivesse, se desde o 1º momento que ele entra na escola houvesse um trabalho diferenciado, eu fico entrando nessa questão, mas quer queira quer não, a gente entra nesse assunto porque está dentro de casa, na família e a nossa família brasileira, hoje, é muito carente de alimento, de cultura. Os pais são muito jovens, ele já pertencem a uma geração que não gosta de leitura, o livro é caro, falta biblioteca itinerante na cidade, então é um processo, mas a gente faz o melhor que pode para que ele consiga, de repente, a gostar de ler. (Professora Sílvia)

O Professor Carlos avalia o ensino de leitura pela equipe através dos resultados obtidos.

Acho que o próprio resultado do SARESP , pelo que tenho lido, os alunos tem melhorado em português. Pelos resultados, acho que está surtindo algum efeito. Ensino de rede, eu acho que precisa melhorar mais, aí entra a questão da estrutura, falta de xerox , etc, etc.. porque a gente poderia, de repente, trabalhar melhor. (PROFESSOR CARLOS)

O Professor Milton sinaliza que já teve em sua formação continuada o tema leitura contemplado e que atualmente não.

Agora não, mas já foi. A gente tinha, na época do ensino médio, a gente tinha um direcionamento. (PROFESSOR MILTON)

O Professor Milton diz que o texto é o instrumento: um texto histórico, um jornalístico e que não consegue fazer mais porque até o tempo é mínimo.

Como aprende a ler... Difícil, viu! Como ele aprende a ler. Acho que é um exercício; você pode estar começando com texto pequeno e trabalhando esse texto, analisando. A questão que você falou. Exatamente! A gente sabe que as escolas, as grandes escolas, a maneira de se fazer um estudo pro ENEM, eles fazem um simulado, ou seja eles faziam exercícios, obrigando o aluno a treinar a capacidade de leitura deles. Como eu atuo? Isto! Na discussão de história, na nossa sala de conhecimento, o texto é o instrumento: um texto histórico, um jornalístico, isso daí é um instrumento. Então a gente não consegue fazer mais porque até o tempo é mínimo. (PROFESSOR MILTON)

7.9 Eixo IV- Ensino Médio em Rede

Verificamos por meio dos depoimentos e relatos dos professores o significado do Programa Ensino Médio em Rede, observando se os professores sinalizaram mudanças na prática pedagógica em relação ao ensino e aprendizagem de leitura.

Todos os professores pesquisados responderam que já participaram do Ensino Médio em Rede. O Professor Adriano novamente identifica a questão metodológica para o EMR agora fazendo relação ao Programa e diz ter significado novos horizontes, relativas a uma nova concepção para ensinar e aprender.

O Professor Eduardo vê como contribuições o relacionamento com seus pares e as informações recebidas, a metodologia. Sinaliza dificuldades na prática.

Olha, na época foi um momento importante de relacionamento com os colegas, conhecer como os outros colegas trabalham em sala de aula, conhecer melhor os problemas da escola fora a minha aula específica e ver também que muitos problemas que eu estava preocupado não eram exclusividade minha, né, então problemas gerais. Então serviu pra eu ter uma visão bem geral, bem ampla de todos os problemas, mas também obter muitas informações úteis ao meu trabalho como, por exemplo, na apostila que foi oferecida, no material que foi oferecido. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia caracteriza a interação e os projetos com os alunos como fatores enriquecedores e vê a ruptura do processo como prejudicial.

O Professor Carlos vê como importante a formação nesse programa e sinaliza:

A ênfase em textos. ∴ Eu achei o curso Ensino Médio em Rede, assim o conteúdo muito bom. É porque a gente fez um curso nas áreas de ciências naturais, então esse foco que se tentou passar pra gente fazer relação com as outras disciplinas, foi muito interessante. Agora, eu acho que, infelizmente, a gente não conseguiu aplicar como deveria por conta de não ter muito tempo pra conversar com os colegas. A escola tem pouco HTPC e agora, inclusive, essa nova proposta ela voltou a colocar a matemática como área específica, só a matemática, então no curso foi trabalhado as áreas, as 4 disciplinas, então eu acho que aí ficou meio confuso porque a gente aprendeu coisa boa no Ensino Médio em Rede e agora com essa nova proposta, voltou a ser uma área específica, mas foi importante e acho que só não deu pra aplicar melhor por conta da estrutura da própria rede de ensino estadual. Eu acho que é possível, dependendo da

sala; se contem uma sala com alunos mais dedicados você pode avançar mais em alguns pontos, então a gente consegue. Agora, não é totalmente como foi colocado na proposta. (PROFESSOR CARLOS)

O Professor Milton analisa o processo formativo como enriquecedor:

Enriquecedor aprendi muito. R.: Eu acho que foi enriquecedor, somou; a gente faz tanta coisa aí que não soma. Só o fato de você sempre se reportar ao curso, sempre você se lembrar, você lembrar das situações dada em curso significa que ele foi significativo, ele foi enriquecedor. (PROFESSOR MILTON)

Com relação à avaliação de sua prática no período de formação desse programa, o Professor Adriano responde que identifica sua prática antes do Programa como comum e com metodologia não viável.

Do Ensino Médio em Rede? Entrevistador: Isto! Antes do Ensino Médio em Rede, a prática na sala de aula era um pouco mais comum, a metodologia não era tão viável, ou melhor, usava-se só os elementos que se conheciam. A partir do conhecimento dos elementos do Programa, isso pôde ser somado àquelas metodologias e ser ampliado. (PROFESSOR ADRIANO)

Durante sua formação no Programa houve ampliação de conceitos e atualmente, utiliza os conceitos de leitura estudados e o artigo de opinião como parte de sua prática. Relata que o material é útil e sempre recorre a ele para a aplicação em sala de aula.

Além da leitura que ampliou muito os horizontes, o artigo de opinião, né, ainda por mim é muito usado. Uma porque dá margem de a gente ter que ir buscar resposta na Química, na Física. Outros itens também, da parte de leitura realmente, e a parte de interpretação de texto.. isso tudo também é muito usado, bastante pra tá.. porque a gente também tá sempre aprendendo. Inclusive até hoje a apostilinha tá comigo. A apostilinha do Ensino Médio em rede, to sempre dando uma olhada, sempre dando uma vasculhada no Windows, vendo as opiniões de outras pessoas, ou mesmo artigo de opinião de Jornais. Então, até hoje, continua sendo aplicado em sala de aula. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo verifica que não há mudanças significativas, porém justifica que é por já ter adotado muitas das informações em sua prática diária e usa as idéias de acordo com o contexto da clientela que trabalha.

Bom, significou bastante do ponto de vista de informação, né? Eu tenho o material guardado até hoje. É um material que você extrair muitas dicas úteis, muitas coisas que você pode aplicar em sala de aula. O Ensino Médio em rede, o esboço dele, né, a metodologia que ele apresenta é excelente, mas freqüentemente nós nos esbarramos na prática, né, que é exatamente colocar o aluno em sintonia com o material. É conseguir com turmas muito heterogêneas, que é o caso como trabalhos, conseguir adequar à realidade da sala de aula. Então, nessa hora a gente sente uma certa dificuldade. (PROFESSOR EDUARDO)

Sobre sua prática o professor relata:

Eu não vou dizer que a minha prática em sala de aula mudou, assim, radicalmente. Embora a gente percebe que muitas informações úteis vieram do Programa, mas assim, não houve uma mudança tão significativa. Isso, não por uma questão de rejeição de minha parte, mas porque muitas práticas eu já praticamente adotava em sala de aula. Embora tenha tido muita informação nova, muita informação e coisas que no decorrer de minha prática eu já aplicava em sala de aula, eu já fui incorporando em sala de aula e sentindo a mudança da turma de ano pra ano. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Sílvia vê sua prática aprimorada pelo processo de formação continuada. Utiliza as idéias para tornar suas aulas motivadoras e práticas.

O Professor Carlos acredita que houve um avanço na prática da leitura.

O Professor Milton caracteriza com entusiasmo e diz que o resultado desse ano não tem uma estatística. Já nos anos anteriores, ficaram num patamar interessante, até que bom, em comparação com outras escolas da rede pública, mas ainda é pouco; percebe-se que os alunos não têm capacidade para leitura até porque não são “treinados” (sic) o suficiente.

Foi entusiasmante pois ficávamos esperando os resultados. O resultado Por ex, esse ano, a gente sente que não tem uma estatística. Já nos anos anteriores, a gente observa que a gente tem ficado num patamar interessante, até que bom, em comparação com outras escolas da rede pública, mas ainda é pouco; a gente percebe que os alunos não têm capacidade para leitura; até porque não tem treino. Ele continua valendo. Concordo que ele foi assim um divisor. Foi interessante; foi uma coisa interessante que colocou na formação. (PROFESSOR MILTON)

Na pesquisa o Professor Adriano identifica o formador e o direcionamento dado ao programa como fundamental, critica o tempo de duração e verifica a

diversidade do trabalho com diferentes grupos por participar deles, ou seja, ter aulas em mais de um período.

Bom, foi de suma importância pelo direcionamento dado ao Programa. Acredito né, que a importância é total porque se tivesse sido mandado pra escola e os professores sentassem ali sem ter lido nada.. acho que o tempo de desenvolvimento teria sido muito maior. O Coordenador e o pessoal da equipe que estava trabalhando já têm o conhecimento e só plantava a semente pra gente desenvolver. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo vê a atuação do formador como positiva além de considerá-lo como amigo.

Bom, em primeiro lugar o Formador foi uma pessoa que se tornou um amigo a mais, e profissionalmente que trabalhou de maneira bastante séria com o Programa, trouxe bastante informações relevantes, desenvolveu o conteúdo de maneira bastante adequada e colaborou muito no sentido de nortear o nosso trabalho.(PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia considera o formador como mediador e avalia o trabalho em equipe como excelente.

O Professor Carlos considera que o formador esclareceu pontos pedagógicos interessantes e o Professor Milton o considerou como orientador.

Analisando a política educacional do programa, o Professor Adriano a considerou positiva e bem aplicada, pois veio de encontro aos anseios de professores.

Eu poderia dizer em termos de desenvolvimento, ou ... acredito que é uma Política que veio de encontro com alguns anseios, assim, principalmente os meus. Pois, muitas vezes, Marcos, você mesmo tendo experiência você se depara em Matemática, por exemplo, que seu domínio não é 100%. Vamos dizer assim uns 70% de domínio daquele assunto que você vai explicar e que você tem que entrar no raciocínio do aluno e interagindo ali também. Então, isso causa uma ansiedade muito grande, pois mesmo que você tenha preparado a tua aula, mesmo que você tenha escorrido sobre o assunto, você sabe que vai ficar uma lacuna aberta. E como sanar isso? Eu penso que a política para a orientação técnica.. faz tempo que eu não tenho orientação técnica, eu sinto falta de novo. Ou mesmo algo com o Ensino Médio em rede, eu penso que seria bom sanar essa ansiedade que o Professor tem. Ao mesmo tempo em que ele queira desenvolver um.. algo diferenciado, a gente não tem tempo pra isso, né, seu tempo tá todo tomado. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo compara a política educacional que tem boas intenções como à prática cotidiana que possui entraves.

Nas intenções, a Política Educacional é das melhores. Falando de maneira bem resumida, a intenção é de formar um cidadão pleno, consciente, participativo, o cidadão que é dono de si, que é independente, que sabe buscar a informação. Eu vejo que pelo menos na teoria é essa a intenção e que é das melhores. Mas na prática onde que nós esbarramos? Esbarramos numa série de dificuldades que são: estruturais da própria escola, recursos para implementar todo esse idealismo. E agora tem uma coisa que dão dá para NÃO colocar: todo esse idealismo brilhante e bonito da Política Educacional esbarra num problema muito sério de hoje que é a família. Como já falei, nós não temos aqui no EJA a participação dos pais dos alunos. Nós Professores, pelo menos uma vez por bimestre, nós vemos as caras dos pais, né? Temos a oportunidade de pelos menos chegar nos pais que vieram e falar “olha, seu filho tá assim e assado, tem esse e aquele problema, é preciso orientar ele nesse sentido. Aqui no EJA nós não temos isso e então o que acontece? Nós esbarramos na questão da família. A Política Educacional, por melhor que seja, ela tá esbarrando na questão da família. As famílias são muito distantes da realidade escolar e cada vez vejo menos interesse da família sobre o filho, e se isso não for uma coisa trabalhada em casa, a Política Educacional só na escola vai sempre ser uma coisa cheia de precariedade. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia vê a política educacional inserida na formação como positiva e considera o trabalho metodológico.

Eu trabalho como Professora na rede desde 1985, desde então não vi muita coisa acontecer durante todo esse tempo. Por isso achei positiva toda essa formação que nos foi dirigida. (PROFESSORA SÍLVIA)

O Professor Carlos analisa como avançada, mas precisa melhorar. O professor Milton afirma que o grande problema é que não possuem continuidade.

Com relação à prática pedagógica do Programa EMR o Professor Adriano identifica uma nova visão acrescida a seus conhecimentos sobre leitura e identifica melhoria da prática apesar de considerar que foi tradicional durante o período de formação.

Bom, existia a questão da leitura, mas não com a visão que o Ensino Médio em rede tinha. Então, a partir dele eu pude, acredito, melhorar a concepção da prática de leitura. Acredito que isso foi essencial. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo a considerou em seu depoimento sua prática como tradicional, a Professora Silvia dinâmica, o Professor Carlos disse que os textos eram valorizados e o Professor Milton tenta aplicar o que aprendeu.

O Professor Adriano aplica hoje em sala de aula o programa desde o diagnóstico de uma turma de estudantes a necessidade de um trabalho com compreensão leitora, citando novamente o artigo de opinião. Vê também um dinamismo em sua prática em relação à leitura. Identifica a formação a partir das estratégias utilizadas pelo formador. Ele avalia sua formação como satisfatória, porém critica o tempo e vê a necessidade de mais estudos para o aprofundamento.

Sim, aplico. Quando eu vou fazer avaliação diagnóstica, por exemplo. No primeiro ano deste ano, noturno, eu pedi que os alunos escorressem um assunto cuja a temática envolve Roma, e Roma foi se não o maior império do mundo, pelo menos um dos. Eu pedi pra eles compararem Roma hoje com a situação praticamente imperial dos EUA. Se houve Romanização, como há Americanização? Aí eu percebi que alguns alunos conseguiram escorrer muito bem sobre o assunto, mas faltava aquela visão sobre práticas de leitura, artigo de opinião, enfim. Eu percebi que.. foi como eu falei pra você: é começar do simples e indo até o complicado. Porque pra mim isso, da visão do aluno de 1º ano, pra um diagnóstico, pra ele fazer uma comparação dessas já é um pouco além. Aí você pega umas coisas assim: aluno chega no 1º ano e escreve próximo com “C”, alheio eles escreve “aleio”. Então são pequenas coisinhas que você vai consertando, mas que não interfere na coisa do pensar, né, aquilo é gramatical, e você vai consertando durante as aulas. Daí, né, a necessidade toda de um relatório, pedir ajuda de um Professor de Português, né, pra tá auxiliando. Então, eu penso que a visão que me deu o Ensino Médio em rede pra tá trabalhando depois a prática de leitura em cima da, depois que os pequenos problemas fossem sanados, trouxe um movimento muito maior pra esse programa, pra leitura em si. (PROFESSOR ADRIANO)

Sobre seu formador:

Bom, no caso eu só tive um formador que foi o Marcos, porque eu fazia um HTPC.. é, eu fazia HTPC no período noturno e o Ensino Médio em rede eu optei por desenvolver no noturno, então.. no período da tarde também era você que dava. É, analisar o desempenho de quem tava proporcionando o curso é.. pra mim era muito simples até porque .. é, no caso do Coordenador ele passava até a temática, pedia uma discussão, pedia que os Professores analisassem aquilo e depois a gente organizava um debate sobre o tema. Isso nós fazíamos em grupo, então esses grupos iam desenvolvendo visões sobre o assunto e depois se confrontava todo mundo, e a gente aplicava isso em sala de aula, e o Coordenador verificava como era o desenvolvimento daquilo. Era uma coisa que tava sendo estudada e praticada, então, era teoria e prática simultânea e isso foi muito legal no Programa. Foi muito bom em termos de desenvolvimento metodológico porque era uma coisa seguida da outra, ou simultaneamente. Uma coisa que, como por exemplo quando nós pegamos uma orientação técnica.. é, nós pegamos a metodologia e aplicamos em sala de aula, mas

depois não tinha uma avaliação do grupo, e no Ensino Médio havia essa avaliação com o grupo todo e isso foi mais importante. (PROFESSOR ADRIANO)

O Professor Eduardo avalia o material utilizado e sua formação no curso de forma positiva e deixou novas questões para aprofundamento.

O material foi bom, né? Claro que a apostila é bastante resumida porque cada página dela que você for pesquisar a fundo, o material dito em cada página, dá pra você abrir uma Bíblia de cada tópico. Foi um material que deu um norte pra você pesquisar de maneira mais profunda, tanto em livro quanto em internet. (PROFESSOR EDUARDO)

A Professora Silvia adapta o Programa à realidade dos grupos. Vê a atuação de seu formador de forma positiva e importante e sinaliza que as mudanças romperam um vínculo e dificultaram a continuidade do trabalho e ao analisar sua formação, identifica que muito há que aprender e que as mudanças foram fator negativo.

Adaptando o que for possível durante as aulas com o único objetivo de tornar as aulas interessantes e motivadoras para os nossos alunos. A partir do Ensino Médio que ele vai definir a vida dele, se vai fazer curso técnico, fazer faculdade, ser um empreendedor ou empregado mesmo, ou funcionário e, se ele não tiver a leitura, se não souber, ainda, ler, compreender o que está escrito, através da leitura saber direcionar, então a vida dele vai se complicar. E a leitura é um processo também, que além de ser cultural e familiar, ela vem no decorrer da vida e tudo que você puder pegar e ler, seria esse o desafio, mas ele também não tem acesso a jornal, não tem acesso à revista, se não tem acesso a livro, a biblioteca não dispõe de livros que a gente pudesse estar incentivando mais ainda. Existem os clássicos, é claro, valiosos, mas uma literatura infanto-juvenil, uma coisa mais atualizada, um livro que; nós temos que trabalhar paralela à mídia para trabalhar esse aluno como leitor. (PROFESSORA SÍLVIA)

Sobre seu formador:

Bom, como eu falei, a presença do coordenador é importantíssimo, não dá mais pra viver sem ele, sem esse profissional. Ele tem nos ajudado bastante e do trabalho que foi feito anteriormente, ele nos auxilia até hoje, porque muita coisa que foi visto ali, que foi falado, as capacitações no HTPC, eles só nos ajudaram. A gente podia trocar idéias através das leituras, das leituras daquelas pastas, dos assuntos variados, das propostas, então assim é óbvio que muita coisa dali a gente aplica, continua aplicando, o que é bom é pra ser aplicado. Entretanto, este ano, com estas mudanças, quebrou um pouco aquele, vamos dizer, até aquela mudança do próprio profissional, a mudança da própria escola, então houve aquela quebra porque a sintonia era muito grande quando nós estávamos ali, passamos mais de vários anos juntos, então houve essa quebra, mas com certeza o que foi passado de alta qualidade que a gente percebe e eu realmente uso e passo, com certeza, tudo que eu aprendi; qualquer coisa que venha somar e que possa

já usar no decorrer do dia-a-dia do nosso trabalho, nossa vida é sempre bem vindo.
(PROFESSORA SÍLVIA)

Sobre o Programa de formação:

Olha, eu percebi o seguinte; antes do Ensino Médio em Rede, nós vínhamos trabalhando naquela metodologia já um pouco antiga, vamos dizer assim; com o Ensino Médio em rede, com a atuação positiva do coordenador, com troca de informações, com as leituras, as releituras de artigos em sala, com debates com os colegas, acho que somou muito e agora, em 2008, eu pensei que nós não tivemos tempo pra continuar esses processos; interrompeu o processo que estava dando certo. Então, hoje, nós temos muita coisa pra ler, quer dizer, nós paramos aquela discussão que nós obtivemos muitos ganhos, com certeza, eu pelo menos, eu acho que tínhamos muito mais para aprender porque há somatória. Agora, em 2008, com as mudanças, a gente sente a falta de continuação; como disse anteriormente, houve a quebra, houve algumas perdas, mas vamos aguardar o que vem por aí. Finalizo com o que escreveu Albert Einsten. “A mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará ao seu tamanho original” (PROFESSORA SÍLVIA)

O professor Carlos aplica o programa em situações problemas e avalia como bom o material utilizado. Considera que a formação nesse curso contribuiu para aproximar as áreas e mostrar a importância da leitura e interpretação no ensino da matemática.

O Professor Milton considerou essencial a participação do Formador que estudava mais que todos e cresceu junto com o grupo de professores. Foi extremamente profissional para contornar problemas de ordem pessoal do grupo (resistência de alguns). Reconhece o valor do projeto, mas lamenta não ter continuado.

Com o formador? A relação com o formador era de parceria, entendeu? O formador, ele tentava passar par gente todas as etapas que deveriam ser cumpridas, sugeria, dava exemplos, era um parceiro; a gente, inclusive, era um grupo que funcionava em função da coordenação; a coordenação ela funcionou nesse caso de formador, ele foi primordial no meu modo de entender. (PROFESSOR MILTON)

O Professor Milton relata sobre seu formador

O Formador foi essencial. Estudava mais que todos e cresceu junto com o grupo de professores. Foi extremamente profissional para contornar problemas de ordem pessoal do grupo (resistência de alguns). Hoje, todos reconhecem seu trabalho de forma positiva. (PROFESSOR MILTON)

Concordamos com Freire (1996:45) quando afirma que:

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado” vai gerando a coragem.

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação.

Com estes depoimentos verificamos a importância do processo formativo e a atribuição de significados quanto ao formador e a formação recebida e entendemos sua importância no processo relacional entre a teoria e a prática.

Na caracterização dos sujeitos de pesquisa, conhecemos a formação inicial, complementar, e o tempo de exercício no magistério, foram elaboradas perguntas para identificar a formação dos professores, cursos complementares, tempo de atuação no magistério, horas de trabalho semanal, e funções na escola.

Nos depoimentos sobre a prática pedagógica buscamos por meio dos relatos explicitados e descrever a metodologia e a rotina do professor na escola.

Objetivamos conhecer, por meio do depoimento dos professores sobre a leitura, suas concepções de leitura, seu ensino e avaliação, bem como a formação específica sobre leitura que os professores possuem e a atuação do Professor Coordenador na formação continuada.

Especificamente sobre o Programa Ensino Médio em Rede, procuramos por meio dos depoimentos e relatos dos professores o significado do Programa Ensino Médio em Rede, observando se os professores sinalizaram mudanças na prática pedagógica em relação ao ensino e aprendizagem de leitura.

Entendemos com os depoimentos o ensino e aprendizagem de leitura na perspectiva formador- formando, analisando o significado que o Programa Ensino Médio em Rede incidiu na prática pedagógica dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisamos, neste estudo de caso, uma escola de referência na cidade de São José dos Campos, da Rede Pública Estadual de São Paulo. Conhecemos sua realidade e identificamos que muitos fatores contribuem para que esta escola tenha êxito no processo de ensino e aprendizagem.

Destacamos como fatores essenciais para essa referência em termos da qualidade de ensino, a conservação do prédio e mobiliário escolar, a organização pedagógica de atendimento e otimização dos recursos disponíveis e o compromisso dos docentes e equipe escolar com a educação, conceitos presentes no projeto político-pedagógico da Unidade Escolar.

Observamos que a Escola atende uma clientela diversificada, abrangendo diversas camadas sociais, porém reside nesta escola um sonho: um ensino de qualidade para melhoria da vida e exercício pleno da cidadania.

Na caracterização, proposta por esta pesquisa, os professores participantes da pesquisa explicitaram em seus depoimentos um diferencial notório quanto à preocupação com a aprendizagem de seus alunos, fator provavelmente desenvolvido por uma formação acadêmica consistente permeada pelo propósito coletivo.

Destacamos que a permanência desses profissionais na instituição permite um olhar mais apurado quanto à discussão da realidade que vivenciam.

Identificamos segundo depoimento dos docentes, em relação ao exercício da profissão, uma carga horária excessiva de trabalho o que pode dificultar a possibilidade da melhoria dos resultados já obtidos por essa instituição. O fator tempo, no depoimento dos professores é relevante, visto a realidade de jovens no Ensino Médio.

Os professores pesquisados estão no exercício profissional conscientes de seus desafios e dificuldades e reconhecem em sua prática pedagógica a compreensão leitora como fator essencial para aprendizagem, e buscam a melhoria dos resultados obtidos nas avaliações. Os professores citam o reconhecimento profissional como fator revelado na credibilidade dos resultados, além de fatores como respeito e interação.

No depoimento sobre a prática pedagógica, os professores relataram que utilizam metodologia tradicional, porém observamos que estão promovendo práticas interativas como discussões, debates e a contextualização dos conteúdos propostos.

Os professores consideram a leitura um fator essencial, relevante à compreensão e a desenvolvimento de diversas capacidades cognitivas. Percebemos nos depoimentos, mesmo implicitamente, que os professores participantes deste estudo, utilizam de estratégias de leitura para promover práticas significativas aos estudantes, com atividades contextualizadas e interdisciplinares.

A relação com o formador, o Professor Coordenador é descrita como um dos fatores que norteiam o trabalho pedagógico e de extrema importância na formação continuada, porém nos relatos não é reconhecida como formação.

O Programa Ensino Médio em Rede é visto pelos professores como facilitador das práticas e descrito como momentos de estudo e aprimoramento. Há no depoimento dos docentes questões como a ruptura do processo, o tempo insuficiente para execução prática dos conhecimentos adquiridos e a troca do Professor Coordenador, que interrompeu o processo, questões que merecem aprofundamento em novas pesquisas sobre o tema.

Observamos que o Programa Ensino Médio em Rede no tocante ao ensino e aprendizagem de leitura mostrou-se uma ferramenta para o desenvolvimento das habilidades de compreensão leitora, esbarrada nas políticas públicas que interromperam esse processo formativo.

Verificamos que as concepções sobre leitura presentes neste Programa de formação, estão inseridas nos depoimentos dos docentes e incorporadas as suas práticas em sala de aula.

Acreditamos assim, que com os resultados obtidos com os depoimentos dos professores participantes do processo formativo, que o Programa Ensino Médio em Rede, teve significado positivo aos docentes quanto à aprendizagem de leitura, trouxe um aprofundamento teórico e metodológico.

Este estudo trouxe a possibilidade de um olhar diferenciado sobre uma experiência com os profissionais que estiveram envolvidos em um processo

formativo, no qual delimitamos para análise o ensino de leitura na perspectiva formador e formando, relatada como fator diferencial neste processo.

A pesquisa trouxe dados referentes à formação dos professores inicial e continuada, revelando que a formação é essencial para que os professores possam aprimorar-se em suas práticas. Nos depoimentos ficou explicitado que a formação continuada trouxe a possibilidade da abertura de novos olhares metodológicos.

Identificamos o recorte da compreensão leitora, como fundamental na formação dos professores e o trabalho em equipe como alicerce de uma formação eficaz e comprovada pelos resultados obtidos pela Unidade Escolar.

Conhecemos a realidade na qual trabalharam os professores, suas dificuldades e seus avanços.

Ficou evidente que o Programa Ensino Médio em Rede trouxe grandes contribuições na formação dos docentes ao analisarmos seu depoimento quanto ao ensino e aprendizagem de leitura e sua prática pedagógica.

Os resultados mostram que a formação continuada sofreu uma ruptura o que prejudicou o andamento das ações pedagógicas dos docentes.

Salientamos a relação entre formador e formandos, no caso os docentes e o Professor Coordenador como essencial no planejamento e execução de atividades que contribuam para o desenvolvimento da competência leitora em jovens estudantes do Ensino médio.

Este estudo abriu um leque de questões que merecem maior atenção em outras pesquisas. Destacamos no Programa Ensino Médio em Rede a aprendizagem por meio de estratégias metodológicas planejadas coletivamente, como as seqüências didáticas e a construção de um artigo de opinião como fatores que privilegiaram o ensino e aprendizagem de leitura.

Um estudo específico com os Professores Coordenadores, que foram os formadores de professores no Programa, poderia esclarecer questões relativas à formação e as dificuldades explicitadas nos depoimentos dos docentes, como por exemplo, em relação ao tempo e a interrupção do processo. Outro aspecto que instiga outras pesquisas é a avaliação do Programa, na ótica dos formadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Wallon e a Educação. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga, ALMEIDA, Laurinda Ramalho, MAHONEY, Abigail Alvarenga (orgs.). **Henry Wallon - Psicologia da Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 71-87

_____. O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho, PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orgs.). **O Coordenador Pedagógico e o espaço da mudança**. Edições Loyola: São Paulo, 2006, p. 67-69

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso, VIEIRA, Marili M. da Silva. O coordenador pedagógico e a questão dos saberes. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho, PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (orgs.). **O Coordenador Pedagógico e questões da contemporaneidade**. Edições Loyola: São Paulo, 2006 p. 11-24

BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva, AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A Transformação do Professor como elemento mobilizador de mudança na realidade escolar. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 16, 1º sem. 2003 p. 83-101

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, **ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio**. Disponível em: <http://www.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=58&Itemid=88> Acesso em 15 de fevereiro 2008.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, **PISA – Programa Internacional de Avaliação de Alunos**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf>> Acesso em 15 de fevereiro 2008.

_____. **Lei 4.024 de 14 de dezembro de 1962. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1962

_____. **Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1971

_____. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira, ABREU, Luci Castor. O Coordenador Pedagógico e a questão do fracasso escolar. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho, PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (orgs.). **O Coordenador Pedagógico e questões da contemporaneidade**. Edições Loyola: São Paulo, 2006 p. 93-108

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

CLEMENTI, Nilba. A voz dos outros e a nossa voz: alguns fatores que intervêm na atuação do coordenador. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org). **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. São Paulo: Loyola, 2001

DELORS, Jacques (org.) **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1998.

FANFANI, Emílio Tenti. Culturas jovens e cultura escolar. In: SEMINÁRIO “ESCOLA JOVEM: UM NOVO OLHAR SOBRE O ENSINO MÉDIO”, 2000, Brasília. ANAIS ELETRÔNICA. Seminário “ Escola Jovem: um novo olhar sobre o ensino médio”. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://mec.gov.br/semtec/ensmed/artigosensaio.shtm>> Acesso em: 15 fev. 2008.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde, DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set-dez, 2004.

_____. Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p.323-329, dez-dez, 2005.

_____. A escola e o ensino da leitura. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 7, n. 1 p. 39-49, jan-jan. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Disponível em <<http://www.ipm.org.br/>> Acesso em 15 de fevereiro 2008.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto,2006

KRIEGL, Maria de Lurdes de Souza. Leitura – um desafio sempre atual. **Revista PEC**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 1-12, jul-2001-jul,2002.

LIMA, Elvira Souza. **Desenvolvimento e aprendizagem na escola: aspectos culturais, neurológicos e psicológicos**. São Paulo: Sobradinho,1997

LEITE, Sergio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: AZZI,

Roberta G; SADALLA, Ana Maria F. de Aragão. **Psicologia e formação docente: desafios e conversas** (orgs.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 113-141.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Introdução. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho, MAHONEY, Abigail Alvarenga (orgs.). **Henry Wallon- Psicologia da Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MARIN, Alda Junqueira e GIOVANNI, Luciana Maria. Expressão escrita de concluintes de curso universitário para formar professores. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.130, p.15-41, jan/abr.2007

MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T. Alves . **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002.

NÓVOA, António. Nada substitui o bom professor. In: **Desafios o trabalho do professor no mundo contemporâneo**. 2006. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf > Acesso em 27 de janeiro de 2007

ORSOLON, Luiza Angelina Marino. O coordenador /formador como um dos agentes de transformação da /na escola. In ALMEIDA, Laurinda Ramalho, PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (orgs.). **O Coordenador Pedagógico e o espaço da mudança**. 5ª ed. Edições Loyola: São Paulo, 2001 p. 17-26

PASQUIER, Auguste, DOLZ, Joaquim. **Um decálogo para ensinar a escrever**. Cultura y Educación, n.2 1996

PAULINO, Graça, WALTY, Ivete, e CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades. Teoria e prática**. São Paulo: Formato 2005

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky. Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 17ª ed . Petrópolis RJ: Vozes, 1995

ROJAS, Waldemar José Cerrón, LÓPEZ, Bertha Rojas. **Lectura Productiva**. Huancayo:Ediciones Rumi,2008

ROLDÃO, Maria do Céu . Profissionalidade Docente em Análise- Especificidades dos Ensinos Superior e não Superior. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v.12, n.13, p.105-125, jan/dez, 2005.

RONCA, Vera de Faria Caruso. **Docência e ad-miração (da imitação à autonomia)**. São Paulo: Edesplan, 2007

SÃO PAULO (Estado) Secretária da Educação, S239p. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental (Ciclo II) e Ensino Médio**. Coordenação Geral Maria Inês Fini; Concepção Guiomar Namó de Mello, Lino de

Macedo, Luis Carlos Menezes e Ruy Berger. CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o ensino fundamental Ciclo II e ensino médio.** São Paulo : SE, 2008

_____. Secretaria da Educação. **Projeto Ensino Médio em Rede.** São Paulo : CENP, 2004.

_____. Disponível em< <http://www.saopaulo.sp.gov.br/acoes/educacao/metast/>>

Acesso em 25 fevereiro 2008

_____. Disponível em< <http://www.saopaulo.sp.gov.br/acoes/educacao/metast/>>

Acesso em 25 fevereiro 2008

_____. Resolução SE- 88 de 19-12-2007. Dispõe sobre a função gratificada de Professor Coordenador: São Paulo, 2007

SMITH, Frank. **Leitura significativa.** Trad. Beatriz A. Neves. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul LTDA, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

VILLANES, Marco Antonio Palacios. **Estrategias de lectura para la comprensión de textos.** Huancayo : Aptitud Verbal, 2003

ANEXO 1 – Apresentação do Pesquisador

APRESENTAÇÃO E CONTATO INICIAL DO PESQUISADOR:

Sou Marcos de Moura Albertim e estou fazendo uma pesquisa, que é parte do meu curso de Mestrado, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Gostaria de saber como o Professor concebe o processo formação continuada em serviço em leitura no Ensino Médio Regular tendo como base o PROGRAMA ENSINO MÉDIO EM REDE, realizado com professores da rede pública entre 2004 e 2006. Esta pesquisa tem como objetivo identificar o que significou este momento de formação, seus significados e contribuições para prática pedagógica. Seu depoimento é muito importante para nós; pois você deve ter um conhecimento acumulado pela experiência em sala de aula e na formação de alunos. Para obtermos essas informações será necessário conversarmos e gostaria de saber se você dispõe de um tempo sem comprometer seu trabalho. Em função da relevância de nossa conversa, peço permissão para gravá-la. Antecipo que somente eu e minha orientadora teremos acesso às informações ditas. No final do meu trabalho não haverá identificação dos participantes e apenas trechos de nossa conversa. Você terá acesso à fita para ouvir a conversa; bem como, a transcrição. Poderá, também, retirar o que achar necessário e terá acesso ao trabalho final.

ANEXO 2 - Entrevista: Professores

I – Caracterização

1. Qual sua formação acadêmica?
2. Realizou outros cursos complementares?
3. Há quanto tempo atua no Magistério?
4. Há quanto tempo atua em sala de aula? Já exerceu alguma outra função na escola?
5. Quantas horas semanais você trabalha?
6. Atua em outra Instituição de Ensino?
7. Por que você escolheu o Magistério como profissão?
8. Como você vê sua atuação na escola? Faça uma auto-avaliação
9. Como você percebe a credibilidade de seu trabalho na escola?
10. Quais são seus maiores desafios e facilidades como professor?

II – Prática Pedagógica

11. Descreva um dia típico de sua rotina na escola.
12. Descreva sua metodologia ao ministrar uma aula: tipo de aula, materiais utilizados.
13. Qual a avaliação que você faz do trabalho que a escola realizou? Descreva pontos positivos e aspectos que necessitam de melhorias.
14. Você participa de reuniões pedagógicas? HTPC? Como são realizados?
15. Qual a relação estabelecida entre a coordenação e a equipe docente?
16. O que o Coordenador Pedagógico contribui para sua atuação em sala de aula?
17. Como a equipe de Direção, pais e a comunidade estão inseridos no exercício de sua função?
18. Como você avalia o processo de formação continuada em serviço para os professores?

III – Professor e a Leitura

19. Qual sua concepção sobre leitura?
20. Como se ensina leitura na sua disciplina?
21. Você realizou alguma formação sobre o tema?
22. Como você analisa o trabalho do Coordenador pedagógico na formação continuada?
23. Em sua formação continuada, o tema leitura é contemplado?
24. Descreva como você realiza o trabalho com leitura?
25. Como você avalia o ensino de leitura pela equipe docente?
26. Você desenvolve projetos com professores de diferentes áreas?

IV – Ensino Médio em Rede

27. Você participou do EMR?
28. Quais foram as contribuições do Programa EMR?
29. O que significou aquele momento de formação para você?
30. Como você avalia sua prática no período da formação deste programa?
31. E hoje, como você usa essas idéias na prática?
32. O que significou o formador para você neste Programa?
33. Como você avaliou o trabalho em equipe realizado?
34. Como você analisa a política educacional inserida neste Programa?
35. Das atividades realizadas, quais foram as mais significativas para você como professor?
36. Como era a prática pedagógica durante seu período de formação no Programa?
37. Como você aplica hoje em sala de aula este Programa?
38. Como você avalia o material utilizado?
39. Analise a atuação de seu formador.
40. Analise sua formação neste curso.

ANEXO 3 - Entrevista I – Professor Adriano

I - Caracterização

1. Qual sua formação acadêmica?

R.: Licenciatura plena em História e curta em Geografia.

2. Realizou outros cursos complementares?

R.: Só os cursos da Diretoria mesmo. Só orientações técnicas.

3. Há quanto tempo atua no Magistério?

R.: 16 anos

4. Há quanto tempo atua em sala de aula? Já exerceu alguma outra função na escola?

R.: Não, o mesmo tempo na escola é o mesmo tempo em sala de aula, 16 anos.

5. Quantas horas semanais você trabalha?

R.: 60 horas.

6. Atua em outra Instituição de Ensino?

R.: Não.

7. Por que você escolheu o Magistério como profissão?

R.: Bom, eu diria por vocação e diria também por opção né, e por talvez, um pouco de ideal.

8. Como você vê sua atuação na escola? Faça uma auto - avaliação.

R.: Eu acredito ser dinâmica, né? Dinamizar as aulas, instigar o aluno a sempre estar raciocinando, pensando para que ele possa através desse exercício solucionar diversos fatos que possam vir na vida própria, tanto na acadêmica quanto na não acadêmica.

9. Como você percebe a credibilidade de seu trabalho na escola?

R.: Pelo resultado dele, né, o resultado não só físico, mas a formação do próprio aluno. Você sente como ele tá saindo de uma série. O vocabulário enriquece muito, os próprios trabalhos em si, a metodologia usada e o aluno vai se adequando, vai melhorando, você também vai melhorando. Então é bem assim.

10. Quais são os maiores desafios e facilidades como Professor?

R.: Bom, a facilidade reside no domínio da Metodologia. As dificuldades estão nos problemas estruturais: salas super lotadas, falta de recurso. Às vezes você disponibiliza de recursos de multimídia, às vezes não. Então, esses entraves que dificultam e muito o profissional em sala de aula.

II – Prática Pedagógica

11. Descreva um dia típico de sua rotina na escola.

R.: Bom, uma aula expositiva. A partir da exposição eu tento observar o que não foi compreendido e como fazer com que aquilo se torne compreendido. Então, uma mudança de linguagem, por exemplo, né, falar mais na linguagem do aluno para que ele entenda melhor o que tá sendo passado; vocabulário. Acho muito importante a interação deles com eles mesmos, né, então a formação de grupos, a opinião de cada qual ali no contexto e isso vai ser confrontado ali.

12. Descreva sua metodologia ao ministrar uma aula: tipo de aula, materiais utilizados.

R.: Melhorou! Um fato curioso é que uma das reclamações dos alunos com relação ao material mandado pelo Estado, por exemplo, é o peso dos livros. Espaço físico para que esses livros sejam guardados, então eu sempre procurei fazer uma apostila de autoria minha e baseada em vários e vários livros, pois quanto maior a riqueza, a abordagem de um tema, melhor é. Então sempre procuro de ano a ano compilar uma apostila e que fique menos pesada para que o aluno possa estar com ela o tempo todo. Curiosamente o Governo mandou uma apostila e a coincidência da metodologia usada nessa apostila do Governo com a minha foi algo que me assombrou. O eixo temático é sempre o mesmo, mas no

fim, exemplo: ele colocou alguns itens que levavam a pensar que o homem não conviveu com os dinossauros. Então por exemplo, tenho alguns exercícios que levam a pensar isso: desenho dos Flinstones, então o que é realmente verdadeiro naquele desenho e o que é apenas uma fantasia..do entretenimento da televisão..algumas imagens, gravuras da Idade Média, por exemplo, é pede para comparar o tipo de mentalidade que tá ali, que a época passava, e o que permaneceu e o que ficou? Na minha apostila tem um exercício assim: comparando o que permaneceu e o que ficou. Então, as metodologias que uso em sala de aula, a partir da aula expositiva, da leitura, não só da minha apostila, as disponíveis na escola também. Uma coisa que passei a utilizar foi o artigo que até então não era do meu domínio. Uso técnicas de fechamento pra eles. Não pra eles memorizarem, mas tomarem um caminho dentro do texto, para melhorar o diálogo deles. Então muitas coisas que ficam nas entrelinhas eu vou estar expondo de forma melhor pra eles aquilo, né. Outra forma de metodologia muito utilizada compara o documentário, aquele conteúdo que estamos aprendendo. Mas assim, toda sinceridade, Marcos, eu sou anti-cultura inútil. Acho que o quê eu tenho que ensinar pro meu aluno é aquilo que realmente ele vai utilizar na vida dele. Estamos hoje num processo de crise nos Estados Unidos, como esse meu aluno entende que essa crise vai nos atingir, e como sair dessa crise? O que, como sujeito pensante, pode fazer para manter o padrão de vida dele, pra não cair muito. Então aí tá a viabilidade desse aluno ter uma compreensão um pouco mais profunda dos problemas, entender essa realidade. Então é uma coisa difícil, árdua? É, mas se nós tivéssemos até 30 alunos por sala e pudéssemos ter um contato maior com esses alunos, é mesmo porque muitos vem pra gente totalmente desinteressados. E eles só passam a ter interesse a partir do momento que eles entendem como eles vão fazer e como vão usar. Então é, não que eu queira assim dizer que outras disciplinas não sejam, tudo tem uma finalidade muito grande, mas eu faço questão de expor pra eles onde que isso vai encaixar no pessoal dele, no dia a dia, no cotidiano de cada aluno, de cada família. Então daí eu acreditar que isso dá um dinamismo na aula muito grande, eu acreditar que o trabalho é reconhecido pelo próprio aluno ou nas reuniões de pais, porque quando eu faço reunião de pais e ela tá lotada e eles querem saber como que tá acontecendo.

**13. Qual a avaliação que você faz do trabalho que a escola realizou?
Descreva pontos positivos e aspectos que necessitam de melhorias.**

R: A questão da avaliação é uma outra questão que pesa bastante porque às vezes mesmo você usando vários tipos de avaliação, ela ainda não dá a essência de que aquele aluno tem. Então, mensurar o que tá amadurecendo na cabeça dele é muito mais trabalhoso e mais difícil do que ter uma prova escrita ou ter um trabalho de pesquisa. E além disso, nós nos deparamos ainda com a questão da antiga progressão continuada que moldou um tipo de cultura na cabeça do nosso aluno e que para nós agora transformarmos isso está sendo difícil. Eu vejo isso na minha escola – anos anteriores -, nos primeiros anos, por exemplo, tinha um desempenho muito melhor que os primeiros anos deste ano. E a gente já projeta que ano que vem vai ser pior um pouquinho, até que essa geração toda da suposta Progressão Continuada seja transformada. Então, daqui pra frente nós já sabemos que o nosso desafio vai ser maior ainda, né? Transformar essa realidade vai ser mais árduo, mais difícil, então é dentro disso que vejo dificuldade dentro da área educacional.

14. Você participa de reuniões pedagógicas? HTPC? Como são realizados?

R: Bom, nos HTPC's da escola nós tivemos uma troca de Coordenadores, ultimamente. Então, a gente aprende um pouco com cada Coordenador, vamos dizer assim. Além de ter o relacionamento profissional, tem o relacionamento pessoal. O mundo é assim, né? Você se identifica muito com uma pessoa e um pouco menos com outras, mas então dos Profissionais eu não tenho que reclamar de ninguém. Os HTPC's servem, na minha opinião, para discutir os problemas da escola, né? E para solucionar os problemas da escola. Eu aprendi em Filosofia que nós temos quatro operações lógicas: afirmação, negação, discussão e solução, ou tese, anti-tese e síntese, vamos dizer assim. Sabemos que é muito difícil chegarmos ao quarto item.. É, chegar até o quarto item é a parte mais difícil, chegar na solução. As soluções a curto prazo, a médio e a longo prazo, e a longínquo prazo, vamos dizer assim. Porém, eu acredito que nos HTPC's além de

ser discutida essa questão dos problemas da Unidade Escolar, também se discute algumas Metodologias, essa troca de experiência. É, nós estamos lá na escola com uma coordenadora nova, que é a Sandra que nós conhecemos agora. O HTPC agora que tá começando a deslanchar, só que essa troca de Coordenadores, às vezes você, eu não sei se nós nos acomodamos, ou desenvolvemos uma confiança por aquele coordenador, né? Nada pessoal contra ninguém, mas o Vanderley quando nos coordenava.. a Joanita, vamos começar pela Joanita! Quando eu estava acostumado com a Joanita, aí veio o Marcos. Quando a gente entendeu plenamente o quê o Coordenador falava, quando eu entendia plenamente, o Coordenador saía. Veio o Vanderley e novo período de adaptação e quando eu estava acostumando com aquele tipo de Coordenador, qual era o pensamento dele, como que se trabalhava, troca-se novamente de Coordenador. Teve outros, né? Vão vindo, vão indo e aí nós acabamos achando que isso interrompe o trabalho..

15. Qual a relação estabelecida entre a Coordenação e a Equipe docente?

R.: É.. pela própria experiência que eu tenho é sempre uma relação um pouco difícil entre Coordenadores e Professores. Se eu falar de multidisciplinaridade, eu tentar desenvolver um projeto, eu vou ter apoio de um e não vou ter apoio de outro. Então é, eu penso que o Coordenador está numa posição que às vezes uns não concordam com o que está sendo desenvolvido, com a doutrina dele, e sempre vai haver esse embate. Até acredito que esse embate seja produtivo porque vão ser analisados pontos de vista diferentes e vai se chegar a um denominador comum. Então, essa pra mim é a maior visão que eu tenho do Coordenador ou da Coordenação, enfim.

16. O que o Coordenador Pedagógico contribui para sua atuação em sala de aula?

R.: O Coordenador deveria ter.. é.. como o técnico de futebol: a torcida que quer a cabeça do técnico quando o time não vai bem, mas não se dá o tempo preciso para se trabalhar adequadamente. Então é, por acreditar que a escola é uma grande equipe que começa desde os funcionários da limpeza e vai até a Direção, trocar peças sempre é.. nós enxergamos como um dos males da Educação, né,

de não poder seguir com aquela linha e não ter um desenvolvimento um pouco maior.

17. Como a equipe de Direção, pais e comunidade estão inseridos no exercício de sua função?

R.: Bom, eu vou falar de novo de mudanças. Nós tivemos uma mudança de Direção na escola, então é, eu percebo assim: a Sônia, nossa nova Diretora, eu não sei quanto tempo ela fica na escola, mas um dia eu estava desenvolvendo um trabalho na sala de aula, dividi a sala em grupo e o tema era Pré – História. E cada grupo iria montar um quadro com as características da Pré – História. A Pré – História é muito rica em dar margem às outras disciplinas como a Química, a Biologia, Paleontologia ou mesmo a Arqueologia. E foi um trabalho tão bem feito assim por eles, eles se empenharam tanto naquilo que eu acho que eles chegaram no limite de um trabalho bem desenvolvido. E eu havia prometido que o melhor trabalho estaria dispensado da prova. Quando eu me deparei com aquilo, eu falei: e agora? Eu não tinha... para mim eram todos. Aí eu chamei a Direção pra me ajudar, porque a Coordenadora, se não me engano, ela tava numa reunião, os outros professores todos ocupados e quem tava mais disponível era a Sônia, e eu pedi pra ela me ajudar. Aí ela também ficou indecisa, mas a resposta foi sensacional: aí eu acabei elegendo todos os grupos. E numa questão assim, é uma ação pequena, mas houve uma interação. Ela passou a visualizar como era o meu trabalho, coisa que é difícil, né? Você vê.. pensar que o Diretor sabe como realmente você trabalha em sala de aula, como é a sua aula, como é a aula do Professor. Nós Professores não sabemos como é a aula de outro Professor, então como nós vamos levar a cabo nossas necessidades se não sabemos como o nosso colega trabalha? Então é, eu vejo assim que a relação Direção – Coordenação – Professores ela tende a crescer, mas precisa mais uma vez do fator tempo pra tá interagindo melhor.

18. Como você avalia o Processo de Formação Continuada em serviço para os Professores?

R.: ã, sendo bastante sincero também.. de todas as orientações técnicas que eu tive ao longo desses 16 anos.. não foram muitas.. muitas foram muito proveitosas

em termos de Metodologia. Tem algumas coisas que eu guardo comigo até hoje, alguns exercícios como comparação de duas charges, por exemplo, um trocadilho. Esse trocadilho, que foi de uma orientação de Geografia onde subtendia ali uma migração do campo para a cidade: as cidades inchando e as enxadas paradas. Foram assim, como se fossem quase uma aula de Faculdade, chegamos a quase esse ponto. Debater um assunto, né? Pegar opiniões de outros Professores e por aí à fora. O Ensino Médio em rede, ele foi um pouco além. Ele foi um pouco além porque começou a trabalhar algumas metodologias que focavam tudo, todas as disciplinas. No meu caso foi específico de Geografia e Matemática. Então vou pegar como exemplo o artigo de opinião: a partir do artigo de opinião, poderia se criar um cordão que abrangesse quase todas as disciplinas, e isso utiliza até hoje. Eu pedi uma pesquisa sobre reforma religiosa e a visão atual: como a Igreja tá tratando, por exemplo, a questão da célula tronco, qual a visão que o meu aluno tinha daquilo? O que ele pensava do contexto? Tudo isso, né? Escrito numa tira de opinião. Então é, mas pra eles saberem da célula tronco têm que saber um pouquinho da Biologia. Então já deu um gancho e esse gancho poderia puxar outro, e outro. Poderíamos chegar na Química, na Física. Poderíamos até usar gráficos pra isso, e isso tudo em cima de uma Metodologia que tá aí. Pra mim foi um artigo de opinião que foi muito válido, eu utilizo até hoje. Não só artigo de opinião como outras Metodologias, tais como: o diálogo entre o leitor e o texto, isso foi pra mim fantástico! Essa interação mesmo, né? Interagir com o texto e o texto interagir com você. Você ter uma leitura do texto e uma leitura extra-texto, as entrelinhas, enfim.

III – Professor e a Leitura

19. Qual a sua concepção de leitura?

R.: Bom, para mim ler bem é decodificar vários símbolos. Mais que isso, é interagir com várias linguagens. Então, por exemplo, eu posso te dar um texto histórico e você ler ele com uma visão matemática. Então, é uma visão que esse texto tá te dando. Porém, você ampliar essa sua visão interagindo com o texto. Então essa minha visão de leitura é que .. ela é muito abrangente. Ela abrange uma parte gramatical, ela abrange uma parte de interpretação de texto, porque às

vezes o que eu posso tá interpretando na minha vida na visão histórica, não é a mesma interpretação na etimologia da palavra na língua portuguesa. Seria diferenciado. Então, se eu conseguir um elo de ligação entre essas visões do texto eu vou ter uma compreensão muito maior, e eu acho que um dos objetivos é fazer com que o nosso aluno possa perceber isso: que tem diversas linguagens inseridas num texto e que ele pode ter várias visões desse texto, interagindo com esse texto. Essa é a minha maior visão de leitura.

20. Como se ensina leitura na sua Disciplina?

R.: Bom, é.. a princípio nós partimos do simples para o complicado. Primeiro passo é fazer uma leitura de um texto não muito grande pra não ficar cansativo pro aluno, né, também porque às vezes o aluno não tem o hábito de ler, então se eu der um texto muito grande pra ele ler aquilo se torna enfadonho, cansativo, pesado pra ele. Então eu seleciono um texto um pouco mais leve, aí eu vou detectar de uma forma geral, pois se desse pra fazer um por um seria fantástico, mas não dá.. eu vou detectar de uma forma geral aquelas palavrinhas que eles não sabem o significado. Vou pedir pra ele procurar aquilo no dicionário. É um esforço? É, mas é um exercício de testar, ter a compreensão daquela palavra que vai juntar a frase e que vai dar uma composição do texto. Quanto os termos técnicos: se for um termo técnico de Economia, ou eu passo na lousa esse termo, ou trago dicionário de Economia, ou de Filosofia, ou de Sociologia para que eles tenham uma compreensão daquilo. Por exemplo, se eu falar pra você: sistema sócio – econômico com base no capital.. é, maravilhosa a frase, porém, qual o significado literal? Ah bom, eu posso ampliar dizendo que Capital é tudo aquilo que se usa na produção. Na cabeça do meu aluno, o que é produção? Produção de tudo, tudo que você imaginar: roupas, alimentos, calçados, automóveis, aviões, navios, tudo isso é produção. Eu creio que agora ele já ampliou a compreensão dele. Bom, aí eu pergunto a eles: o que é Sistema? Ele pode me dizer: professor, sistema é o conjunto de componentes eletrônicos que transformam a diferença de potencial em uma corrente elétrica que vai gerar um trabalho que vai acionar, por exemplo, o meu computador. Ele tá errado o meu aluno? Ele tá correto! Mas eu posso entender que sistema é algo que acontece num espaço de tempo, que é uma visão mais física e não eletrônica. Ou que

sistema é algo que vai além dessa repetição, vai se transformar em si própria. Então o sistema sócio econômico que envolve a Sociedade produzindo para o seu uso ou pra venda. Então eu já interpretei um pouco mais essa frase, eu tô usando sistema na visão Econômica, né, o Sistema Econômico, o sistema produtivo. Tudo isso, né, para definir uma única palavra, um único tema, o Capitalismo. E dentro dessa questão, o aluno ele pode tá amplificando isso muito mais ainda. Então, primeiro eu tenho que identificar na leitura desse meu aluno o ângulo que ele tem da realidade dele para logo a seguir ele estar interpretando o fato que vai ser tratado, e esse fato você pode ler nas entrelinhas. Então, por exemplo: eu vou falar do Império Árabe, como ele se formou, o que em nossa linguagem .. risos, desculpe, você é Professor de Português me corrija se eu tiver errado.. por exemplo o radical “AL” ele tá inserido na nossa língua como se fosse uma mescla do árabe com o latim ou com a própria língua de Portugal ou da Espanha, né, e que isso tudo tá nosso cotidiano. Eu posso ir lá na Matemática e falar que o árabe é o inventor do “zero”, esse zero que nós conhecemos hoje. Posso ir na Química e dizer que o árabe inventou o álcool. Então eu vou abrir um leque, só que eu tenho que saber até aonde, pela leitura do texto aplicado, até onde eu posso abrir esse leque e depois fechá-lo. Então esse é um processo contínuo, a leitura começa simples e vai ficando, partindo para a parte mais complexa até uma hora que a gente vai tá discutindo um com uma propriedade um pouco maior. Claro que nunca acaba porque a verdade absoluta ela não existe. Então é dentro disso que eu vejo a leitura.

21. Você realizou alguma formação sobre o tema?

R.: Bom, o mais.. eu não diria o mais, mas eu diria assim: onde eu tive maior ênfase foi no Ensino Médio em Rede. Uma porque não foi um curso online, vamos dizer assim.. até gosto de cursos online, mas eu acho frio. É muito frio, você não tem assim uma relação direta com quem tá dando o curso ou com o teu aluno ali, o teu colega que também é aluno do curso. Então é dentro disso.

22. Como você analisa o trabalho do Coordenador Pedagógico na Formação Continuada?

R.: Sobre leitura? A formação do Coordenador.. R.: Na época que eu fiz o Ensino Médio em rede o nosso Coordenador era o Marcos, né, e era muito bom porque primeiro havia uma leitura do material e depois havia uma discussão sobre a temática usada daquele material. E o melhor ainda é que nós somente avaliávamos o que realmente dava para ser utilizado e o que estava realmente fora da realidade daquela escola..

23. Em sua formação continuada, o tema leitura é contemplado?

R: Respondido anteriormente

24. Descreva como você realiza o trabalho com leitura.

R: Respondido anteriormente

25. Como você avalia o ensino de leitura pela equipe docente?

R: Então é, dentro disso eu achei que o trabalho do Coordenador foi super importante de tá direcionando. Preciso também falar uma coisinha: tive reuniões pedagógicas já onde se tinha que trabalhar mais a temática, era pesado, e outras mais leves. As mais leves depois tinha toda uma avaliação pra depois aplicar aquilo. Então é, a princípio era bem pesado, depois foi ficando mais light, mais viável.

26. Você desenvolve projetos com Professores de diferentes áreas?

R: Bom, é.. até o ano passado eu trabalhei no projeto e a tentativa era de abranger várias e várias áreas. Até hoje o trabalho tá engavetado e tá num CD-ROM tudo que os alunos produziram. Só que não houve assim uma interação com outras disciplinas, ou porque interferia no programa do Professor, ou porque não tinha disponibilidade de tempo pra aquilo, ou porque outros problemas desviavam, em suma, é.. acabei trabalhando sozinho e tentando. Sempre atrás de um ou de outro Professor, uma dicitinha dentro do projeto para aquele aluno de nome Roberto.

IV – Ensino Médio em Rede

27. Você participou do EMR?

R.: Sim. Participei.

28. Quais foram as contribuições do Programa EMR?

R.: Eu penso que em termos metodológicos foram 100%.

29. O que significou aquele momento de formação para você?

R.: Uma visão a mais no horizonte da Educação.

30. Como você avalia sua prática no período da formação deste programa?

R.: Do Ensino Médio em rede? Entrevistador: Isto! Antes do Ensino Médio em rede, a prática na sala de aula era um pouco mais comum, a metodologia não era tão viável, ou melhor, usava-se só os elementos que se conheciam. A partir do conhecimento dos elementos do Programa, isso pôde ser somado àquelas metodologias e ser ampliado.

31. E hoje, como você usa essas idéias na prática?

R.: Além da leitura que ampliou muito os horizontes, o artigo de opinião, NE, ainda por mim é muito usado. Uma porque dá margem de a gente ter que ir buscar resposta na Química, na Física. Outros itens também, da parte de leitura realmente, e a parte de interpretação de texto.. isso tudo também é muito usado, bastante pra tá.. porque a gente também tá sempre aprendendo. Inclusive até hoje a apostilinha tá comigo. A apostilinha do Ensino Médio em rede, to sempre dando uma olhada, sempre dando uma vasculhada no Windows, vendo as opiniões de outras pessoas, ou mesmo artigo de opinião de Jornais. Então, até hoje, continua sendo aplicado em sala de aula.

32. O que significou o formador para você neste Programa?

R.: Bom, foi de suma importância pelo direcionamento dado ao Programa. Acredito, né, que a importância é total porque se tivesse sido mandado pra escola e os professores sentassem ali sem ter lido nada.. acho que o tempo de desenvolvimento teria sido muito maior. O Coordenador e o pessoal da equipe

que estava trabalhando já têm o conhecimento e só plantava a semente pra gente desenvolver.

33. Como você avaliou o trabalho em equipe, realizado?

R.: Eu percebia que o grupo, por exemplo, da tarde era diferenciado do grupo da manhã. Eu tive um desenvolvimento privilegiado porque eu vinha e debatia um assunto com um grupo, pronto, era uma visão. Chegava na mesma semana, na quarta-feira, era outro grupo com uma visão totalmente diferente, então aquilo enriquecia muito. E você sabe que eu fui um intermediador, né, porque eu levava idéias de um grupo pro outro, foi bem legal.

34. Como você analisa a Política Educacional inserida neste Programa?

R.: Eu poderia dizer em termos de desenvolvimento, ou .. acredito que é uma Política que veio de encontro com alguns anseios, assim, principalmente os meus. Pois, muitas vezes, Marcos, você mesmo tendo experiência você se depara em Matemática, por exemplo, que seu domínio não é 100%. Vamos dizer assim uns 70% de domínio daquele assunto que você vai explicar e que você tem que entrar no raciocínio do aluno e interagindo ali também. Então, isso causa uma ansiedade muito grande, pois mesmo que você tenha preparado a tua aula, mesmo que você tenha escorrido sobre o assunto, você sabe que vai ficar uma lacuna aberta. E como sanar isso? Eu penso que a política para a orientação técnica.. faz tempo que eu não tenho orientação técnica, eu sinto falta de novo. Ou mesmo algo com o Ensino Médio em rede, eu penso que seria bom sanar essa ansiedade que o Professor tem. Ao mesmo tempo que ele queira desenvolver um.. algo diferenciado, a gente não tem tempo pra isso, né, seu tempo tá todo tomado. Então eu acredito que tenha sido uma Política muito bem aplicada e termos de desenvolvimento do corpo docente.

35. Das atividades realizadas, quais foram as mais significativas para você como Professor?

R.: A prática de leitura foi a mais significativa. Foi e é, e está sendo né, lógico.

36. Como era a prática pedagógica durante seu período de formação no Programa?

R.: Bom, existia a questão da leitura, mas não com a visão que o Ensino Médio em rede tinha. Então, a partir dele eu pude, acredito, melhorar a concepção da prática de leitura. Acredito que isso foi essencial.

37. Como você aplica hoje em sala de aula este Programa?

R.: Sim, aplico. Quando eu vou fazer avaliação diagnóstica, por exemplo. No primeiro ano deste ano, noturno, eu pedi que os alunos escolhessem um assunto cuja a temática envolve Roma, e Roma foi se não o maior império do mundo, pelo menos um dos. Eu pedi pra eles compararem Roma hoje com a situação praticamente imperial dos EUA. Se houve Romanização, como há Americanização? Aí eu percebi que alguns alunos conseguiram escorrer muito bem sobre o assunto, mas faltava aquela visão sobre práticas de leitura, artigo de opinião, enfim. Eu percebi que.. foi como eu falei pra você: é começar do simples e indo até o complicado. Porque pra mim isso, da visão do aluno de 1º ano, pra um diagnóstico, pra ele fazer uma comparação dessas já é um pouco além. Aí você pega umas coisas assim: aluno chega no 1º ano e escreve próximo com “C”, alheio eles escreve “aleio”. Então são pequenas coisinhas que você vai consertando, mas que não interfere na coisa do pensar, né, aquilo é gramatical, e você vai consertando durante as aulas. Daí, né, a necessidade toda de um relatório, pedir ajuda de um Professor de Português, né, pra tá auxiliando. Então, eu penso que a visão que me deu o Ensino Médio em rede pra tá trabalhando depois a prática de leitura em cima da, depois que os pequenos problemas fossem sanados, trouxe um movimento muito maior pra esse programa, pra leitura em si.

38. Como você avalia o material utilizado?

R: Respondido anteriormente

39. Analise a atuação de seu formador.

R.: Bom, no caso eu só tive um formador que foi o Marcos, porque eu fazia um HTPC.. é, eu fazia HTPC no período noturno e o Ensino Médio em rede eu optei

por desenvolver no noturno, então.. no período da tarde também era você que dava. É, analisar o desempenho de quem tava proporcionando o curso é.. pra mim era muito simples até porque .. é, no caso do Coordenador ele passava até a temática, pedia uma discussão, pedia que os Professores analisassem aquilo e depois a gente organizava um debate sobre o tema. Isso nós fazíamos em grupo, então esses grupos iam desenvolvendo visões sobre o assunto e depois se confrontava todo mundo, e a gente aplicava isso em sala de aula, e o Coordenador verificava como era o desenvolvimento daquilo. Era uma coisa que tava sendo estudada e praticada, então, era teoria e prática simultânea e isso foi muito legal no Programa. Foi muito bom em termos de desenvolvimento metodológico porque era uma coisa seguida da outra, ou simultaneamente. Uma coisa que, como por exemplo quando nós pegamos uma orientação técnica.. é, nós pegamos a metodologia e aplicamos em sala de aula, mas depois não tinha uma avaliação do grupo, e no Ensino Médio havia essa avaliação com o grupo todo e isso foi mais importante.

40. Analise sua formação neste curso.

R.: Bom, eu acredito que se eu tivesse tempo disponível poderia ser melhor ainda, poderia ter ido mais a fundo, mas são as ocupações do dia a dia. Havia a vida escolar, muitos afazeres, muita coisa, os próprios problemas de dentro da escola, o cotidiano. Como formando eu não deixei a desejar, mas gostaria de ter ido muito mais a fundo no Programa, né? Gostaria de ter tido um tempo maior e que fosse aplicado mais vezes nos HTPC's, que se discutisse um pouco mais as questões e que se ampliasse. Percebi que o material que o governo mandou.. o jornal, por exemplo, teve um atraso que me prejudicou, eu to com dificuldade de fechar nota devido a perda de tempo que nós tivemos com o jornal.

ANEXO 4 - Entrevista II – Professor Eduardo

I - Caracterização

1. Qual sua formação acadêmica?

R.: Eu sou formado em Física, em licenciatura pela UNESP.

2. Realizou outros cursos complementares?

R.: No decorrer da Graduação fiz diversos cursos complementares relacionados à Física, e recentemente nesses últimos três anos eu fiz duas vezes em nível de extensão universitária no INPE e também uma matéria isolada de Pós - Graduação na área de Geofísica Espacial.

3. Há quanto tempo atua no Magistério?

R.: Em torno de 16 para 17 anos, já.

4. Há quanto tempo atua em sala de aula? Já exerceu alguma outra função na escola?

R.: Sala de aula, exatamente esse tempo que eu falei. Mas outra função não, eu sempre lecionei mesmo, sempre fui Professor.

5. Quantas horas semanais você trabalha?

R.: Atualmente 68 horas.

6. Atua em outra Instituição de Ensino?

R.: Sim, na rede particular em outros colégios importantes daqui de São José. E também tenho outro cargo no Estado, numa outra Escola Estadual.

7. Por que você escolheu o Magistério como profissão?

R.: A minha vocação para Magistério começou a ser despertada em brincadeira de quintal quando eu.. eu me lembro muito bem.. quando ganhei uma lousa de uma tia minha que era Professora. Com essa lousa eu comecei a brincar de escolinha com meus colegas. Depois eu tive um excelente Ensino Fundamental,

onde eu tive excelentes Professores que estimulavam demais a nossa apresentação de Trabalhos em grupo. Nas apresentações em equipe eu comecei a me sobressair a nível de expressão, de comunicação com a turma. Comecei a realizar seminários por conta própria e os Professores estimulavam muito e eu peguei o gosto e me expressar em público, eu peguei o gosto de expressar os conhecimentos que eu adquiria por leituras particulares, estudos particulares para a turma de que eu fazia parte. E isso foi-se desenvolvendo e depois quando eu já estava no início da Graduação comecei informalmente a dar aulas particulares e esse gosto se aprofundou. Então, essa prática das aulas particulares somaram àquele gosto que eu já tinha desde a infância, né, pelo prazer de ensinar, de desenvolver, de explicar alguma coisa pra uma outra pessoa. E nisso aí a minha vocação acabou se solidificando eu parti com tudo pra Licenciatura. Eu estava inicialmente decidido a fazer o Bacharelado, mas a minha prática do dia a dia acabou me conduzindo pra Licenciatura.

8. Como você vê sua atuação na Escola? Faça uma auto - avaliação.

R.: Olha, a minha auto- avaliação é a seguinte.. é, eu trabalho da maneira mais bem intencionada possível. Eu trabalho com prazer, adoro estar em sala de aula, adoro interagir com aluno. Tenho prazer imenso em estar na lousa, na frente da sala de aula explicando assuntos que eu domino, tá.. me sinto feliz quando percebo que os alunos dão retorno a isso, fazem eco ao trabalho que eu tô desenvolvendo. Fico muito contente quando o aluno tá assimilando, tá se empenhando em querer saber o que eu tenho pra passar pra ele. Então, do ponto de vista de intenção eu tenho uma imagem extremamente positiva de mim mesmo.

9. Como você percebe a credibilidade de seu trabalho na escola?

R.: Pelo respeito com que os alunos me tratam e a escola me trata também. Pela seriedade com que eu sou tratado, pela maneira que os alunos se dirigem a mim, pelas perguntas que eles me fazem e às vezes até um ou outro elogio assim. Isso é.. não tem dinheiro que pague, é extremamente gratificante. Com muita frequência acontece, por exemplo, quando bate o sinal da última aula aqueles alunos passam na sua mesa e falam: “O Professor, olha, hoje eu adorei sua aula”.

Tá? Então eu acho que essas demonstrações espontâneas de afeto, né, de elogios que os alunos demonstram e às vezes até os colegas de trabalho, acabam te dando um retorno, né?

10. Quais são seus maiores desafios e facilidades como Professor?

R.: Com relação aos desafios eu acho que não são só meus, é um problema no país, no mundo todo. Acho que o maior desafio do Professor, hoje, é conseguir despertar interesse do aluno, manter a atenção da sala, convencer o aluno de que a estadia dele ali naquele período durante a formação dele é uma coisa importantíssima fundamental pra vida dele, que isso é um plantio de longo prazo, que isso é uma coisa que vai dar retorno pra vida dele e que todos os assuntos que ele tá estudando na escola, não só da sua matéria, mas de todos os Professores formam um conjunto que está polindo o Cérebro dele, que está polindo a personalidade dele e que ele vai precisar muito pra enfrentar o mundo lá fora. Então é, despertar o interesse do aluno pelo seu trabalho e pelo que você tem a fazer por ele.

III – Prática Pedagógica

11. Descreva um dia típico de sua rotina na escola.

R.: Bom, minha rotina é eu chegar na escola, inicialmente na Sala dos Professores, cumprimentar todos os meus amigos, ver quais são os assuntos e as piadas do dia. Bate o sinal, você se dirige à sala de aula. Você chega e os alunos ainda estão espalhados, né, aquele vozerio. Colocar os alunos mais evadidos pra dentro da sala, arrumar meu material na mesa, dar uma chamada de atenção pra dizer “olha, eu estou em sala de aula vamos começar a conversar” e então já começamos com o assunto da aula.. é.. falar alguma piada, alguma notícia pra dar aquele estalo: ó, Professor chegou, a aula tá começando.. então, começar com alguma conversa, alguma brincadeira informal pra acomodar os alunos e aí partir para o tema do dia, dirigir-se à lousa, escrever no quadro, preparar os esquemas, né, que você tem montado pra aula daquele dia e é isso: eu dou a aula, faço o meu trabalho com a maior abertura possível a todo questionamento que me fizerem.

12. Descreva sua metodologia ao ministrar uma aula: tipo de aula, materiais utilizados.

R.: Eu me vejo como um Professor tradicionalista, quer dizer, a minha aula é bastante expositiva, mas é expositiva com abertura total às intervenções do aluno. Então a minha aula é expositiva, usando tradicionalmente a lousa, mas como a minha matéria é Física, eu uso, sempre que possível, experimentos, né, para desenvolver os temas da aula. Então, é..eventualmente recursos áudio – visuais, experimentos em sala de aula, mesmo que sejam coisas simples, mas que desperte a atenção do aluno. Por exemplo, numa aula de eletrostática você pegar uma caneta e grudar a caneta na parede por atrito e explicar pro aluno que isso é o assunto da lousa, e explicar o porquê da caneta ter grudado na parede. Então, usando os recursos disponíveis na escola e outras coisas particulares minhas.

13. Qual a avaliação que você faz do trabalho que a escola realizou? Descreva pontos positivos e aspectos que necessitam de melhorias.

R.: Bom, no período que estou trabalhando nessa escola aqui eu analiso assim.. é.. ponto bastante positivo para a Direção da escola no sentido de organizar melhor, dentro do espaço físico da escola, a disciplina, imposição de regras que facilitam bastante o nosso trabalho pedagógico, tá? Porque sem regras qualquer trabalho pedagógico vai por água abaixo. Eu senti assim que houve um reordenamento bastante positivo com relação à disciplina na escola e isso tá facilitando bastante o trabalho na sala de aula, eu tô me sentindo bastante respaldado no meu trabalho, Agora, pontos negativos.. falta nós conseguirmos ainda alinhar o interesse do aluno, assiduidade do aluno e isso não é uma coisa que depende só de nós Professores, né? A questão da evasão dos alunos das aulas, né, são coisas que dá pra resolver no curto prazo, né, mas acho que nós estamos a caminho dele, e eu acho que serão sanados.

14. Você participa de reuniões pedagógicas? HTPC? Como são realizados?

R.: Sim, participo de todos os HTPC's. Muito – muito eventualmente eu falto em alguma, mas em mais dos 90% dos HTPC's eu tô presente. São realizados em sala de aula, com mesa redonda e todos os professores presentes. São

realizados num ambiente bastante aberto e amigável, onde todos têm espaço para expor seus pontos de vista sobre os problemas e reclamações, e também a parte de idéias: fazer e receber sugestões de trabalho. Então eu vejo assim: é um momento bastante importante para nós conseguirmos uma sintonia com a equipe de trabalho.

15. Qual a relação estabelecida entre a Coordenação e a equipe docente?

R.: Eu acho que aqui nesta escola a Coordenação tem um vínculo bastante estreito no sentido bem positivo, tá? É uma atuação que tá sempre dando respaldo para o Professor, tá sempre facilitando o nosso trabalho. Então eu vejo de uma maneira bastante positiva a atuação da Coordenação.

16. O que o Coordenador Pedagógico contribui para sua atuação em sala de aula?

R.: A principal coisa que eu vejo é a questão do respaldo em termos de minha autoridade perante os alunos, né? A facilitação da parte burocrática, quer dizer, nós estamos sempre sendo informados de toda e qualquer alteração nos procedimentos da escola com relação às legislação de ensino; tudo é passado pra gente de maneira organizada, todos os papéis, todas as regras. E toda vez que tem problema com os alunos, a Coordenação tá colaborando bastante no sentido de auxiliar o Professor.

17. Como a equipe de Direção, pais e comunidade estão inseridos no exercício de sua função?

R.: Bom, veja bem, nós somos do Ensino de jovens e adultos, né? A Direção faz um trabalho ótimo dentro do limite do possível, eu vejo dessa maneira como eu já comentei anteriormente. Agora com relação a pais, eu sinto um distanciamento muito grande, né? Uma boa parte do nosso público é adulto, quer dizer, que são donos do próprio nariz. A parcela de jovens que nós temos, assim, nós nunca tivemos uma reunião de pais; inclusive os pais nem procuram pra tomar conhecimento da vida escolar do seu filho e isso eu vejo como ponto negativo, pois uma vez que são jovens e já estão num curso de Supletivo, são jovens que já apresentam algum tipo de problemática e que não cabe pra escola resolver. São

problemas de desinteresse, de mau desempenho que faz parte da participação da família, que se tivesse, haveria um caminho melhor, normal de estudo. Então eu sinto assim que a parte da família, dos pais tá deixando muito a desejar, quer dizer, está ausente.

18. Como você avalia o processo de formação continuada em serviço para os professores?

R: Positivo

IV – Professor e a Leitura

19. Qual sua concepção sobre leitura?

R.: Olha, leitura pra mim pessoalmente, é um dos meus maiores prazeres da vida. Eu gosto até de brincar de que se um dia eu for preso eu quero levar uma Biblioteca pra cela porque assim eu vô tá no paraíso. Acho que a atividade de leitura é um dos alicerces fundamentais no meu desenvolvimento intelectual, profissional, acadêmico, em todos os sentidos. A leitura desenvolve múltiplas capacidades do seu Cérebro, como: concentração, por exemplo. Ela te mantém informado, desenvolve teu raciocínio devido às muitas coisas que você é obrigado a refletir. Dos critérios de ensino a leitura é fundamental e tem um papel gigantesco na minha vida.

20. Como se ensina leitura na sua disciplina?

R.: A leitura na Física é ensina interpretando-se os.. é.. os conceitos que são interpretados por escrito. A interpretação dos enunciados dos problemas e no desenvolver do entendimento das questões conceituais que requerem uma dissertação, né, nesse momento a leitura também é fundamental para o aluno saber o que ele tá escrevendo e que isso seja coerente do ponto de vista lógico.

21. Você realizou alguma formação sobre o tema?

R.: Especificamente, não. Mas eu digo que realizo uma formação continuada em leitura diariamente no meu próprio lar, pois a leitura é uma das minhas principais atividades fora da escola.

22. Como você analisa o trabalho do Coordenador Pedagógico na formação continuada?

R: Bom, o papel do Coordenador ele se limita à questão da orientação, né? Ele traz as novidades que o Sistema gera, que o Sistema repassa para os Professores. E ele ajuda a direcionar esse trabalho, ele ajuda a abrir portas de informações para os Professores e orienta todo o trabalho que nós temos que desenvolver em sala de aula e também, paralelamente, na preparação de nossas aulas em casa.

23. Em sua formação continuada, o tema leitura foi contemplado?

R.: Sim, é contemplado, embora ultimamente eu não tenha participado de maneira ativa, né, dos cursos. Mas o nº de cursos de formação continuada voltados pra leitura, eu tenho percebido que tá aumentando, que tá havendo investimento muito grande nessa parte.

24. Descreva como você realiza o trabalho com leitura?

R.: Como eu já tinha dito, essencialmente através da interpretação dos conceitos da Física, através de textos que eu passo pros alunos e esses textos têm que extrair o máximo possível dos sentidos das leis físicas que estão inseridas naquele contexto. E depois fazer uma avaliação dessas interpretações dos problemas dos enunciados.

25. Como você avalia o ensino de leitura pela equipe docente?

R.: Eu acho que no geral todos os professores atuam bem na parte de leitura, porque eu percebo pelos materiais dos alunos, né, as matérias que são passadas na lousa. Eu vejo ali que leitura é mais de 70% do trabalho em sala de aula, principalmente nas matérias humanas.

26. Você desenvolve projetos com Professores de diferentes áreas?

R.: Não! Projetos, no momento, não estou realizando, tá?

IV– Ensino Médio em Rede

27. Você participou do EMR?

R.: Sim, participei em 2005.

28. Quais foram as contribuições do Programa EMR?

R.: Olha, na época foi um momento importante de relacionamento com os colegas, conhecer como os outros colegas trabalham em sala de aula, conhecer melhor os problemas da escola fora a minha aula específica e ver também que muitos problemas que eu estava preocupado não eram exclusividade minha, né, então problemas gerais. Então serviu pra eu ter uma visão bem geral, bem ampla de todos os problemas, mas também obter muitas informações úteis ao meu trabalho como, por exemplo, na apostila que foi oferecida, no material que foi oferecido.

29. O que significou aquele momento de formação para você?

R.: Bom, significou bastante do ponto de vista de informação, né? Eu tenho o material guardado até hoje. É um material que você extrair muitas dicas úteis, muitas coisas que você pode aplicar em sala de aula. O Ensino Médio em rede, o esboço dele, né, a metodologia que ele apresenta é excelente, mas freqüentemente nós nos esbarramos na prática, né, que é exatamente colocar o aluno em sintonia com o material. É conseguir com turmas muito heterogêneas, que é o caso como trabalhos, conseguir adequar à realidade da sala de aula. Então, nessa hora a gente sente uma certa dificuldade.

30. Como você avalia sua prática no período de formação deste programa?

R.: Eu não vou dizer que a minha prática em sala de aula mudou, assim, radicalmente. Embora a gente percebe que muitas informações úteis vieram do Programa, mas assim, não houve uma mudança tão significativa. Isso, não por uma questão de rejeição de minha parte, mas porque muitas práticas eu já praticamente adotava em sala de aula. Embora tenha tido muita informação nova, muita informação e coisas que no decorrer de minha prática eu já aplicava em

sala de aula, eu já fui incorporando em sala de aula e sentindo a mudança da turma de ano pra ano.

31. E hoje, como você usa essas idéias na prática?

R.: Atualmente, eu procuro.. como eu disse antes, não mudei radicalmente a minha prática em sala de aula. Eu considero a minha prática em sala de aula, adequada. Claro que não tô dizendo que sou perfeito, né? Eu considero a minha prática adequada com o tipo de público que eu trabalho. Uma coisa que procuro muito levar pra sala de aula e que veio do Ensino Médio em rede é a questão da democratização da participação maior dos alunos em sala de aula, principalmente a questão de se discutir problemas que fazem parte da coletividade e dar abertura para os alunos discutirem isso em sala de aula. Na época discutia-se muito a questão do protagonismo, né, e que é uma coisa que eu ampliei bastante em sala de aula.

32. O que significou o Formador para você neste Programa?

R.: Bom, em primeiro lugar o Formador foi uma pessoa que se tornou um amigo a mais, e profissionalmente que trabalhou de maneira bastante séria com o Programa, trouxe bastante informações relevantes, desenvolveu o conteúdo de maneira bastante adequada e colaborou muito no sentido de nortear o nosso trabalho.

33. Como você avaliou o trabalho em equipe realizado?

R.: Naquela época a equipe trabalhou de maneira bastante sintonizada. Percebi que o trabalho do Coordenador jogava as idéias e aquele clima de discussão entre os colegas continuava. Serviu de combustível para muitos debates que tivemos, até de maneira paralela à sala de aula. Tanto no sentido de concordar com muitas coisas, quanto no sentido de discordar. Discordar no sentido de achar que algumas coisas eram idealizadas demais perante o público que nós trabalhamos e as condições que temos em sala de aula. Muitas coisas nós concordávamos mas a gente falava que faltava a contra-partida do Sistema.

34. Como você analisa a Política Educacional inserida neste Programa?

R.: Nas intenções, a Política Educacional é das melhores. Falando de maneira bem resumida, a intenção é de formar um cidadão pleno, consciente, participativo, o cidadão que é dono de si, que é independente, que sabe buscar a informação. Eu vejo que pelo menos na teoria é essa a intenção e que é das melhores. Mas na prática onde que nós esbarramos? Esbarramos numa série de dificuldades que são: estruturais da própria escola, recursos para implementar todo esse idealismo. E agora tem uma coisa que dão dá para NÃO colocar: todo esse idealismo brilhante e bonito da Política Educacional esbarra num problema muito sério de hoje que é a família. Como já falei, nós não temos aqui no EJA a participação dos pais dos alunos. Nós Professores, pelo menos uma vez por bimestre, nós vemos as caras dos pais, né? Temos a oportunidade de pelos menos chegar nos pais que vieram e falar “olha, seu filho tá assim e assado, tem esse e aquele problema, é preciso orientar ele nesse sentido. Aqui no EJA nós não temos isso e então o que acontece? Nós esbarramos na questão da família. A Política Educacional, por melhor que seja, ela tá esbarrando na questão da família. As famílias são muito distantes da realidade escolar e cada vez vejo menos interesse da família sobre o filho, e se isso não for uma coisa trabalhada em casa, a Política Educacional só na escola vai sempre ser uma coisa cheia de precariedade.

35. Das atividades realizadas, quais foram as mais significativas pra você como Professor?

R.: Não foi ficar lendo a apostila, é quando você pega esse conteúdo que foi colocado e coloca na mesa pra discutir. É a parte que você, que todos atuantes do Magistério que são os Professores discutem aquilo de uma aula pra outra, aliás, de uma reunião pra outra e daí é levado pra sala de aula de depois é dado o retorno de cada um de como foi na prática. É a hora de se discutir os resultados práticos que é mais importante.

36. Como era a prática pedagógica durante seu período de formação no programa?

R.: Respondido anteriormente.

37. Como você aplica hoje em sala de aula este Programa?

R.: Respondido anteriormente.

38. Como você avalia o material utilizado?

R.: O material foi bom, né? Claro que a apostila é bastante resumida porque cada página dela que você for pesquisar a fundo, o material dito em cada página, dá pra você abrir uma Bíblia de cada tópico. Foi um material que deu um norte pra você pesquisar de maneira mais profunda, tanto em livro quanto em internet.

39. Analise a atuação de seu formador.

R.: Respondido anteriormente.

40. Analise sua formação neste curso.

R.: Olha, participei de todas as HTPC's onde o trabalho foi realizado. Desenvolvi todas as atividades que foram passadas, né, os questionários que foram solicitados, participei de todas as discussões e seminários, inclusive apresentei alguns. Então pra mim eu achei que minha participação foi concreta. E na parte do Coordenador, tudo o que foi proposto no Programa foi desenvolvido. Acho que não houve falha nenhuma, não houve nenhum tópico que tenha deixado incompleto.

ANEXO 5 - Entrevista III – Professora Silvia

I - Caracterização

1. Qual sua formação acadêmica?

R.: Eu sou formada em letras com pós-graduação em administração de empresas pela FAAP, formei aqui na UNIVAP que antigamente era Fundação de ensino. Fazia faculdade, curso de inglês automático e no decorrer desse tempo todo, tenho feito alguns outros cursos, alguns, como eu diria, eu mesma por minha conta mesmo, vou a congresso quando é possível; eu tenho feito algumas capacitações para ficar a para das novas mudanças e pra gente também não achar que aquele aprendizado anterior, aquilo até com novas ferramentas foi caindo em desuso e a criatividade sempre presente.

2. Realizou outros cursos complementares?

R.: Sim, Pós- graduação de Administração de Empresas.

3. Há quanto tempo atua no magistério?

R.: Eu atuo no magistério há 22 anos e sempre fui professora de inglês. Comecei como caráter temporário (ACT) depois fiz o concurso, passei e continuei numa mesma escola. Trabalhei maior parte do meu tempo, até comecei aqui na escola Monteiro em São José e foi lá que tudo começou, assim a me envolver, porque quando você faz faculdade, você tem assim muitos sonhos e nenhuma realidade fato como as coisas vão acontecer e, desde a 1ª aula eu uso recursos, vamos dizer assim, a prática no decorrer de repente você percebe, você tem que, não adianta só você ter um acúmulo de teorias, o que foi dado, muito bonito e tal se você na realidade você às vezes tem que ser criativa e mudar de um momento para outro, você programa a sua aula determinado assunto e dependendo do ambiente daquele momento, você tem que ter rapidez em mudar todo aquele processo para você conseguir que os alunos consigam te ouvir e se empolguem. Uma coisa importante para o professor é sempre ser uma pessoa entusiasmado no que ele faz e eu sempre fui, então de uma maneira ou outra, você tem que vender aquela aula, mas você tem que fazer de uma forma que seja motivador,

agradável, amistosa; claro que também, sendo rigorosa nos momentos mais complicados.

4. Há quanto tempo atua em sala de aula? Já exerceu alguma outra função na escola?

R.: Não, desde abril de 1985 até a presente data ocupo o cargo de Professora.

5. Quantas horas semanais você trabalha?

R.: Hoje, digamos de 8 anos para cá, na educação, eu trabalho 8 horas ao dia e 4 horas no período noturno; trabalho em uma entidade de direito privado, sou professora de português e funcionária pública das 19 às 21. Funcionária pública eu estou desde 1985; eu me formei em 1984 e não parei mais de dar aula.

6. Atua em outra Instituição de Ensino?

R.: Sim, Fundhas - Fundação Hélio Augusto de Souza - Professora de Português.

7. Por que você escolheu o Magistério como profissão?

R.: Sempre gostei de ensinar, então na ocasião do vestibular fiz a 1ª opção na área educação.

8. Como você vê sua atuação na escola? Faça uma auto-avaliação

R.: Positiva. Procuro desempenhar a minha função da melhor maneira possível e sou consciente das minhas responsabilidades profissionais e éticas.

9. Como você percebe a credibilidade de seu trabalho na escola?

R.: Na escolha pública não é comum ouvirmos elogios a respeito da função desempenhada, mas pela satisfação do cliente (aluno) creio estar desempenhando satisfatoriamente a minha função.

10. Quais são seus maiores desafios e facilidades como professor?

R.: O maior desafio na profissão é tornar a aula de inglês uma ferramenta motivadora para o aluno querer aprender.

II – Prática Pedagógica

11. Descreva um dia típico de sua rotina na escola.

R.: Tenho uma carga horária de 24 aulas semanais. 20 aulas na escola sede e carga suplementar em outra unidade escolar. O trabalho é contínuo, uso da lousa, procuro apresentar fatos da realidade escritos em inglês para os meus alunos e existe a possibilidade no decorrer da atividade de conversas, debates sobre o tema.

12. Descreva sua metodologia ao ministrar uma aula: tipo de aula, materiais utilizados.

R.: Além da lousa, giz, dicionário, livro didático, apostila recebida da Secretaria da Educação, utilizo a revista "Maganews" onde encontro os textos bem atualizados e trabalho os conteúdos a partir das novidades.

13. Qual a avaliação que você faz do trabalho que a escola realizou?

Descreva pontos positivos e aspectos que necessitam de melhorias.

R: Respondido anteriormente

14. Você participa de reuniões pedagógicas? HTPC? Como são realizados?

R.: Participo das reuniões pedagógicas todas as quartas e sextas feiras. Somos informados sobre a agenda da semana, mês e discutidos aspectos pedagógicos.

15. Qual a relação estabelecida entre a Coordenação e a Equipe docente?

R.: Sou uma profissional que trabalha no período noturno nas duas escolas e percebo muita empatia e respeito no relacionamento com o Coordenador Pedagógico.

16. O que o Coordenador Pedagógico contribui para sua atuação em sala de aula?

R: Respondido anteriormente.

17. Como a equipe de Direção, pais e a comunidade estão inseridos no exercício de sua função?

R.: A Direção sempre nos auxilia no aspecto disciplinar onde os pais muitas vezes são convocados na escola para tratar de problemas relacionados aos seus filhos. Outro momento acontece quando há reunião bimestral e podemos conversar com o próprio pai.

18. Como você avalia o processo de formação continuada em serviço para os professores?

R.: Toda capacitação é importante para qualquer função. No magistério poderia haver mais. Há muita demanda e pouca oferta.

III – Professor e a Leitura

19. Qual a sua concepção sobre leitura?

R.: Importantíssimo. Primeiro você tem que começar, aliás, com os alunos; não sei se você está perguntando pra mim ou minha concepção do aluno. Primeiro você tem que gostar, se você não gosta, fica complicado. Como professora de português é um diferencial; como professora de inglês no período noturno em escola pública é que a coisa fica um pouco mais complicado, mas a gente consegue seduzir, não sei se seria esse o verbo adequado, tornar a leitura coletiva e fazer com que um ou outro, porque há uma timidez muito grande também. O aluno de Ensino Médio vem achando que ele nunca sabe nada, mas ele sabia muito e eu sempre tento colocar isso pra ele. Então, no primeiro momento, quando você entra no Ensino Médio, você tem que começar a realçar aquilo que realmente aprendeu que acha que não sabe e convidar; é o convite mesmo. Normalmente você consegue mais no coletivo; no individual eles têm problemas entre eles de timidez, mas nesse ano, agora, de 2008, eu tenho “2º P”, alunos que pedem pra ler, que querem ler, então quando eu faço a leitura do exercício ou do texto que foi dado, ou eles me pedem pra repetir ou eles fazem a leitura juntos, então sempre a gente não consegue 100%; isso não, porque a sala é numerosa, mas nós temos alunos que gostam, que fazem diferença querendo aprender mais.

20. Como se ensina leitura na sua disciplina?

R.: Eu procuro trabalhar textos voltados, às vezes, para a realidade deles, nem sempre os livros didáticos, onde às vezes as histórias são antigas, um pouco desagradáveis, então eu sempre pego umas revistas “Maganews” de São José e essa revista, uma das coisas que eu gosto é que fala de São José, do que está acontecendo no mundo, ela fala sobre saúde, então ela tem assim, vários temas, tem artistas, musicas e tal; então eu gosto de trabalhar. Por exemplo qual adolescente não gosta de praia? Então de repente eu trouxe à aula um texto que fala sobre Ubatuba, porque Ubatuba, então eu começo a fazer a introdução da cidade de Ubatuba, vocês conhecem Ubatuba, qual a população, aí quando a conversa começa a ficar bem agradável, interessante, aí eu começo a colocar no circulo falar em inglês , aí depois eles tem, no final, para fazer uma síntese com ilustração, parecendo um artigo de uma revista. Ele vai ter o material em inglês, aquele que ele falou na sala, que ele produz junto comigo, eu também vou fazer a revista junto com ele, porque ele esquece, esquece que ele sabe, ele sabe e sabe muita coisa e palavras novas, eu vou colocando no decorrer das aulas e depois eles entregam duas semanas depois, no máximo, o resumo de tudo aquilo que foi falado e tem saído trabalhos maravilhosos e com conclusão, o que ele achou, valeu a pena e o que ele aprendeu. Eu fico surpresa com o resultado. Ele tem a opção de fazer em português ou trazer para eu ajudar a escrever em inglês, nem que seja uma linha.

Bom, eu uso, vamos dizer assim, você tem que ser rápida para dar sua aula e você tem que ser pratica também, então inglês você aprende muito a ler; pelo menos foi o que eu aprendi nos cursos; é a repetição mesmo. Você tem que ter vocabulário, repetição e a partir daí, agora você também pode através de livros, nós temos, esqueci o nome da Editora, livros sobre histórias, historinhas bem simples que dá pra gente contemplar os alunos.

21. Você realizou alguma formação sobre o tema?

R.: Olha, somente nos cursos mesmo que eu fiz. Eu comecei inglês no CCAA e depois finalizei no YAZIGI e a leitura que eu vi foi lá. Eu realmente tenho vontade,

sabe, mas ainda não tive a chance, até por uma questão de tempo, de organização mesmo, de planejamento, não fiz.

22. Como você analisa o trabalho do Coordenador Pedagógico na formação continuada?

R.: Fantástico, né! Acho que a função do coordenador, além de ser grande mediador, uma pessoa de nossa total confiança, um facilitador do que tem de novo pra nós, na forma de estar colocando os procedimentos, não dá mais pra viver sem o coordenador. Considero importantíssimo e vem somar, está somando muito nesse processo, nessas mudanças todas.

23. Em sua formação continuada o tema leitura é contemplado?

R: Foi muito contemplada. Nós tivemos muitas reuniões, os HTPC que forma grande capacitação e a turma toda, abordados sobre vários temas. Foi isso.

24. Descreva como você realiza o trabalho com leitura.

R: Olha, ele pode começar a ler, eu sempre vou lembrar da questão cultural da própria família, que ele vai ser um leitor desde cedo, ele aprender vendo através do exemplo dos pais, eu acredito nisso. Agora, a própria juventude de hoje, ela não lê muito, ela tem até acesso à internet, lan house, mas o objetivo não é a leitura, o objetivo é o bate-papo que também não deixa de aprender, mas com algumas coisas que não são lá tão, digamos, qualificadoras, não sei se é a palavra, mas ele não tem um certo ganho na língua portuguesa, porque ele usa muita abreviatura errada e o adolescente já tem a mania de usar o hábito da gíria, que também é uma dificuldade e acho que é por aí. Agora, na questão do inglês, muito pouco porque, se desde o começo tivesse, se desde o 1º momento que ele entra na escola houvesse um trabalho diferenciado, eu fico entrando nessa questão, mas quer queira quer não, a gente entra nesse assunto porque está dentro de casa, na família e a nossa família brasileira, hoje, é muito carente de alimento, de cultura. Os pais são muito jovens, ele já pertencem a uma geração que não gosta de leitura, o livro é caro, falta biblioteca itinerante na cidade, então é um processo, mas a gente faz o melhor que pode para que ele consiga, de repente, a gostar de ler.

25. Como você avalia o ensino de leitura pela equipe docente?

R: A equipe sempre ela é positiva porque, quando você fala em equipe, pensa em pessoas que se juntam, que se somam, que um pode estar colaborando com o outro, então eu acho válido, importante, em qualquer disciplina, independente da matemática, história, do inglês ser uma outra linha, mas os segmentos são os mesmos; se ele conseguir superar as dificuldades com a nossa ajuda e também eu sempre lembro os alunos que eles tem que aprender a ser autodidata, se tem acesso à internet, se ele vai ao cinema, procura assimilar aquilo que ele está ouvindo, repetir. A leitura é importante, mas ainda falta muito para que os nossos alunos adquiram o gosto e o hábito; é uma questão cultural, da sociedade brasileira. O livro é caro, você pode incentivar a revista, mas de repente uma revista que eu pague R\$4,70 pode ser muito para aquele aluno, a nossa clientela, salvo alguns meninos, mas a maioria realmente não dispõe de recurso para estar comprando revista, um jornal, algo diferenciado ou mesmo um livro, então a gente procura ser um facilitador, mas é óbvio que há leitura em tudo; independente da disciplina, se ele não souber ler, interpretar, entender o que ele lê, não consegue resolver nada, não consegue resolver um problema de raciocínio lógico de matemática, um texto, a compreensão de texto, muito menos em inglês; faz diferença; você tem que ter vocabulário para ter entendimento.

26. Você desenvolve projetos com professores de diferentes áreas?

R.: Olha, este ano, embora a proposta, nova proposta, tem muitas coisas ali, dentro da proposta que a gente poderia estar trabalhando em conjunto. Por exemplo, meu trabalho de inglês, quando falamos do trabalho voluntário, intercâmbio cultural, foi sugerido que os alunos fizessem alguns trabalhos, cuja abordagem poderia ser na história, na geografia, ou até mesmo quando eu estou dando texto sobre Ubatuba, por exemplo, que falei anteriormente, e que aí você vai pensar em localização e população, você está falando o que, você está falando em estatística, em geografia, em história, mas ainda voltando a questão da proposta, foi no primeiro bimestre, foi pedido uma pesquisa sobre a 1ª guerra mundial que era pra fazer esse trabalho junto com o professor de história. Eu até pedi para os alunos se foram feitas pesquisas, fizemos comentários sobre o

trabalho, detalhes sobre o trabalho. Mas assim, não havia como. Hoje nós temos um acúmulo de atividades, de muitas mudanças, não foi possível interagir com a colagem tempo, mas eu até adiantei aos alunos que eles poderiam estar tirando algumas dúvidas que não pude, de repente estar resolvendo naquele momento, que não é da minha área, ficava perguntando pro colega. Isso foi feito.

IV – Ensino Médio em Rede

27. Você participou do EMR?

R.: Participei.

28. Quais foram as contribuições do Programa EMR?

R.: As discussões em grupo com a mediação do Coordenador foi muito enriquecedora. Os projetos no decorrer do curso.

29. O que significou aquele momento de formação para você?

R.: Importantíssimo, infelizmente houve uma ruptura e isso vem nos prejudicando.

30. Como você avalia sua prática no período da formação deste programa?

R.: Aprimorada em decorrência de orientações e trocas de experiências, leituras, questionários.

31. E hoje, como você usa essas idéias na prática?

R.: O objetivo é sempre tornar as aulas mais motivadoras e desafiadoras.

32. O que significou o formador para você neste Programa?

R.: Um mediador importante no processo de informações, técnicas, debates.

33. Como você avaliou o trabalho em equipe realizado?

R.: Excelente. Foi possível ouvir, trocar informações, sugestões.

34. Como você analisa a política educacional inserida neste Programa?

R.: Eu trabalho como Professora na rede desde 1985, desde então não vi muita coisa acontecer durante todo esse tempo. Por isso achei positiva toda essa formação que nos foi dirigida.

35. Das atividades realizadas, quais foram as mais significativas para você como professor?

R: Trabalhar com Projeto Específico, em equipe com o objetivo de somar conhecimentos, estratégias, sugestões e aprendizagem.

Bom, eu acho que a questão da leitura do aluno é uma questão, uma defasagem, digamos assim de aprendizagem, assim me parece que vem de muito tempo. Quando eu sou professora de Ensino Médio, quando ele chega no Ensino Médio, ele, claro que ele sabe ler, lê sabe copiar, mas não sabe pensar e ao mesmo tempo ele não foi preparado ou muito consciente, ciente que ele pode fazer uma leitura e embora a gente não tenha o hábito da maneira que ele lê, depois ele vai ser orientado se estiver errado, mas sempre há a graça do outro ou até ele pode falar que só porque faz o curso o que difere muito, porque o aluno, quando do ele faz um curso de inglês, ele começa a fazer, ele já melhora muito, muito fácil de perceber. A maioria não tem essa possibilidade, não faz, embora há projetos na cidade por conta da prefeitura, do pro-bis(?), poderia correr atrás, mas eu acho que também demora a chegar pra ele, então dentro do possível também, quando eu estou sabendo, o que eu posso divulgar, eu faço porque eu considero importante. A leitura é tudo. A professora identifica as atividades de leitura como essenciais.

36. Como era a prática pedagógica durante seu período de formação no Programa?

R.: Dinâmica, sempre com novas técnicas e aprendizagens. Bom, a escola tem que repensar realmente, o uso que se faz da verba que chega, saber fazer pedidos para o governo no sentido de que temos que ter, não só uma assinatura de jornal, nós temos que ter várias assinaturas de outros jornais, jornais de inglês, por exemplo, então não adianta a gente falar em ler. Nós temos biblioteca pública na cidade, tem, mas ela está longe da casa do nosso aluno, no bairro nós não dispomos da biblioteca itinerante; existem campanhas que eu vejo na cidade de bancos, supermercados, de doações de livros, mas não chega; a população é muita, as pessoas são muitas e a dificuldade são imensas. Então o que temos que fazer é começar a repensar, é possível, o governo está disposto a investir um

pouco mais nesse sentido? E também não adianta o governo mandar um kit de livros e entregar aos alunos; nós temos que melhorar o acervo da biblioteca, a mudar o próprio visual, o layout da biblioteca, modernizar um pouco o ambiente, deixar o ambiente aconchegante, bonito e ter bastante material, revistas veja, exame, coisa que fala de produção, nós temos que oferecer, pra gente querer que eles comecem a gostar de ler, nós temos que ter materiais, almanaque. Como é que a gente pode querer que tenham interesse, se aqui na escola não dispõe de materiais? Realizar atividades que são possíveis, viáveis, fazendo comparações com a política educacional.

37. Como você aplica hoje em sala de aula este Programa?

R.: Adaptando o que for possível durante as aulas com o único objetivo de tornar as aulas interessantes e motivadoras para os nossos alunos. A partir do EM que ele vai definir a vida dele, se vai fazer curso técnico, fazer faculdade, ser um empreendedor ou empregado mesmo, ou funcionário e, se ele não tiver a leitura, se não souber, ainda, ler, compreender o que está escrito, através da leitura saber direcionar, então a vida dele vai se complicar. E a leitura é um processo também, que além de ser cultural e familiar, ela vem no decorrer da vida e tudo que você puder pegar e ler, seria esse o desafio, mas ele também não tem acesso a jornal, não tem acesso à revista, se não tem acesso a livro, a biblioteca não dispõe de livros que a gente pudesse estar incentivando mais ainda. Existem os clássicos, é claro, valiosos, mas uma literatura infanto-juvenil, uma coisa mais atualizada, um livro que; nós temos que trabalhar paralela à mídia para trabalhar esse aluno como leitor. A professora descreve o trabalho com a compreensão leitora como fundamental, valorização da literatura e contextualizar essa leitura à mídia.

38. Como você avalia o material utilizado?

R.: Inovador na educação. A escola possui biblioteca, mas ela tem um acervo antigo, ela não tem, nós não dispomos de dicionários bilíngües que nós pudéssemos trazer para os nossos alunos e os próprios alunos também. Embora a gente faça essa consciência continua da necessidade de ele ter pelo menos um dicionário bilíngüe, então a gente tem uma grande dificuldade e há horários, no

período noturno, em que ela funciona. Acredito que melhorou um pouquinho, mas ainda precisa melhorar muito a questão do acervo, melhorar novos livros, novos assuntos, coisas mais atualizadas; nós temos coisas muito antigas, livros, também essa questão de trazer coisas novas, motivadores, ajudaria assinatura de revista, assinatura de jornal na biblioteca para que o aluno vá lá na biblioteca, isso não tem.

39. Analise a atuação de seu formador.

R: Bom, como eu falei, a presença do coordenador é importantíssimo, não dá mais pra viver sem ele, sem esse profissional. Ele tem nos ajudado bastante e do trabalho que foi feito anteriormente, ele nos auxilia até hoje, porque muita coisa que foi visto ali, que foi falado, as capacitações no HTPC, eles só nos ajudaram. A gente podia trocar idéias através das leituras, das leituras daquelas pastas, dos assuntos variados, das propostas, então assim é obvio que muita coisa dali a gente aplica, continua aplicando, o que é bom é pra ser aplicado. Entretanto, este ano, com estas mudanças, quebrou um pouco aquele, vamos dizer, até aquela mudança do próprio profissional, a mudança da própria escola, então houve aquela quebra porque a sintonia era muito grande quando nós estávamos ali, passamos mais de vários anos juntos, então houve essa quebra, mas com certeza o que foi passado de alta qualidade que a gente percebe e eu realmente uso e passo, com certeza, tudo que eu aprendi; qualquer coisa que venha somar e que possa já usar no decorrer do dia-a-dia do nosso trabalho, nossa vida é sempre bem vindo.

40. Analise sua formação neste curso.

R.: Olha, eu percebi o seguinte; antes do Ensino Médio em Rede, nós vínhamos trabalhando naquela metodologia já um pouco antiga, vamos dizer assim; com o Ensino Médio em rede, com a atuação positiva do coordenador, com troca de informações, com as leituras, as releituras de artigos em sala, com debates com os colegas, acho que somou muito e agora, em 2008, eu pensei que nós não tivemos tempo pra continuar esses processos; interrompeu o processo que estava dando certo. Então, hoje, nós temos muita coisa pra ler, quer dizer, nós paramos aquela discussão que nós obtivemos muitos ganhos, com certeza, eu pelo menos,

eu acho que tínhamos muito mais para aprender porque há somatória. Agora, em 2008, com as mudanças, a gente sente a falta de continuação; como disse anteriormente, houve a quebra, houve algumas perdas, mas vamos aguardar o que vem por aí. Finalizo com o que escreveu Albert Einstein. “A mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará ao seu tamanho original”.

ANEXO 6 - Entrevista IV Professor Cláudio

I – Caracterização

1. Qual sua formação acadêmica?

R.: Sou licenciado em Matemática

2. Realizou outros cursos complementares?

R.: Não

3. Há quanto tempo atua no Magistério?

R.: 15 anos.

4. Há quanto tempo atua em sala de aula? Já exerceu alguma outra função na escola?

R.: 15 anos, somente em sala de aula.

5. Quantas horas semanais você trabalha?

R: 36 horas semanais.

6. Atua em outra Instituição de Ensino?

R.: Não

7. Por que você escolheu o Magistério como profissão?

R.: Por trabalhar com pessoas.

8. Como você vê sua atuação na escola? Faça uma auto-avaliação.

R.: Discreta

9. Como você percebe a credibilidade de seu trabalho na escola?

R.: Não sei.

10. Quais são seus maiores desafios e facilidades como professor?

R.: Organização, Disciplina, facilidades: flexibilidade, domínio do conteúdo.

II– Prática Pedagógica

11. Descreva um dia típico de sua rotina na escola.

R.: Cumprimento, chamada (pelo nome), exposição.

12. Descreva sua metodologia ao ministrar uma aula: tipo de aula, materiais utilizados.

R.: Expositiva, Giz, Lousa.

13. Qual a avaliação que você faz do trabalho que a escola realizou? Descreva pontos positivos e aspectos que necessitam de melhorias.

R.: Positivo, enfoque nos conteúdos. Melhorias: Relacionamento.

14. Você participa de reuniões pedagógicas? HTPC? Como são realizados?

R.: Sim, pauta, debates.

15. Qual a relação estabelecida entre a coordenação e a equipe docente?

R.: Formal.

16. O que o Coordenador Pedagógico contribui para sua atuação em sala de aula?

R.: Especificamente sobre o curso de Ensino Médio em Rede? Olha, no meu caso acho que é, assim, interessante. Foi o que você realmente tinha conhecimento do assunto pedagógico, então houve mesmo uma certa aprendizagem da gente. Quando tinha, por exemplo, explicação sobre as tendências de aprendizagem, sobre o próprio curso Ensino Médio em Rede, então foi relevante; só que poderia ser melhor se tivesse realmente mais tempo para se trabalhar junto. É muito pouco tempo, então, dentro do possível, foi interessante.

17. Como a equipe de Direção, pais e a comunidade estão inseridos no exercício de sua função?

R.: Distante

18. Como você avalia o processo de formação continuada em serviço para os professores?

R.: Bom conteúdo, mas difícil de se por em prática.

III - Professor e a Leitura

19. Qual sua concepção sobre a leitura?

R.: É importante para que o aluno possa, digo na minha área de matemática, para que ele possa entender minha matéria, ele precisa saber ler pra entender, por exemplo, o problema. Então a importância maior é isso; se a gente sabe o problema, se a idéia é essa, ou mesmo um gráfico, precisa saber ler e interpretar bem o que se está pedindo. Ah! Eu não sei se é dificuldade maior em ler, no caso da matemática. Na verdade é uma discussão muito profunda; eu acho que é mais por falta de hábito, mesmo, incluindo aí o que a gente já falou que é uma questão cultural e o ensino da matemática, ele ainda é de forma tradicional com discussão em sala de aula e a proposta é outra, só que realmente a gente não está conseguindo aplicar essa proposta de trabalho em grupo com os alunos, fazer, discutir os problemas por uma série de razões, uma delas é a própria formação do professor que ainda é nas próprias faculdades, que forma o prof. para ele ensinar, forma-se assim, mas a questão é muito mais complexa; não se pode apontar só um aspecto, tem muita coisa.

20. Como se ensina leitura na sua disciplina?

R: Bem, acho que o próprio livro didático contribui porque ele tem que ser interessante, assim, relativo à própria história de matemática. Tem também e usa bastante a linguagem matemática e assim contribui bastante, na questão do Enem acho que contribui, enfim ao próprio cálculo mesmo.

21. Você realizou alguma formação sobre o tema leitura ?

R.: Formação?

Entrevistador: Isso. Formação continuada ou Universidade.

R.: Aquele curso que a gente participou do Ensino Médio em Rede, teve alguns finais disso aí, mas não foi exatamente da leitura, que era parte de matemática, então trabalhar mais com questões sobre resolução, mais sobre resolução de problema, mas chegou a ter um encontro sobre um texto; a gente chegou a ter isso, mas é muito pouco, né?

22. Como você analisa o trabalho do Coordenador pedagógico na formação continuada?

R.: Positivo.

23. Em sua formação continuada, o tema leitura é contemplado?

R.: Nas reuniões pedagógicas de HTPC.

24. Descreva como você realiza o trabalho com leitura?

R.: Com resolução de problemas e livros didático.

25. Como você avalia o ensino de leitura pela equipe docente?

R.: Acho que o próprio resultado do SARESP, pelo que tenho lido, os alunos tem melhorado em português. Pelos resultados, acho que está surtindo algum efeito. Ensino de rede, eu acho que precisa melhorar mais, aí entra a questão da estrutura, falta de xerox , etc, etc.. porque a gente poderia, de repente, trabalhar melhor.

26. Você desenvolve projetos com professores de diferentes áreas?

R.: No momento não

IV– Ensino Médio em Rede

27. Você participou do EMR?

R.: Sim.

28. Quais foram as contribuições do Programa EMR?

R.: A ênfase em textos. Eu achei o curso Ensino Médio em Rede, assim o conteúdo muito bom. É porque a gente fez um curso nas áreas de ciências naturais, então esse foco que se tentou passar pra gente fazer relação com as outras disciplinas, foi muito interessante. Agora, eu acho que, infelizmente, a gente não conseguiu aplicar como deveria por conta de não ter muito tempo pra conversar com os colegas. A escola tem pouco HTPC e agora, inclusive, essa nova proposta ela voltou a colocar a matemática como área específica, só a matemática, então no curso foi trabalhado as áreas, as 4 disciplinas, então eu acho que aí ficou meio confuso porque a gente aprendeu coisa boa no Ensino Médio em Rede e agora com essa nova proposta, voltou a ser uma área específica, mas foi importante e acho que só não deu pra aplicar melhor por conta da estrutura da própria rede de ensino estadual. Eu acho que é possível, dependendo da sala; se contem uma sala com alunos mais dedicados você pode avançar mais em alguns pontos, então a gente consegue. Agora, não é totalmente como foi colocado na proposta.

29. O que significou aquele momento de formação para você?

R.: Importante, pois dialogamos com professores de outras disciplinas.

30. Como você avalia sua prática no período da formação deste programa?

R.: Houve, avanço na prática da leitura.

31. E hoje, como você usa essas idéias na prática?

R.: Esse ano foi complicado.

32. O que significou o formador para você neste Programa?

R.: Esclareceu pontos pedagógicos interessantes.

33. Como você avaliou o trabalho em equipe realizado?

R.: Interessante, pois a equipe abraçou a idéia.

34. Como você analisa a política educacional inserida neste Programa?

R: Avançada, mas precisa melhorar.

35. Das atividades realizadas, quais foram as mais significativas para você como professor?

R.: Os debates e os projetos realizados.

36. Como era a prática pedagógica durante seu período de formação no Programa?

R.: Os textos eram valorizados.

37. Como você aplica hoje em sala de aula este Programa?

R: Em situações-problemas.

38. Como você avalia o material utilizado?

R.: Bom

39. Analise a atuação de seu formador.

R.: Contribuiu de forma decisiva para o bom andamento do curso.

40. Analise sua formação neste curso.

R: Contribuiu para aproximar as áreas e mostrar a importância da leitura e interpretação no ensino da matemática.

ANEXO 7 - Entrevista V – Professor Milton

I- Caracterização.

1. Qual sua formação acadêmica?

R.: Eu tenho licenciatura em história.

2. Realizou outros cursos complementares?

R.: Complementação pedagógica.

3. Há quanto tempo atua no Magistério?

R.: Há 19 anos.

4. Há quanto tempo atua em sala de aula? Já exerceu alguma outra função na escola?

R.: Em sala de aula, sempre.

5. Quantas horas semanais você trabalha?

R.: São 63 aulas, atualmente; isso dá, sei lá, 50 e poucas horas.

6. Atua em outra Instituição de Ensino?

R: Sim, na rede municipal-SJC.

7. Por que você escolheu o Magistério como profissão?

R: A política me levou a fazer história.

8. Como você vê sua atuação na escola? Faça uma auto-avaliação.

R: Positiva, atuante- não faço mais por falta de recursos.

9. Como você percebe a credibilidade de seu trabalho na escola?

R: Através do respeito dos alunos e pais.

10. Quais são seus maiores desafios e facilidades como professor?

R: Desafio: Manter-se atualizado – Facilitações: Domínio de conteúdo e da turma.

II - Práticas Pedagógica

11. Descreva um dia típico de sua rotina na escola.

R: Tecnologia de ponta de Giz, Lousa ativa!

12. Descreva sua metodologia ao ministrar uma aula: tipo de aula, materiais utilizados.

R: Procuro envolver os alunos mesmo de forma expositiva (sem materiais).

13. Qual a avaliação que você faz do trabalho que a escola realizou? Descreva pontos positivos e aspectos que necessitam de melhorias.

R: A escola avançou no que diz respeito ao uso de trabalho diversificado (opiniões).

14. Você participa de reuniões pedagógicas? HTPC? Como são realizados?

R: Sim, atualmente – não existem! Somente aviso!

15. Qual a relação estabelecida entre a coordenação e a equipe docente?

R: Atualmente. Relação baseada na desconfiança.

16. O que o Coordenador Pedagógico contribui para sua atuação em sala de aula?

R: Não tem contribuído.

17. Como a equipe de Direção, pais e a comunidade estão inseridos no exercício de sua função?

R: Estão inseridos de forma burocrática!

18. Como você avalia o processo de formação continuada em serviço para os professores?

R: Sempre vai ser válido!

III – Professor e a Leitura

19. Qual sua concepção sobre leitura?

R.: Qual concepção? A leitura é a porta de entrada, é por onde o aluno vai entrar no conhecimento, por onde ele toma ciência das coisas, importantíssimo para tudo.

20. Como se ensina leitura na sua disciplina?

R.: Então, quando a gente valoriza os textos, assim de qualquer..pode ser um texto sobre história, atual, contextualizado, mas tem que ser em forma de texto. É a maneira que se introduz.

21. Você realizou alguma formação sobre o tema?

R.: Não, não.

22. Como você analisa o trabalho do Coordenador Pedagógico na formação continuada?

R.: Então, no caso de ensino na rede?

Isto!

R.: Ah! O coordenador. Ele é primordial; é um cara que tem, é profissional que dá suporte, é o cara que está incentivando, o cara que está apresentando, sugerindo outras estratégias; é um cara que está no apoio, dando suporte.

23. Em sua formação continuada, o tema leitura é contemplado?

R.: Agora não, mas já foi. A gente tinha, na época do ensino médio, a gente tinha um direcionamento.

24. Descreva como você realiza o trabalho com leitura.

R.: Como aprende a ler... Difícil, viu! Como ele aprende a ler. Acho que é um exercício; você pode estar começando com texto pequeno e trabalhando esse texto, analisando. A questão que você falou.Exatamente! A gente sabe que as

escolas, as grandes escolas, a maneira de se fazer um estudo pro ENEM, eles fazem um simulado, ou seja eles faziam exercícios, obrigando o aluno a treinar a capacidade de leitura deles. Como eu atuo? Isto! Na discussão de história, na nossa sala de conhecimento, o texto é o instrumento: um texto histórico, um jornalístico, isso daí é um instrumento. Então a gente não consegue fazer mais porque até o tempo é mínimo.

25. Como você avalia o ensino de leitura pela equipe docente?

R: Então, acho que começa em casa e termina na escola. A escola não tem, o aluno não é incentivado em casa, já não tem uma pratica e essa ausência de pratica tem continuidade na escola. A escola não tem dado conta disso.

26. Você desenvolve projetos com professores de diferentes áreas?

R: No momento não.

IV – Ensino Médio Rede

27. Você participou do EMR?

R.: Sim.

28. Quais foram as contribuições do programa EMR?

R: Positivas. Contribuiu bastante. Primeiro, eu desconhecia, por incrível que pareça, a seqüência didática. Eu não conhecia; eu conheci através do curso Ensino Médio em Rede. Durante o curso, a aplicação, mesmo que restrita, mesmo assim a gente conseguia fazer o mínimo, mas a gente tinha incentivo, a gente estudava, discutia, debatia, ouvia, escutava as sugestões, sabe, a troca de idéias era muito interessante. Agora esse trabalho, não foi dado seqüência nele, a gente voltou praticamente a estaca zero; não em termos de conhecer a proposta, por exemplo, do artigo de opinião, da seqüência didática, mas hoje a gente não é incentivado, não se cobra isso da gente e o dia-a-dia tem sido difícil de você estar aplicando isso, de troca; os HTPC não tem funcionários, entendeu?

29. O que significou aquele momento de formação para você?

R: Enriquecedor, aprendi muito. Eu acho que foi enriquecedor, somou; a gente faz tanta coisa aí que não soma. Só o fato de você sempre se reportar ao curso, sempre você se lembrar, você lembrar das situações dada em curso significa que ele foi significativo, ele foi enriquecedor. Foi entusiasmante, pois ficávamos esperando os resultados. O resultado Por ex, esse ano, a gente sente que não tem uma estatística . Já nos anos anteriores, a gente observa que a gente tem ficado num patamar interessante, até que bom, em comparação com outras escolas da rede pública, mas ainda é pouco; a gente percebe que os alunos não têm capacidade para leitura; até porque não tem treino. Ele continua valendo. Concordo que ele foi assim um divisor. Foi interessante; foi uma coisa interessante que colocou na formação.

30. Como você avalia sua prática no período de formação deste programa?

R: Foi entusiasmante, pois ficávamos esperando os resultados. O resultado Por exemplo, esse ano, a gente sente que não tem uma estatística . Já nos anos anteriores, a gente observa que a gente tem ficado num patamar interessante, até que bom, em comparação com outras escolas da rede pública, mas ainda é pouco; a gente percebe que os alunos não têm capacidade para leitura; até porque não tem treino. Ele continua valendo. Concordo que ele foi assim um divisor. Foi interessante; foi uma coisa interessante que colocou na formação.

31. E hoje, como você usa essas idéias na prática?

R: Falta espaço na escola. Dá porque, por ex, na proposta tem muita, por ex assim, criar situação de aprendizado, você pode muito bem utilizar a leitura, o texto, seria uma coisa que, na verdade, o professor teria que procurar isso aí. E ele pode conseguir, sim!

32. O que significou o formador para você neste Programa?

R: Era de onde tirávamos as orientações.

33. Como você avaliou o trabalho em equipe realizado?

R: Ótimo, tudo era planejado.

34. Como você analisa a política educacional inserida neste Programa?

R: O grande problema dessas políticas é que não possuem continuidade.

35. Das atividades realizadas, quais foram as mais significativas para você como professor?

R: As seqüências pedagógicas! Digo, didáticas.

36. Como era a prática pedagógica durante seu período de formação no Programa?

R: Tentava aplicar aquilo que aprendia.

37. Como você aplica hoje em sala de aula este Programa?

R: Mudou tudo temos que cumprir um cronograma.

38. Como você avalia o material utilizado?

R: No EMR era ótimo. A escola tem uma biblioteca e um acervo, até que interessante, recebe livros didáticos, a escola tem.

39. Analise a atuação de seu formador.

R: Com o formador? A relação com o formador era de parceria, entendeu? O formador, ele tentava passar par gente todas as etapas que deveriam ser cumpridas, sugeria, dava exemplos, era um parceiro; a gente, inclusive, era um grupo que funcionava em função da coordenação; a coordenação ela funcionou nesse caso de formador, ele foi primordial no meu modo de entender. O Formador foi essencial. Estudava mais que todos e cresceu junto com o grupo de professores. Foi extremamente profissional para contornar problemas de ordem

pessoal do grupo (resistência de alguns). Hoje, todos reconhecem seu trabalho de forma positiva.

40. Analise sua formação neste curso.

R: Não fui a fundo nas propostas de estudo e trabalho como deveria. Reconheço o valor do projeto e lamento eu não tenha continuado.

Quadro Comparativo – Caracterização – Perguntas de 1 a 6

	1 - Adriano	2 - Eduardo	3 - Sílvia	4 - Cláudio	5 – Milton
1- Qual sua formação Acadêmica?	Licenciatura plena em História e curta em Geografia	Física, em licenciatura pela UNESP	Formada em letras com pós-graduação em administração de empresas pela FAAP.	Licenciado em Matemática	Licenciatura em história.
2. Realizou outros cursos complementares?	Cursos da Diretoria mesmo. Só orientações técnicas.	Cursos complementares relacionados à Física, extensão universitária no INPE e uma matéria isolada de Pós – Graduação na área de Geofísica Espacial.	Pós-graduação de Administração de Empresas	Não	Complementação pedagógica.
3. Há quanto tempo está no magistério?	16 anos	16 para 17 anos	22 anos	15 anos	19 anos
4. Há quanto tempo atua em sala de aula? Já exerceu alguma outra função na escola?	Não, o mesmo tempo na escola é o mesmo tempo em sala de aula, 16 anos.	Sala de aula, exatamente esse tempo que eu falei. Mas outra função não, eu sempre lecionei mesmo, sempre fui Professor.	Não, desde abril de até a presente data ocupo o cargo de Professora	15 anos. E sala de aula.	Em sala de aula, sempre.
5. Quantas horas semanais você trabalha?		Atualmente 68 horas	Digamos de 8 anos para cá, na educação, eu trabalho 8 horas ao dia e 4 horas no	36 Horas	São 63 aulas, atualmente; isso dá, sei lá, 50 e poucas horas.

			período noturno;		
6. Atua em outra Instituição de Ensino?	Não.	Sim, na rede particular em outros colégios importantes daqui de São José. E também tenho outro cargo no Estado, numa outra Escola Estadual.	Sim, Fundhas-Fundação Hélio Augusto de Souza-Professora de Português.	Não.	Sim, na rede municipal –São José dos Campos.

Quadro Comparativo – Caracterização – Perguntas 7 a 10

	1 – Adriano	2 - Eduardo	3 - Sílvia	4 - Cláudio	5 – Milton
7. Por que você escolheu o Magistério como profissão?	Bom, eu diria por vocação e diria também por opção, né, e por, talvez, um pouco de ideal	A minha vocação para Magistério começou a ser despertada em brincadeira de quintal. Depois eu tive um excelente Ensino Fundamental, onde eu tive excelentes Professores que estimulavam demais a nossa apresentação de Trabalhos em grupo.	Sempre gostei de ensinar, então na ocasião do vestibular fiz a 1ª opção na área educação	Por trabalhar com pessoas.	A política me levou a fazer história.
8. Como você vê sua atuação na escola? Faça uma auto-avaliação.	Eu acredito ser dinâmica, né? Dinamizar as aulas, instigar o aluno a sempre estar raciocinando, pensando para que ele possa através desse exercício solucionar diversos fatos que possam vir na vida própria, tanto na acadêmica quanto na não acadêmica.	Eu trabalho da maneira mais bem intencionada possível. Eu trabalho com prazer, adoro estar em sala de aula, adoro interagir com aluno. Tenho prazer imenso em estar na lousa, na frente da sala de aula explicando assuntos que eu domino.	Positiva. Procuo desempenhar a minha função da melhor maneira possível e sou consciente das minhas responsabilidades profissionais e éticas.	Discreta	Positiva, atuante- não faço mais por falta de recursos.
9. Como você percebe a credibilidade de seu trabalho na escola?	Pelo resultado dele, né, o resultado não só físico, mas a formação do próprio aluno. Você	Pelo respeito com que os alunos me tratam e a escola me trata também. Pela	Na escolha pública não é comum ouvirmos elogios a respeito da função	Não sei.	Através do respeito dos alunos e pais.

	sente como ele tá saindo de uma série. O vocabulário enriquece muito, os próprios trabalhos em si, a metodologia usada e o aluno vai se adequando, vai melhorando, você também vai melhorando.	seriedade com que eu sou tratado, pela maneira que os alunos se dirigem a mim, pelas perguntas que eles me fazem e às vezes até um ou outro elogio assim.	desempenhada , mas pela satisfação do cliente (aluno) creio estar desempenhando satisfatoriamente a minha função.		
10. Quais são seus maiores desafios e facilidades como professor?	Bom, a facilidade reside no domínio da Metodologia. As dificuldades estão nos problemas estruturais: salas super lotadas, falta de recurso. Às vezes você disponibiliza de recursos de multimídia, às vezes não.	Acho que o maior desafio do Professor, hoje, é conseguir despertar interesse do aluno, manter a atenção da sala, convencer o aluno de que a estadia dele ali naquele período durante a formação dele é uma coisa importantíssima fundamental pra vida dele	O maior desafio na profissão é tornar a aula de inglês uma ferramenta motivadora para o aluno aprender.	Organização, Disciplina, facilidades, flexibilidade, domínio do conteúdo.	Desafio: Manter-se atualizado – Facilidades: Domínio de conteúdo e da turma

Quadro Comparativo – Prática Pedagógica – Perguntas de 11 a 18

	1 - Adriano	2 - Eduardo	3 - Sílvia	4 - Cláudio	5 – Milton
11. Descreva um dia típico de sua rotina na escola.	Aula expositiva. A partir da exposição eu tento observar o que não foi compreendido e como fazer com que aquilo se torne compreendido. Então, uma mudança de linguagem, por exemplo, né, falar mais na linguagem do aluno para que ele entenda melhor o que tá sendo passado; vocabulário. Acho muito importante a interação deles com eles mesmos, né, então a formação de grupos, a opinião de cada qual ali no contexto e isso vai ser confrontado ali.	Você chega e os alunos ainda estão espalhados. Colocar os alunos mais evadidos pra dentro da sala, arrumar meu material na mesa, dar uma chamada de atenção e então já começamos com o assunto da aula.. é.. falar alguma piada, alguma notícia pra dar aquele estalo: ó, Professor chegou. E então, começar com alguma conversa, alguma brincadeira informal pra acomodar os alunos e aí partir para o tema do dia, dirigir-se à lousa, escrever no quadro, preparar os esquemas, né, que você tem montado pra aula daquele dia e é isso:	Tenho uma carga horária de 24 aulas semanais. 20 aulas na escola sede e carga suplementar em outra unidade escolar. O trabalho é contínuo, uso da lousa, procuro apresentar fatos da realidade escritos em inglês para os meus alunos e existe a possibilidade no decorrer da atividade de conversas, debates sobre o tema.	Comprimeto, chamada (pelo nome), exposição.	Tecnologia de Ponta de Giz, Lousa ativa.
12. Descreva sua metodologia ao ministrar uma aula: tipo de aula,	Eu sempre procurei fazer uma apostila de autoria minha e baseada em vários e vários livros, pois	Vejo-me como um Professor tradicionalista, quer dizer, a minha aula é bastante expositiva	Além da lousa, giz, dicionário, livro didático, apostila recebida da Secretaria da Educação, utilizo a	Expositiva, Giz, Lousa.	Procuro envolver os alunos mesmo de forma expositiva (sem materiais).

<p>materiais utilizados.</p>	<p>quanto maior a riqueza, a abordagem de um tema, melhor é. Sempre procuro de ano a ano compilar uma apostila e que fique menos pesada para que o aluno possa estar com ela o tempo todo. Curiosamente o Governo mandou uma apostila e a coincidência da metodologia usada nessa apostila do Governo com a minha. As metodologias que uso em sala de aula, a partir da aula expositiva, da leitura, não só da minha apostila, as disponíveis na escola também. Uma coisa que passei a utilizar foi o artigo que até então não era do meu domínio. Uso técnicas de fechamento pra eles. Não pra memorizarem, mas tomarem um caminho dentro do texto, para melhorar o diálogo deles.</p>	<p>mas é expositiva com abertura total às intervenções do aluno. Então a minha aula é expositiva, usando tradicionalmente a lousa, mas como a minha matéria é Física, eu uso, sempre que possível, experimentos, para desenvolver os temas da aula. Eventualmente recursos áudio – visuais, experimentos em sala de aula, mesmo que sejam coisas simples, mas que desperte a atenção do aluno. Por exemplo, numa aula de eletrostática você pegar uma caneta e grudar a caneta na parede por atrito e explicar pro aluno que isso é o assunto da lousa, e explicar o porquê.</p>	<p>revista Maganews onde encontro os textos bem atualizados e trabalho os conteúdos a partir das novidades.</p>		
-------------------------------------	---	--	---	--	--

<p>13. Qual a avaliação que você faz do trabalho que a escola realiza. Descreva pontos positivos e aspectos que precisam de melhorias?</p>	<p>A questão da avaliação é uma questão que pesa bastante porque às vezes mesmo você usando vários tipos de avaliação, ela ainda não dá a essência de que aquele aluno tem mensurar o que tá amadurecendo na cabeça dele é muito mais trabalhoso e mais difícil do que ter uma prova escrita ou ter um trabalho de pesquisa nós nos deparamos ainda com a questão da antiga progressão continuada que moldou um tipo de cultura na cabeça do nosso aluno e que para nós agora transformar-mos isso está sendo difícil.</p>	<p>Ponto bastante positivo para a Direção da escola no sentido de organizar melhor, dentro do espaço físico da escola, a disciplina, imposição de regras que facilitam bastante o nosso trabalho pedagógico, tá? Porque sem regras qualquer trabalho pedagógico vai por água abaixo. Eu senti assim que houve um reordenamento bastante positivo com relação à disciplina na escola e isso tá facilitando bastante o trabalho na sala de aula, eu tô me sentindo bastante respaldado no meu trabalho, Agora, pontos negativos.. falta nós conseguirmos ainda alinhar o interesse do aluno, assiduidade do aluno e isso não é uma coisa que depende só de nós Professores, né?</p>		<p>Positivo, enfoque nos conteúdos. Melhorias: Relacionamento.</p>	<p>A escola avançou no que diz respeito ao uso de trabalho diversificado (opiniões).</p>
<p>14. Você participa de reuniões pedagógicas e</p>	<p>Nos HTPC's da escola nós tivemos uma troca de Coordenadores,</p>	<p>Sim, participo de todos os HTPC's. Muito – muito eventualmente</p>	<p>Participo das reuniões pedagógicas todas as quartas e sextas</p>	<p>Sim, pauta, debates.</p>	<p>Sim, atualmente – não existem! Somente</p>

<p>HTPC, como são realizadas?</p>	<p>ultimamente. Então, a gente aprende um pouco com cada Coordenador. Além de ter o relacionamento profissional, tem o relacionamento pessoal. Os HTPC's servem, na minha opinião, para discutir os problemas da escola. eu acredito que nos HTPC's além de ser discutida essa questão dos problemas da Unidade Escolar, também se discute algumas Metodologias, essa troca de experiência. É, nós estamos lá no Estevam Ferri com uma coordenadora nova, que é a Sandra que nós conhecemos agora. O HTPC agora que tá começando a deslanchar, só que essa troca de Coordenadores, às vezes você, eu não sei se nós nos acomodamos, ou desenvolvemos uma confiança por aquele coordenador, né?</p>	<p>eu falto em alguma, mas em mais dos 90% dos HTPC's eu tô presente. São realizados em sala de aula, com mesa redonda e todos os professores presentes. São realizados num ambiente bastante aberto e amigável, onde todos têm espaço para expor seus pontos de vista sobre os problemas e reclamações, e também a parte de idéias: fazer e receber sugestões de trabalho. Então eu vejo assim: é um momento bastante importante para nós conseguirmos uma sintonia com a equipe de trabalho.</p>	<p>feiras. Somos informados sobre a agenda da semana, mês e discutidos aspectos pedagógicos.</p>		<p>aviso!</p>
<p>15. Qual a relação entre a</p>	<p>Pela própria experiência que eu</p>	<p>Eu acho que aqui nesta escola a</p>	<p>Sou uma profissional que trabalha no</p>	<p>Formal</p>	<p>Atualmente. Relação baseada na</p>

<p>Coordenação e Equipe docente?</p>	<p>tenho é sempre uma relação um pouco difícil entre Coordenadores e Professores. Se eu falar de multidisciplinaridade, eu tentar desenvolver um projeto, eu vou ter apoio de um e não vou ter apoio de outro. Então é, eu penso que o Coordenador está numa posição que às vezes uns não concordam com o que está sendo desenvolvido, com a doutrina dele, e sempre vai haver esse embate. Até acredito que esse embate seja produtivo porque vão ser analisados pontos de vista diferentes e vai se chegar a um denominador comum. Então, essa pra mim é a maior visão que eu tenho do Coordenador ou da Coordenação, enfim.</p>	<p>Coordenação tem um vínculo bastante estreito no sentido bem positivo, tá? É uma atuação que tá sempre dando respaldo para o Professor, tá sempre facilitando o nosso trabalho. Então eu vejo de uma maneira bastante positiva a atuação da Coordenação.</p>	<p>período noturno nas duas escolas e percebo muita empatia e respeito no relacionamento com o Coordenador Pedagógico.</p>		<p>desconfiança</p>
---	--	--	--	--	---------------------

<p>16. O que o Coordenador Pedagógico contribui para a sua atuação em sala de aula?</p>	<p>Nós tivemos uma mudança de Direção na escola. Você vê.. pensar que o Diretor sabe como realmente você trabalha em sala de aula, como é a sua aula, como é a aula do Professor. Nós Professores não sabemos como é a aula de outro Professor, então como nós vamos levar a cabo nossas necessidades se não sabemos como o nosso colega trabalha? Então é, eu vejo assim que a relação Direção – Coordenação – Professores ela tende a crescer, mas precisa mais uma vez do fator tempo pra tá interagindo melhor.</p>	<p>A principal coisa que eu vejo é a questão do respaldo em termos de minha autoridade perante os alunos, né? A facilitação da parte burocrática, quer dizer, nós estamos sempre sendo informados de toda e qualquer alteração nos procedimentos da escola com relação às legislação de ensino; tudo é passado pra gente de maneira organizada, todos os papéis, todas as regras. E toda vez que tem problema com os alunos, a Coordenação tá colaborando bastante no sentido de auxiliar o Professor.</p>		<p>Olha, no meu caso acho que é, assim, interessante. Foi o que você realmente tinha conhecimento do assunto pedagógico, então houve mesmo uma certa aprendizagem da gente. Quando tinha, por exemplo, explicação sobre as tendências de aprendizagem, sobre o próprio curso Ensino Médio em Rede , então foi relevante; só que poderia ser melhor se tivesse realmente mais tempo para se trabalhar junto. É muito pouco tempo.</p>	<p>No momento não contribui.</p>
<p>17. Como a equipe de Direção, pais e</p>	<p>sendo bastante sincero também.. de todas as orientações</p>	<p>Bom, nós somos do Ensino de jovens e adultos. A Direção faz</p>	<p>A Direção sempre nos auxilia no aspecto disciplinar onde os</p>	<p>Distante</p>	<p>Estão inseridos de forma burocrática!</p>

<p>comunidade estão inseridos no exercício de sua função?</p>	<p>técnicas que eu tive ao longo desses 16 anos.. não foram muitas.. muitas foram muito proveitosas em termos de Metodologia. Tem algumas coisas que eu guardo comigo até hoje, alguns exercícios como comparação de duas charges, por exemplo, um trocadilho Eu pedi uma pesquisa sobre reforma religiosa e a visão atual: como a Igreja tá tratando, por exemplo, a questão da célula tronco, qual a visão que o meu aluno tinha daquilo? O que ele pensava do contexto? Tudo isso, né? Escrito numa tira de opinião. Então já deu um gancho e esse gancho poderia puxar outro, e outro. Poderíamos chegar na Química, na Física. Poderíamos até usar gráficos pra isso, e isso tudo em cima de uma Metodologia que tá aí.</p>	<p>um trabalho ótimo dentro do limite do possível, dessa maneira como eu já comentei anteriormente. Agora com relação a pais, eu sinto um distanciamento muito grande. Uma boa parte do nosso público é adulto, quer dizer, que são donos do próprio nariz. A parcela de jovens que nós temos, assim, nós nunca tivemos uma reunião de pais; inclusive os pais nem procuram pra tomar conhecimento da vida escolar do seu filho e isso eu vejo como ponto negativo, pois uma vez que são jovens e já estão num curso de Supletivo, são jovens que já apresentam algum tipo de problemática e que não cabe pra escola resolver.</p>	<p>pais muitas vezes são convocados na escola para tratar de problemas relacionados aos seus filhos. Outro momento acontece quando há reunião bimestral e podemos conversar com o próprio pai.</p>		
--	--	--	--	--	--

18. Como você avalia o Processo de Formação Continuada em serviço para os Professores?	Proveitosas em termos metodológicos	Positiva	Toda capacitação é importante para qualquer função .No magistério poderia haver mais. Há muita demanda e pouca oferta.	Bom conteúdo, mas difícil de se por em prática.	Sempre vai ser válido!
---	-------------------------------------	----------	--	---	------------------------

Quadro Comparativo – Professor e a Leitura – Perguntas de 19 a 26

	1 - Adriano	2 - Eduardo	3 - Sílvia	4 - Cláudio	5 – Milton
16. Qual a sua concepção de leitura?	<p>Bom, para mim ler bem é decodificar vários símbolos. Mais que isso, é interagir com várias linguagens. Então, por exemplo, eu posso te dar um texto histórico e você ler ele com uma visão matemática. Então, é uma visão que esse texto tá te dando. Porém, você ampliar essa sua visão interagindo com texto. Então essa minha visão de leitura é que .. ela é muito abrangente. Ela abrange uma parte gramatical, ela abrange uma parte de interpretação de texto, porque às vezes o que eu posso tá interpretando na minha vida na visão histórica, não é a mesma interpretação na etimologia da</p>	<p>Olha, leitura pra mim pessoalmente, é um dos meus maiores prazeres da vida. Eu gosto até de brincar de que se um dia eu for preso eu quero levar uma Biblioteca pra cela porque assim eu vô tá no paraíso. Acho que a atividade de leitura é um dos alicerces fundamentais no meu desenvolvimento intelectual, profissional, acadêmico, em todos os sentidos. A leitura desenvolve múltiplas capacidades do seu cérebro, como: concentração, por exemplo. Ela te mantém informado, desenvolve teu raciocínio devido às muitas coisas que você é obrigado a refletir. Dos critérios de ensino a leitura é</p>	<p>Importantíssimo. Primeiro você tem que começar, alias, com os alunos; não sei se você está perguntando pra mim ou minha concepção do aluno. Primeiro você tem que gostar, se você não gosta, fica complicado. Como professora de português é um diferencial; como professora de inglês no período noturno em escola publica é que a coisa fica um pouco mais complicado, mas a gente consegue seduzir, não sei se seria esse o verbo adequado, tornar a leitura coletiva e fazer com que um ou outro, porque há uma timidez muito grande também. O aluno de Ensino Médio vem achando que ele</p>	<p>É importante para que o aluno possa, digo na minha área de matemática, para que ele possa entender minha matéria, ele precisa saber ler pra entender, por exemplo, o problema. Então a importância maior é isso; se a gente sabe o problema, se a idéia é essa, ou mesmo um gráfico, precisa saber ler e interpretar bem o que se está pedindo.</p>	<p>Qual concepção? A leitura é a porta de entrada, é por onde o aluno vai entrar no conhecimento, por onde ele toma ciência das coisas, importantíssimo para tudo.</p>

	<p>palavra na língua portuguesa. Seria diferenciado. Então, se eu conseguir um elo de ligação entre essas visões do texto eu vou ter uma compreensão muito maior, e eu acho que um dos objetivos é fazer com que o nosso aluno possa perceber isso: que tem diversas linguagens inseridas num texto e que ele pode ter várias visões desse texto, interagindo com esse texto. Essa é a minha maior visão de leitura.</p>	<p>fundamental e tem um papel gigantesco na minha vida.</p>	<p>nunca sabe nada, mas ele sabia muito e eu sempre tento colocar isso pra ele. Então, no primeiro momento, quando você entra no Ensino Médio, você tem que começar a realçar aquilo que realmente aprendeu, que acha que não sabe e convidar; é o convite mesmo. Normalmente você consegue mais no coletivo; no individual eles têm problemas entre eles de timidez, mas nesse ano, agora, de 2008, eu tenho 2º P, alunos que pedem pra ler, que querem ler, então quando eu faço a leitura do exercício ou do texto que foi dado, ou eles me pedem pra repetir ou eles fazem a leitura juntos, então sempre a gente não consegue 100%; isso não, porque a sala é numerosa, mas nós temos alunos que gostam, que fazem diferença querendo aprender mais.</p>		
--	--	---	---	--	--

<p>17. Como você ensina leitura em sua disciplina?</p>	<p>Bom, a princípio nós partimos do simples para o complicado. Primeiro passo é fazer uma leitura de um texto não muito grande pra não ficar cansativo pro aluno, né, também porque às vezes o aluno não tem o hábito de ler, então se eu der um texto muito grande pra ele ler aquilo se torna enfadonho, cansativo, pesado pra ele. Então eu seleciono um texto um pouco mais leve, aí eu vou detectar de uma forma geral, pois se desse pra fazer um por um seria fantástico, mas não dá.. eu vou detectar de uma forma geral aquelas palavrinhas que eles não sabem o significado. Vou pedir pra ele procurar aquilo no dicionário. É um esforço? É, mas é um exercício de testar, ter a compreensão daquela palavra que vai juntar a frase e que vai dar uma composição do texto. Quanto os termos</p>	<p>A leitura na Física é ensinada interpretando-se os.. é.. os conceitos que são interpretados por escrito. A interpretação dos enunciados dos problemas e no desenvolver do entendimento das questões conceituais que requerem uma dissertação, né, nesse momento a leitura também é fundamental para o aluno saber o que ele tá escrevendo e que isso seja coerente do ponto de vista lógico.</p>	<p>Eu procuro trabalhar textos voltados, às vezes, para a realidade deles, nem sempre os livros didáticos, onde às vezes as histórias soam antigas, um pouco desagradáveis, então eu sempre pego umas revistas news de São José e essa revista, uma das coisas que eu gosto é que fala de São José, do que está acontecendo no mundo, ela fala sobre saúde, então ela tem assim, vários temas, tem artistas, músicas e tal; então eu gosto de trabalhar. Por exemplo :qual adolescente não gosta de praia? Então de repente eu trouxe à aula um texto que fala sobre Ubatuba, porque Ubatuba, então eu começo a fazer a introdução da cidade de Ubatuba, vocês conhecem Ubatuba, qual a população, aí quando a conversa começa a ficar bem agradável,</p>	<p>Bem, acho que o próprio livro didático contribui porque ele tem que ser interessante, assim, relativo à própria história de matemática. Tem também e usa bastante a linguagem matemática e assim contribui bastante, na questão do Enem acho que contribui, enfim ao próprio cálculo mesmo.</p>	<p>Então, quando a gente valoriza os textos, pode ser um texto sobre história, atual, contextualizado, mas tem que ser em forma de texto. É a maneira que se introduz.</p>
---	---	---	---	--	--

	<p>técnicos: se for um termo técnico de Economia, ou eu passo na lousa esse termo, ou trago dicionário de Economia, ou de Filosofia, ou de Sociologia para que eles tenham uma compreensão daquilo. Por exemplo, se eu falar pra você: sistema sócio – econômico com base no capital .. é, maravilhosa a frase, porém, qual o significado literal? Ah bom, eu posso ampliar dizendo que Capital é tudo aquilo que se usa na produção. Na cabeça do meu aluno, o que é produção? Produção de tudo, tudo que você imaginar: roupas, alimentos, calçados, automóveis, aviões, navios, tudo isso é produção. Eu creio que agora ele já ampliou a compreensão dele. Bom, aí eu pergunto a eles: o que é Sistema? Ele pode me dizer: professor,</p>		<p>interessante, aí eu começo a colocar no círculo falar em inglês , aí depois eles tem, no final, para fazer uma síntese com ilustração, parecendo um artigo de uma revista. Ele vai ter o material em inglês, aquele que ele falou na sala, que ele produz junto comigo, eu também vou fazer a revista junto com ele, porque ele esquece, esquece que ele sabe, ele sabe e sabe muita coisa e palavras novas, eu vou colocando no decorrer das aulas e depois eles entregam duas semanas depois, no máximo, o resumo de tudo aquilo que foi falado e tem saído trabalhos maravilhosos e com conclusão, o que ele achou, valeu a pena e o que ele aprendeu. Eu fico surpresa com o resultado. Ele tem a opção de fazer em português ou trazer para eu ajudar a escrever em inglês,</p>		
--	---	--	---	--	--

	<p>sistema é o conjunto de componentes eletrônicos que transformam a diferença de potencial em uma corrente elétrica que vai gerar um trabalho que vai acionar, por exemplo, o meu computador. Ele tá errado o meu aluno? Ele tá correto! Mas eu posso entender que sistema é algo que acontece num espaço de tempo, que é uma visão mais física e não eletrônica. Ou que sistema é algo que vai além dessa repetição, vai se transformar em si própria. Então o sistema sócio econômico que envolve a Sociedade produzindo para o seu uso ou pra venda. Então eu já interpretei um pouco mais essa frase, eu tô usando sistema na visão Econômica, né, o Sistema Econômico, o sistema produtivo. Tudo isso, né, para definir uma única palavra, um único</p>		<p>nem que seja uma linha. Bom, eu uso, vamos dizer assim, você tem que ser rápida para dar sua aula e você tem que ser pratica também, então inglês você aprende muito a ler; pelo menos foi o que eu aprendi nos cursos; é a repetição mesmo. Você tem que ter vocabulário, repetição e a partir daí, agora você também pode através de livros, nós temos, esqueci o nome da Editora, livros sobre histórias, historinhas bem simples que dá pra gente contemplar os alunos.</p>		
--	---	--	--	--	--

	<p>tema, o Capitalismo. E dentro dessa questão, o aluno ele pode tá amplificando isso muito mais ainda. Então, primeiro eu tenho que identificar na leitura desse meu aluno o ângulo que ele tem da realidade dele para logo a seguir ele estar interpretando o fato que vai ser tratado, e esse fato você pode ler nas entrelinhas. Então, por exemplo: eu vou falar do Império Árabe, como ele se formou, o que em nossa linguagem.. risos, desculpe, você é Professor de Português me corrija se eu tiver errado.. por exemplo o radical “AL” ele tá inserido na nossa língua como se fosse uma mescla do árabe com o latim ou com a própria língua de Portugal ou da Espanha, né, e que isso tudo tá nosso cotidiano. Eu posso ir lá na Matemática e falar que o árabe é o inventor do “zero”,</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>esse zero que nós conhecemos hoje. Posso ir na Química e dizer que o árabe inventou o álcool. Então eu vou abrir um leque, só que eu tenho que saber até aonde, pela leitura do texto aplicado, até onde eu posso abrir esse leque e depois fechá-lo. Então esse é um processo contínuo, a leitura começa simples e vai ficando, partindo para a parte mais complexa até uma hora que a gente vai tá discutindo um com uma propriedade um pouco maior. Claro que nunca acaba porque a verdade absoluta ela não existe. Então é dentro disso que eu vejo a leitura.</p>				
<p>18. Você realizou alguma formação sobre leitura</p>	<p>Bom, o mais.. eu não diria o mais, mas eu diria assim: onde eu tive maior ênfase foi no Ensino Médio em rede. Uma porque não foi um curso online, vamos dizer assim.. até gosto de cursos</p>	<p>Especificamente, não. Mas eu digo que realizo uma formação continuada em leitura diariamente no meu próprio lar, pois a leitura é uma das minhas principais atividades fora da</p>	<p>Olha, somente nos cursos mesmo que eu fiz. Eu comecei inglês no CCAA e depois finalizei no YAZIGI e a leitura que eu vi foi lá. Eu realmente tenho vontade, sabe, mas ainda não tive a</p>	<p>Formação? Entrevistador: Isso. Formação continuada ou Universidade? C.: Aquele curso que a gente participou do Ensino Médio em Rede, teve alguns finais disso aí, mas</p>	<p>Não, não.</p>

	<p>online, mas eu acho frio. É muito frio, você não tem assim uma relação direta com quem tá dando o curso ou com o teu aluno ali, o teu colega que também é aluno do curso. Então é dentro disso.</p>	<p>escola.</p>	<p>chance, até por uma questão de tempo, de organização mesmo, de planejamento, não fiz.</p>	<p>não foi exatamente da leitura, que era parte de matemática, então trabalhar mais com questões sobre resolução, mais sobre resolução de problema, mas chegou a ter um encontro sobre um texto; a gente chegou a ter isso, mas é muito pouco, né?</p>	
<p>19. Como analisa o trabalho do Coordenador Pedagógico na formação continuada?</p>	<p>Sobre leitura? A formação do Coordenador.. É, como você analisa o trabalho do EMR. Coordenador Pedagógico na sua Formação Continuada em Leitura, no caso, como você citou, no Ensino Médio em rede? R.: Na época que eu fiz o Ensino Médio em rede o nosso Coordenador era o Marcos, né, e era muito bom porque primeiro havia uma leitura do material e depois havia uma discussão sobre a temática usada daquele material. E o</p>	<p>Bom, o papel do Coordenador ele se limita à questão da orientação, né? Ele traz as novidades que o Sistema gera, que o Sistema repassa para os Professores. E ele ajuda a direcionar esse trabalho, ele ajuda a abrir portas de informações para os Professores e orienta todo o trabalho que nós temos que desenvolver em sala de aula e também, paralelamente, na preparação de nossas aulas em casa.</p>	<p>Fantástico, né! Acho que a função do coord., além de ser grande mediador, uma pessoa de nossa total confiança, um facilitador do que tem de novo pra nós, na forma de estar colocando os procedimentos, não dá mais pra viver sem o coord. Considero importantíssimo e vem somar, está somando muito nesse processo, nessas mudanças todas.</p>		<p>Ah! O coordenador. Ele é primordial; é um cara que tem, é profissional que dá suporte, é o cara que está incentivando, o cara que está apresentando, sugerindo outras estratégias; é um cara que está no apoio, dando suporte.</p>

	<p>melhor ainda é que nós somente avaliávamos o que realmente dava para ser utilizado e o que estava realmente fora da realidade daquela escola. Então é, dentro disso eu achei que o trabalho do Coordenador foi super importante de tá direcionando. Preciso também falar uma coisinha: tive reuniões pedagógicas já onde se tinha que trabalhar mais a temática, era pesado, e outras mais leves. As mais leves depois tinha toda uma avaliação pra depois aplicar aquilo. Então é, a princípio era bem pesado, depois foi ficando mais light, mais viável.</p>				
<p>20. Em sua formação continuada, o tema é contemplado?</p>		<p>Sim, é contemplado, embora ultimamente eu não tenha participado de maneira ativa, né, dos cursos. Mas o nº de cursos de formação continuada voltados pra leitura, eu tenho percebido que tá</p>	<p>Foi muito contemplada. Nós tivemos muitas reuniões, os HTPC que forma grande capacitação e a turma toda, abordados sobre vários temas. Foi isso.</p>		<p>Agora não, mas já foi. A gente tinha, na época do ensino médio, a gente tinha um direcionamento.</p>

		<p>umentando, que tá havendo investimento muito grande nessa parte.</p>			
<p>21. Descreva como você realiza o trabalho com leitura?</p>		<p>Como eu já tinha dito, essencialmente através da interpretação dos conceitos da Física, através de textos que eu passo pros alunos e esses textos têm que extrair o máximo possível dos sentidos das leis físicas que estão inseridas naquele contexto. E depois fazer uma avaliação dessas interpretações dos problemas dos enunciados.</p>			<p>Como aprende a ler....difícil, viu!? Como ele aprende a ler. Acho que é um exercício; você pode estar começando com texto pequeno e trabalhando esse texto, analisando. A questão que você falou.</p> <p>Exatamente! A gente sabe que as escolas, as grades escolas, a maneira de se fazer um estudo pro ENEM, eles fazem um simulado, ou seja eles faziam exercícios, obrigando o aluno a treinar a capacidade de leitura deles.</p> <p>Como eu atuo? Isto! Na discussão de história, na nossa sala de conhecimento, o texto é o instrumento: um texto histórico, um jornalístico, isso daí é um instrumento. Então a gente não consegue fazer mais porque até</p>

					o tempo é mínimo.
22. Como analisa o trabalho do Coordenador Pedagógico na formação continuada?	<p>Sobre leitura? A formação do Coordenador.. É, como você analisa o trabalho do EMR. Coordenador Pedagógico na sua Formação Continuada em Leitura, no caso, como você citou, no Ensino Médio em rede?</p> <p>R.: Na época que eu fiz o Ensino Médio em rede o nosso Coordenador era o Marcos, NE, e era muito bom porque primeiro havia uma leitura do material e depois havia uma discussão sobre a temática usada daquele material. E o melhor ainda é que nós somente avaliávamos o que realmente dava para ser utilizado e o que estava realmente fora da realidade daquela escola. Então é, dentro disso eu achei que o trabalho do Coordenador foi</p>	<p>Bom, o papel do Coordenador ele se limita à questão da orientação, né? Ele traz as novidades que o Sistema gera, que o Sistema repassa para os Professores. E ele ajuda a direcionar esse trabalho, ele ajuda a abrir portas de informações para os Professores e orienta todo o trabalho que nós temos que desenvolver em sala de aula e também, paralelamente, na preparação de nossas aulas em casa.</p>	<p>Fantástico, né! Acho que a função do coord., além de ser gde mediador, uma pessoa de nossa total confiança, um facilitador do que tem de novo pra nós, na forma de estar colocando os procedimentos, não dá mais pra viver sem o coord. Considero importantíssimo e vem somar, está somando muito nesse processo, nessas mudanças todas.</p>		<p>Ah! O coordenador. Ele é primordial; é um cara que tem, é profissional que dá suporte, é o cara que está incentivando, o cara que está apresentando, sugerindo outras estratégias; é um cara que está no apoio, dando suporte.</p>

	<p>super importante de tá direcionando. Preciso também falar uma coisinha: tive reuniões pedagógicas já onde se tinha que trabalhar mais a temática, era pesado, e outras mais leves. As mais leves depois tinha toda uma avaliação pra depois aplicar aquilo. Então é, a princípio era bem pesado, depois foi ficando mais light, mais viável.</p>				
<p>23. Em sua formação continuada, o tema é contemplado?</p>		<p>Sim, é contemplado, embora ultimamente eu não tenha participado de maneira ativa, né, dos cursos. Mas o nº de cursos de formação continuada voltados pra leitura, eu tenho percebido que tá aumentando, que tá havendo investimento muito grande nessa parte.</p>	<p>Foi muito contemplada. Nós tivemos muitas reuniões, os HTPC que forma grande capacitação e a turma toda, abordados sobre vários temas. Foi isso.</p>		<p>Agora não, mas já foi. A gente tinha, na época do ensino médio, a gente tinha um direcionamento.</p>
<p>24. Descreva como você realiza o trabalho com</p>		<p>Como eu já tinha dito, essencialmente através da interpretação dos</p>			<p>Como aprende a ler...difícil, viu!? Como ele aprende a ler. Acho que é um</p>

<p>leitura?</p>		<p>conceitos da Física, através de textos que eu passo pros alunos e esses textos têm que extrair o máximo possível dos sentidos das leis físicas que estão inseridas naquele contexto. E depois fazer uma avaliação dessas interpretações dos problemas dos enunciados.</p>			<p>exercício; você pode estar começando com texto pequeno e trabalhando esse texto, analisando. A questão que você falou.</p> <p>Exatamente! A gente sabe que as escolas, as grandes escolas, a maneira de se fazer um estudo pro ENEM, eles fazem um simulado, ou seja eles faziam exercícios, obrigando o aluno a treinar a capacidade de leitura deles.</p> <p>Como eu atuo? Isto! Na discussão de história, na nossa sala de conhecimento, o texto é o instrumento: um texto histórico, um jornalístico, isso daí é um instrumento. Então a gente não consegue fazer mais porque até o tempo é mínimo</p> <p>.</p>
<p>25. Como você avalia o ensino de leitura pela</p>		<p>Eu acho que no geral todos os professores atuam bem na parte</p>	<p>A equipe sempre ela é positiva porque, quando você fala em</p>		<p>Então, acho que começa em casa e termina na escola. A</p>

<p>equipe docente?</p>		<p>de leitura, porque eu percebo pelos materiais dos alunos, né, as matérias que são passadas na lousa. Eu vejo ali que leitura é mais de 70% do trabalho em sala de aula, principalmente nas matérias humanas.</p>	<p>equipe, pensa em pessoas que se juntam, que se somam, que um pode estar colaborando com o outro, então eu acho válido, importante, em qualquer disciplina, independente da matemática, história, do inglês ser uma outra linha, mas os segmentos são os mesmos; se ele conseguir superar as dificuldades com a nossa ajuda e também eu sempre lembro os alunos que eles tem que aprender a ser autodidata, se tem acesso à internet, se ele vai ao cinema, procura assimilar aquilo que ele está ouvindo, repetir. A leitura é importante, mas ainda falta muito para que os nossos alunos adquiram o gosto e o hábito; é uma questão cultural, da sociedade brasileira. O livro é caro, você pode incentivar a revista,</p>		<p>escola não tem, o aluno não é incentivado em casa, já não tem uma prática e essa ausência de prática tem continuidade na escola. A escola não tem dado conta disso.</p>
-------------------------------	--	---	---	--	--

			<p>mas de repente uma revista que eu pague R\$4,70 pode ser muito para aquele aluno, a nossa clientela, salvo alguns meninos, mas a maioria realmente não dispõe de recurso para estar comprando revista, um jornal, algo diferenciado ou mesmo um livro, então a gente procura ser um facilitador, mas é obvio que há leitura em tudo; independente da disciplina, se ele não souber ler, interpretar, entender o que ele lê, não consegue resolver nada, não consegue resolver um problema de raciocínio lógico de matemática, um texto, a compreensão de texto, muito menos em inglês; faz diferença; você tem que ter vocabulário para ter entendimento.</p>		
--	--	--	--	--	--

<p>26. Você desenvolve projetos com professores de diferentes áreas?</p>	<p>Bom, é.. até o ano passado eu trabalhei no projeto e a tentativa era de abranger várias e várias áreas. Até hoje o trabalho tá engavetado e tá num CD-ROM tudo que os alunos produziram. Só que não houve assim uma interação com outras disciplinas, ou porque interferia no programa do Professor, ou porque não tinha disponibilidade de tempo pra aquilo, ou porque outros problemas desviavam, em suma, é.. acabei trabalhando sozinho e tentando. Sempre atrás de um ou de outro Professor, uma dicazinha dentro do projeto para aquele aluno de nome Roberto.</p>	<p>Não! Projetos, no momento, não estou realizando, tá?</p>	<p>Olha, este ano, embora a proposta, nova proposta, tem muitas coisas ali, dentro da proposta que a gente poderia estar trabalhando em conjunto. Por ex, meu trabalho de inglês, quando falamos do trabalho voluntário, intercambio cultural, foi sugerido que os alunos fizessem alguns trabalhos, cuja abordagem poderia ser na história, na geografia, ou até mesmo quando eu estou dando texto sobre Ubatuba, por ex, que falei anteriormente, e que aí você vai pensar em localização e população, você está falando o quê, você está falando em estatística, em geografia, em história, mas ainda voltando a questão da proposta, foi no primeiro bimestre, foi pedido uma pesquisa sobre a 1ª guerra mundial que era pra fazer esse trabalho junto com o</p>	<p>De leitura? Que eu saiba, não.</p>	<p>No momento não</p>
---	---	---	--	---------------------------------------	-----------------------

			<p>professor de história. Eu até pedi para os alunos se foram feitas pesquisas, fizemos comentários sobre o trabalho, detalhes sobre o trabalho. Mas assim, não havia como. Hoje nós temos um acumulo de atividades, de muitas mudanças, não foi possível interagir com o colagem tempo, mas eu até adiantei aos alunos que eles poderiam estar tirando algumas duvidas que não pude, de repente estar resolvendo naquele momento, que não é da minha área, ficava perguntando pro colega. Isso foi feito.</p>		
--	--	--	--	--	--

Quadro Comparativo – Ensino Médio em Rede – Perguntas de 27 a 40

	Adriano	Eduardo	Sílvia	Cláudio	Milton
27. Você participou do EMR?	Sim	Sim, participei em 2005	Sim	Sim	Sim
28. Quais foram as contribuições do Programa EMR?	Eu penso que em termos metodológicos foram 100%.	Olha, na época foi um momento importante de relacionamento com os colegas, conhecer como os outros colegas trabalham em sala de aula, conhecer melhor os problemas da escola fora a minha aula específica e ver também que muitos problemas que eu estava preocupado não eram exclusividade minha, né, então problemas gerais. Então serviu pra eu ter uma visão bem geral, bem ampla de todos os problemas, mas também obter muitas informações úteis ao meu trabalho como por exemplo na apostila que foi oferecida, no	As discussões em grupo com a mediação do Coordenador foi muito enriquecedora. Os projetos no decorrer do curso.	Ênfase em textos	Positivas – Contribuiu bastante. Primeiro, eu desconhecia, por incrível que pareça, a seqüência didática. Eu não conhecia; eu conheci através do curso Ensino Médio em Rede. Durante o curso, a aplicação, mesmo que restrita, mesmo assim a gente conseguia fazer o mínimo, mas a gente tinha incentivo, a gente estudava, discutia, debatia, ouvia, escutava as sugestões, sabe, a troca de idéias era muito interessante. Agora esse trabalho, não foi dado seqüência

		material que foi oferecido.			nele, a gente voltou praticamente a estaca zero; não em termos de conhecer a proposta, por exemplo, do artigo de opinião, da seqüência didática, mas hoje a gente não é incentivado, não se cobra isso da gente e o dia-a-dia tem sido difícil de você estar aplicando isso, de troca; os HTPC não tem funcionários, entendeu?
29. O que significou aquele momento de formação para você?	Uma visão a mais no horizonte da Educação.	Bom, significou bastante do ponto de vista de informação, né? Eu tenho o material guardado até hoje. É um material que você extrair muitas dicas úteis, muitas coisas que você pode aplicar em sala de aula. O Ensino Médio em rede, o esboço dele, né, a metodologia que ele apresenta é excelente, mas freqüentemente nós nos esbarramos na prática, né, que é exatamente colocar o aluno em sintonia com	Importantíssimo, infelizmente houve uma ruptura e isso vem nos prejudicando.	Importante, pois dialogamos com professores de outras disciplinas.	Enriquecedor, aprendi muito. Eu acho que foi enriquecedor, somou; a gente faz tanta coisa aí que não soma. Só o fato de você sempre se reportar ao curso, sempre você lembrar, você lembrar das situações dada em curso significa que ele foi significativo, ele foi enriquecedor.

		o material. É conseguir com turmas muito heterogêneas, que é o caso como trabalhos, conseguir adequar à realidade da sala de aula. Então, nessa hora a gente sente uma certa dificuldade.			
30. Como você avalia sua prática no período da formação deste programa?	Do Ensino Médio em Rede? Entrevistador: Isto! Antes do Ensino Médio em Rede, a prática na sala de aula era um pouco mais comum, a metodologia não era tão viável, ou melhor, usava-se só os elementos que se conheciam. A partir do conhecimento dos elementos do Programa, isso pôde ser somado àquelas metodologias e ser ampliado.	Eu não vou dizer que a minha prática em sala de aula mudou, assim, radicalmente. Embora a gente percebe que muitas informações úteis vieram do Programa, mas assim, não houve uma mudança tão significativa. Isso, não por uma questão de rejeição de minha parte, mas porque muitas práticas eu já praticamente adotava em sala de aula. Embora tenha tido muita informação nova, muita informação e coisas que no decorrer de minha prática eu já aplicava em sala de aula, eu já fui incorporando em sala de aula e sentindo a mudança da turma de ano pra ano.	Aprimorada em decorrência de orientações e trocas de experiências, leituras, questionários.	Houve, avanço na prática da leitura.	Foi entusiasmante, pois ficávamos esperando os resultados. O resultado Por exemplo, esse ano, a gente sente que não tem uma estatística . Já nos anos anteriores, a gente observa que a gente tem ficado num patamar interessante, até que bom, em comparação com outras escolas da rede pública, mas ainda é pouco; a gente percebe que os alunos não têm capacidade para leitura; até porque não tem treino. Ele continua valendo. Concordo que ele foi assim um divisor. Foi interessante; foi

					uma coisa interessante que colocou na formação.
31. E hoje, como você usa essas idéias na prática?	Além da leitura que ampliou muito os horizontes, o artigo de opinião, NE, ainda por mim é muito usado. Uma porque dá margem de a gente ter que ir buscar resposta na Química, na Física. Outros itens também, da parte de leitura realmente, e a parte de interpretação de texto.. isso tudo também é muito usado, bastante pra tá.. porque a gente também tá sempre aprendendo. Inclusive até hoje a apostilinha tá comigo. A apostilinha do Ensino Médio em rede, to sempre dando uma olhada, sempre dando uma vasculhada no Windows, vendo as opiniões de outras pessoas, ou mesmo artigo de opinião de Jornais. Então, até hoje, continua sendo aplicado em sala de aula.	Atualmente, eu procuro.. como eu disse antes, não mudei radicalmente a minha prática em sala de aula. Eu considero a minha prática em sala de aula, adequada. Claro que não tô dizendo que sou perfeito, né? Eu considero a minha prática adequada com o tipo de público que eu trabalho. Uma coisa que procuro muito levar pra sala de aula e que veio do Ensino Médio em rede é a questão da democratização da participação maior dos alunos em sala de aula, principalmente a questão de se discutir problemas que fazem parte da coletividade e dar abertura para os alunos discutirem isso em sala de aula. Na época discutia-se muito a questão do protagonismo, né, e que é uma coisa que	O objetivo é sempre tornar as aulas mais motivadoras e desafiadoras.	Esse ano foi complicado.	Falta espaço na escola. Dá porque, por exemplo, na proposta tem muita, por exemplo assim, criar situação de aprendizado, você pode muito bem utilizar a leitura, o texto, seria uma coisa que, na verdade, o professor teria que procurar isso aí. E ele pode conseguir, sim!

		eu ampliei bastante em sala de aula.			
32. O que significou o formador para você neste Programa?	Bom, foi de suma importância pelo direcionamento dado ao Programa. Acredito, né, que a importância é total porque se tivesse sido mandado pra escola e os professores sentassem ali sem ter lido nada.. acho que o tempo de desenvolvimento teria sido muito maior. O Coordenador e o pessoal da equipe que estava trabalhando já têm o conhecimento e só plantava a semente pra gente desenvolver.	Bom, em primeiro lugar o Formador foi uma pessoa que se tornou um amigo a mais, e profissionalmente que trabalhou de maneira bastante séria com o Programa, trouxe bastante informações relevantes, desenvolveu o conteúdo de maneira bastante adequada e colaborou muito no sentido de nortear o nosso trabalho.	Um mediador importante no processo de informações, técnicas, debates.	Esclareceu pontos pedagógicos interessantes.	R: Era de onde tirávamos as orientações.
33. Como você avaliou o trabalho em equipe realizado?	Eu percebia que o grupo, por exemplo, da tarde era diferenciado do grupo da manhã. Eu tive um desenvolvimento privilegiado porque eu vinha e debatia um assunto com um grupo, pronto, era uma visão. Chegava na mesma semana, na quarta-feira, era outro grupo com uma visão totalmente diferente, então aquilo	Naquela época a equipe trabalhou de maneira bastante sintonizada. Percebi que o trabalho do Coordenador jogava as idéias e aquele clima de discussão entre os colegas continuava. Serviu de combustível para muitos debates que tivemos, até de maneira paralela à sala de aula. Tanto no sentido de concordar	Excelente. Foi possível ouvir, trocar informações, sugestões.	Interessante, pois a equipe abraçou a idéia.	R: Ótimo, tudo era planejado.

	<p>enriquecia muito. E você sabe que eu fui um intermediador, NE, porque eu levava idéias de um grupo pro outro, foi bem legal.</p>	<p>com muitas coisas, quanto no sentido de discordar. Discordar no sentido de achar que algumas coisas eram idealizadas demais perante o público que nós trabalhamos e as condições que temos em sala de aula. Muitas coisas nós concordávamos mas a gente falava que faltava a contra-partida do Sistema.</p>			
<p>34. Como você analisa a política educacional inserida neste Programa?</p>	<p>Eu poderia dizer em termos de desenvolvimento, ou acredito que é uma Política que veio de encontro com alguns anseios, assim, principalmente os meus. Pois, muitas vezes, Marcos, você mesmo tendo experiência você se depara em Matemática, por exemplo, que seu domínio não é 100%. Vamos dizer assim uns 70% de domínio daquele assunto que você vai explicar e que você tem que entrar no raciocínio do aluno e</p>	<p>Nas intenções, a Política Educacional é das melhores. Falando de maneira bem resumida, a intenção é de formar um cidadão pleno, consciente, participativo, o cidadão que é dono de si, que é independente que sabe buscar a informação. Eu vejo que pelo menos na teoria é essa a intenção e que é das melhores. Mas na prática onde que nós esbarramos? Esbarramos numa série de dificuldades que são: estruturais da própria escola,</p>	<p>Eu trabalho como Professora na rede desde 1985, desde então não vi muita coisa acontecer durante todo esse tempo. Por isso achei positivo toda essa formação que nos foi dirigida.</p>	<p>Avançada, mas precisa melhorar.</p>	<p>O grande problema dessas políticas é que não possuem continuidade.</p>

	<p>interagindo ali também. Então, isso causa uma ansiedade muito grande, pois mesmo que você tenha preparado a tua aula, mesmo que você tenha escorrido sobre o assunto, você sabe que vai ficar uma lacuna aberta. E como sanar isso? Eu penso que a política para a orientação técnica.. faz tempo que eu não tenho orientação técnica, eu sinto falta de novo. Ou mesmo algo com o Ensino Médio em rede, eu penso que seria bom sanar essa ansiedade que o Professor tem. Ao mesmo tempo que ele queira desenvolver um.. algo diferenciado, a gente não tem tempo pra isso, né, seu tempo tá todo tomado. Então eu acredito que tenha sido uma Política muito bem aplicada e termos de desenvolvimento do corpo docente.</p>	<p>recursos para implementar todo esse idealismo. E agora tem uma coisa que dão dá para NÃO colocar: todo esse idealismo brilhante e bonito da Política Educacional esbarra num problema muito sério de hoje que é a família. Como já falei, nós não temos aqui no EJA a participação dos pais dos alunos. Nós Professores, pelo menos uma vez por bimestre, nós vemos as caras dos pais, né? Temos a oportunidade de pelos menos chegar nos pais que vieram e falar “olha, seu filho tá assim e assado, tem esse e aquele problema, é preciso orientar ele nesse sentido. Aqui no EJA nós não temos isso e então o que acontece? Nós esbarramos na questão da família. A Política Educacional, por melhor que seja, ela tá esbarrando na questão da família. As famílias são muito</p>			
--	---	---	--	--	--

		<p>distantes da realidade escolar e cada vez vejo menos interesse da família sobre o filho, e se isso não for uma coisa trabalhada em casa, a Política Educacional só na escola vai sempre ser uma coisa cheia de precariedade.</p>			
<p>35. Das atividades realizadas, quais foram as mais significativas para você como professor?</p>	<p>A prática de leitura foi a mais significativa. Foi e é, e está sendo né, lógico.</p>	<p>Não foi ficar lendo a apostila, é quando você pega esse conteúdo que foi colocado e coloca na mesa pra discutir. É a parte que você, que todos atuantes do Magistério que são os Professores discutem aquilo de uma aula pra outra, aliás, de uma reunião pra outra e daí é levado pra sala de aula de depois é dado o retorno de cada um de como foi na prática. É a hora de se discutir os resultados práticos que é mais importante.</p>	<p>Trabalhar com Projeto Específico, em equipe com o objetivo de somar conhecimentos, estratégias, sugestões e aprendizagem.</p>	<p>Os debates e os projetos realizados.</p>	<p>R: As seqüências pedagógicas! Digo, didáticas.</p>
<p>36. Como era a prática pedagógica durante seu período de formação no</p>	<p>Bom, existia a questão da leitura, mas não com a visão que o Ensino Médio em rede tinha. Então, a partir dele eu pude, acredito, melhorar a concepção</p>		<p>Dinâmica, sempre com novas técnicas e aprendizagens.</p>	<p>Os textos eram valorizados.</p>	<p>R: Tentava aplicar aquilo que aprendia.</p>

Programa?	da prática de leitura. Acredito que isso foi essencial.				
37. Como você aplica hoje em sala de aula este Programa?	Sim, aplico. Quando eu vou fazer avaliação diagnóstica, por exemplo. No primeiro ano deste ano, noturno, eu pedi que os alunos escorressem um assunto cuja a temática envolve Roma, e Roma foi se não o maior império do mundo, pelo menos um dos. Eu pedi pra eles compararem Roma hoje com a situação praticamente imperial dos EUA. Se houve Romanização, como há Americanização? Aí eu percebi que alguns alunos conseguiram escorrer muito bem sobre o assunto, mas faltava aquela visão sobre práticas de leitura, artigo de opinião, enfim. Eu percebi que.. foi como eu falei pra você: é começar do simples e indo até o complicado. Porque pra mim isso, da visão do aluno de 1º ano, pra um		Adaptando o que for possível durante as aulas com o único objetivo de tornar as aulas interessantes e motivadoras para os nossos alunos.	Em situações-problemas.	R: Mudou tudo temos que cumprir um cronograma.

	<p>diagnóstico, pra ele fazer uma comparação dessas já é um pouco além. Aí você pega umas coisas assim: aluno chega no 1º ano e escreve próximo com “C”, alheio eles escreve “aleio”. Então são pequenas coisinhas que você vai consertando, mas que não interfere na coisa do pensar, né, aquilo é gramatical, e você vai consertando durante as aulas. Daí, né, a necessidade toda de um relatório, pedir ajuda de um Professor de Português, né, pra tá auxiliando. Então, eu penso que a visão que me deu o Ensino Médio em rede pra tá trabalhando depois a prática de leitura em cima da, depois que os pequenos problemas fossem sanados, trouxe um movimento muito maior pra esse programa, pra leitura em si.</p>				
<p>38. Como você avalia o material utilizado?</p>		<p>O material foi bom, né? Claro que a apostila é bastante resumida porque cada</p>	<p>Inovador na educação.</p>	<p>Ótimo</p>	<p>R: No EMR era ótimo. A escola tem uma biblioteca e um acervo, até que</p>

		página dela que você for pesquisar a fundo, o material dito em cada página, dá pra você abrir uma Bíblia de cada tópico. Foi um material que deu um norte pra você pesquisar de maneira mais profunda, tanto em livro quanto em internet.			interessante, recebe livros didáticos, a escola tem.
39. Analise a atuação de seu formador.	Bom, no caso eu só tive um formador que foi o Marcos, porque eu fazia um HTPC.. é, eu fazia HTPC no período noturno e o Ensino Médio em rede eu optei por desenvolver no noturno, então.. no período da tarde também era você que dava. É, analisar o desempenho de quem tava proporcionando o curso é.. pra mim era muito simples até porque .. é, no caso do Coordenador ele passava até a temática, pedia uma discussão, pedia que os Professores analisassem aquilo e depois a gente organizava um debate	E na parte do Coordenador, tudo o que foi proposto no Programa foi desenvolvido. Acho que não houve falha nenhuma, não houve nenhum tópico que tenha deixado incompleto.	Bom, como eu falei, a presença do coordenador é importantíssimo, não dá mais pra viver sem ele, sem esse profissional. Ele tem nos ajudado bastante e do trabalho que foi feito anteriormente, ele nos auxilia até hoje, porque muita coisa que foi visto ali, que foi falado, as capacitações no HTPC, eles só nos ajudaram. A gente podia trocar idéias através das leituras, das leituras daquelas pastas, dos assuntos variados, das propostas, então assim é obvio que muita coisa dali a gente aplica, continua	Contribuiu de forma decisiva para o bom andamento do curso.	R: Com o formador? A relação com o formador era de parceria, entendeu? O formador, ele tentava passar pra gente todas as etapas que deveriam ser cumpridas, sugeria, dava exemplos, era um parceiro; a gente, inclusive, era um grupo que funcionava em função da coordenação; a coordenação ela funcionou nesse caso de formador, ele foi primordial no meu modo de entender. O Formador foi essencial. Estudava mais que todos e

	<p>sobre o tema. Isso nós fazíamos em grupo, então esses grupos iam desenvolvendo visões sobre o assunto e depois se confrontava todo mundo, e a gente aplicava isso em sala de aula, e o Coordenador verificava como era o desenvolvimento daquilo. Era uma coisa que tava sendo estudada e praticada, então, era teoria e prática simultânea e isso foi muito legal no Programa. Foi muito bom em termos de desenvolvimento metodológico porque era uma coisa seguida da outra, ou simultaneamente. Uma coisa que, como por exemplo quando nós pegamos uma orientação técnica.. é, nós pegamos a metodologia e aplicamos em sala de aula, mas depois não tinha uma avaliação do grupo, e no Ensino Médio havia essa avaliação com o grupo</p>		<p>aplicando, o que é bom é pra ser aplicado. Entretanto, este ano, com estas mudanças, quebrou um pouco aquele, vamos dizer, até aquela mudança do próprio profissional, a mudança da própria escola, então houve aquela quebra porque a sintonia era muito grande quando nós estávamos ali, passamos mais de vários anos juntos, então houve essa quebra, mas com certeza o que foi passado de alta qualidade que a gente percebe e eu realmente uso e passo, com certeza, tudo que eu aprendi; qualquer coisa que venha somar e que possa já usar no decorrer do dia-a-dia do nosso trabalho, nossa vida é sempre bem vindo.</p>		<p>cresceu junto com o grupo de professores. Foi extremamente profissional para contornar problemas de ordem pessoal do grupo (resistência de alguns). Hoje, todos reconhecem seu trabalho de forma positiva.</p>
--	---	--	---	--	---

	todo e isso foi mais importante.				
40. Analise sua formação neste curso.	<p>Bom, eu acredito que se eu tivesse tempo disponível poderia ser melhor ainda, poderia ter ido mais a fundo, mas são as ocupações do dia a dia. Havia a vida escolar, muitos afazeres, muita coisa, os próprios problemas de dentro da escola, o cotidiano. Como formando eu não deixei a desejar, mas gostaria de ter ido muito mais a fundo no Programa, né? Gostaria de ter tido um tempo maior e que fosse aplicado mais vezes nos HTPC's, que se discutisse um pouco mais as questões e que se ampliasse. Percebi que o material que o governo mandou.. o jornal, por exemplo, teve um atraso que me prejudicou, eu to com dificuldade de fechar nota devido a perda de tempo que nós tivemos com o jornal.</p>	<p>Olha, participei de todas as HTPC"s onde o trabalho foi realizado. Desenvolvi todas as atividades que foram passadas, né, os questionários que foram solicitados, participei de todas as discussões e seminários, inclusive apresentei alguns. Então pra mim eu achei que minha participação foi concreta.</p>	<p>Finalizo com o que escreveu Albert Einsten. " A mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará ao seu tamanho original".</p>	<p>Contribuiu para aproximar as áreas e mostrar a importância da leitura e interpretação no ensino da matemática.</p>	<p>R: Não fui a fundo nas propostas de estudo e trabalho como deveria. Reconheço o valor do projeto e lamento eu não tenha continuado.</p>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)